

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**Programa de Pós-Graduação em Educação**

**Mestrado em Educação**

**ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA À FORMA ESCOLAR:  
ELEMENTOS PARA UMA REFLEXÃO**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção de grau de Mestre em Educação, no curso de Pós-Graduação em Educação, Faculdade Federal do Paraná.

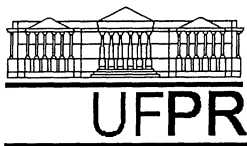
**FERNANDA GERMANI DE OLIVEIRA**

Mestranda

**MARIA AUXILIADORA MOREIRA DOS SANTOS SCHMIDT**

Orientadora

Curitiba, Fevereiro de 2003



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

## PARECER

Defesa de Dissertação de **FERNANDA GERMANI DE OLIVEIRA** para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO.

Os abaixo-assinados, DR<sup>a</sup> MARIA AUXILIADORA MOREIRA DOS SANTOS SCHMIDT; DR<sup>a</sup> TANIA MARIA FIGUEIREDO BRAGA GARCIA; e DR<sup>a</sup> VALÉRIA SILVA FERREIRA argüiram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: **“ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA À FORMA ESCOLAR: ELEMENTOS PARA UMA REFLEXÃO”**.

Procedida a argüição, segundo o Protocolo, aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está apta ao Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

PROFESSORES:

Apreciação

DR<sup>a</sup> MARIA AUXILIADORA M. DOS S. SCHMIDT (Presidente)

*Maria Auxiliadora Schmidt*

*Aprovada*

DR<sup>a</sup> TANIA M<sup>a</sup> FIGUEIREDO BRAGA GARCIA (Membro Titular)

*Tania Maria Braga Garcia*

*Aprovada*

DR<sup>a</sup> VALÉRIA SILVA FERREIRA (Membro Titular)

*Valéria S. Ferreira*

*Aprovada*



Curitiba, 25 de fevereiro de 2003

*[Signature]*

Prof<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Lígia Regina Klein  
Coordenadora do Programa de  
Pós-Graduação em Educação

## AGRADECIMENTOS

**Como dizer “obrigada” quando há tantos a quem agradecer? Algumas pessoas são responsáveis de forma mais direta pela transformação.**

- À **Deus**, pela oportunidade de vivenciar esta etapa tão importante em minha vida sob seu cuidado em todo momento. Por estar sempre ao meu lado...
- À minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. **Dra. Maria Auxiliadora Schmidt**, pela sua amizade, dedicação, disponibilidade, paciência, incentivo e confiança durante toda a evolução deste trabalho;
- Aos meus **pais, irmãs e cunhados**, por tentarem sempre, a cada dia, aceitar e valorizar o meu tempo e os momentos de estudo, compreendendo a importância deste mestrado para minha vida. Especialmente ao meu pai e minha mãe que além disso tudo, pelo apoio financeiro;
- Ao meu **avô** e a minha **avó**, pelo incentivo e a pela preocupação das viagens, do cansaço e do tempo, e principalmente do carinho que me davam quando retornava para casa;
- Aos meus tios **João e Bernardete** que me acolheram como filha neste período de Mestrado, me dando aquele carinho paterno e materno que precisava durante a semana. Especialmente, a minha prima **Gabriela** por dividir seu quarto comigo;
- À **Valéria Silva Ferreira**, pelo apoio e incentivo desde as pesquisas até o início e término deste mestrado, e também pelo carinho e amizade sincera durante estes anos de convivência;
- Aos **professores** do Mestrado que me estimularam a tantas novas aprendizagens;
- Aos amigos do Mestrado, em especial a **Rosir** e a **Cristina**, por todas as reflexões e aprendizagens que me oportunizaram através dos trabalhos que realizamos juntos;
- As minhas **amigas** pela ausência e pela paciência de me escutar;
- À equipe da Pré-escola, em especial a **Méri**, a **Sil**, a **Ana Paula**, as **crianças** e seus **pais**, que me acolheram com carinho e confiança, proporcionando realizar minha pesquisa;
- À todas essas pessoas, o meu muito **OBRIGADA**.

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS .....	02
RESUMO .....	03
ABSTRATC .....	04
INTRODUÇÃO .....	05
I. INFÂNCIA: EDUCABILIDADE E ESCOLARIZAÇÃO .....	10
1.1. A idéia de infância e sua educabilidade .....	11
1.2. A escolarização de crianças: algumas propostas .....	23
1.2.1 A forma escolar na Educação Infantil .....	25
1.2.2. Cultura escolar e escolarização da infância brasileira .....	35
1.2.3. A proposta de escolarização do Referencial Curricular Nacional para .....	38
Educação Infantil	
1.2.3.1.a. As crianças .....	40
1.2.3.1.b. Os professores .....	41
1.2.3.1.c. As famílias .....	42
1.2.3.2. O Tempo Escolar .....	43
1.2.3.3. O Espaço Escolar .....	44
1.2.3.4. Práticas Escolares .....	46
II. O SIGNIFICADO DOS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA ESCOLARIZAÇÃO NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA .....	51
2.1. Desenvolvimento infantil, práticas pedagógicas e processo de escolarização .....	51
2.2. Práticas pedagógicas e a adaptação das crianças à escolarização .....	71
III- A ORGANIZAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA E O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA .....	86
3.1 - A escolarização como um fato institucional .....	86
3.2 - Formas de escolarização e adaptação : análise de uma experiência .....	95
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	115
V. REFERÊNCIAS .....	119
VI. ANEXOS	



## RESUMO

O presente trabalho compreende um estudo de caso sobre uma experiência de Educação Infantil. As análises tiveram como fundamentação teórica o conceito de escolarização, basicamente a busca da compreensão da forma escolar na Educação Infantil. A perspectiva da historicidade da infância, bem como de sua educabilidade pela forma escolar, também foram influências para o trabalho. O objetivo principal foi apreender e refletir alguns elementos da prática escolar, os quais constituem e organizam o momento da entrada da criança na escola ou a sua adaptação à forma escolar, investigando e analisando determinados saberes e práticas escolares que o constituem. A concepção sócio-interacionista do desenvolvimento humano norteou o diálogo com as questões relacionadas à educação da criança. A pesquisa foi desenvolvida a partir de três momentos: a) recuperando a construção histórica da infância: educabilidade e escolarização; b) recuperando o significado dos elementos constitutivos da escolarização no processo de adaptação da crianças; c) verificando a organização das formas escolares e o processo de adaptação da criança em uma determinada experiência de Educação Infantil. O trabalho de campo foi desenvolvido em um Colégio de Aplicação, uma escola particular de Educação Infantil do estado de Santa Catarina. Acompanhou-se o início do ano letivo de 2002 para observar as práticas escolares relacionadas ao atendimento das crianças neste período. Os sujeitos observados foram crianças com faixa etária de dois a três anos que frequentaram a escola pela primeira vez. Os achados principais apontam que a organização das formas escolares: sujeitos, tempos, espaços e práticas pedagógicas é fundamental no processo de adaptação, principalmente o papel do professor, no qual este precisa estar claro o seu papel e sua prática pedagógica.

## **ABSTRACT**

The present work comprehends a study of a case about an Infant Education experience. The analysis had as theoretical foundation the concept of scholarship, basically the search of understanding of the school way at Infant Education. The perspective of the historicity of childhood, as well as its educability by the school way, also were influences for the work. The main objective was to apprehend and reflect some elements at school practice., which constitute and organize the moment of the arrival of the child at school or his/her adaptation to the school way, investigating and analysing certain knowledges and school practices that constitutes it. The socio-interactionist conception of the human development guided the dialogue with the questions related to the child's education. The research was developed from three moments: a) recovering the historical construction of the childhood: educability and scholarship, b) recovering the meaning of the elements of the scholarship in the process of adaptation of the child, c) checking the organization of the school ways and the process of adaptation of the child in a determined experience of the Infant Education. The work in the field was developed in a Colégio de Aplicação, in a private school of Infant Education in the state of Santa Catarina. The beginning of the studies term of 2002 was followed to observe the school practices related to the children attendance in this term. The ones observed were children from two to three years old who used to attend the school for the first time. The main aspects observed showed the organization of the school ways: people, time, space and pedagogical practices are basic in the process of adaptation, mainly the teacher's role, which must be clear its role and its pedagogical practice.

## INTRODUÇÃO

Sempre me pareceu fascinante o fato do ser humano que nasce sem saber falar ou andar e que é extremamente dependente ir, aos poucos, aprendendo a realizar coisas que antes necessitava de alguém para fazer, tornando-se, assim, capaz de dirigir sua própria vida. Na verdade, há aqueles que são capazes de pensar com liberdade, construir novas formas de resolver problemas, aprender com facilidade a flexível e complexa realidade.

Há muito tempo tenho a Educação Infantil como objeto de pesquisa, de estudo. Minha experiência na graduação de psicologia, me levou a sentir uma grande inquietação em relação a adaptação da criança a forma escolar. A cada início do ano letivo, a chegada das crianças com os acompanhantes, que ficariam na escola até que elas estivessem adaptadas e as atividades escolhidas, era motivo de preocupação. Percebia que a equipe ficava bastante ansiosa nesse período. Este processo envolvia muitas pessoas adultas, além das crianças, dentro da sala de aula. Assim, escolhi este tema como objeto de estudo para a dissertação de mestrado.

A criança que ingressa pela primeira vez em uma pré-escola, marca um grande passo para a construção de sua autonomia. O início da vida escolar é um período complicado para qualquer criança. A inserção da criança na instituição educacional, muitas vezes, é a primeira experiência de inserção social da criança. Além disso, penso que a relação que a criança estabelece com a instituição educacional, no seu processo de adaptação, permeará toda a sua relação futura com a escola e consequentemente com a aprendizagem.

Percebe-se, portanto, que a cada início de ano escolar ocorrem, com as crianças que ingressam na educação infantil, processos simultâneos de separação da sua família e adaptação à vida escolar, que nem sempre acontecem de maneira tranquila aos que nele estão envolvidos.

Trata-se de uma situação que, muitas vezes, exige reorganização de experiências de vida, de rotina e de estabelecimento de novos vínculos para os pais, para as crianças e para os educadores. Ir à escola é uma situação que a criança terá que enfrentar sob três aspectos inteiramente novos: separar-se da mãe, adaptar-se ao ambiente escolar e fazer as exigências do processo educativo. É, portanto, uma experiência que pode gerar transtornos em muitas crianças.

Por essas razões, acredita-se que a adaptação da criança a uma nova situação deve estar influenciada por aspectos sociais e históricos da sua relação com seus pais e familiares, bem como pela forma de organização do ambiente, das relações e expectativas que se estabelecerão,

em decorrência das experiências de cada um. Ademais, a conquista de autonomia, o exercício da cooperação, a promoção de experiências lúdicas que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento da criança podem ser considerados os principais objetivos da Educação Infantil.

Sendo o período de adaptação a “porta de entrada” das crianças na forma escolar, e, partindo da importância da escola na vida dos alunos, este trabalho tem como objetivo refletir acerca do **que é o processo de adaptação da criança na escola de Educação Infantil, investigando e analisando algumas práticas escolares que o constituem.**

A intenção deste projeto era fazer um estudo etnográfico deste processo, o que foi inviabilizado, porque eu era bolsista, e o curso teria que ser realizado no máximo em 24 meses, tempo este insuficiente. Passou-se, portanto, à opção pelo estudo de caso. O estudo de caso foi adotado pela idéia de BODGAN e BIKLEN (1994), a qual consiste na observação detalhada de um contexto, em nosso caso, um Colégio de Aplicação de uma universidade privada, de uma cidade de Santa Catarina com 170.000 habitantes.

O início do estudo de caso pode ser representado pela extremidade mais larga do funil, onde os investigadores procuram locais ou pessoas que possam ser objeto do estudo ou fontes de dados, bem como procuram indícios de como deverão proceder e qual a possibilidade de o estudo se realizar. Também organizam e distribuem o seu tempo, escolhem as pessoas que irão entrevistas e quais os aspectos a aprofundar. A área de trabalho passa a ser delimitada à medida que vão conhecendo melhor e o tema em estudo. Assim, os planos são modificados e as estratégias selecionadas.

O trabalho foi construído em três capítulos. No primeiro capítulo, **infância: educabilidade e escolarização**, foi analisada a construção histórica da idéia de infância, a partir de trabalhos que analisam a historicidade deste conceito, isto é, como ele foi construído historicamente no e pelo discurso pedagógico, buscando explicitar de que forma este conceito passou a subsidiar experiências educacionais, particularmente aquelas destinadas à educação infantil. Sobre a escolarização das crianças procurou-se entender a forma e cultura escolar na Educação Infantil (em geral e no Brasil), sendo esta considerada como a primeira fase da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, atendendo crianças na faixa etária de zero a seis anos. A educação infantil é considerada a primeira etapa da educação básica, no qual o professor tem papel fundamental enquanto mediador na interação da criança com outras crianças

e com o próprio professor, permitindo desta maneira, o desenvolvimento em sua constituição biológica, psíquica e social da criança.

O segundo capítulo: **o significado dos elementos constitutivos da escolarização no processo de adaptação da criança**, possui dois componentes distintos e complementares. Procurou-se descrever as noções sobre o significado dos elementos constitutivos da escolarização no processo de adaptação da criança, buscando-se compreender o desenvolvimento infantil, práticas pedagógicas e o processo de escolarização. O conceito de escolarização foi aprendido a partir de FARIA FILHO, THIN/ VICENT/ LAHIRE e BRIAND/CHAPOULIE. Procurou-se, também, elucidar o conceito de adaptação, apreendido em ROSSETTI-FERREIRA.

Tecer a relação entre a idéia de infância como uma idade da vida com características próprias, abordada no e pelo discurso pedagógico; a escolarização como um processo, cujos elementos se constituem e são constitutivos da forma escolar; e a adaptação, momento identificado como aquele quando a criança inicia a sua vida na pré-escola, embora seus vínculos afetivos com a família ainda sejam muitos fortes, guiou o percurso da pesquisa e da busca dos referenciais teóricos necessários à sua análise. Além dos autores citados, buscou-se elucidar de que forma estas questões são tratadas em propostas de educação infantil, particularmente no REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL.

O período de adaptação da criança na pré-escola foi o recorte escolhido pois, apesar de sempre levado em consideração pelas escolas, que planejam para este momento uma série de atividades para descontrair a criança e acostamá-la ao novo ambiente, procurando manter a convivência social extra familiar, há ainda muitas questões a serem elucidadas, principalmente aquelas que se referem às práticas escolares constitutivas da iniciação da criança ao processo de escolarização, como as atividades lúdicas, dando ênfase a questão do jogo e da brincadeira no desenvolvimento infantil.

No terceiro capítulo: **a organização das formas escolares e o processo de adaptação da criança; análise de uma experiência**, procurou-se analisar as organizações das formas escolares e o processo de adaptação da criança, desde o campo da pesquisa, ou seja, a experiência de Educação Infantil de uma escola, procurando-se, através de análise e discussões, fazer uma reflexão sobre o significado das práticas escolares neste início do processo de escolarização.

Para MACHADO (1995), a pré-escola deve ensinar a criança a se adequar ao convívio social e desenvolver uma série de habilidades, visando um melhor desempenho escolar futuro. Podemos descrever, então, que a pré-escola complementará a ação desenvolvida pela família ou instituições que se encarreguem de prestar serviços educacionais à criança. Portanto, a educação pré-escolar pode ser de grande valia a toda e qualquer criança, se for de boa qualidade.

Assim, acredita-se que, estudar o período de adaptação da criança que frequenta pela primeira vez a pré-escola, com faixa etária entre 2 a 3 anos, torna-se importante, pois é um dos processos que fazem parte da cultura e das práticas escolares que necessitam ser conhecidas e pesquisadas para que se possa receber as crianças de forma a contribuir para a sua autonomia e a socialização.

## I. INFÂNCIA: EDUCABILIDADE E ESCOLARIZAÇÃO

A educação da criança pequena é uma questão cultural e social e também uma questão pedagógica. Para se entender as propostas pedagógicas que surgem em determinadas épocas históricas é importante levar em conta os diferentes tipos e maneiras de se pensar a criança e a infância, próprias de cada sociedade. Estas, por sua vez, têm a ver com formas de pensar o mundo, o ser humano, a vida e o conhecimento em determinados momentos históricos.

Do ponto de vista do saber pedagógico, pode-se afirmar, como Charlot (1979), que a idéia de infância não é um conceito pedagógico de base. *“A reação de infância não é uma reação pedagógica primeira, mas uma reação derivada. A teoria da educação não é fundamentalmente uma teoria da cultura e de suas relações com a natureza humana. Por isso a pedagogia não considera a educação a partir da criança, mas a criança a partir da educação concebida como cultura; a imagem da criança traduz a concepção da natureza humana, de seu desdobramento e de sua cultura”* (p.99).

A interlocução com Charlot indica a necessidade de se entender o processo de educabilidade da infância a partir de sua relação com o processo histórico de construção das idéias de infância, na e pela sociedade ocidental moderna, bem como a produção de saberes relacionados à educação da criança, o projeto de escolarização da infância em geral, e da criança de 0 a 6 anos, em particular.

Para Briand e Chapoulie,(1993), o conceito de escolarização só pode ser visto em relação com as instituições escolares que o constituem. Assim, para estes autores, a escolarização é considerada prioritariamente como um fato institucional e a instituição escolar como uma organização cujo imperativo primeiro de seu funcionamento é o tratamento com os alunos. Neste sentido, dizem Briand e Chapoulie, a escolarização pode ser analisada a partir de três níveis: 1. - as relações entre a instituição escolar com a população a qual ela trata – perspectiva que permite entender a lógica articuladora de interações das instituições de ensino entre si e com a sua população. Assim, entender o processo de escolarização implica em se identificar quem são os sujeitos constitutivos de determinadas instituições escolares, bem como que tipo de propostas assumem os elementos constitutivos da forma escolar a eles destinados por determinadas instituições; 2 – As relações entre as instituições escolares e o domínio político. A noção central deste nível de análise do processo de escolarização é a das formas de escolarização as quais se

constituem historicamente, assumidas organicamente no e por propostas pedagógicas institucionalizadas. Esta perspectiva delimita a apreensão das formas de escolarização instituídas nas e pelas reformas educacionais; 3 – A diferenciação interna das instituições escolares. Trata-se de entender a forma de escolarização instituída historicamente em determinadas experiências escolares, seus dinamismos internos e suas relações com as políticas e populações externas às instituições escolares.

A idéia de escolarização pode ser apreendida, também com base nas formulações teóricas de Vincente/Lahire/ Thin, apreendidas por Faria Filho (2002, p.16), para quem

escolarização pretende designar o estabelecimento de processos e políticas concernentes à “organização” de uma rede, ou redes, de instituições, mais ou menos formais, responsáveis pelo ensino (...) o processo e a paulatina produção de referências sociais tendo a escola, ou a forma escolar de socialização e transmissão de conhecimentos, como eixo articulador de seus sentidos e significados.

A partir destas perspectivas de análise, entende-se que, para se compreender a experiência de escolarização infantil, faz-se necessário um percurso no sentido de se elucidar como se constituiu, no e pelo discurso pedagógico, determinada compreensão da infância, bem como projetos para a sua educabilidade a partir da forma escolar.

### **1.1. A IDÉIA DE INFÂNCIA E A SUA EDUCABILIDADE**

A infância como uma construção histórica pode ser entendida tomando-se por base o trabalho pioneiro do historiador Philippe Ariès, no início dos anos 60. Ele entende a idéia de infância como algo que vai sendo criado a partir das novas formas de expressão dos sentimentos dos adultos em relação ao que fazer com as crianças. Este lento desenvolvimento da idéia de infância no mundo ocidental ocorreu entre os séculos XIII e XVII. Neste sentido, pode-se afirmar também, como Schmidt (1997), que “*a idéia de infância é um fenômeno histórico, isto é, cada sociedade produz e assume como sua um conjunto de idéias sobre a infância, que passam a alimentar a relação social que se trava entre a criança e a sociedade*” (p.10).

Assim, a questão de se definir um conceito de infância, como afirma Adorno (1993), varia com a duração histórica e com a definição institucional da infância dominante em cada época, ou seja, são as razões históricas e sociais vivenciadas num momento específico que poderão ser determinantes na escolha de critérios para caracterizar o que seja infância. Portanto



ser criança varia entre sociedades, culturas e comunidades, conforme afirma Sarmento & Pinto (1997), mas também varia de acordo com as circunstâncias históricas destas sociedades.

Para Ariès (1978) a infância não é um dado atemporal, mas uma invenção da modernidade, pois foi somente a partir do século XVI que as crianças começaram a se tornar objetos de relevância social e política. Este autor considera ainda que até o século XVII as crianças eram tratadas como pequenos adultos que recebiam cuidados especiais no início de suas vidas e que, posteriormente, ingressavam na sociedade assim que adquirissem certa independência. Ariès (1978) afirma, também, ser a consciência das particularidades da criança, como aspectos distintos dela em relação ao jovem e ao adulto, e que não eram consideradas como relevantes neste período, que tornava sua condição ignorada ou até mesmo desprezada pelos adultos, devido à fragilidade da infância em relação à própria sobrevivência, numa época de elevado índice de mortalidade infantil. Aos poucos, a criança foi sendo percebida e valorizada como alguém que, por sua *“ingenuidade, gentileza e graça, se tornava fonte de distração e de relaxamento para o adulto”* (ARIÈS, 1978, p.159). A idéia de infância estava ligada à idéia de dependência. Assim, só se saía da infância ao se sair da dependência, ou, ao menos, dos graus mais baixos da dependência em relação ao adulto.

Por volta do século XIII surgiram alguns tipos conceituais de criança, um pouco mais próximos do sentimento moderno: o primeiro se deu com a representação dos anjos (representados sob a aparência de um rapaz adolescente); o segundo foi o menino Jesus e a Nossa Senhora menina (modelo e ancestral de todas as crianças pequenas da história da arte), o terceiro tipo foi a representação da criança nua (fase gótica). Antes, o Menino Jesus quase nunca era representado despido e, no final da Idade Média, a representação que se fazia dele é que aparecia nua. No século XV surgiram dois novos tipos de representação de infância: o retrato e o putto. O putto era a criancinha nua, vista a princípio nas esculturas. Mais tarde essa nudez decorativa seria aplicada aos retratos de criança. No século XVII, a criança era representada sozinha e por ela mesma. Além de os retratos de crianças sozinhas terem se tornado mais numerosos, os retratos de família tendem a organizar-se em torno da criança e ela ganha um lugar privilegiado na arte. Segundo Ariès (1978), neste momento, ainda que muitas cenas mais gerais das pinturas não se consagrassem à descrição exclusiva da infância, as crianças muitas vezes eram suas protagonistas, principais ou secundárias.

Até os trajes poderiam significar a valorização de elementos que constituíram o sentimento de infância. O traje da época comprova o quanto a infância era então pouco particularizada na vida real. Até o século XIII a criança saía de cueiros e era vestida como homem ou mulher (a roupa servia apenas para deixar evidente os degraus da hierarquia social). Portanto, a partir do século XVII, começa-se a perceber uma diferenciação no modo de vestir das crianças, começando pelos meninos, que eram deixados mais livres do que as meninas. Estas, segundo Ariès, eram encerradas em corpinhos e outros aparatos para moldar seus corpos, no sentido de ajustá-las às formas femininas, e até fazendo com que as meninas persistissem mais tempo no modo de vida tradicional que as confundia com o dos adultos. Assim, durante muito tempo, a particularização da infância ficou limitada aos meninos de famílias burguesas, como cita Ariès (1978):

(...) é curioso notar também que a preocupação em distinguir a criança se tenha limitado principalmente aos meninos: as meninas só foram distinguidas pelas mangas falsas abandonadas no século XVIII, como se a infância separasse menos as meninas dos adultos do que os meninos. A indicação fornecida pelo traje confirma os outros testemunhos da história dos costumes: os meninos foram as primeiras crianças especializadas (...) (p.69).

Anteriormente à sociedade industrial, a duração da infância, de acordo com Miranda (1986), se limitava à tenra idade em que ela necessitava dos cuidados físicos para a sua sobrevivência. Logo que este desenvolvimento físico fosse assegurado, aproximadamente aos setes anos, segundo Ariès (1981), a criança passava a conviver diretamente com os adultos, compartilhando do trabalho e dos jogos, em todos os momentos. A aprendizagem de valores e costumes se dava, principalmente, a partir do contato com os adultos: a criança aprendia ajudando aos mais velhos. Logo, a socialização acontecia no convívio com a sociedade, não sendo determinada ou controlada pela unidade familiar. Nesta forma coletiva de vida misturavam-se idades e condições sociais distintas, não havendo lugar para intimidade e a privacidade.

A forma burguesa da família moderna, instituída na Europa, a partir da Revolução Industrial, do século XVIII, veio instalar a intimidade, a vida privada e o sentimento de união afetiva entre o casal e entre pais e filhos. Sua consolidação aconteceu graças à fragilização das formas comunitárias tradicionais, reorganizando-se em função das necessidades da ordem

capitalista. Desta forma pode-se afirmar que, no século XVII, a criança começa a existir como objeto próprio de conhecimento e afeto.

Desde o final do século XVII, passou a existir a substituição da convivência informal da criança com os adultos pelo processo de aprendizagem melhor estruturado, em que a criança deveria passar por aprendizagens específicas que a tornariam um adulto. Neste sentido, Ariés (1981) coloca que a aprendizagem social vai deixando de se realizar através do convívio direto com os adultos, sendo substituída, gradativamente, pela educação escolar.

Em decorrência dessa mudança, houve um avanço na compreensão do processo de desenvolvimento e educação das crianças. Embora se buscasse a preparação para a vida adulta, eram necessários a organização, os cuidados e a sistematização de fases estruturadas do conhecimento para que isso acontecesse. Esta concepção perdura até o momento atual, caracterizando-se como o processo de educabilidade da infância.

A educação escolar da infância, como campo distinto da educação, surgiu lentamente durante o século XIX, levando uma série de fatores que contribuíram para o seu desenvolvimento, entre eles a emergência dos Estados Nacionais e a sua necessidade de cidadão com boa formação cívica, a qual contribuiu para o desenvolvimento da educação em todos os níveis. O aumento da industrialização e da urbanização, que levou à ocorrência de mudanças tanto na organização da sociedade ocidental com vista à produção de bens, quanto nas estruturas familiares e organizações da família, também podem ser consideradas fatores importantes neste desenvolvimento (FORMOSINHO, 1996).

Uma das primeiras abordagens desta educação de infância foi simplesmente matricular as crianças na escola primária, com os irmãos e irmãs mais velhas. Portanto, a escola passou, gradativamente, a substituir a família como lugar de aprendizagem. Com isso, a criança se separou do núcleo familiar privado e iniciou o seu processo de socialização. No entanto, segundo Schmidt (1997), este fenômeno aconteceu paralelo à “individualização da infância” pela escola – *“fenômeno da modernidade, que não traz, em seu bojo, nenhuma contradição entre a privatização da infância no âmbito da família nuclear e a proposta de escolarização”* (p.48), porque as novas experiências pedagógicas que surgiam passaram a questionar as idéias e práticas pedagógicas escolares que não tivessem a criança como centro do processo educativo.

Assim, a partir do século XIX, a infância passou a ser objeto privilegiado de experiências e práticas educacionais. *“Os educadores, além de se constituírem em orientadores*

*das famílias, passaram, também, a ser conselheiros de ações governamentais, subsidiando políticas e propostas para a infância (...). Baseando-se nas idéias de Locke e Rousseau, educadores da Europa, Estados Unidos e América Latina, inclusive do Brasil (principalmente a partir do início do século XX), desenvolveram experiências renovadoras e modernas”* (Schmidt, 1997, p.47).

Segundo Schmidt (1997), o princípio da atividade como inerente à criança, bem como o respeito às fases do seu desenvolvimento já podem ser encontradas em John Locke e Jean-Jacques Rousseau, constituindo as bases da chamada “concepção funcional da infância”. Esta forma de explicar a infância foi aperfeiçoada, à medida em que se instituía o discurso da Pedagogia Moderna.

Entre os expoentes desta Pedagogia Moderna estão Henri Pestalozzi (1745-1827), aluno de Rousseau e mestre de Friedrich Froebel (1782-1852). Foram as idéias de Rousseau que introduziram no pensamento a concepção moderna de infância, juntamente com uma proposta educacional para a infância (ARIÈS, 1978; CHARLOT, 1979).

Rousseau colocou em dúvida os dogmas da Igreja e defendeu a idéia oposta que preconizava que a criança nascia essencialmente boa e que seus vícios se desenvolviam em contato com a vida que encontrava ao seu redor. O pensamento de Rousseau introduziu a noção da particularidade da infância, a qual deveria ser respeitada pela educação e pela autoridade do adulto. Considerava a criança inocente e boa, características provindas da natureza e que se corromperiam no contato social. Idealizou que, se respeitada a ordem natural, a criança resguardaria em si a bondade, a felicidade e a liberdade, as quais haviam sido comprometidas pela ordem social. Apesar de viver numa época essencialmente racionalista, contestou o domínio absoluto da razão e privilegiou o desenvolvimento da sensibilidade do ser humano.

De acordo com Rizzo “*Rousseau via na infância um período de ensaio do homem futuro, indispensável à sua formação*” (1992, p.13). Ele foi o primeiro a insistir na necessidade de se procurar conhecer mais profundamente as características infantis para se educar a criança. Portanto, a criança, vista como ser educável, foi tomada como objeto da educação com algumas finalidades principais, entre as quais a de servir ao coletivo e cumprir seus deveres para com a nação e a própria humanidade.

Segundo Angotti (1994), Rousseau chamou “*atenção para as necessidades das crianças em cada fase do seu desenvolvimento, as condições que lhes são favoráveis, propondo o respeito*

*ao ser na sua individualidade*” (p.2). Pois ele quer considerar a criança na criança e não o homem na criança, enfatizando, de fato, a natureza da criança. Com Rousseau (1995), a infância ganhou especificidade, na medida em que trouxe a visão de infância como algo singular, percebendo a criança como um ser que possui uma condição específica ditada pelo seu estágio de vida. A sociedade ganhou um corpo de conhecimento sobre a criança e sobre a prática de educá-la, segundo o princípio de natureza, do qual vários conceitos têm sido recorrentes na educação contemporânea.

A proposta pedagógica de Rousseau buscou, também, preservar a criança do convívio social. O confronto da criança deveria ser com o conteúdo das coisas e não com as relações dos homens, com o mundo físico e não com o moral. Rousseau atribuía à educação infantil uma proposta individualista, naturalista e extremamente idealista. O aprendizado dava-se a partir da própria criança, que aprendiam experimentando por si mesmas, de acordo com o seu gênio, seu gosto, suas necessidades, seu talento e as oportunidades que aparecem.

(...) para Rousseau, o único instrumento para a boa educação das crianças é a liberdade bem regrada. Elas não devem receber lições verbais mas só as do exemplo e da experiência (...) Criticou qualquer educação que privasse a criança de sua felicidade e conclamou todos os homens a amarem a infância, essa fase da vida em que o riso está sempre nos lábios e a alma em paz, fase dos pequenos inocentes (Schmidt, 1997, p.44).

Aluno e seguidor do pensamento de Rousseau, Pestalozzi, um dos representantes da Pedagogia Nova, acreditava no poder da educação para aperfeiçoar o indivíduo e a sociedade. Conforme Oliveira (2002), o entusiasmo desse autor influenciou Pestalozzi, influenciou reis e governantes a pensarem na educação do povo. Pestalozzi, reagiu contra o intelectualismo excessivo da educação tradicional. Considerava que a força vital da educação estaria na bondade e no amor, tal como na família e que a educação poderia mudar a terrível condição de vida do povo. Ele defendia a idéia de que a criança começava sua aprendizagem desde o nascimento e indicava o estudo da criança como caminho para melhor dirigir os incentivos ao seu crescimento.

Assim, a educação deveria ocorrer em um ambiente o mais natural possível, num clima de disciplina estrita, mas amorosa, pondo em ação o que a criança já possui dentro de si, contribuindo para o desenvolvimento do caráter infantil. Adaptou métodos de ensino ao nível de desenvolvimento dos alunos, por intermédio de atividades de música, arte, soletração, além de muitos outros de linguagem oral e de contato com a natureza.

No final do século XIX, os estudos baseados na observação das crianças surgem como a matriz da chamada psicologia científica e como o fundamento do método clínico. O movimento de expansão destes estudos faz parte e é feito, também, da expansão das idéias relacionadas à teoria da evolução. Os trabalhos de Charles Darwin, principalmente a sua obra “A Origem das Espécies” (1859), contribuíram para modificar a imagem que se tinha da criança e ser humano, como se pode observar, por exemplo, nas obras de Stanley Hall, nos Estados Unidos<sup>1</sup>. Um dos principais resultados do pensamento desta psicologia da infância foi o de promover um movimento em favor da criança, particularmente, de sua educação.

No final do século XIX, em 1882, W. Preyer publicou o seu livro “Dil Seele das Kindes”, considerado o primeiro estudo de psicologia moderna da criança. Este autor inaugurou o método de observação biográfica a qual se espalhou por toda Europa (Gratiot-Alphandéry/Zazzo, 1970). Essa publicação teve o mérito de estabelecer o estudo da criança sob bases científicas e de colocar os problemas da psicologia genética que os seus sucessores continuaram a examinar. Este método coloca em questão o antigo método de estudo da psicologia: a introspecção, a qual já se mostrava impraticável para a análise das crianças e dos adolescentes na época. Para o método da psicologia genética, a observação, a constatação e a descrição dos comportamentos (método emprestado das culturas naturais) tornavam-se mais eficientes.

A influência destes estudos, juntamente com a obra de John Dewey, contribuiu para a reforma progressiva da educação no jardim-de-infância. Desenvolveu-se a convicção de que os programas do jardim-de-infância deveriam ser consistentes com os níveis de desenvolvimento das crianças que atendem.

Este autor baseia-se na inteligência como investimentos da atividade da criança e propõe a sua adaptação ao meio. A forma de Dewey, “aprender fazendo” (Learning by doing), passou a representar o movimento pedagógico, chamado Educação Progressiva.

O conceito de educação como processo de crescimento, no qual o aprendiz é considerado um agente ativo, é fundamental na teoria de Dewey. Este autor afirma que a aprendizagem não ocorre através da recepção passiva de informação transmitida. O único

---

<sup>1</sup> O primeiro psicólogo do desenvolvimento infantil a influenciar os programas para a primeira infância, pai do movimento de estudo da criança. O professor norte-americano, Stanley Hall, organizou em 1882 na Universidade John Hapkner (EUA) um dos primeiros laboratórios de psicologia. Em 1887, fundou o Jornal Americano de Psicologia.

conhecimento é, na sua perspectiva, aquele que se adquire através da experiência pessoal ou através da recriação da experiência dos outros. Portanto, é esse o único educativamente válido.

Este processo de aquisição de conhecimentos segue uma ordem progressiva, isto é, conduz ao crescimento através de fases seqüenciais, de complexidade e sofisticação crescentes, progredindo da ação ao significado comunicado, da comunicação ao conhecimento racionalmente organizado.

Pode-se afirmar que o desenvolvimento da psicologia da criança *“oferece aos educadores um meio de melhor adaptar a prática educativa às possibilidades dos alunos”*. (Gratiot-Alphandéry/Zazzo, 1970, p.41). É importante ressaltar que este movimento ocorre no momento em que se dá a difusão da escolarização a partir do início do século XX. Seguindo as idéias de Dewey, muitos reformadores consideravam a vida social da comunidade como a base da educação da criança. Assim, o jardim-de-infância oferecia às crianças experiências na comunidade e proporcionava em seguida atividades que permitiam às crianças reconstruir as suas experiências através de jogos e outras formas de expressão que lhes possibilitavam retirar significado destas experiências.

O princípio da atividade, segundo Dewey, aplicava-se a todas as fases da vida humana e não só à infância. Ele afirma que educação é crescimento e que o crescimento é um processo contínuo. Todavia, Dewey salienta o seu papel fundamental no início da infância. É relevante também na teoria educacional de Dewey, a concepção utilitária de atividade significativa, no qual, o significado de uma atividade depende da sua utilidade, tal como é entendido pelo sujeito.

Dewey insistia no desenvolvimento das atividades escolares em torno de problemas reais do mundo exterior que fossem considerados importantes para as crianças e cujas soluções envolvessem uma utilidade social. Para ele, *“a questão essencial da educação consiste em lidar com problemas verdadeiros em situações verdadeiras, a fim de analisar, recolher informações, estruturar uma resposta ou solução e, finalmente, testar a aplicabilidade dessas soluções às situações reais de que se partiu”* (Roldão, 1994, p.69).

Neste contexto, a psicologia da criança, pautada na perspectiva genética, passa a se beneficiar de novos métodos de pesquisa, como a aplicação de questionário e testes, cuja obra mais representativa é o livro *“Les idées modernes sur les enfants”* de Alfred Binet (1913). Segundo Zazzo, a psicologia deveria permitir uma mudança radical na pedagogia escolar, *“a característica mais importante do século XX, o século da criança, é a preocupação de aplicar os*

*resultados da psicologia genética à educação (...). Nós vimos crescer neste movimento um movimento pedagógico que, em nome da psicologia e sob o nome de Educação Nova, empreende uma reforma radical na educação”* (1970, p.45). Portanto, a concepção de infância elaborada pela pedagogia nova é caudatária de uma psicologia científica da criança e de um método genético, a partir do qual a criança deve ser compreendida em função de seu passado individual.

Segundo esta perspectiva educacional, a criança é o centro do trabalho pedagógico a partir de dois aspectos principais:

O primeiro surge de uma influência que o professor faz do estágio de desenvolvimento da criança a partir de seu comportamento atual. Tal inferência é então referida a um conceito de prontidão. O segundo aspecto diz respeito ao comportamento externo e é contextualizado pelo professor como atividade. A criança deve estar ocupada, fazendo coisas. Estes aspectos da criança: o interno (prontidão) e o externo (atividade) podem ser transformados em um conceito de “pronta para fazer” (Bernstein, 1984, p.38).

Bernstein (1984) propõe a idéia de que as diferenças no nível de desempenho escolar obtido por crianças com diferentes antecedentes familiares poderiam ser compreendidas e explicadas em função das maneiras pelas quais a linguagem é usada e estruturada nos diferentes grupos sociais. Crianças providas de grupos sociais diversos aprendem a usar e compreender a linguagem de maneiras diferentes. Tais diferenças lingüísticas têm efeito sobre a adaptação à escola e comunicação e aprendizagem que nela se realiza.

A psicologia contemporânea dá ênfase ao papel desempenhado pela cultura e seus sistemas de símbolos na formação da inteligência e na educação da criança, tendo um efeito dinâmico e estruturador sobre a aprendizagem e o desenvolvimento infantil.

Neste sentido, Vygotsky (1989) contesta as teorias que descrevem as crianças como um adulto em miniatura ou como um ser que evolui acumulando e reproduzindo conhecimentos. Para este autor a educabilidade da criança pressupõe as condições de compreensão e comunicação partilhadas desde o nascimento, por adultos e crianças. Nesse mesmo sentido as formas de funcionamento do pensamento infantil diferem das do adulto em sua composição, estrutura e modo de operação.

Para ele, os conceitos não nascem com a criança, nem nela se constituem de imediato, sendo fruto de um longo processo de educação que se inicia na fase mais precoce da infância. Assim, confere às interações que se processam na infância uma importância fundamental.



A teoria de Vygotsky é uma das teorias do desenvolvimento humano que afirmam a existência de relações mais que metafóricas entre a linguagem usada para descrever os processos mentais e aquela usada para falar sobre as atividades desempenhadas no mundo físico.

É neste autor que pode ser encontrada a forte ênfase na idéia de que a capacidade de aprender através da instrução é uma característica fundamental da inteligência humana. Quando os adultos ajudam as crianças a realizar coisas que estas são incapazes de fazer sozinhas, eles promovem o desenvolvimento do conhecimento e das capacidades. Ao cooperar com os indivíduos dotados de mais conhecimento, a criança não se limita a aprender e internalizar lições sobre tarefas específicas; ela também toma contato com o próprio processo de instrução e o internaliza.

Uma das maiores contribuições de Vygotsky à teoria da educação foi o que ele denominou de zona de desenvolvimento proximal. Ele usou esse conceito para se referir ao “hiato” que existe entre um indivíduo, aquilo que ele é capaz de fazer sozinho e o que ele é capaz de realizar com a ajuda de outro indivíduo dotado de mais habilidades ou conhecimentos.

Porém, algumas crianças têm zonas de desenvolvimento proximal maiores que outras, mesmo quando seus níveis atuais de desempenho são semelhantes. Portanto, a teoria de Vygotsky também proporciona um modo de conceitualizar as diferenças individuais nas formas de educar a criança. Para Vygotsky, o êxito atingido pela cooperação forma as fundações da aprendizagem e do desenvolvimento, e o desenvolvimento infantil refletem as experiências culturais das crianças, bem como as suas oportunidades de acesso aos indivíduos mais maduros, que já praticam áreas específicas de conhecimento.

Este autor relewa o significado da fala infantil. Para ele, ela é social e comunicativa quanto à origem e à intenção, sendo também uma atividade física, um modo de controlar o próprio corpo, a fim de atingir objetivos e evitar o desconforto. Então, as ações físicas que servem para manipular e organizar o mundo não são as únicas que se internalizam para tornar-se pensamento; também a atividade física da fala, que serve para regular as ações dos outros, internaliza-se para criar o pensamento verbal. Assim, todas as formas de pensamento são também atividades.

Ao mesmo tempo, a teoria de Vygotsky considera a possibilidade de que as crianças compreendem aquelas coisas que são características comuns de sua vivência social. Aprender como pensar e aprender sobre coisas relativamente desconhecidas não são realizações naturais

que ocorrem com o tempo, mas formas especiais de auto-regulação, as quais se fundamentam em vivências relevantes, inclusive escolares.

O ensino escolar confronta as crianças com uma fala que muitas vezes, ou mesmo na maioria das vezes, é independente do contexto físico imediato. As crianças que têm fluência na linguagem de código elaborado acharão a comunicação e a aprendizagem relativamente mais fáceis que aquelas cujas principais vivências de linguagem se restringem a um código mais restrito. Estas diferenças, por sua vez, nascem das exigências linguísticas e pessoais associadas aos diferentes papéis e ocupações dentro da sociedade. Portanto, as diferenças de educabilidade e inteligência não seriam inatas, mas produtos diretos das primeiras vivências sociais (WOOD, 1996).

Nesta perspectiva, os valores da educabilidade escolar constituem-se de forma articulada com os relativos ao grupo de pertencimento da criança. Assim, a medida em que os valores de casa e os da escola coincidem, as crianças têm probabilidades de criar bases mais sólidas para a definição de sua personalidade. Mas quando as discrepâncias entre os dois sistemas são profundas, as crianças podem ficar confusas e entendiadas ou criar resistências. Por outro lado, nos casos em que as crianças partilham do mesmo dialeto que o professor, a comunicação entre eles tende a ser relativamente fácil; onde, porém existem diferenças marcantes, o estabelecimento e manutenção de uma relação comunicativa e da compreensão mútua pode ser mais difícil de conseguir, inibindo assim a transmissão de conhecimentos e a sua compreensão e dificultando, portanto, o próprio processo da educabilidade escolar. A educação infantil busca aproximar cultura, linguagem, cognição e afetividade como elementos constituintes do desenvolvimento humano voltado para a construção da imaginação e da lógica. Neste sentido, pode atuar como agente de transmissão de conhecimentos elaborados pelo conjunto das relações sociais, presentes em determinado momento histórico. Tais pressupostos constituem, também, o conceito de educabilidade da criança.

O desenvolvimento da linguagem prossegue no decorrer de todos os anos de escola. As crianças precisam aprender novas maneiras de se comunicar para que possam aprender aquilo que as escolas procuram ensinar. Do mesmo modo, também os professores se deparam, na escola, com exigências linguísticas e comunicativas especiais que requerem recursos e uma perícia que são específicos ao processo de educação.

A partir do trabalho de Vygotsky, argumenta-se convincentemente que o desenvolvimento cognitivo das crianças ocorre fundamentalmente no contexto das relações sociais. A investigação de Roggof (apud Formosinho 1996), mostra que as crianças pequenas são essencialmente aprendizes do pensar, que aprendem com a observação e participação com os seus colegas ou com membros mais experientes da sociedade. As crianças que têm um conhecimento básico da linguagem, das regras e dos hábitos dos seus colegas estão mais aptas a participar competentemente nas atividades destes. As capacidades crescentes das crianças para comunicar, discutir, negociar, cooperar, exprimir preferências e razões que estão por trás das suas ações, aceitar compromissos e empatizar com os outros, desempenham um papel na interação social.

Vygotsky situa a linguagem e a comunicação no âmago do desenvolvimento intelectual e pessoal. O que caracteriza a concepção de Vygotsky é a sua abrangência e suas bases filosóficas. Sua perspectiva psicológica refletia sua concepção das origens históricas e culturais do modo pelo qual as pessoas, em diferentes sociedades, chegam a agir sobre seu mundo, interpretá-lo e representá-lo. Buscava integrar a psicologia com uma análise da história, da arte, da literatura, da atividade cultural e da sociologia. Buscava nada menos que uma teoria coerente das humanidades e das ciências sociais.

Vygotsky e seu colega Luria dão muito mais ênfase ao papel desempenhado pela cultura e seus sistemas de símbolos na formação da inteligência da criança. Tais sistemas têm um efeito dinâmico e estruturador sobre a aprendizagem e o desenvolvimento. Não devem ser vistos somente como conteúdos do pensamento mas como partes de sua estrutura e atividade. Por exemplo, quando a criança aprende uma língua, ela não está simplesmente descobrindo etiquetas que lhe permitem descrever e lembrar-se de objetos ou características significativas de seu ambiente físico e social, mas está descobrindo maneiras de interpretar e construir o mundo (WOOD, 1996).

As potencialidades da educação como fator ativo na promoção do desenvolvimento intelectual são inerentes à ideias de Vygotsky. Esta influência é especialmente evidente nas atividades escolares. Segundo Vygotsky, a escola dá oportunidades para desenvolver vários tipos de capacidades cognitivas e metacognitivas; exige o conhecimento das regras e funções, pensamento disciplinado e controle reflexivo que contribuem para melhorar a consciência e o domínio deliberado.

A partir dos pressupostos vygotskyanos, a escola passou a ser considerada uma instituição essencial na determinação da infância e dos seus respectivos limites etários. A história da escola, da pedagogia e da educação permite compreender os conceitos de criança e infância tendo como contraponto a universalização da escola pública, tal qual se conhece hoje. Em outras palavras, *“onde a instrução foi sempre altamente valorizada, havia escolas e, onde havia escolas, o conceito de infância desenvolveu-se rapidamente”*. (Postmann, 1999, p.53 E Quinteiro, 2000, p.30). A infância tornou-se uma descrição de um nível de realização. *“O primeiro estágio da infância terminava no ponto que o domínio da fala era alcançada. O segundo começava com a tarefa de aprender a ler”* (Postmann, 1999, p.55-56), ou seja, tendo na escola seu marco determinante. Postmann conclui que *“a infância é a invenção mais humanitária da modernidade. Ao lado da ciência, do estado-nação e da liberdade religiosa, a infância como estrutura social e como condição psicológica, surgiu por volta do século dezesseis e chegou refinada e fortalecida aos nossos dias”* (1999, p.11). E Kuhlmann Jr acrescenta:

É preciso considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto das experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre esta fase da vida. É preciso conhecer as representações de infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais e reconhecê-las como produtoras da história (1998, p.31).

Paralelamente, como um desdobramento da máxima de que a ciência é o critério da verdade, ao especialista foi conferida a autoridade da produção de "verdades" sobre a educação da criança na época moderna. Portanto, o psicólogo, o psicopedagogo, o fonoaudiólogo, o psicomotricista, o pediatra e até mesmo os profissionais da mídia assumiram a função de caracterizar a criança e suas necessidades, definindo metas para sua educação e seu desenvolvimento, ou seja, para a sua educabilidade no processo de escolarização constitutivo de determinado momento de vida, como as escolas de educação infantil.

## 1.2. ESCOLARIZAÇÃO DE CRIANÇAS: ALGUMAS PROPOSTAS

Segundo Lahire e Thin (2001, p.11), a ideia de escolarização designa a “forma escolar”, ou seja, *“uma forma especificamente escolar de socialização da infância”*. Neste sentido, no processo de escolarização, a noção de cultura escolar adquire grande importância. Para Faria Filho (2002) essa noção permite articular, descrever e analisar, de uma forma muito rica e

complexa, os elementos-chave que compõem o fenômeno educativo, tais como os tempos, os espaços, os sujeitos, os conhecimentos e as práticas escolares.

Os tempos escolares são múltiplos e, tanto quanto a ordenação dos espaços, fazem parte da ordem social e escolar. Sendo assim, são sempre “tempos” pessoais e institucionais, individuais e coletivos, e a busca de delimitá-los, controlá-los, materializando-os em quadros de anos/séries, horários, relógios, deve ser entendido como um movimento que tem ou propõe múltiplas trajetórias de institucionalização. A respeito dos espaços escolares, é o espaço que educa. Não apenas acontece educação dentro de um espaço determinado, o escolar, mas também que este, em sua projeção física e simbólica, cumpre uma função educativa fundamental.

Voltar olhar para os sujeitos escolares permite surpreendê-los em seu fazer cotidiano, ora definindo e pondo em funcionamento certas estratégias de configuração de sua profissão e de seu campo de atuação, ora como praticantes agindo em terrenos delimitados por outros, desenvolvendo intensas práticas de apropriação, verdadeiras táticas de sobrevivência em um terreno movediço e minado de incertezas.

Compreendê-los como componentes de uma cultura escolar, significa enfatizar a idéia de que os sujeitos escolares, alunos e professores, sobretudo, não apenas põem em funcionamento uma instituição ou uma cultura definidas em sua presença, mas pelo contrário, que professores e alunos participam ativamente na construção da escola e da cultura escolar e de si mesmos como sujeitos sociais. Assim, pensar os conhecimentos escolares nessa dimensão histórica e como componente de uma cultura escolar implica não apenas examinar a sua historicidade, mas também determinar as necessidades e forças sociais, incluindo as escolares, que presidiram a sua elaboração enquanto conhecimento escolarizado.

Por fim, atentar para a materialidade e para as formalidades das práticas pedagógicas escolares é perceber que tais elementos dão a ver posições de poder no campo da educação, modos de fazer a escolarização e de instituir identidades pessoais e profissionais. Dispor dos objetos escolares é produzir a cultura escolar e inventar/inventariar formas próprias de instituir a escola.

Esta concepção de escolarização e dos elementos que a constituem permite entender a construção de determinadas formas escolares de educação infantil.

### 1.2.1. A FORMA ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Há uma diversidade de opiniões sobre as causas e os temas que teriam influenciado a constituição das instituições pré-escolares: creches, escolas maternas e jardins-de-infância.

As instituições de educação para as crianças entre 0 e 6 anos de idade começam a se esboçar no continente europeu ainda no final do século XVIII, propagando-se por meio de uma circulação de pessoas e idéias. Criadas para atender as crianças pobres e as mães trabalhadoras, desde o início se apresentaram como primordialmente educacionais.

A “escola de principiantes” ou “escola de tricotar”, criada por Oberlin, em 1769, na paróquia rural francesa de Ban-de-la-Roche, tem sido reconhecida como a primeira delas. De acordo com os seus objetivos, ali a criança deveria: perder os maus hábitos; adquirir hábitos de obediência, sinceridade, bondade, ordem; conhecer as letras minúsculas; soletrar e pronunciar bem as palavras e sílabas difíceis; conhecer a denominação francesa correta das coisas que lhe mostram e adquirir as primeiras noções de moral e religião. A idéia não era de abrigo, nem mesmo de escola em horário integral mas foi a primeira iniciativa voltada para a educação infantil; porém não criou raízes, pois não se assentou em uma linha filosófica que a validasse. Oberlin criou apenas um programa de passeios, brinquedos, trabalhos manuais e histórias contadas com gravuras, mas já revelava algum conhecimento e afinidade com as necessidades e interesses infantis (FARIA FILHO, 2002).

Em 1812, foi criada a escola de Oberlin e o estabelecimento de Pestalozzi, em Yverdon, na Suíça, ambos para crianças com mais de sete anos. A creche criada por Marbeau, em 1844, para atender os bebês até o três anos, também foi pensada como instituição educacional, com preocupações muito próximas às desenvolvidas pelos especialistas da escola maternal. A idéia defendida era de que a creche – como a escola maternal – poderia fornecer à criança as reais condições de um bom desenvolvimento e que para numerosas crianças ela se constituiria em um lugar melhor do que a casa. Nas escolas maternas e no jardim-de-infância, valorizaram-se os brinquedos e as brincadeiras.

De um lado, eliminavam-se aqueles que apresentavam perigos para a segurança e a saúde dos bebês, de outro, tomava-se mais consciência do papel do jogo e do brinquedo na formação da personalidade da criança, no seu desenvolvimento. Segundo Monarcha (2001, p.8-9) *“os responsáveis pelas creches queriam, por meio dóceis, indiretos, formar seres adaptados à*

*sociedade, satisfeitos com o seu destino, para a preservação da ordem social e a reprodução dessa ordem para sempre”.*

Em Portugal, as Casas de Asilo da Infância Desvalida adotaram orientações pedagógicas desde o seu início, em 1834. Procuravam assegurar proteção, educação e instrução às crianças pequenas, sendo consideradas, à época, mais completas do que os estabelecimentos ingleses e franceses, que não teriam o objetivo de promover os cuidados alimentares e corporais. Durante a primeira metade do século XIX, em outros países europeus, como a Holanda e a Itália, também surgiram instituições congêneres para diferentes faixas etárias. Nesse processo são a creche, o jardim-de-infância de Froebel e a sala de asilo, depois escola maternal, que passarão a ser as mais difundidas.

O jardim-de-infância, a mais bem-sucedida das instituições, desponta como um contraponto às demais, tratado às vezes como se fosse o detentor exclusivo de uma concepção pedagógica. Froebel, que abriu o primeiro Kindergarten no alvorecer da década de 1840, em Blankenbrug, pretendia não apenas reformar a educação pré-escolar, mas por meio dela a estrutura familiar e os cuidados dedicados à infância, envolvendo a relação entre as esferas pública e privada. A educação ministrada no lar ou na escola fomentaria nas crianças a preguiça e a indolência. As energias humanas não estariam sendo desenvolvidas, muitas se atrofiando, perdendo-se por completo.

Froebel considerava que seria sumamente proveitosa a introdução de verdadeiras horas de trabalho manual na educação das crianças, na qual o jardim-de-infância seria a instituição educativa por excelência, seria um ambiente especialmente organizado para promover o desabrochar das potencialidades da criança e o cultivo da liberdade de expressão do pensamento e da criatividade, enquanto a creche e as escolas maternas ou qualquer outro nome dado às instituições com características semelhantes às *salles d'asili* francesas seriam assistenciais e não educariam, ou seja, educavam não para a emancipação, mas para a subordinação. Os Kindertagens e as propostas de Froebel obtiveram ampla penetração internacional, passando a ser uma referência em vários países.

Os jogos e ocupações concebidos por Froebel para a educação das crianças, que eram produzidos em sua fábrica de brinquedos, o Kindergarten Beschäftigungs-Anstalt, constituíram um componente material, mercantil, de propaganda da instituição, além dos seus escritos, das associações educacionais e dos cursos de formação de professoras “jardineiras”. Os jogos são

tidos como importantes, pois possibilitam às crianças o contato com a natureza e o relacionamento com outros seres humanos. Froebel considerava a brincadeira como um elemento fundamental para o crescimento da criança da segunda infância, isto é, após os três anos.

Após a morte de Froebel, em 1852, a baronesa Bertha von Marenholtz-Bulow ficou à cabeça do movimento froebeliano, atuando ativamente até a década de 1870, com a criação de associações e jardins-de-infância em vários países. As associações criadas em torno do jardim-de-infância foram um elemento propulsor da instituição nos países-sede e naqueles sob sua influência, criando escolas para a formação de profissionais. É o caso da Froebel Society of Great Britain and Ireland, fundada em 1874, que atuou no Reino Unido e nas suas colônias.

O final do século XIX, particularmente a partir da década de 1860, vive uma crescente expansão das relações internacionais o que leva à criação de instituições de educação infantil em vários países, como parte de um conjunto de medidas que conformam uma nova concepção assistencial à assistência científica, abarcando aspectos como a alimentação e habilitação dos trabalhadores e dos pobres. Este fenômeno acompanha uma série de outras iniciativas reguladoras da vida social, que envolvem a crescente industrialização e urbanização. O avanço científico e tecnológico, as descobertas no campo da microbiologia, a eletricidade e a iluminação pública, assim como as instituições de educação popular – em cuja base encontram-se as escolas dos pequenos, sem o caráter de obrigatoriedade da escola primária –, tornam-se parâmetros para caracterizar os países ditos modernos e civilizados.

O quadro das instituições educacionais se reconfiguram durante a segunda metade do século XIX, na Europa, compondo-se da creche e do jardim-de-infância, ao lado da escola primária, do ensino profissional, da educação especial e de outras modalidades. A creche, para as crianças de 0 a 3 anos, foi vista como muito mais do que um aperfeiçoamento das Casas de Expostos, que recebiam as crianças abandonadas. Foi apresentada em substituição ou oposição a estas, para que as mães não abandonassem suas crianças. Além disso, não se pode considerar a creche como uma iniciativa independente das escolas maternas ou jardins-de-infância, para as crianças de 3 ou 4 a 6 anos, em sua vertente assistencialista, pois as propostas de atendimento educacional à infância de 0 a 6 anos tratam em conjunto das duas iniciativas, mesmo que apresentando instituições diferenciadas por idades e classes sociais.



A absorção desses modelos de civilização e progresso combinava as referências vindas dos centros de propagação europeu e norte-americano, com as peculiaridades de cada país, segundo as suas condições culturais, econômicas, sociais e políticas.

As histórias nacionais da industrialização, da urbanização, das instituições, das classes sociais se produzem nesse processo, marcadas pelo jogo de força das relações internacionais. Os congressos científicos internacionais, das mais diversas modalidades, começam a ser organizados na órbita das exposições universais, as quais mostravam e cultuavam o progresso e as novidades da era dos impérios.

Nos congressos de higiene, de direito, de assistência, de educação, da igreja católica, e nas exposições internacionais pedagógicas, reuniões em que se definiam políticas e se homogeneizavam conceitos, as propostas para a infância eram tema obrigatório. A creche e o jardim-de-infância eram alguns dos exemplos a se multiplicar. (Monarcha, 2001, p.13)

Em 1855, exilados liberais alemães fundaram os primeiros Kindergartens nos EUA. No começo, dirigidos aos imigrantes alemães, posteriormente tornaram-se comuns nas redes públicas. Na Rússia, desde 1863, passam a ser registradas manifestações de um ativo interesse que levam à criação da Sociedade de Froebel em S.Petersburgo. Na Áustria, somente os jardins-de-infância são incorporados ao sistema nacional de educação austríaco em 1872, o que irá também ocorrer na Suíça e na Bélgica, nos anos seguintes. Em Portugal, desde 1879, o jardim-de-infância encontraria a simpatia de famílias e de órgãos educacionais.

A exposição internacional dedicada à saúde e à educação, realizada em Londres, em 1844, foi um marco na história do Kindergarten na Inglaterra, quando houve o esforço da Froebel Society em promover a educação froebeliana. O esforço repercutiu até na apresentação do relatório dos trabalhos da comissão brasileira enviada ao congresso escrito pelo barão de Penedo:

A crescente atenção dedicada ao ensino infantil, o acurado interesse com que eminentes professores estão estudando o método Froebel e o reconhecimento que pela primeira vez a repartição de educação (...) acentuou a necessidade e conveniência das lições de objetos por meio de recreio e outras, tanto quanto por formal instrução, no ensino elementar, fez reservar no edifício um considerável espaço à "Kindergarten". Fez-se aí uma considerável exposição de pinturas, jogos e aparelhos especialmente destinados ao ensino, por semelhante método, das crianças de tenra idade e as escolas das "nursery" (Londres, 1885, p.21; citado por Monarcha, 2001, p.15)

Já em 1875, no Rio de Janeiro, havia sido fundado o primeiro jardim-de-infância privado do país voltado para as elites, no Colégio Menezes de Vieira, seguido da Escola Americana em 1877, em São Paulo, ligada a missionários norte-americanos. Em 1883, a Exposição Pedagógica

do Rio de Janeiro apresentou inúmeros materiais, incluindo-se aqueles relativos ao jardim-de-infância, tanto de instituições nacionais como provindos de diversos países: Alemanha, Argentina, EUA, Chile, Espanha, Áustria, Bélgica, França, Inglaterra, Itália, Portugal, Suécia, Suíça, Holanda, Uruguai.

Esta exposição caracterizou-se, na questão da educação pré-escolar, pela legitimação dos interesses privados. Embora houvesse referência à implantação de jardins-de-infância para atender a pobreza, elas não encontravam o menor eco em iniciativas concretas. A preocupação daqueles que se vinculavam às situações pré-escolares privadas brasileiras era com o desenvolvimento das suas próprias escolas. Nesta exposição Menezes Vieira<sup>2</sup> publicou um relatório sobre a viagem que havia realizado para obter informações sobre o ensino pré-escolar em diversos países da Europa (França, Suíça, Áustria e Alemanha), no qual o Kindergarten, por suas características, era apresentada como uma instituição procurada pelas famílias das elites.

Na Áustria e Alemanha principalmente, os Kindergartens ainda não são reputados uma instituição fora do alcance das classes populares; estas levam seus filhos para os asilos, que os guardam durante o dia, e mais se preocupam com a propaganda religiosa. As classes médias e as superiores, pelo contrário, enviam seus filhos aos institutos mantidos pelas associações (Vereinkindergarten) ou contratam senhoras que educam em casa as crianças conforme os preceitos do sistema (...) O sistema Froebel é uma reforma exclusivamente pedagógica. Seguramente convém introduzir nos estabelecimentos de caridade destinados às crianças aquela educação racional, a única compatível com o progresso científico; mas não se confundam causas tão essencialmente distintas (Kuhlmann Jr, 1998, p.84).

Embora houvesse polêmicas quanto à maior ou menor fidelidade ao sistema de Froebel, e autores como Souza Bandeira diferenciavam o método de Froebel das Écoles Maternelles francesas (para as crianças de 3 a 6 anos) que antecederam a criação das creches, destacando a preocupação destas últimas com a formação intelectual da criança (leitura e escrita), as propostas do jardim-de-infância também influenciaram as instituições francesas, que tiveram os materiais froebelianos incorporados nas atividades das salas de asilo<sup>3</sup>.

A intervenção das missões protestantes norte-americanas, que atuaram em países como o Brasil e o Japão, também contribuía para a expansão do jardim-de-infância. No Brasil, em geral, as entidades primeiro fundavam creches, prevendo uma positiva instalação de jardins-de-infância. A creche não era defendida de forma generalizada, pois trazia à tona conflitos, tais como a defesa da atribuição de responsabilidade primordial à mãe na educação da pequena infância.

---

<sup>2</sup> O inspetor geral da instrução pública, Souza Bandeira Filho, e também membro da comissão, atribuiu a Menezes Vieira o diploma da primeira classe pelos trabalhos relativos ao seu jardim-de-infância.

<sup>3</sup> As salas de asilo – *salles d'asile* primeiro nome das *écoles maternelles francesas*, na Europa.

Pensando na educação que as mães deviam oferecer aos seus filhos, Froebel escreveu em 1844, o livro denominado *Muther-Spiel und Kose-lieder* – Jogos para a mãe e canções carinhosas –, em que o autor conversa com elas, por meio de poemas, sobre os sentimentos da mãe contemplando seu recém-nascido, a mãe e sua unidade com a criança, as brincadeiras da mãe com seu filho, a necessidade de a mãe observar o desenvolvimento da criança, a necessidade de conversar e cantar para ela.

Nos EUA, os jardins-de-infância foram usados por seu efetivo potencial como agente de reforma moral, principalmente das famílias dos imigrantes, como forma de combater as más influências privadas com as virtudes públicas da sociedade americana dominante. Contaram com o apoio de reformadores como Dewey e Stanley Hall, que fizeram sugestões para adaptar as propostas de Froebel, como Hall, que pedia o relaxamento das rotinas rígidas de Froebel em favor dos jogos onde se ensinassem as habilidades de viver em comunidade, e logo os jardins foram incorporados à rede pública de educação.

Nos EUA, os Kindergartens permaneceram associados aos políticos e educadores liberais, vistos como mediadores entre a esfera privada da família e a esfera pública do Estado, de modo a produzir um cidadão para quem a realização individual e o compromisso social não fossem princípios contraditórios, mas complementares.

A propagação do jardim-de-infância não ocorreu pela adoção de um modelo único de instituições com a rígida aplicação dos seus procedimentos originais. Após a realização de um questionário em diversos países, foi montado um relatório organizado por Miss S. Young, do House and Colonial College, no qual na introdução fica evidente como a filiação ao nome do fundador do jardim-de-infância não implicava a cristalização de seus métodos pedagógicos, pois o texto recomenda a modelagem em argila e modernos exercícios, como desenho com pincéis e desenho livre. Lamenta ainda que algumas formas de trabalho manual, tais como: cortar cartolina para ornamentação, o entrelaçamento fino e o desenho de padrões estereotipados em papel quadriculado, persistissem em larga extensão, embora a pesquisa fisiológica houvesse demonstrado que eles podem provocar problemas de visão vista, ao exigir um ajuste de musculatura fina no braço e na mão acima do estágio de desenvolvimento físico das crianças.

O relatório londrino de 1907 afirma que o questionário encaminhado pela Sociedade Froebel procurava averiguar sobre todos os tipos de instituições de educação infantil, mas constata que a maioria das respostas referiu-se quase que exclusivamente às crianças de 3 a 6

anos, o que impediria fornecer maiores informações sobre as instituições da natureza das creches. Ao analisar as diferentes modalidades de atendimento, o texto constata que os dados poderiam sugerir uma classificação em dois tipos de instituições: as que reúnem crianças de viúvas ou de pais que necessitam trabalhar provêem abrigo, afeto, alimentação nutritiva, oportunidade para brincar livre dos perigos das ruas e para descansar e dormir nos intervalos das brincadeiras (funcionava em período integral); as que detêm as crianças por poucas horas diariamente, onde não se dá alimentação, as crianças estão divididas por grupos etários e fazem atividades dirigidas. O pessoal dessas instituições geralmente era composto por professoras com formação específica.

Porém uma análise mais acurada mostrava que não seria possível estabelecer claras linhas de distinção entre os dois tipos de instituições para crianças, pois elas tenderiam na prática a misturar as suas funções.

Algumas escolas maternais atendem períodos maiores e dão comida. Na Áustria-Hungria, os *Kinderbewahranstaltens* têm por objetivo manter a criança sob cuidados habilitados e liberar o irmão ou irmã mais velha da guarda para ir à escola, têm uma profissional com formação específica e usam exercícios froebelianos durante parte do dia (MONARCHA, 2001, p.21).

As sociedades froebelianas mantinham os dois tipos de sistemas de jardim-de-infância, para ricos e pobres, procuravam conhecer e influenciar as diferentes modalidades institucionais e às vezes até incorporar contribuições das mesmas. As crianças pobres freqüentariam os *free kindergartens*, denominação que explicitava o seu caráter de atendimento gratuito e os diferenciava do nível de qualidade pensado para os simplesmente *kindergarten*.

Assim, os estudos que atribuem aos jardins-de-infância uma dimensão educacional e não assistencial, como outras instituições de educação infantil, deixam de levar em conta as evidências históricas que mostram uma estreita relação entre ambos os aspectos: a assistência é que passou, no final do século XIX, a privilegiar políticas de atendimento à infância em instituições educacionais e o jardim-de-infância foi uma delas, assim como a creche e a escolas maternais.

A expansão das idéias de Froebel acerca da educação refletia a sua convicção de que a escola devia estimular o desenvolvimento natural da criança pequena. Ele considerava as crianças como flores num jardim, que floresceriam se devidamente tratadas.

Para ele, a criança é um ser repleto de potencialidade. Reconhece que a infância é uma fase essencial da vida do homem, *“é o período em que a criança deve ser cuidada como uma semente recém-plantada, para que possa se fortalecer, descobrir o seu eu, as suas*

*potencialidades, a sua essência*” (Angotti, 1994, p.09). Suas idéias refletiam igualmente a sua fé na unidade do indivíduo, de Deus e da Natureza. Para ele, era importante para a criança chegar ao entendimento deste conceito de unidade.

O modo básico de funcionamento de sua proposta educacional incluía atividades de cooperação e o jogo. Froebel partia também da intuição e da idéia de espontaneidade infantil, preconizando uma auto-educação da criança pelo jogo, por suas vantagens intelectuais e morais, além de seu valor no desenvolvimento físico.

Ademais, Froebel foi o primeiro educador a enfatizar o brinquedo, a atividade lúdica, os desenhos e as atividades que envolvem o movimento e os ritmos. Para ele, é no brincar e no desenhar livremente que a criança encontra diferentes formas de expressão. O brinquedo para Froebel é a representação auto-ativa do interior infantil.

O brinquedo dá alegria, liberdade, satisfação, repouso interno e externo, paz no mundo. Uma criança que brinca integralmente, por determinação, de sua própria atividade, perseverando até que a fadiga física a impeça, será certamente um homem completo e determinado, capaz de auto-sacrifício para a promoção do bem estar de si mesmo e dos outros (...) O brinquedo espontâneo da criança revela a vida interior futura do homem. Os brinquedos da infância são os germes de toda a vida posterior (Angotti, 1994, p.18-19).

Para Froebel, o brinquedo era muito importante, sendo que para a criança se conhecer, o primeiro passo seria chamar a atenção para os membros de seu próprio corpo, para depois chegar aos movimentos das partes do corpo. Já a atividade espontânea era vista como a fonte e a causa do desenvolvimento do conhecimento e do caráter, estando sempre num contínuo crescer de vontade que levará à atividade criadora, original construtiva. As atividades incluíam trabalhar com barro, recortar, dobrar papel, desenhar. As crianças deviam seguir instruções específicas durante o exercício destas atividades.

Segundo a teoria de Froebel, o papel do professor era o de estar sempre entre as crianças, brincando junto, ensinando-as e estimulando-as a fazerem as coisas por si mesmas. O ambiente pré-escolar tem um caráter especial, pois é nele que o professor irá oferecer as melhores condições que propiciem o desenvolvimento máximo das crianças, bem como sua perfeita integração social.

Como Pestalozzi, Froebel valorizou a família, ou seja, estendeu a função familiar aos planos biológico, social, religioso e educacional, porém foi o primeiro educador que captou o significado da família nas relações humanas.

Já para Decroly<sup>4</sup> a educação não se constituía na preparação para a vida adulta; a criança deve viver os seus anos jovens, bem como resolver as dificuldades compatíveis ao seu momento. Interessou-se especialmente pelas crianças chamadas “retardadas” e “anormais”, com o seu método dos centros de interesse, rompeu com a rigidez dos programas de ensino de seu tempo. Segundo ele, a criança deve ser criança e não um adulto em potencial.

Sua metodologia de ensino propunha atividades didáticas baseadas na idéia de totalidade do funcionamento psicológico e no interesse da criança. Conforme Seber (1995), Decroly propôs o método global para a aprendizagem da leitura e do cálculo, assim como os centros de interesse e os trabalhos ativos. Defendia um ensino voltado para o intelecto, destacando o caráter global da atividade infantil e a função de globalização do ensino.

Sua proposta pedagógica deriva da idéia de se organizar a escola em “centros de interesses”, onde a criança passa por três momentos: o da observação (não ocorre em uma lição, em um momento particular da técnica educativa, mas deve ser considerada como uma atitude, chamando a atenção do aluno constantemente); o da associação (possibilita que o conhecimento adquirido por meio da observação seja compreendido em termos de tempo e de espaço) e a expressão (possibilita ao educando externar aquilo que aprendeu, através da linguagem gráfica ou outra qualquer, integrando, assim, os diversos conhecimentos adquiridos). Os centros de interesse surgiam do contato com o meio.

Segundo Angotti (1994), para Decroly, a sala de aula está em toda a parte, na cozinha, no jardim, no museu, no campo, na fazenda, nas viagens. E o tempo de duração de cada centro de interesse deve ser flexível, orientado de acordo com os interesses, o desenvolvimento e a curiosidade infantis. Ele é conhecido ainda por defender rigorosamente a observação dos alunos a fim de poder classificá-los e distribuí-los em turmas homogêneas.

As influências da educação progressiva e da teoria psicanalítica tiveram impacto e novas influências nos currículos da primeira infância. E um dos programas desenvolvido neste período (século XX) que teve um impacto importante na educação para a primeira infância, foi concebida

---

<sup>4</sup> Educador belga Ovide Decroly, nasceu em 1871 e morreu em 1932. O valor da obra de Decroly está no destaque que emprestou às condições do desenvolvimento infantil e a educação.

por Maria Montessori<sup>5</sup>. Tal como Froebel, Montessori acreditava que o desenvolvimento da criança decorria naturalmente. Contudo, em vez de considerar que o conhecimento da criança deriva da manipulação de objetos que representam símbolos abstratos, achava que o conhecimento se baseia nas percepções que as crianças têm do mundo.

Propunha uma pedagogia científica da criança, ao mesmo tempo que, opondo-se a concepções que considerava materialistas, via com interesse uma educação que se ocupasse com o desenvolvimento da espiritualidade. Seu método refletia a influência de sua formação católica, na preocupação que manifestava com a formação do espírito.

Montessori tinha um grande respeito pelas crianças pequenas, considerando que elas tinham a capacidade de influenciar o seu próprio desenvolvimento, que evoluía a partir de dentro. Ela criou a “escola do silêncio”, onde dava ênfase à disciplina e à introspecção.

Segundo Nicolau (1986), o método Montessori foi um dos primeiros métodos ativos. Quanto à criação e aplicação, seus principais fulcros são as atividades motoras e sensoriais visando, especialmente, a educação pré-escolar. Mesmo considerando que o método Montessori surgiu da educação de crianças anormais, ele é bastante difundido, no mundo, na educação de crianças normais. É um método de trabalho individual, embora tinha também um caráter social, uma vez que as crianças, em conjunto, devem colaborar para o ambiente escolar, tendo o seu material voltado à estimulação sensorial e intelectual e tendo a preocupação centrada nos objetivos das atividades e materiais específicos em vez de na criança.

No entanto, deve-se a Montessori a criação de muitos materiais excelentes e apropriados à criança, além do fato notável que foi a redução do tamanho do mobiliário para se tornar adequado à altura das crianças. Deve-se a ela, também a introdução dos objetos da casinha de bonecas, em tamanho reduzido, para dramatização da vida do lar. Criou portanto, um material específico para cada objetivo educacional. Seu material didático buscava fazer um detalhamento rigoroso do conteúdo a ser trabalhado com as crianças e previa exercícios destinados a desenvolver, passo a passo, as diversas funções psicológicas.

---

<sup>5 5</sup> Educadora italiana Maria Montessori nasceu em 1870 e morreu em 1952. Doutorou-se em medicina pela Universidade de Roma. Aos 25 anos começou a dedicar-se às crianças anormais, na clínica daquela universidade. Mudou os rumos da educação tradicional, que privilegiava a formação intelectual. Emprestou um sentido vivo e ativo à educação. Destacou-se pela criação de Casas de Crianças, instituições de educação e vida e não apenas lugares de instrução.

Para Montessori, citado por Angotti, *“a educação tem por objetivo o desenvolvimento das energias da criança, forças estas inatas e interiores no ser, que se desenvolveriam mesmo sem o auxílio alheio”* (1994, p.23). A educação possibilitaria ao indivíduo ter as suas necessidades satisfeitas; ao educador caberia criar as condições para que o educando atingisse essas metas. O trabalho e o jogo, as atividades prazerosas, a formação artística, e uma sociabilidade mais intensa, colaboravam para desenvolver a personalidade integral.

De acordo com Seber (1995), Montessori concluiu que a aprendizagem se intensifica quando há possibilidade das crianças agirem sobre o material. Essa conclusão influenciou a educação infantil em várias partes do mundo, contribuindo para o aperfeiçoamento da organização e montagem das salas de jardins-de-infância.

### **1.2.2. CULTURA ESCOLAR E ESCOLARIZAÇÃO DA INFÂNCIA BRASILEIRA**

Reverendo a história, pode-se constatar que o atendimento institucional às crianças pequenas no Brasil teve seu início no começo do século XIX. A Educação Infantil perpassou por momentos cujo objetivo maior, segundo Kramer (1995), era o desempenho de funções assistencialistas e preparatórias para o ingresso no Ensino Fundamental. Creches e Pré-Escolas eram vistas como formas de combate à pobreza e à resolução de problemas ligados à sobrevivência e como instituição compensatória de carências físicas, morais e culturais.

A perspectiva não-dialética da evolução e da transformação da estrutura social que incutia nas palavras e ações um ufanismo demagógico e liberal estava presente também nos discursos de pedagogos e educadores. De uma educação extremamente elitista quanto ao acesso, característica dos períodos colonial e do império da história do Brasil, passou-se, no século XX, à defesa da democratização do ensino. Educação significava possibilidade de ascensão social e era defendida como direito de todas as crianças, consideradas como iguais. Os movimentos por educação que começavam a se articular, em especial o da Escola Nova, fundamentavam-se nos princípios da psicologia do desenvolvimento.

Naquele momento, as crianças de zero a seis anos, porém, eram assistidas basicamente por instituições de caráter médico, sendo poucas as iniciativas educacionais a elas destinadas. Essa tendência pode ser entendida mediante a escassez extrema de verbas destinadas à educação



frente à situação de analfabetismo do país (Kramer, 1995). A educação infantil no Brasil, a partir de 1930, se constitui a partir da ênfase em três pontos: a medicalização da assistência à criança até seis anos, a psicologização do trabalho educativo e a predominância de uma concepção abstrata de infância. No decorrer dos últimos 50 anos, os discursos oficiais têm relacionado permanentemente a assistência médico-pedagógica à criança com o desenvolvimento da nação. Atualmente, existem também escolas que centram as ações na preparação da criança para o ingresso no Ensino Fundamental, através de meios elaborados e programados para capacitá-las a esse fim.

Como afirma a Constituição de 1988, em seu Capítulo III – Da Educação, da Cultura e do Desporto, Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: IV – atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade. (Constituição de 1988, p.167-168). Este preceito constitucional situa creches e pré-escolas no campo educacional, como um direito fundamental das crianças, no qual o atendimento às crianças de zero a seis anos passa a ser responsabilidade do município, que para isso teria aporte técnico e financeiro da União e do Estado. Com isto, os municípios podem romper com a cisão histórica que acompanha esses programas: a creche na tradição assistencialista, com ênfase no cuidado e na guarda de crianças pertencentes a famílias carentes; e a pré-escola, com ênfase no processo de aprendizagem da criança pertencente a uma classe mais favorecida. Ademais passam a construir um novo papel de instituição cidadã, educadora e socializadora.

A tentativa de romper com a dicotomia entre cuidar e educar possibilitou conceber a criança como um ser integral e as instituições de educação infantil como favorecedoras da socialização e do desenvolvimento infantil. Esta concepção integrada de cuidado e educação aparece na visão de diversos especialistas da área, dentre eles, Kishimoto (1992), Campos (1994), Rosenberg (1994) e Haddad (1997); bem como nos documentos produzidos pelo Ministério da Educação e Cultura, que entendem o cuidado e a educação como ações indissociáveis e complementares.

O termo “cuidado” é evidenciado sob diferentes dimensões, desde a atuação mais direta com a criança (Campos, 1994), até uma dimensão ampliada enquanto política pública, destacando

a responsabilidade do Estado em compartilhar com a família a criação das crianças pequenas (Haddad, 1997).

Entender a conexão que os autores acima sugerem, permite o reconhecimento da dupla função da creche como equipamento educativo e assistencial e o rompimento da polarização educação versus assistência. Neste sentido, Kuhlmann Jr. (1998, p.207) analisa esta polarização como um reforço ao caráter assistencialista que acompanha a creche desde seu nascimento:

A polarização entre assistencial e educacional opõe a função de guarda e proteção à função educativa, como se ambas fossem incompatíveis, uma excluindo a outra. Entretanto, a observação das instituições escolares evidencia que elas têm como elemento intrínseco ao seu funcionamento o desempenho da função de guardar as crianças que as frequentam. As instituições educacionais, especialmente aquelas para a pequena infância, se apresentam à sociedade e às famílias de qualquer classe social, como responsáveis pelas crianças no período em que as atendem. Qualquer mãe que procure uma creche ou pré-escola para educar o seu filho, também irá buscar se assegurar de que lá ele estará guardado e protegido.

Tal entendimento é pressuposto básico para a construção de uma política de educação infantil que visualize a criança de forma contextualizada e a creche como um equipamento que atenda às necessidades da criança e da família.

Assim no Brasil, é possível perceber alguns passos do poder público em direção à formulação e implantação de uma Política Nacional de Educação Infantil. O Ministério da Educação e do Desporto (MEC) assumiu esta tarefa em parceria com vários especialistas da área de Educação Infantil, tendo como norte a Constituição de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1994) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) que menciona que a Educação Básica é compreendida pela Educação Infantil e pelo Ensino Fundamental

Estatuto da Criança e do Adolescente – cap. IV, art.53, inciso IV – “É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente (...) atendimento em creches e pré-escolas às crianças de 0 a 6 anos de idade”. Parágrafo único – “É direito dos pais ou do responsável ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais”. (Estatuto da Criança e do Adolescente, 1994, p.21-22)

No documento Política Nacional de Educação Infantil umas das sete diretrizes expressa como norteadoras das ações de Educação Infantil considera que:

A Educação Infantil é oferecida para, em complementação à ação da família, proporcionar condições adequadas de desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social da criança e promover a ampliação de suas experiências e conhecimentos, estimulando seu interesse pelo processo de transformação da natureza e pela convivência em sociedade (p.15)

Em dezembro de 1996, promulgou-se a Lei nº. 9.394, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, surgindo uma nova concepção do modelo educacional em relação aos

objetivos da Educação Infantil, onde o professor tem papel fundamental enquanto mediador na interação da criança com outras crianças e com o próprio professor, permitindo, desta maneira, o desenvolvimento da constituição biológica, psíquica e social da criança.

### **1.2.3. A PROPOSTA DE ESCOLARIZAÇÃO DO REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Atendendo as determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9.394/96, que estabelece, pela primeira vez na história de nosso país, que a educação infantil é a primeira etapa da educação básica, define-se de forma incisiva o vínculo entre o atendimento às crianças de zero a seis anos e a educação. A Lei nº 9.394/96, em seu art. 4º, inciso IV, vem garantir o dever do Estado com a educação escolar pública, efetivada mediante a garantia de atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de 0 a 6 anos de idade, e em seu art. 12, incisos VI e VII, preconiza que o estabelecimentos de ensino devem articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola. (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS – EDUCAÇÃO BÁSICA, 2001)

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI) surge com o objetivo de auxiliar os professores na realização de seu trabalho educativo diário junto às crianças pequenas, tendo a função de contribuir com as políticas e programas de educação infantil.

Este documento é fruto de um amplo debate nacional, no qual participaram professores e diversos profissionais que atuam diretamente com as crianças, contribuindo com conhecimentos diversos provenientes tanto da vasta e longa experiência prática de alguns, como da reflexão acadêmica, científica ou administrativa de outros.

O Referencial pretende apontar metas de qualidade que contribuam para que as crianças tenham um desenvolvimento integral de suas identidades, capazes de crescerem como cidadãos cujos direitos à infância são reconhecidos. Contribui, assim, para que se possa realizar nas instituições o objetivo socializador dessa etapa educacional, em ambientes que propiciem o acesso e a ampliação, pelas crianças de zero a seis anos, dos conhecimentos da realidade social e cultural.

A organização do Referencial possui um caráter instrumental e didático, sendo um guia de orientação que serve de base para discussões entre profissionais de um mesmo sistema de

ensino ou no interior da instituição na elaboração de projetos educativos singulares e diversos que visa contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade. Para garantir o acesso e o bom aproveitamento deste material, o MEC colocou à disposição de cada profissional de educação infantil seu próprio exemplar, para que possa utilizá-lo como instrumento de trabalho cotidiano.

Sendo que o Referencial é uma proposta aberta, flexível e não obrigatória, cujo caráter não obrigatório visa favorecer o diálogo com propostas e currículos que se constroem no cotidiano das instituições, sejam creches, pré-escolas ou nos diversos grupos de formação existentes nos diferentes sistemas.

Propõe ainda um diálogo com programas e projeto curriculares de instituições de educação infantil, nos estados e municípios. Este diálogo supõe atentar para duas dimensões complementares: uma de natureza externa, outra interna às instituições. As condições externas devem estar vinculadas principalmente às características socioculturais da comunidade no qual a instituição de educação infantil está inserida e às necessidades e expectativas da população atendida. Portanto, conhecer bem essa população permite compreender suas reais condições de vida, possibilitando eleger os temas mais relevantes para o processo educativo de modo a atender a diversidade existente em cada grupo social. Em relação as condições internas, deve-se levar em conta não só o número de horas que a criança passa na instituição (há creches funcionando em período integral, outras de meio período), mas também a idade em que a criança começou a frequentá-la e quantos anos terá pela frente.

Estas questões acabam influenciando na seleção dos conteúdos a serem trabalhados com as crianças na articulação curricular, de maneira a garantir um maior número de experiências diversificadas a todas as crianças que a frequentam.

A elaboração da proposta curricular de cada instituição se constitui em um elemento do projeto educativo e deve ser fruto de um trabalho coletivo que reúna professores, demais profissionais e técnicos. Essa proposta deve abranger também o clima institucional, as formas de gestão, passando pela organização do espaço e do tempo, até a parceria com as famílias e o papel do professor.

A análise do documento do Referencial Curricular para a Educação Infantil permite a sistematização de alguns elementos constitutivos da proposta de escolarização para a criança de zero a seis anos.

### **1.2.3.1 OS SUJEITOS ESCOLARES:**

#### **1.2.3.1.a. AS CRIANÇAS:**

A criança, para o Referencial, é um sujeito social que constitui historicamente suas capacidades afetivas, emocionais e cognitivas, ou seja, é um ser histórico. Faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um dado momento histórico. Possui um repertório de condutas ou reflexos inatos que lhe permite interagir com seu meio e experimentar as primeiras aprendizagens, que consistem nas adaptações que faz a novas condições de vida.

Possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Tem desejo de estar próxima à pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos.

Para o RCNEI (1998) é nas interações que estabelece desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que a circunda, que a criança constrói o conhecimento. Durante o primeiro ano de vida, a criança constrói um pensamento prático, ligado à ação, à percepção e ao desenvolvimento motor. A criança possui uma inteligência dirigida a executar ações na realidade. Ao final do primeiro ano de vida até aproximadamente o final dos três anos, a criança define capacidades tais como a imitação, a representação e a linguagem.

Através da imitação de outras crianças e dos adultos, os bebês e as crianças pequenas constroem novos comportamentos, aprendem e se desenvolvem. A imitação é entendida como uma reconstrução interna e não meramente uma cópia e repetição mecânica. As crianças tendem a observar de início as ações mais simples, mais próximas à sua compreensão cognitiva, aquelas apresentadas por modelos atrativos. O trabalho educacional, em creches e pré-escolas, deve incorporar inúmeras situações em que as crianças possam observar e imitar os comportamentos e modelos de outras crianças, objetos e animais de forma ativa e construtiva dentro de um contexto específico.

No processo de construção do conhecimento, as crianças utilizam as mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem idéias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Assim, o conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação.

Esta concepção de construção de conhecimentos pelas crianças em situações de interação social foi pesquisada, por vários autores, com diferentes enfoques e abordagens como Piaget, Vygotsky e Wallon.

Além disso, as crianças precisam ser respeitadas em suas diferenças individuais, ajudadas em seus conflitos por adultos que sabem sobre seu comportamento, entendem suas frustrações, possibilitando-lhes limites claros. Os adultos devem respeitar o desenvolvimento das crianças e encoraja-las em sua curiosidade, valorizando seus esforços. Merecem ser respeitadas como pessoas inteiras, seres em desenvolvimento que estão habilitadas para interagir com seu meio social e que são extremamente desejosas de aprender.

#### **1.2.3.1.b. OS PROFESSORES:**

O trabalho direto com crianças pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao professor cabe trabalhar com conteúdos de natureza diversa que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Com isso, faz-se necessário que estes profissionais, nas instituições de educação infantil, tenham ou venham a ter uma formação inicial sólida e consistente acompanhada de adequada e permanente atualização em serviço. Pois uma formação ampla deste profissional torna-se um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade, buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve.

O Referencial nos coloca que a observação, o registro, o planejamento e a avaliação são instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta com as crianças.

O professor tem um papel fundamental, pois é por meio de suas ações que devem ser planejadas e compartilhadas com os outros profissionais da instituição, pode-se construir (implementar ou implantar) projetos educativos de qualidade junto aos familiares e às crianças. Contudo, é preciso que os professores estejam comprometidos com a prática educacional, sendo

capazes de responder às demandas familiares e das crianças, assim como às questões relativas aos cuidados e aprendizagens infantis, pois a idéia que preside a construção de um projeto educativo é a de que se trata de um processo sempre inacabado, provisório e historicamente contextualizado que demanda reflexão e debates constantes com todas as pessoas envolvidas e interessadas.

Ressalta ainda que o professor precisa ter consciência em sua prática educativa que a construção de conhecimentos se processa de maneira integrada e global e que há interrelações entre os diferentes âmbitos a serem trabalhados com as crianças. Cabe, pois ao professor com seu olhar atento, seguro e disponível, acompanhar as diferentes formas pelos quais a criança, desde o nascimento, se indaga sobre o mundo e sobre si mesma, trilha diversos universos simbólicos, transita entre a cultura erudita e a cultura popular, imerge em situações diversas e emociona-se com o belo e contra a violência, ao mesmo tempo em que vibra com descobertas e reconhece obstáculos.

#### **1.2.3.1.c. AS FAMÍLIAS:**

As características da faixa etária das crianças atendidas bem como as necessidades atuais de construção de uma sociedade mais democrática e pluralista apontam para a importância de uma atenção especial com a relação entre as instituições e as famílias.

Enfoques teóricos mais recentes procuram entender a família como uma criação humana mutável, sujeito a determinações culturais e históricas que se constitui tanto em espaço de solidariedade, afeto e segurança como em campo de conflitos, lutas e disputas.

A família é considerada a primeira instituição social responsável pela efetivação dos direitos básicos das crianças. Cabe, portanto, às instituições estabelecerem um diálogo aberto com as famílias, considerando-as como parceiras e interlocutoras no processo educativo infantil.

Os pais devem ter acesso à filosofia e concepção de trabalho da instituição; informações relativas ao quadro de pessoal com as qualificações e experiências, informações relativas à estrutura e funcionamento da creche ou da pré-escola; condutas em casos de emergência e problemas de saúde; informações quanto à participação das crianças e famílias em eventos especiais.

A maneira como a família vê a entrada da criança na instituição de educação infantil tem uma influência marcante nas reações e emoções da criança durante o processo inicial, pois o

ingresso das crianças nas instituições pode criar ansiedades tanto para elas, para seus pais, como para os professores. Acolher os pais com suas dúvidas, angústias e ansiedades, oferecendo apoio e tranquilidade contribui para que a criança também se sinta menos insegura nos primeiros dias na instituição. A instituição Educação Infantil pode começar a cuidar desse momento logo ao estabelecerem os primeiros contatos com a família. A entrevista de matrícula pode ser usada para apresentar informação sobre o atendimento oferecido, os objetivos do trabalho, a concepção de educação adotada. É também uma boa oportunidade para conhecer alguns dados importantes sobre a criança, como são seus hábitos quanto ao sono e alimentação, suas preferências, brinquedos prediletos, nome dos irmãos, entre outras coisas.

Contudo, cada família e suas crianças são portadoras de um vasto repertório que se constitui em material rico e farto para o exercício do diálogo e da aprendizagem. Compreender o que acontece com as famílias, entender seus valores ligados a procedimentos disciplinares, a hábitos de higiene, a formas de se relacionar com as pessoas, pode auxiliar a construção de ações. Nesse sentido, as instituições de educação infantil, através de seus profissionais devem desenvolver a capacidade de ouvir, observar e aprender com as famílias. Nesse sentido, as instituições de educação infantil, através de seus profissionais devem desenvolver a capacidade de ouvir, observar e aprender com as famílias.

#### **1.2.3.2. O TEMPO ESCOLAR:**

O tempo é visto como a idéia de rotina. A rotina na educação infantil pode ser facilitadora ou cerceadora dos processos de desenvolvimento e aprendizagem. Rotinas rígidas e inflexíveis desconsideram a criança, que precisa adaptar-se a ela e não o contrário, como deveria ser. A organização do tempo deve prever possibilidades diversas e muitas vezes simultâneas de atividades, como atividades mais ou menos movimentadas, individuais ou em grupos, com maior ou menor grau de concentração; de repouso, alimentação e higiene; atividades referentes aos diferentes eixos de trabalho.

Considera como um instrumento de dinamização da aprendizagem, facilitador das percepções infantis sobre o tempo e o espaço, uma rotina clara e compreensível para as crianças é fator de segurança.



A rotina representa também a estrutura sobre a qual será organizada o tempo didático, ou seja, o tempo de trabalho educativo realizado com as crianças. A organização do tempo pode ser agrupada em três grandes modalidades: atividades permanentes, sequência de atividades e projetos de trabalhos.

As atividades permanentes são aquelas que respondem às necessidades básicas de cuidados, aprendizagem e de prazer para as crianças, cujos conteúdos necessitam de uma constância, pois é através da escolha de conteúdos que difere o tipo de atividades permanentes a serem realizadas com frequência regular, diária ou semanal, em cada grupo de criança. Consideram-se atividades permanentes, brincadeiras no espaço interno e externo, roda de história, roda de conversas, ateliês ou oficinas de desenho, pintura, modelagem e música, atividades diversificadas ou ambientes organizados por temas ou materiais à escolha da criança, incluindo momentos para que as crianças possam ficar sozinhas se assim o desejarem.

As seqüências de atividades são planejadas e orientadas com o objetivo de promover uma aprendizagem específica e definida. São seqüenciadas com intenção de oferecer desafios com graus diferentes de complexidade para que as crianças possam ir paulatinamente resolvendo problemas a partir de diferentes proposições.

Os projetos de trabalho são conjuntos de atividades que trabalham com conhecimentos específicos construídos a partir de um dos eixos de trabalho que se organizam ao redor de um problema para resolver ou de um produto final que se quer obter. Sua duração pode variar conforme o objetivo, o desenrolar das várias etapas, o desejo e o interesse das crianças pelo assunto tratado, precisando ser significativo, representando assim uma questão comum para todos e partir de uma indagação da realidade.

A realização de um projeto depende de várias etapas de trabalho que devem ser planejadas e negociadas com as crianças não só para que elas possam se engajar e acompanhar o percurso até o final, mas também para que ao chegar ao final de um projeto possa-se dizer que a criança aprendeu, porque teve uma intensa participação que envolveu a resolução de problemas de naturezas diversas.

#### **1.2.3.3.O ESPAÇO ESCOLAR**

A organização dos espaços, bem como dos materiais, se constitui em um instrumento fundamental para a prática educativa com as crianças. Isso implica que, para cada trabalho

realizado com as crianças, deve-se planejar a forma mais adequada de organizar o mobiliário dentro da sala de aula, assim como introduzir materiais específicos para a montagem de ambientes novos, ligados aos projetos em curso.

Espaço físico, materiais, brinquedos, instrumentos sonoros e mobiliários não devem ser vistos como elementos passivos, mas como componentes ativos do processo educacional que refletem a concepção de educação assumida pela instituição, constituindo-se em poderosos auxiliares do desenvolvimento infantil. A presença de jogos e brinquedos na educação desponta como um dos indicadores mais importantes para a definição de práticas educativas de qualidades na educação infantil.

O espaço na instituição de educação infantil deve propiciar condições para que as crianças possam usufruí-lo em benefício do seu desenvolvimento e aprendizagem. Para tanto, é preciso que o espaço seja versátil e permeável à sua ação, sujeito às modificações propostas pelas crianças e pelos professores, em função das ações desenvolvidas.

Nas salas, a forma de organização pode comportar ambientes que permitem o desenvolvimento de atividades diversificadas e simultâneas, como, por exemplo, ambientes para jogos, artes, leitura. É preciso que em todas as salas, exista mobiliário adequado ao tamanho das crianças para que estas disponham permanentemente de materiais para seu uso espontâneo ou em atividades dirigidas.

Além disso, a aprendizagem transcende o espaço da sala, toma conta da área externa e de outros espaços da instituição e fora dela, como, por exemplo, a biblioteca, a feira, o zoológico, que podem enriquecer e potencializar as aprendizagens.

Na área externa, há que se criar espaços lúdicos que sejam alternativos e permitam que as crianças corram, balancem, subam, desçam e escalem ambientes diferenciados, pendurem-se, escorreguem, rolem, joguem bola, brinquem com água e areia, escondam-se, entre outros.

Porém, para as crianças circularem com independência no espaço escolar é necessário um bom planejamento que garanta as condições de segurança necessárias. Os brinquedos, de parque, devem estar bem fixados em área gramada ou coberta com areia e não sobre área cimentada.

#### **1.2.3.4. PRÁTICAS ESCOLARES:**

A análise da parte do documento infantil referente à formação pessoal e social privilegiou os aspectos infantis às práticas escolares, devido ao objeto desse trabalho que é discutir o processo de adaptação da criança à escolarização.

A formação pessoal e social refere-se às experiências que favorecem, prioritariamente, a construção do sujeito, está organizada de forma a explicitar as complexas questões que envolvem o desenvolvimento da capacidade de natureza global e afetiva das crianças, seus esquemas simbólicos de interação com os outros e com o meio, assim como as relações com elas mesmas. O trabalho com este âmbito pretende que as instituições possam oferecer condições para que as crianças aprendam a conviver, a ser e a estar com os outros e consigo mesma em uma atitude básica de aceitação, de respeito e de confiança. Este âmbito abarca um eixo de trabalho denominado identidade e autonomia.

O desenvolvimento da identidade e da autonomia está intensamente relacionado com o processo de socialização. Nas instituições de Educação Infantil esse processo de socialização se constitui, pois elas propiciam o contato e o confronto com adultos e crianças de várias origens socioculturais, costumes, hábitos e valores, fazendo dessa diversidade um campo privilegiado da experiência educativa. Com isso, a instituição de educação infantil é um dos espaços de inserção das crianças nas relações éticas e morais que permeiam a sociedade no qual estão inseridas.

A identidade é um conceito do qual faz parte a idéia de distinção, de uma marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, de modos de agir e de pensar e da história pessoal. Sua construção é gradativa e se dá por meio de interações sociais estabelecidas pela criança.

A fonte original da identidade está naquele círculo de pessoas com quem a criança interage no início da vida. Em geral, a família é a primeira matriz de socialização. A criança participa também de outros universos sociais, como festas populares de sua cidade ou bairro, igreja, ou seja, pode ter as mais diversas vivências, das quais resultam um repertório de valores, crenças e conhecimentos.

O ingresso na instituição de educação infantil pode alargar o universo inicial das crianças, tendo em vista a possibilidade de conviverem com outras crianças e com adultos de

origens e hábitos culturais diversos, de aprender novas brincadeiras, de adquirir conhecimentos sobre realidades distantes.

Dependendo da maneira como é tratada a questão da diversidade, a instituição pode auxiliar as crianças a valorizarem suas características étnicas e culturais ou, pelo contrário, favorecer a discriminação, quando é conivente com preconceitos.

A maneira como cada um vê a si próprio depende também do modo como é visto pelos outros. E as crianças vão, gradualmente, percebendo-se e percebendo os outros como diferentes, permitindo que possam acionar seus próprios recursos, o que representa uma condição essencial para o desenvolvimento da autonomia.

O Referencial define a autonomia como a capacidade de se conduzir e tomar decisões por si próprio, levando em conta regras, valores, sua perspectiva pessoal, bem como a perspectiva do outro.

Conceber uma educação em direção à autonomia significa considerar as crianças como seres com vontade própria, capazes e competentes para construir conhecimentos e, dentro de suas possibilidades, interferir no meio em que vivem.

O complexo processo de construção da identidade e da autonomia depende tanto das interações socioculturais como da vivência de algumas experiências consideradas essenciais, associadas à fusão e diferenciação, construção de vínculos e expressão da sexualidade.

Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender, nas trocas sociais, com diferentes crianças e adultos cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas.

Para se desenvolver, portanto, as crianças precisam aprender com os outros, por meio dos vínculos que estabelecem. Se as aprendizagens acontecem na interação com as outras pessoas, sejam elas adultas ou crianças, elas também dependem dos recursos de cada criança. Dentre os recursos que as crianças utilizam, destacam-se a imitação, o faz-de-conta, a linguagem, apropriação da imagem corporal<sup>6</sup>, a oposição<sup>7</sup>.

A interação social em situações diversas é uma das estratégias mais importantes do professor para a promoção de aprendizagens pelas crianças. Assim, cabe ao professor propiciar situações de conversa, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as

---

<sup>6</sup> Por meio das explorações que faz, do contato físico com outras pessoas, da observação daqueles com quem convive, a criança aprende sobre o mundo, sobre si mesma e comunica-se pela linguagem corporal.

<sup>7</sup> Opor-se, significa, em certo sentido, diferenciar-se do outro, afirmar o seu ponto de vista, os seus desejos.

crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de sentir, resultando em respostas diversas que são trocadas entre elas e que garantem parte significativa de suas aprendizagens. A interação permite que se crie uma situação de ajuda na qual as crianças avancem no seu processo de aprendizagem. Essas interações promovem avanços naquilo que a criança é capaz de realizar com a ajuda dos outros, ou seja, no seu desenvolvimento potencial. A distância entre o nível de desenvolvimento potencial e o real foi conceituado por Vygotsky, como “zona de desenvolvimento proximal”. Esta zona é caracterizada pela distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar por meio da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado por meio da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com parceiros mais experientes.

Nesta faixa etária, o brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento e a educação das crianças. O termo Brincar, neste Referencial, é adotado para denominar esse espaço de elaboração considerado como um laboratório do pensamento infantil, constituído por uma linguagem simbólica singular apoiada em brinquedos, objetos de uso cotidiano, materiais de construção e baseada em regras que estejam diretamente associadas à infância. As brincadeiras de faz-de-conta, os jogos de construção e os jogos com regras são considerados como os conteúdos do brincar que se organizam em torno de atividades mais ou menos interativas, mais ou menos simbólicas e mais ou menos regradas. O faz-de-conta é momento privilegiado de interação entre as crianças. O estabelecimento de condições adequadas para as interações está pautado, tanto nas questões emocionais e afetivas, quanto nas cognitivas.

As características de cada criança, sejam no âmbito afetivo, social ou cognitivo, devem ser levadas em conta quando se organizam situações de trabalho ou jogo em grupo ou em momentos de brincadeiras que ocorrem livremente.

A brincadeira é uma linguagem infantil. Como a criança, desde muito cedo, pode se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde pode representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Ao brincar as crianças recriam e repensam os acontecimentos que lhes deram origem, sabendo que estão brincando.

Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação<sup>8</sup>, a memória, a imaginação. A imaginação e a fantasia são elementos fundamentais para que a criança aprenda mais sobre a relação entre as pessoas, sobre o eu e sobre o outro.

No faz-de-conta, as crianças aprendem a agir em função da imagem de uma pessoa, de uma personagem, um objeto ou situação que não estão imediatamente presente e perceptíveis no momento da brincadeira. Ao brincar de faz-de-conta, as crianças buscam imitar, imaginar, representar e comunicar de uma forma específica que uma coisa pode ser outra. O brincar funciona como um cenário no qual as crianças tornam-se capazes não só de imitar a vida como também de transforma-la, baseada no desenvolvimento da imaginação e na interpretação da realidade, sem ser ilusão ou mentira. Também se tornam autoras de papéis, escolhendo, elaborando e colocando em prática suas fantasias e conhecimentos, sem a intervenção direta do adulto, podendo pensar e solucionar problemas de forma livre das pressões situacionais da realidade imediata.

Para brincar é preciso que as crianças tenham certa independência para escolher seus companheiros, os brinquedos e os papéis que irão assumir no interior de um determinado tema e enredo, cujos desenvolvimentos dependem unicamente da vontade de quem brinca. Os brinquedos são considerados objetos privilegiados da educação das crianças, são objetos que dão suporte ao brincar e podem ser das mais diversas origens, materiais, formar, texturas, tamanho e cor. Através do contato, manipulação e uso dos brinquedos pelas crianças, há uma aprendizagem multidisciplinar das formas de ser e pensar da sociedade.

Na instituição de educação infantil é o adulto, na figura do professor, que ajuda a estruturar o campo das brincadeiras na vida das crianças. Consequentemente, é ele que organiza sua base estrutural, por meio da oferta de determinados objetos, fantasias, brinquedos ou jogos, da delimitação e arranjo dos espaços e do tempo para brincar.

Por meio das brincadeiras, os professores podem observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto e de cada uma em particular, registrando suas capacidades de uso das linguagens, assim como de suas capacidades sociais e dos recursos afetivos e emocionais que dispõem.

---

<sup>8</sup> A imitação é resultado da capacidade de a criança observar e aprender com os outros e de seu desejo de se identificar com eles, ser aceita e de diferenciar-se. É entendida como reconstrução interna e não meramente uma cópia ou repetição mecânica (RCNEI, 1998).

É preciso que o professor tenha consciência que na brincadeira as crianças recriam e estabilizam aquilo que sabem sobre as mais diversas esferas do conhecimento, em uma atividade espontânea e imaginativa. Porém, é preciso também que o professor tenha consciência que as crianças não estarão brincando livremente nestas situações (como atividades didáticas), pois há objetivos didáticos em questão.

## II. O SIGNIFICADO DOS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA ESCOLARIZAÇÃO NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA

### 2.1. DESENVOLVIMENTO INFANTIL, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO.

Pensar em infância nos dias de hoje, é voltar-se para um contexto muito mais amplo do que oferecer às crianças os cuidados, como, por exemplo, a alimentação, higiene e lazer. É perceber todo o universo lúdico que envolve a criança, bem como a necessidade de saber como elas pensam, como se desenvolvem e adquirem o conhecimento do mundo. Principalmente segundo Oliveira (1995, p.85), o brinquedo “*pertence à infância, ele a simboliza, é o espectro da criança. Através do brinquedo a criança imita e realiza o aprendizado da vida do adulto, porém o faz de modo específico e peculiar à sua idade, tomando como forma de condutor da criança em função de um desenvolvimento intenso, no período da infância, da imaginação e de suas peculiaridades: vivacidade, despreocupação, ilusões*”.

Para apropriar-se dos elementos de sua cultura, a criança utiliza as representações sociais que homens e mulheres historicamente construíram sobre a realidade em que vivem. A infância se constitui num dos mais importantes momentos em que a apropriação da cultura se faz e de forma mais evidente, pois a percepção infantil é marcada pelos vestígios da geração mais velha com os quais a criança se depara.

Segundo Maluf (1997), o estudo da criança refere-se ao ser humano em seus primeiros anos, compreendendo as fases de recém-nascido, bebê, pré-escolar, escolar, no qual é a partir da compreensão da criança como sujeito psicológico, historicamente situado, que a psicologia do desenvolvimento deve avançar, na medida em que tiver como objetivo contribuir para a educação individual e social das novas gerações.

Para refletir sobre a psicologia e a educação infantil no âmbito desta investigação, será utilizada a perspectiva sócio-histórica a qual sustenta que os conhecimentos produzidos acerca do ser humano no que se refere à consciência e à linguagem, articulando-se num contexto social, determinam os signos representativos da cultura em questão.

Autores sócio-históricos como Wallon e Vygotsky propõem que o desenvolvimento humano ocorre na e através da interação social, sendo que nesta interação a criança constrói seu



conhecimento e a si mesma, enquanto sujeito. Ambos trouxeram grandes contribuições ao conhecimento sobre a forma de a criança ser e modificar-se e, atualmente, vêm exercendo significativa influência entre os pesquisadores da área de educação infantil. Seus trabalhos os inserem em uma linha teórica que pode ser chamada de sócio-histórica, por considerarem a constituição social do sujeito dentro de uma cultura concreta.

A perspectiva sócio-histórica do desenvolvimento destaca a importância do jogo, das interações e dos espaços e ratifica a pré-escola como um espaço privilegiado de desenvolvimento. Os estudos sobre o jogo e a brincadeira associados à linguagem e à construção do conhecimento indicam-nos como os elementos centrais do projeto pedagógico para educação infantil (Rocha, 1999, p.137).

No processo infantil, segundo Vygotsky, a construção do pensamento e da subjetividade é um processo cultural, e não uma formação natural e universal da espécie humana. Ela se dá graças ao uso de signos e ao emprego de instrumentos elaborados através da história humana em um contexto social determinado. De acordo com Oliveira *“...o homem extrapola suas capacidades sensoriais pelo uso de instrumentos construídos por meio do trabalho coletivo no qual interage com outros homens (...) Esses instrumentos não se reduzem à dimensão material, mas incluem a utilização de signos...”* (2002, p.127).

Os signos não são criados ou descobertos pelo sujeito, mas o sujeito deles se apropria desde o nascimento, na sua relação com parceiros mais experientes que emprestam significações às suas ações em tarefas realizadas em conjunto: as interações adultos-crianças. Pode-se, então, descrever que o pensamento é formado na vida social, à medida que os modos de organização do ambiente presentes em determinado contexto social fornecem aos indivíduos nele imersos os objetos, os conhecimentos, as técnicas e os motivos necessários ao desempenho das tarefas sociais historicamente construídas naquela cultura.

Segundo Vygotsky (1989), a realização de tais tarefas, por sua vez, modifica esses instrumentos materiais e simbólicos ou leva à criação de outros. E entre outros signos, a apropriação pela pessoa da linguagem de seu grupo social constitui o processo mais importante no seu desenvolvimento.

A linguagem permite que o mundo seja refratado na consciência humana por meio dos significados culturais selecionados pelo sujeito e por ele apropriados com um sentido próprio, embora impregnado de valores e motivos sociais historicamente determinados. Segundo

Oliveira, “... a aquisição de um sistema linguístico dá forma ao pensamento e reorganiza as funções psicológicas, sua atenção, memória e imaginação” (2002, p.129).

Já a teoria de Wallon, em relação ao processo infantil, é entendida como um processo contínuo, cujas características são a contradição e os conflitos. Esta teoria permite a compreensão do processo de desenvolvimento, tomando como reflexão a constituição do sujeito. Wallon, tal como Vygotsky, considera o desenvolvimento humano como resultado de uma dupla história, que envolve as condições do sujeito e as sucessivas situações nas quais ele se envolve e às quais responde. Também para ele a atividade da criança só é possível graças aos recursos oferecidos tanto pelo instrumental material quanto pela linguagem utilizada a seu redor, sendo a mediação feita por outras pessoas particularmente fundamental na construção do pensamento e da consciência de si.

No primeiro ano de vida, na criança amadurece principalmente o sistema neuro-sensorial, sendo que este sistema é plasmado conforme o ambiente criado para a criança. Porém o centro desse sistema fica na cabeça, que demonstra sua maleabilidade através das moleiras abertas. A criança nasce para o movimento ordenado e conquista a postura ereta, colocando a planta dos pés no chão.

Neste primeiro ano, em que a criança toma conhecimento de si mesma, a criança percebe também o ambiente material à sua volta e aprende posteriormente a reconhecer o mundo segundo estas experiências. *“A criança que não recebe suficiente afeto neste primeiro ano, projetará as conseqüentes sensações no ambiente e não terá, por isso, equilíbrio emocional necessário para aceitar o mundo e nele ser aceito”* (Grunspun, 1998, p.4).

Em relação ao jogo, no primeiro ano de vida não deve haver interferência do jogo nos períodos em que as satisfações da criança devem estar ligadas à conduta do momento, tais como a alimentação e banho. Já na metade do primeiro ano a criança começa a se tornar independente o que se patenteará com o início de sua marcha voluntária. O afastamento das coisas que a rodeiam faz-lhe sentir a necessidade de experimentar ao mesmo tempo um grande número de objetos novos, que podem estar à sua mão ou afastados. Com esta independência, Grunspun (1998) afirma que a criança inicia sua educação familiar, denominando-a de fase de socialização familiar.

A criança por volta dos dois anos imita no jogo as atitudes habituais. Até os dois anos, a criança não solicita a figura dos adultos para estes jogos, brinca só. Os pais, nesse momento, podem estimulá-la e encorajá-la pelo planejamento dos brinquedos e dos jogos.

A criança, nesta faixa etária, mesmo quando está com outras crianças, brinca sozinha e quando se dirige a outra é somente para dela obter alguma coisa, a fim de continuar brincando só. A partir dos dois anos e meio, a criança irá realmente brincar com outras crianças, usando-as como companheiras para o seu jogo.

Entre os 3 e os 6 anos a criança encontra-se no período denominado pré-escolar, durante o qual há uma explosão de descobertas, a imaginação e a curiosidade estão a pleno vapor e o desenvolvimento de padrões sócio-culturais de comportamento vão se solidificando. Neste período, a criança está-se tornando mais competente nas áreas de aprendizagem, inteligência, linguagem e motora e consegue lidar melhor com alguns conceitos, tais como idade, espaço, tempo, embora ainda com características bem próprias desta faixa etária, pois não consegue separar completamente o real do irreal. O pré-escolar está pronto para canalizar sua energia no aprendizado de coisas novas. A interação e o relacionamento com outras crianças e com adultos, os comportamentos socialmente aceitáveis, o certo e o errado, as conseqüências de suas atitudes e os valores serão assimilados pela criança de acordo com as atitudes e os conceitos que lhe forem transmitidos também pela família.

Já no terceiro ano de vida, a criança aperfeiçoa a linguagem e forma frases com estruturas gramaticais. A aquisição da linguagem é de suma importância para a vida da criança, de acordo com Grunspun (1998), pois num mundo em que a comunicação verbal é básica, esta aquisição vai integrar o bebê no seu mundo familiar, permitindo-lhe fazer as concessões que a família exigir para torná-lo civilizado. Posteriormente, o maior domínio da linguagem torna o pensamento num novo recurso de sua ação, transformando sua forma de relacionar-se com os outros. Neste processo, a construção de cada nova função pelo indivíduo produz uma ruptura na organização que ele havia até então construído.

A criança nesta fase começa a pular, às vezes, bate o pé com raiva, chuta uma bola, as mãos se tornam mais habilidosas e começa a se vestir sozinha, entre outras coisas. À medida que dominam os movimentos e os espaços circundante, as crianças ampliam suas relações sociais, interações e formas de comunicação. Com isso, sentem-se mais seguras, independentes e

começam a compreender e sentir necessidades de estabelecer novos vínculos afetivos e trocas interpessoais.

Aos três anos ocorre uma verdadeira revolução nas relações da criança com o ambiente, desaparecendo assim alternadamente diferentes pontos de vista. Ela passa a adotar uma concepção exclusiva e unilateral: a sua, ou seja, a de uma personalidade particular e constante, possuindo perspectiva própria e distribuindo os outros em relação a si. Nesta idade ocorrem mudanças nos tipos de brincadeiras, principalmente no que se refere às atividades com outras crianças. As brincadeiras passam a ser mais cooperativas (onde as crianças se ajudam mutuamente, como, por exemplo, uma empurrar a outra em um carrinho) e associativas (desempenham juntas as mesmas atividades, como brincar de casinha ou de super-heróis).

Nesta fase é freqüente a criança confundir a fantasia com a realidade. Durante as suas brincadeiras, o faz-de-conta pode tornar-se verdadeiro até o momento de guardar os brinquedos e tirar a fantasia. Uma das atividades dominantes e mais características do pré-escolar são as brincadeiras imitativas, imaginativas e de dramatização, havendo preferência por roupas de fantasias, bonecas, casas de bonecas, fantoches, kits de médico e utensílios domésticos, entre outros.

Segundo Wallon (1975), ao imitar, por exemplo, a criança mostra ter interiorizado o modelo, construindo com base nele uma imagem mental e reproduzindo suas ações. Isso aparece com clareza nas brincadeiras de faz-de-conta. Nelas, ao imitar a mãe, dando de comer a uma boneca, exterioriza gestos e verbalizações percebidos em sua experiência pessoal. Como a mãe não está presente na brincadeira, a criança utiliza-se de uma imagem do papel de mãe para poder atuar.

Os amigos imaginários começam a surgir entre os 2 anos e meio e os 3 anos, sendo geralmente abandonados quando a criança entra na escola. Eles têm muitas funções: tornam-se amigos em horas de solidão, conseguem realizar o que a criança tenta conseguir e vivenciam o que a criança gostaria de esquecer ou de lembrar. É freqüente o “amigo” ter defeitos e ser culpado por atitudes erradas cometidas pela criança. Pode-se descrever então que neste ano de vida, nasce na criança a possibilidade de pensar e, junto com ela, a vivência do “eu”.

Durante os anos pré-escolares a criança desenvolve de forma acentuada o seu conceito a respeito da imagem corporal. Com um pensamento e uma linguagem mais abrangentes, começa a reconhecer que a aparência das pessoas pode ser mais ou menos desejável e passa a diferenciá-las

conforme sua cor ou raça. Apesar de seus progressos no desenvolvimento da imagem corporal, no pré-escolar ainda tem uma noção pouco definida a respeito dos limites do seu corpo, além de possuir escassos conhecimentos de sua autonomia interna. Em virtude disto, qualquer experiência invasiva atemoriza, especialmente quando há solução de continuidade da pele, tais como pequenos cortes ou escoriações.

A criança neste período é descrita por Wallon *“como um entre seus semelhantes, mas enquadrada num conjunto, conjunto que tem para ela grande importância, porque esse conjunto delimita a sua personalidade, realmente o centro de interesses, de exigências, de decepções que são resultados do lugar ocupado por ela na constelação familiar”* (1975, p.209).

Estudos recentes têm mostrado que o jogo e as brincadeiras são ferramentas indispensáveis no desenvolvimento infantil, no qual o avanço de pesquisas acerca da imagem da criança em diferentes culturas mostra como os historiadores estão ampliando seu objeto de estudo e atingindo a criança, seus brinquedos, pois para a criança não há atividade mais completa do que o Brincar. Pela brincadeira, segundo Santos (1999), ela é introduzida no meio sócio-cultural do adulto, constituindo-se num modo de assimilação e recriação da realidade. Nesse sentido, a trajetória infantil não pode ser pensada somente pela ótica da razão, ela passa, necessariamente, pela via do brincar.

É na brincadeira, com os objetos (brinquedos), que as rotinas das práticas cotidianas podem ser resignificadas pelas crianças, utilizando a linguagem como instrumento no processo de construção do conhecimento.

Para Oliveira (1996), a brincadeira tem tido uma crescente mediação lingüística, sendo comprovada nas situações reproduzidas pelas crianças, nas quais a memória torna-se menos ação, pois os comportamentos são mais baseados em regras, revelando que a construção da identidade tem início muito cedo na infância.

Ao término da primeira infância surgem novas formas de atividade, que alcançam sua plenitude mais adiante e começam a determinar o desenvolvimento psíquico. O jogo como forma especial de atividade infantil tem sua história relacionada com as mudanças da situação da criança na sociedade.

Para os antigos gregos, a locução “jogo” significa as ações próprias das crianças. Entre os judeus, a palavra jogo correspondia ao conceito de gracejo e riso. Para os romanos, “ludo” significa alegria. O começo do estudo da teoria do jogo costuma estar associado aos nomes de

Schiller, Spencer e Wundt. Esses pensadores do século XIX trataram de passagem o jogo comum dos fenômenos mais difundidos da vida, ligando sua origem à da arte (ELKONIN, 1998).

Para Schiller, o jogo é atividade estética. O jogo é, sobretudo um prazer relacionado com a manifestação do excesso de energia, sendo este excedente apenas uma condição da existência do prazer estético que o jogo proporciona.

Spencer situa o problema do excesso de energia de que fala Schiller, a única diferença entre jogo e atividade estética está em que no primeiro manifestam-se as aptidões inferiores e na segunda, as superiores. Porém, Wundt esteve mais perto de chegar à origem do jogo; para ele o jogo nasce do trabalho, ou melhor *“o jogo suprime a finalidade útil do trabalho e, por conseguinte faz com que a meta seja esse agradabilíssimo resultado que acompanha o trabalho”* (Elkonin, 1998, p.16).

Porém, na história da humanidade o jogo não pode aparecer antes do trabalho nem da arte, mesmo em suas formas mais primitivas. Já a história da civilização registra em que etapa do seu desenvolvimento aparece a arte. Entretanto, ainda hoje não se distingue claramente como se produziu a passagem das formas de trabalho concreto para as da arte. Mas deve-se a essa afinidade do jogo e da arte que as diversas formas de arte desalojem pouco a pouco da vida adulta as formas evoluídas de atividade lúdica.

Os comportamentos e hábitos ensinados às crianças guardam continuidade com os que se lhes serão requeridos quando adultas, e as fronteiras entre trabalho e brincadeiras não são de marcadas de maneira tão drástica quanto na sociedade moderna. Mudanças ocorridas nos hábitos dos jogos e das brincadeiras, e nas formas de diversão nas sociedades medievais também foram observadas para a descoberta da infância.

O historiador Ariès (1978) utilizou como parâmetro para imaginar como era a vida de uma criança no século XVII a infância de Luís XIII. Analisando a vida de Luís XIII, a partir do diário de seu médico Héroard, Áries observa que parece que no início do século XVIII não existia uma separação tão rigorosa como hoje entre as brincadeiras e os jogos reservados às crianças e as brincadeiras e jogos dos adultos. Os mesmos jogos eram comuns a ambos. Ao mesmo tempo em que essa indiferenciação confirma a indiferenciação da infância da Idade Média, reafirma o caráter histórico da forma como os jogos são encarados hoje, isto é, rigidamente diferenciados de atividades dos adultos.

As principais brincadeiras, realizadas pelo do herdeiro do trono francês eram quando pequenino, brincava de cavalo de pau, catavento e pião; com um ano e cinco meses, tocava violino e cantava ao mesmo tempo, jogava malha; com um ano e dez meses, tocava o seu pequeno tambor e era ensinado a falar pronunciando as sílabas separadamente. Aos dois anos, dançava ao som de violino todos os tipos de dança e muitas vezes apanhava para comer; com dois anos e sete meses, ganhou uma carruagem cheia de bonecas e brincava com elas; com dois anos e nove meses, já conhecia os rudimentos da religião, brincava de cortar papel com a tesoura e a música e danças continuavam tendo um lugar importante na sua vida. Com três anos e cinco meses, gostava de um livro com figuras da Bíblia e identificava as letras e aos quatro anos já escrevia. Por volta dos seis anos, ele praticava arco, jogava cartas, xadrez e participava de jogos de adultos (como, por exemplo, o jogo de raquetes), de brincar de esconde-esconde e de mímica (adivinhar as histórias e profissões representadas nas mímicas); ainda nesta idade unia-se aos adultos nas festas tradicionais do Natal, de Reis, de São João (ARIÈS, 1978).

Após os setes anos, era levado a abandonar os trajes de infância e sua educação é entregue aos cuidados de homens, tentando a obrigá-lo a deixar os brinquedos da primeira infância, principalmente as brincadeiras de boneca, argumentando que agora era um menino grande, não mais criança.

A especialização dos brinquedos e brincadeiras infantis no final do século XVII, já estava consumada. Contudo, ela atingia apenas a primeira infância, uma vez que depois dos três ou quatro anos a diferença se atenuava ou praticamente desaparecia, pois a partir dessa idade a criança jogava os mesmos jogos e participava das mesmas brincadeiras dos adultos, quer entre crianças, quer entre os adultos.

Neste contexto, todavia, pode-se destacar que a definição dos brinquedos, da brincadeira, eles não correspondiam apenas às etapas biológicas, mas sim às funções sociais. De tal maneira que a educação pré-escolar tem sido a ser considerada a primeira etapa da educação básica, na medida em que se articula cada vez mais com o sistema nacional de educação, nomeadamente com o ensino básico.

Se for considerado importante que as crianças de cinco, quatro e três anos freqüentem a educação de infância é porque, nela e através dela, se desenvolvem competências e destrezas, se aprendem normas e valores, se promovem atitudes úteis para o futuro aluno do ensino básico, secundário e superior e úteis para o futuro cidadão (Formosinho, 1996, p.11).

Para Granje, o brinquedo conota a criança (apud Kishimoto 1994). O brinquedo tem sempre como referência a criança, sendo que a história do brinquedo só pode ser feita em estreita ligação com a história da criança. As brincadeiras e seus derivados, já há muito tempo tem sido parte dos programas de educação para a primeira infância. Na Alemanha, na primeira metade do século XIX, Frederick Froebel desenvolveu um método no qual ele abstraiu e sistematizou o que ele identificou como os elementos essenciais da brincadeira para garantir que eles fossem oferecidos a todas as crianças. Num contexto diferente do contexto cultural de Froebel, a italiana Maria Montessori desenvolveu um método que visava estimular as crianças a adquirirem um maior entendimento da propriedade dos objetos e habilidades específicas de observação e ordenação dos brinquedos.

Ambos educadores abstraíram os elementos que consideravam produtivos nas atividades informais das crianças e eliminaram muitas das qualidades da brincadeira de seus métodos pedagógicos. Através disso, o avanço de pesquisas acerca da imagem da criança em diferentes culturas mostra como os historiadores estão ampliando seu objeto de estudo atingindo a criança, seus brinquedos. Porém, se em tempos passados, os historiadores não se detinham nas descrições de brincadeiras infantis, hoje a situação se alterou com a multiplicação de pesquisadores interessados no tema.

Os estudos atuais sobre a relação entre jogo e brinquedo e processo infantil são examinados à luz das teoria de Piaget, Vygotsky e Elkonin. Estes apontam para a compreensão do uso da linguagem durante a brincadeira, caracterizando a função expressiva do brincar

Elkonin (1998) apresenta um amplo estudo sobre o jogo, na perspectiva sócio-interacionista, dando continuidade à obra iniciada por Vygotsky. Para Elkonin, os termos jogo e atividade lúdica não devem ser empregados como sinônimos do mesmo tipo de atividade, sendo o jogo protagonizado, ou jogo de papéis, visto como forma desenvolvida de atividade lúdica. Jogo, para este autor, não é qualquer tipo de interação, mas sim uma atividade que tem como traço fundamental os papéis sociais e as ações destes derivadas, em estreita ligação funcional com as motivações e o aspecto propriamente técnico-operativo da atividade.

Elkonin (1998) descreve sobre a história do jogo protagonizado, no qual os etnógrafos e exploradores que se ocuparam de povos num determinado nível de desenvolvimento indicam que as crianças brincam pouco, sempre do mesmo jeito (uma de suas brincadeiras consistiam em arremessar paus como se fossem lança e em atirar com arco), dos afazeres dos adultos (os adultos



tinham de lhes ensinar seu manejo com eficácia, indicando-lhes o que devem fazer, controlando e estimulando) que seus jogos não são protagonizados. A ausência de jogos protagonizados deve-se à situação especial das crianças na sociedade.

O jogo protagonizado nasce no decorrer do desenvolvimento histórico da sociedade como resultado da mudança de lugar da criança no sistema de relações sociais. Por conseguinte, possui origem e natureza sociais: o seu nascimento está relacionado com condições sociais e não com a ação de energia instintiva inata, interna, de nenhuma espécie. Jogo protagonizado é característico das crianças do final da idade pré-escolar, jogo social, cooperativo, de reconstrução dos papéis e das interações dos adultos.

Jogo protagonizado influi na esfera da atividade humana, do trabalho e das relações entre as pessoas e, por conseguinte, o conteúdo fundamental do papel assumido pela criança é, precisamente, a reconstituição desse aspecto da realidade. A presença destas duas esferas no jogo confere um significado especial a esta atividade: o jogo se desenrola no seio da atividade humana e não à sua margem, como algo só da criança. Tanto na esfera dos objetos quanto na esfera da atividade devem necessariamente estar presentes, uma realidade muito mais real que fantasiosa, plena de significações na qual a criança interage, tentando desvendá-las.

Com o jogo protagonizado, começa também um novo período no desenvolvimento da criança, o qual pode ser justificadamente denominado de período dos jogos protagonizados e recebem na moderna psicologia infantil e na pedagogia o nome de período de desenvolvimento pré-escolar.

O jogo protagonizado possui uma técnica lúdica original: a substituição de um objeto por outro e com ações por eles condicionadas. Essa original técnica lúdica não podia ser fruto da inventiva criadora independente das crianças. É provável que elas se inspiraram na arte dramática dos adultos ou ainda tenham se inspirado.

Sully (1901) ressalta duas peculiaridades básicas da forma de jogo que se denomina protagonizado e que é o principal na idade pré-escolar. Trata-se, primeiro, da transformação da criança por si mesma e dos objetos circundantes pela criança, além da transição para um mundo imaginário; segundo, uma absorção profunda na criação dessa ficção e da vida da criança nela. O autor relata que o que atraía a criança é o jogo, ou a reação à estreiteza do mundo em que ela vive, ou a reprodução da atividade dos adultos.

Vygotsky critica a opinião segundo a qual a imaginação das crianças alcança um alto grau de desenvolvimento. *“Tem-se até hoje a opinião de que a imaginação da criança é a mais rica do que a do adulto. A infância é considerada a idade de maior desenvolvimento da fantasia e, segundo essa opinião, à medida que a criança vai crescendo, diminuem a sua imaginação e a força de sua fantasia...”* (1988, p. 124).

Diferentes psicólogos, pedagogos e professores, no decorrer da história da educação, têm acreditado na importância do jogo para o desenvolvimento global e harmônico das crianças. As justificativas para atribuir um papel preponderante aos jogos na Educação Infantil situam-se em diferentes níveis. Bassedas (1999) propõe dois lados: o primeiro, que o jogo é necessário para que as crianças aproximem-se do mundo dos adultos e para que testem comportamentos, papéis e habilidades que reconhecem nos seus pais, nas suas mães, nos educadores e nas educadoras, o que lhes permitirá incorporá-los. Outra postura, ao contrário da primeira, afirma que a criança recorre ao jogo precisamente para escapar desse mundo pouco gratificante e estreito dos adultos. Destaca-se a tendência da criança através do jogo, de distanciar-se desse mundo restrito e recorrer à ilusão e à fantasia para criar momentaneamente outros mundos mais gratificantes.

Estas duas posturas são interessantes e parecem complementares uma da outra, pois no jogo das crianças de dois a seis anos, pode-se dizer que há tanto uma aproximação ao mundo e ao papel das pessoas adultas como um afastamento momentâneo da realidade imediata, que por sua vez, pode parecer rotineira, se comparada com a fantasia e a ilusão que pode ser desenvolvida no jogo.

No jogo, a criança demonstra a consciência que possui das regras e dos valores de convívio com a realidade. Portanto, mais do que se conformar e reproduzir essas regras, a criança reelabora-as criativamente, combinando-as entre si e identificando com elas novas possibilidades de interpretação e representação do real. O jogo contém em si mesmo uma série de condutas que representam diversas tendências evolutivas e, por isso, é uma fonte muito importante de desenvolvimento. Para o desenvolvimento da personalidade, a criança assume o papel de um adulto, reproduz suas atividades e suas relações e, dessa forma, assimila as regras e os motivos que determinam a conduta do adulto no âmbito social e de trabalho (VYGOTSKY, 1988).

Para Claparède, o jogo pode permitir à criança desempenhar o papel de protagonista que a realidade lhe nega (sendo isso considerado ao conteúdo do jogo do que ao próprio jogo). Conforme a autora *“...no jogo é que a criança pode auto-afirmar-se, ou encontrar compensação*

*ect., e não, ao contrário, porque nele a criança possa encontrar compensação ou auto-afirmação” (1940, p. 145).*

O jogo protagonizado, considerado uma reprodução das relações e da atividade dos adultos pode explicar como a criança se imagina aos olhos dos adultos, o sentido de sua atividade e de suas relações com outras pessoas, inclusive as crianças. Por este lado, o jogo pode servir para esclarecer as relações objetivas em que a criança realmente vive. Ao mesmo tempo, não serve para elucidar as qualidades pessoais ou as sensações inerentes à própria criança.

No jogo protagonizado as crianças entram em relações reais com as outras que jogam com ela, com os seus companheiros de jogo. É nessas relações reais que manifesta as qualidades e algumas emoções que lhes são próprias. A base do jogo protagonizado está nas relações que as pessoas estabelecem mediante as suas ações com os objetos; não é a relação ser humano-objeto, que comporta a relação ser humano- ser humano. Com isso, é possível afirmar que a base do jogo é social devido precisamente a que também o são sua natureza e sua origem, pois o jogo nasce das condições de vida da criança em sociedade.

Através do jogo e da brincadeira, a criança descobre suas emoções e a existência do outro, suas possibilidades e suas limitações dentro de um contexto ameno, que são a essência mesma destas atividades. A cooperação, a imaginação, a criatividade, a auto-estima são sentimentos que podem ser aprimorados com as brincadeiras, os brinquedos e os jogos.

Segundo Melhado (2001), os jogos são processos lúdicos, pelos quais a criança assimila o real, podendo valer-se ou não do brinquedo para sua realização. No jogo, para Mukhina (1995) as crianças mantêm relações de dois tipos: lúdicas e reais. As relações lúdicas são consideradas aquelas que se estabelecem de acordo com o argumento e o papel que cada uma desempenha. As relações reais são as que ocorrem entre as crianças em seu papel de companheiras realizando algo em comum, permitindo chegar a um acordo sobre o argumento e a distribuição dos papéis. Tais relações podem ser dadas pelo próprio jogo, quando as crianças combinam a brincadeira, mas também podem transcorrer de forma latente durante o jogo.

O jogo requer, portanto, da criança iniciativa e coordenação de seus atos com os dos demais, para estabelecer e manter a comunicação. Ele exerce grande influência sobre a linguagem, exigindo dos participantes um determinado desenvolvimento da linguagem comunicativa. Segundo Mukhina “... *a criança que não consegue expressar claramente seu desejo durante o jogo, que não é capaz de compreender as instruções verbais dos demais, é uma*

*carga para os companheiros. A necessidade de comunicar-se com os companheiros estimula a linguagem coerente”* (1995, p.165).

O jogo possui uma qualidade social de alegre troca entre adulto e criança na qual, através de adaptações recíprocas, descobrem-se significados compartilhados. Essa qualidade social se mantém também mais adiante, seja quando a criança amplia a sua atenção ao mundo dos objetos, seja quando começa a compartilhar a sua própria brincadeira com outras crianças (Bondioli, 1998, p.221).

De acordo com Bondioli (1998), o jogo é entendido como uma atividade automotivada, na qual as ações são tão mais produtivas quanto mais desvinculadas de tarefas específicas, que acontece em um tempo definido pela liberdade das pressões funcionais. Aspectos cognitivos e afetivos estão estritamente entrelaçados no jogo, ajudando a desenvolver a personalidade da criança porque através dele ela compreende o comportamento e as relações dos adultos que lhe servem de modelo de conduta.

Portanto, isso significa que o exercício da inteligência, a descoberta das propriedades dos objetos, a aquisição das primeiras e embrionárias formas lógicas são favorecidas se o jogo acontece em um clima de tranquilidade, que permite à criança tentar e experimentar através de várias tentativas e de erros. Significa que, também no jogo, não é somente a criança que tenta acomodar-se à realidade, colhendo as propriedades e as características, mas que, ao fazer isso, reveste o mundo externo como algo de si, a fim de torná-lo mais familiar e compreensível: a conquista da realidade e a descoberta de si são processos que se entrelaçam.

Segundo o autor em referência, o jogo também é um fenômeno que, mesmo manifestado precocemente e naturalmente, sofre notáveis variações - de duração, intensidade, articulação - não somente em função da idade, mas também do contexto no qual se realiza. *“A presença ou não do adulto, a presença ou não de outras crianças, a idade do grupo de jogo, o grau de familiaridade com os colegas, a presença ou não de materiais e de suas características são todos aspectos que influenciam e orientam a qualidade do jogo”* (1998 p.222).

Porém, falar em qualidade do jogo não significa exclusivamente enunciar as características peculiares que o diferenciam de outros espaços da experiência infantil, mas significa descrever potencialidades educacionais que ele pode oferecer nos diferentes contextos onde se realiza, como, por exemplo, na casa, no quintal, nas instituições para a infância, entre outros.

O jogo é visto também como uma função significativa, pois todo jogo significa alguma coisa, que transcende as necessidades imediatas e confere um sentido à ação. E o jogo infantil, segundo Grünspun, *“é a expressão da vida da criança, desde a construção de seus próprios modos de conduta até a imitação e aprendizagem da vida dos adultos”* (1997, p.296).

O jogo proporciona, segundo Grünspun (1997) uma oportunidade para organização e síntese por parte do organismo em crescimento. Erikson, distingue três fases na evolução dos jogos na criança. A primeira se refere ao desenvolvimento que se dá na auto-esfera, a criança explora sensações extra ou interceptivas relacionadas com seu corpo ou com as pessoas que se ocupam de seus cuidados corporais. A segunda, quando brinca na microesfera, ou seja, a criança faz uso de pequenos jogos representativos, os quais exterioriza suas fantasias; e a última, quando a criança alcança a macroesfera, onde a criança utiliza suas relações com os adultos e aborda o processo de socialização.

Para o autor acima, a criança mostra interesse/importância no jogo quando neles ela encontra material para incorporar à sua realidade social. Assim, pode-se perceber então, que a atividade lúdica possibilita trabalhar os comportamentos agressivos da criança, ajudando-a no seu desenvolvimento.

Para Kishimoto (1994), todo jogo tem sua existência em um tempo e espaço: há não só a questão da localização histórica e geográfica, mas também uma sequência na própria brincadeira. Para este autor, o jogo, por ser uma ação voluntária da criança, um fim em si mesmo, não pode criar nada, não visa um resultado final. O que importa é o processo em si de brincar que a criança se impõe.

Trifu (apud Kishimoto, 1994) classifica as definições do jogo em duas categorias metodológicas: as que descrevem manifestações externas com uma análise superficial dos processos internos do ser humano e as que utilizam as manifestações externas para explicitar os processos internos. Porém, para ele *“o jogo é uma realidade móvel que se metamorfoseia conforme a realidade e a perspectiva do observador e do jogador. Por tais razões é necessário considerar o contexto no qual está presente o fenômeno, atitude daquele que joga e o significado atribuído ao jogo pelo observador”* (p.11).

Para Mukhina (1995) nas diversas etapas da infância pré-escolar, as atividades do tipo produtivo, tais como, por exemplo, o desenho, estão muito relacionadas com o jogo, pois quando

a criança a desenha com frequência está interpretando um argumento. Portanto, o interesse pelo desenho tem um caráter lúdico, pois o desenho faz parte de uma idéia lúdica.

As crianças começam a estudar brincando, assimilando, sem se dar conta, os conhecimentos elementares. Porém, é preciso conhecer o conteúdo, sendo que o conteúdo do jogo é o que a criança destaca como aspecto principal nas atividades do adulto. Elkonin (1998) descreve que o conteúdo é o aspecto característico central, reconstituído pela criança a partir da atividade dos adultos e das relações que estabelecem em sua vida social e de trabalho.

Portanto, a importância do jogo é assim assumida por correntes e perspectivas teóricas diversas. Machado (1995, p.27) afirma que *“brincar é raciocinar, descobrir, persistir e perseverar, aprender o perder percebendo que haverá novas oportunidades para ganhar; esforçar-se, ter paciência, não desistindo facilmente. É viver criativamente no mundo. ter prazer em brincar é ter prazer em viver”*.

A brincadeira leva a criança a realizar comportamentos que não são habituais de sua idade, a partir do momento em que a imaginação (da criança em idade pré-escolar é fundamentalmente involuntária ampliando o conhecimento que a criança tem do mundo circundante e lhe permite extrapolar os limites de sua pobre experiência pessoal, mas isso requer o controle constante do adulto) e a representação de sua vida cotidiana são reproduzidas no brincar. Através da brincadeira, a criança é capaz de conhecer o mundo adulto sem adentrar realmente nele.

O brinquedo permite a criança vivenciar na presença de reprodução, pois tudo que existe no seu cotidiano como, por exemplo, os objetos reais podem ser manipulados. E, a partir do momento que a criança brinca, ela expressa nos brinquedos seus valores, seu modo de pensar e agir, acrescidos pelo imaginário. Portanto, *“no mundo lúdico a criança encontra equilíbrio entre o real e o imaginário, alimenta na sua vida interior, descobre o mundo e torna-se operativa”* (SANTOS, 1997, p.83). Sua essência está na função social da imagem que ele representa. É o espelho da sociedade e o objeto de mediação entre o mundo infantil e o mundo do adulto, tornando-se o brinquedo a representação que o adulto faz do mundo infantil, pois é o adulto quem constrói o brinquedo.

A criança que não brinca, segundo Lebovici (1985), não se aventura em algo novo, desconhecido. Arfowilloex, (apud Oliveira, 1995), descreve que a criança que brinca, experimenta e constrói através do brinquedo, aprende a dominar a angústia, a fazer

representações do mundo exterior e, mais tarde, agir sobre ele. Nesse sentido percebe-se que o brinquedo é um trabalho de construção e criação.

As crianças têm nos brinquedos ou ainda nas brincadeiras pontos que caracterizam a criança. Segundo Oliveira “... *quando escolhe um ou outro objeto, cada criança reflete o seu temperamento, seu mundo; o valor afetivo que a criança dá ao material com o qual trabalha é essencial, assim como é forte o vínculo com a sua produção*” (1995, p.87).

O brinquedo estimula a representação da realidade na qual a criança vive seus conflitos evolutivos. Neste interjogo de forças, segundo Lebovici (1985), o brinquedo possui uma importante função. Sendo assim, torna-se essencial a compreensão da real importância deste na vida da criança, uma vez que o modo como a criança brinca é um reflexo de como ela está e de como ela é.

O brinquedo é considerado também como um tipo de relação com o adulto, isto é, a criança tem possibilidade de se opor à sua dependência e adquirir certa autonomia ou de simbolizar ou expressar uma reação positiva ao relacionar-se com o adulto. O brinquedo pode ser utilizado como mediador da criança com situações da vida real, na medida em que permite à criança testar situações da vida real ao seu nível, sem riscos e sob seu controle.

Então, o brinquedo é visto por Campagne (apud Oliveira) “*como um objeto que desperta a curiosidade, exercita a inteligência, permite a criança à invenção e a imaginação e possibilita que a criança descubra, pouco a pouco, suas próprias capacidades de apreensão, o brinquedo propõe à criança um mundo do tamanho de sua compreensão*” (1995, p.81).

O brinquedo pode ser percebido em três perspectivas: a sócio-histórica de Vygotsky, a perspectiva cognitiva de Piaget e a perspectiva psicanalítica. Na piagetina, o brinquedo possui regras que passam da representação do objeto para a construção deste pela criança, adaptado às regras que são impostas pelo grupo no que estabelece as relações sociais. A perspectiva psicanalítica detém-se na criação da técnica do brinquedo na análise infantil. Melanie Klein compreende que é na brincadeira que a criança pode representar simbolicamente o seu mundo interno. Já a perspectiva sócio-histórica de Vygotsky, aprofunda o tema sobre o psiquismo, mais especificamente, o desenvolvimento da consciência, que depende fundamentalmente da atividade social coletiva, da cultura e atividade individual com relação aos signos para a formação da consciência individual.

Segundo Vygotsky (1988), as crianças formam estruturas mentais pelo uso de instrumentos e sinais. A brincadeira é vista, nos primeiros anos de vida, como uma atividade predominante e constitui fonte de desenvolvimento ao criar zonas de desenvolvimento proximal (de forma mais visível para as crianças, o que significa dizer que nesse tipo de atividade os envolvidos têm possibilidade de lidar com conhecimentos e de manifestarem competências que vão além de seu nível de desenvolvimento real), pois ao prover uma situação imaginativa por meio da atividade livre, a criança desenvolve a iniciativa, expressando seus desejos e internalizando as regras sociais.

Para este autor, existem dois níveis de desenvolvimento: o real, quando a criança é capaz de realizar sozinha suas atividades a partir do conhecimento que já possui, e o potencial que se refere àquilo que a criança consegue realizar a partir da ajuda do adulto ou de seus companheiros mais experientes. Estes se complementam com a zona de desenvolvimento proximal, que permite perceber que desenvolvimento e aprendizagem humana pressupõem uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram uma visão intelectual daqueles que as cercam. O aprendizado é portanto um aspecto necessário e universal dos processos de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas.

Vygotsky (1988) chamou, portanto, de zona de desenvolvimento proximal todo o comportamento que a criança apresenta no jogo, mas que raramente transparece na vida diária. Esses comportamentos são a base da construção dos valores éticos, morais, afetivos e cognitivos que, posteriormente, irão compor suas possibilidades de subjetivação diante do contexto social e cultural em que vive.

Este autor acreditava que o desenvolvimento segue a aprendizagem. As crianças são capazes de realizar tarefas um tanto além do seu nível de desenvolvimento se lhes for oferecido um estímulo por indivíduos mais maduros. As brincadeiras são aprendidas pelas crianças no contexto social, tendo a orientação de profissionais ou crianças mais velhas.

Na infância, a imaginação, a fantasia e o brincar não são atividades que podem se caracterizar apenas pelo prazer que proporcionam. Segundo ele, a criança muito pequena tem suas limitações pelas restrições situacionais e seu comportamento é em grande parte determinado pelas condições existentes no ambiente imediato. Por outro lado, ela tem uma tendência à satisfação imediata de seus desejos.



Para a criança, o brinquedo é uma necessidade, cria um espaço para a realização de desejos, que não podem ser satisfeitos imediatamente na situação real, através de situações imaginárias de faz-de-conta, que emancipam a criança das pressões situacionais. Portanto, é na fase pré-escolar que ela começa a sentir as primeiras restrições aos seus desejos e tendências que não podem ser realizados de imediato (VYGOTSKY, 1988).

Entretanto, a imaginação é considerada um processo novo que surge como mediador do conflito entre o desejo e a frustração por não poder concretizá-lo, e o jogo lúdico é a imaginação da criança agindo no mundo.

Para esse autor, não existe brinquedo sem regras, pois qualquer situação imaginária requer uma compreensão de regras em diferentes níveis. Se, por um lado, quando brinca a criança segue o caminho do prazer, por outro, ela também se vê obrigada a subordinar-se às regras, renunciando ao seu desejo. Na vida real isso passa despercebido pela criança, por não ser capaz de explicitar de forma consciente, tornando-se para ela uma regra de comportamento no jogo do faz-de-conta.

Nesse jogo as crianças expressam, umas para as outras, os diversos significados que têm das coisas e do outro, proporcionando uma diferenciação entre esses significados, e constituindo, assim, delimitações entre as representações mentais para as quais esses significados apontam. O brinquedo, portanto, cria uma forma de desejos e ensina a criança a desejar, relacionando-se de forma fictícia com a realidade. Andrade (apud Oliveira) lembra que

A brincadeira infantil constitui uma situação social onde ao mesmo tempo em que há representações e explorações de outras situações sociais, há formas de relacionamento interpessoal das crianças ou eventualmente entre elas e um adulto na situação, formas estas que também se sujeitam a modelos, a regulações, e onde também está presente a afetividade, desejos, satisfações, frustrações, alegria, dor (1995, p.90).

Para propiciar um bom começo a atividade lúdica e criativa das crianças, o brincar livre e espontâneo é mais importante do que o brinquedo. O brincar extrapola o brinquedo.

O brincar para Machado (1995), é a primeira forma de manifestação da cultura. E a cultura se manifesta no jeito como as crianças convivem, se expressam, ou brincam, bem como nas formas como os adultos vivem, trabalham, fazem arte. Mesmo sem estar brincando com o que denominamos “brinquedo”, a criança brinca com a cultura. No brincar a criança lida com sua realidade interior e sua tradução livre da realidade exterior.

A criança que brinca livremente e no seu nível, à sua maneira, está não só explorando o mundo ao seu redor, mas também comunicando sentimentos, idéias, fantasias, intercambiando o real e o imaginário num terceiro espaço, o espaço do brincar e das futuras atividades culturais.

É preciso ressaltar ainda que o brincar é um aprendizado de vida que leva as crianças para esse ou aquele caminho, para poder traçar seu próprio percurso ou para tê-lo traçado pelos pais, professores, tios, entre outros. Porém, tudo vai depender de como as crianças brincam e de qual será a atitude dos adultos ao redor em relação a essas brincadeiras. *“Brincar é também um grande canal para o aprendizado, senão o único canal para verdadeiros processos cognitivos”* (Machado, 1995, p.37).

Abram (2000) descreve que o brincar apresenta-se como uma grande aquisição da teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott, pois ao brincar, o bebê, a criança, o adulto estabelecem uma ponte entre o mundo interno e o mundo externo com e através do espaço transicional. *“Para Winnicott, a qualidade do brincar na terceira área – os fenômenos transicionais – é sinônimo de viver criativamente e, constitui a matriz da experiência do self que se estende por toda a vida”* (ABRAM, 2000, p.55).

Winnicott (1997) valoriza a qualidade do brincar como um indicador do desenvolvimento e do sentimento de ser bebê. O brincar é visto como uma parte importantíssimo na vida da criança, pois ela adquire experiências ao brincar, sejam elas externas ou internas.

Santos (1999) cita que na obra de Winnicott importantes experiências são relatadas sobre a origem do brincar, havendo uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado e destes para as experiências culturais. E, na medida em que a criança vai avançando em suas etapas evolutivas, as brincadeiras vão se tornando mais consistentes, de forma que o adulto possa mais facilmente identificar as situações de jogo. *“No brincar, o conhecimento de si mesma, os papéis sociais evidenciados, o envolvimento com os parceiros e a característica prazerosa contida no jogo remetem a criança a um tipo de conhecimento da realidade, permitindo sua apropriação e representação, contribuindo para a construção do conhecimento e da personalidade”* (santos, 1999, p.14).

No entanto, muitas vezes o mundo infantil dos brinquedos, conforme salienta Lebovici (1985), é invadido por atividades denominadas lúdicas (brinquedos e jogos). Percebe-se que, na realidade, estas atividades possuem objetivos pedagógicos que são visivelmente colocados pelos adultos. Ainda que a criança seja induzida a brincar com esses jogos educativos, chega um

determinado momento em que ela mesma interrompe dizendo “bem, agora vamos brincar, tá?”. Com isso pode-se notar que esta criança não estava brincando no verdadeiro sentido do verbo pois percebe um objetivo, uma intenção pedagógica, que não permitia que ela brincasse, porque, para ela, brinquedo é caracterizado exatamente por ser destituído de qualquer objetivo externo e determinado.

Observa-se assim, o papel essencial do educador diante da relação criança/brinquedo, que é de responsabilizar a criança diante deste jogo (brinquedo) que lhe pertence. Cabe ao educador, portanto, ensinar-lhe que elas têm direitos, porém, também precisa mostrar que estes direitos geram riscos. Esta é uma atividade educativa, que tem a finalidade de não só sensibilizar a criança para as exigências que toda posse impõe, mas também de tirar do brinquedo seu caráter sagrado (Campagne, citado por Oliveira, 1995).

A brincadeira educativa pode assumir muitas formas e, segundo Saracho e Spodek (1998), o papel chave dos professores é modificar a brincadeira natural espontânea das crianças para que ela adquira um valor pedagógico, ao mesmo tempo em que mantém suas qualidades lúdicas.

Oliveira (1995) cita que as crianças convidam com frequência o educador a se juntar a elas: transformando em jogador ele pode se divertir também, ajudar as crianças a compreender as regras, mudar o rumo do jogo, alimentar a imaginação. O brinquedo não deixa o adulto de lado, com uma discreta piscada de olhos ele o convida a se sentar no chão e se divertir na companhia de crianças.

O autor em referência enfatiza ainda que os professores devem deixar a criança brincar sem abandoná-la, nem conduzi-la, tornando-se necessário então que a formação dos professores seja reavaliada, pois esta formação fornecerá meios para empregar a atividade lúdica em toda sua atuação pedagógica.

Quando melhor os professores compreenderam a brincadeira e o potencial dos diferentes tipos de materiais e equipamentos, melhor será a orientação que eles podem oferecer. Mais importante do que isso, entretanto, é o princípio de que as crianças devem sempre manter o controle sobre suas brincadeiras (Saracho e Spodek, 1998, p.228)

Todos os meios de educação deveriam ter claramente esclarecidos a forma como as crianças brincam e sobre os objetos que poderiam contribuir na atividade lúdica. OLIVEIRA (1995) acredita que não se pode conhecer nem educar uma criança sem saber nem por que, nem

como ela brinca. Não é suficiente dar às crianças o direito do jogo, é preciso despertar e manter nelas o desejo do jogo. E para isso não se faz necessário que se aumente o tempo de recreios, nem tampouco pouco que se adquiram mais brinquedos, mas, sim, que se formem educadores animadores.

A criança em idade pré-escola pode utilizar brincadeiras para assumir papéis de personagens que lhe são familiares e que representam parte da realidade que estas crianças conhecem. Ao fazer isso, pode afastar-se de significados já estabelecidos e criar novas significações, novas formas de desempenhar os papéis que conhece ou novos papéis (Oliveira, 1997). Inicialmente, a criança usa a motricidade por meio das brincadeiras para relacionar-se com as pessoas e com o ambiente, seja doméstico ou escolar.

Portanto, para o profissional de educação infantil, a necessidade de oferecer condições que viabilizem as interações lúdicas tem como suporte o reconhecimento do especial valor destas interações para as crianças, em termos de elaboração de conhecimentos advindos do exercício ativo de papéis sociais, conhecimentos estes imprescindíveis ao desenvolvimento da consciência de si e do outro.

Contudo, podemos descrever que os jogos, os brinquedos e as atividades produtivas têm importância básica nos preparativos da criança para a escola, pois precisamente nessas atividades surgem pela primeira vez as motivações sociais da conduta e a hierarquia das motivações; formam-se e aperfeiçoam-se as operações de percepção e de inteligência, desenvolvem-se hábitos sociais de convivência.

## **2.2. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E A ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS À ESCOLARIZAÇÃO**

Entrar na pré-escola é um momento de muita importância para a criança, em especial para aquela que não frequentou a creche, pois experimentará, pela primeira vez, relações num ambiente diverso daquele onde convivia, representando uma virada na vida da criança que muda toda sua forma de existência, situa-a numa nova posição social. Ao mesmo tempo em que as crianças são atraídas pelo novo, pela curiosidade de conhecer o novo ambiente e os objetos que ali se encontram, elas têm medo do desconhecido, das diferenças, afinal, até aquele exato momento suas experiências estavam todas voltadas para a família.

Balaban (1988, p.15) descreve:

... as crianças vão para a escola com uma série de expectativas acerca dos adultos, construído a partir de suas próprias experiências (...) Devido a fato das crianças entrarem para a escola com essas noções pré-concebidas sobre os adultos é que elas vão se sentir pouco à vontade quando começarem a perceber que o professor não age como sua mãe, seu pai ou sua avó, (...) As crianças precisam de tempo para colocar esse novo tipo de adulto dentro do seu esquema intelectual de trabalho.

Os primeiros períodos de adaptação da criança, da família e até mesmo do educador ocorrem quando a criança entra na instituição educativa, ou quando muda de turma ou até mesmo quando muda de instituição. De acordo com Bertolini (apud Rossetti-Ferreira), essa adaptação “... não é algo estático. Adaptação é um processo de mudanças, desenvolvimento. É estar atento às novas necessidades”. (1998, p.51)

Esta preocupação sobre o período de adaptação está presente, em diversas autoras contemporâneas da Educação Infantil: Rossetti-Ferreira (1998), Spodek (1998), Nunes (1995). Oliveira (1995) permite destacar alguns aspectos que podem ser considerados mais relevantes no processo de adaptação da criança na escola, como, por exemplo, o espaço e a organização do ambiente escolar, as atividades, a família e o papel do professor.

Segundo Nunes (1995), quando a criança vai ingressar na pré-escola ela se depara com um espaço que possui uma composição própria, com objetos específicos e uma estrutura social diversa da familiar. Através disso, a criança assumirá novas condutas, que corresponderá às exigências desse novo contexto. E o que se entende por adaptação?. Fecarotta (1998) apresenta uma importante contribuição a respeito desse conceito:

*“Podemos dizer que a adaptação é um processo de elaboração pela criança da progressiva separação de seus pais e, conseqüentemente, da aquisição de níveis crescentes de autonomia. Nesse sentido é um processo que se inicia desde o nascimento. Porém alguns momentos são particularmente significativos como, por exemplo, o ingresso na escola, que representa o segundo grande universo de aprendizagem na vida da criança.*

*Para ela, a adaptação à escola envolve um grande desafio: a separação do conhecido, do familiar, do que lhe dá segurança, e o início do vínculo com o novo, o desconhecido. A escola, portanto configura-se como uma nova experiência com adultos com os quais a criança nunca se relaciona antes. Trata-se de um ambiente agradável, porém amedrontador (justamente por ser novo), onde há jogos e materiais atraentes e, o que é mais importante, com a presença de outras*

*crianças com a mesma faixa de idade com quem ela terá de interagir num processo de relações entre iguais”*. (p.180).

A adaptação está relacionada às modificações necessárias para responder às circunstâncias, sugerindo vinculação do indivíduo com o meio e, como tal, implica em processo dinâmico referente a tais condições.

No processo de adaptação, segundo Rossetti-Ferreira (1998), as crianças vivenciam momentos de separação, inseguranças e outros sentimentos, podendo desencadear com esta situação diversos tipos de comportamentos. Através desses comportamentos, ela expressará suas dificuldades e buscará auxílio e cuidado no adulto. Os adultos da pré-escola precisam desenvolver conhecimentos relativos ao processo de separação-indivuação de forma competente, a fim de se tornarem aptos a enfrentar com sucesso e menor desgaste os problemas decorrentes do período de adaptação.

Este termo separação-indivuação é utilizado segundo a idéia psicanalista de Margareth Malher (1982). Conforme essa perspectiva, o ingresso na escola representa mais um marco no desenvolvimento do processo separação-indivuação da criança no seu crescimento. Para a mesma autora *“a separação-indivuação normal possibilita à criança realização em separado na presença da mãe, enquanto é sucessivamente confrontada com temores e ameaças mínimos de perda objetal”* (p.89). Esse processo acontece em situação de aptidão desenvolvimental, bem como de prazer, para o funcionamento independente. A predominância do prazer no funcionamento com independência, em atmosfera de disponibilidade libidinal materna, permite à criança dominar quantidade de ansiedade de separação que parece adquirir a cada novo passo em direção à atuação individual.

Em primeiro lugar, na fase simbiótica que precede a individuação-separação, parece não haver um claro reconhecimento dos limites entre o eu-corporal e a mãe. No final do primeiro ano ocorrem os primeiros ensaios para a separação-indivuação, tais como o comer pelas próprias mãos, dar de comer à mãe e, mais tarde, brincar de esconder. Após muitos passos intermediários, pelo final do terceiro ano, este processo culmina em diferenciação relativamente estável entre o self e não-self, self e objeto, dentro e fora, animado e inanimado.

Em segundo lugar, a separação-indivuação processa-se paralelamente à maturação e integração das funções autônomas do ego como mobilidade e linguagem. Os padrões individuais de funcionamento integrado emergem da interação circular entre padrões inatos da criança,

envolvendo as funções autônomas primárias em áreas como a sinalização de necessidades, e a percepção seletiva da mãe, com sua resposta a ditas necessidades.

Segundo Mahler (1982) o processo de separação-individuação se torna patológico na medida que é constituído pela incapacidade do bebê em utilizar o objeto simbiótico (que satisfaz as necessidades), o ego externo (da mãe) como um organizador externo para auxiliar seu ego rudimentar no processo de orientação e adaptação à realidade. Ou seja, a criança pode-se constituir de forma patológica, porque a mãe não permitiu que o bebê pudesse passar pelo processo de desenvolvimento de separação-individuação gradativamente. Assim, a criança passará por um processo precário no seu desenvolvimento (de memória, cognição e critério de realidade).

O caminho percorrido pela criança, desde que deixa de ser bebê até começar a se transformar em adulto, está relacionado tanto às condições biológicas quanto aquelas proporcionadas pela sociedade. Nesse percurso de desenvolvimento, a criança passa por diferentes momentos, nos quais sua forma de agir, pensar e sentir sucedem-se e traduzem suas relações com o mundo. A escola se converterá num espaço privilegiado onde se desenvolverá todo o processo de socialização, de formação e de preparação para o futuro enfrentamento da vida adulta e profissional.

Winnicott (1982, p.217) cita:

A escola (...) é um apoio, mas não uma alternativa para o lar da criança, pode fornecer oportunidades para uma profunda relação pessoal com outras pessoas que não os pais. Essas oportunidades apresentam-se na pessoa das professoras e das outras crianças e no estabelecimento de uma tolerante, mas sólida, estrutura em que as experiências podem ser realizadas.

Além disso, a escola tem a função e o comprometimento com o desenvolvimento integral da criança e sua entrada no mundo da cultura. Cabe, portanto, à escola esforçar-se por propiciar um ambiente estável e seguro, onde as crianças se sintam bem, porque nestas condições a atividade intelectual fica facilitada. De toda forma, cada vez mais o ambiente físico têm sido apontado como setor que requer especial atenção e planejamento, pois todo ambiente, sem exceção, é um espaço organizado segundo certa concepção educacional, que espera determinados resultados (OLIVEIRA, 2002).

Quando a criança vai ingressar na pré-escola, ela se depara com um **espaço escolar** que possui uma composição própria, com objetos específicos (e de modo que todo material necessário

esteja ao seu alcance) e uma estrutura social diversa da família. A partir das relações desencadeadas nesse espaço, a criança assumirá novas condutas, que corresponderá às exigências desse novo contexto, atribuindo significações, avaliando intenções e valores que pensam ser-lhe próprios. Daí a importância de organizar os múltiplos espaços de maneira que estimulem a exploração de interesses. As salas devem ser estruturadas de modo que facilitem a orientação das crianças sobre a rotina cotidiana, devendo estar organizada de modo que diversas atividades tenham o espaço, os materiais e os equipamentos necessários à disposição, para que possam acontecer simultaneamente sem interferirem uma com as outras. Existem algumas evidências de que a falta de espaço interfere nas interações sociais das crianças.

O espaço interno deve ser bem iluminado, bem ventilado e bem aquecido, quando necessário. A mobília e os equipamentos não devem ter arestas afiadas ou saliências que possam machucar as crianças. Portanto, os professores precisam verificar a organização física de suas salas para garantir que sejam seguras. Além disso, os professores e as crianças devem estabelecer e reforçar regras de segurança para o funcionamento da sala de aula. Pois na família, a criança mantém relações contínuas que lhe permitem internalizar padrões de comportamentos, regras de convívio e da dinâmica social da sua realidade.

Na escola, somam-se a estas inúmeras outras situações e inúmeras outras pessoas, tecendo-se, assim, uma nova rede de relações, às quais todos devem se adaptar, não só a criança. Aos poucos, a criança vai se dando conta de que a escola representa a ampliação de seus horizontes, ou seja, é o local de convivência com outras crianças, outros adultos, onde sua curiosidade é estimulada, possibilitando-lhe uma diversificação de experiências, além de ser um local de abertura para o conhecimento (NUNES, 1995).

Spodek (1998) descreve ainda que a maioria das salas de aula da educação infantil é bastante aberta. A sala permite o acesso fácil aos materiais, pelo uso de prateleiras abertas, embora os professores mantenham alguns objetos em áreas fechadas, fora do alcance das crianças. Algumas áreas da sala devem permitir uma sensação de aconchego e dar espaço para atividades que devem ocorrer a partir da algazarra do grupo. Outra área deve estimular a integração do professor e das crianças. Às vezes, a criança é estimulada a ficar sentada calmamente durante uma conversa, então, o espaço deve ser determinado por um tapete. Portanto, o espaço interno deve ser planejado de forma a permitir a flexibilidade dos programas educacionais.



A área externa, a área ao ar livre onde as crianças, brincam precisa ser tão cuidadosamente planejada quanto a área interna, pois as áreas externas tendem a estimular as atividades motoras amplas. Estas atividades são influenciadas pelo clima e pelo tempo. Devem ter, se possível, superfícies gramadas e pavimentadas. A pavimentação permite que as crianças usem triciclos ou outros brinquedos com rodas. Deve haver uma caixa de areia grande o suficiente para as crianças brincarem em grupo.

Frost e Klein (apud Spodek, 1998) sugerem que os pátios das crianças devem ser cuidadosamente planejados. O pátio deve ser dividido em zonas para enriquecer a variedade e a disposição dos equipamentos, levando em consideração fatores como: a necessidade de estruturas complexas com usos múltiplos; a presença de equipamentos variados que permitam uma diversidade de brincadeiras; a disposição do equipamento para permitir brincadeiras complexas; além disso, deve-se considerar a segurança, a manutenção e a supervisão.

Carvalho e Rubiano (1995) descrevem também sobre o **ambiente escolar**. Elas citam cinco funções relativas ao desenvolvimento infantil que os ambientes deveriam atender/promover:

1. identidade pessoal: no desenvolvimento da identidade pessoal a personalização de espaços e objetos é elemento crucial. A identidade pessoal está ligada à noção de identidade de lugar, sendo que esta consiste de cognições cumulativas (pensamento, memória, crença, valores, idéias) sobre o mundo no qual a pessoa vive;
2. o desenvolvimento de competência. Para isso é fundamental que o ambiente infantil seja planejado para que assim as crianças tenham oportunidades de desenvolver domínio e controle sobre seu habitat, fornecendo instalações físicas convenientes para que as crianças satisfaçam suas necessidades, como ,por exemplo, ter fácil acesso a prateleiras e estantes com materiais, a mesa e cadeiras, sem assistência constante;
3. oportunidades para crescimento. A oportunidade para explorar ambientes ricos e variados está geralmente associada ao desenvolvimento cognitivo, social e motor. As características de responsividade, complexidade e variedade dos objetos inanimados têm sido relacionadas ao desenvolvimento. E para tornar um ambiente mais rico e variado tem \_sugerido que os ambientes devem oferecer oportunidades para movimentos corporais e para estimulação dos sentidos;

4. sensação de segurança e confiança, pois se a criança se sente segura e confiante permitirá que ela explore o ambiente. Porém sensações táteis também são importantes para transmitir segurança, pois na medida em que características físicas do ambiente convidam ao toque, aumenta a sensação de segurança, permitindo à criança explorar o espaço mais prontamente;
5. oportunidades para contato social e privacidade. Os espaços privados fornecem oportunidades para expressar e explorar sentimentos, especialmente os de raiva, angústia e frustração, longe do olhar dos outros; servem para a criança retirar-se, momentaneamente, do ritmo rápido do grupo ou para um descanso para novas situações. O ambiente deverá ser bem planejado, com objetos disponíveis para atender às necessidades de contato social e de privacidade.

Nesse processo, a contribuição do educador é decisiva, pois a constituição da identidade infantil está diretamente relacionada à finalidade das intenções educacionais que a criança experimenta, sobretudo na Educação Infantil.

Na atualidade, desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996, a promoção do desenvolvimento infantil e o estímulo à aquisição de conhecimentos, ligados a questões relacionais e interativas entre professor-aluno pretendem que a formação da criança caminhe para que ela, progressivamente, exerça sua cidadania numa relação dinâmica e crítica com o contexto cultural e social em que se situa, e que também, através da pluralidade de experiências e vivências socializadas e desafiadoras, possa ainda constituir sua identidade.

Diante deste contexto da Educação Infantil, o **professor**, portanto, ganha um papel importante. A partir de seu desempenho profissional deverá proporcionar situações necessárias às finalidades dessa educação; exercitando sua criatividade, sua condição de dinamizar, integrar e mediar as crianças na dinâmica educacional.

A definição de um perfil atual para o profissional está expressa no RCNEI (1998). Este documento o qual aponta que, desde os primeiros dias da criança na escola, a professora deve compreender que sua função distingue-se da função materna, que inicialmente, atua como ponte entre a mãe e o novo ambiente da criança; mas que, tão logo a criança esteja inserida no contexto escolar, passa a exercer seu papel de educadora, estabelecendo vínculos na relação professor/aluno. Sobre esse aspecto, Oliveira comenta *“sua função é a de ser uma pessoa verdadeira, que se relacione afetivamente com a criança, garantindo-lhe a expressão de si, visto*

*que ela precisa de alguém que acolha suas emoções e, assim, lhe permita estruturar seu pensamento...*” (p.203).

Como características fundamentais para o desempenho profissional da professora da Educação Infantil, o documento destaca:

- competência polivalente: ou seja, exige que trabalhe com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas, requerendo ampla formação profissional;
- tornar-se aprendiz: refletindo constantemente sobre sua prática e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve;
- promover a interação das crianças considerando a diversidade, a individualidade, a autonomia: a competência polivalente necessária permitirá à professora, administrar e favorecer um ambiente onde ocorram as experiências permeadas por conflitos, disputas e divergências necessários ao convívio e ao trabalho em grupo.

Nesta questão de adaptação, Spodek (1998) descreve também sobre os professores que são os fatores mais importantes na determinação de como as crianças se sentem com relação à escola, pois entre o aluno e o professor não será simplesmente um adulto que goza ou não da simpatia da criança, mas o portador real de certas exigências sociais para com a criança. Para a professora, o processo é também desencadeador de sentimentos, ora de segurança, ora de insegurança, frente às famílias e às crianças.

Mantovani e Terzi (1998) dispõem que a segurança da educadora é imprescindível para o processo de adaptação da criança à escola e é esta que *“pode fundamentar a compreensão empática e intelectual do complexo jogo relacional a partir do que se estrutura o profissionalismo do educador”* (p.184).

Rossetti-Ferreira (1998) considera que investir na formação do educador é imprescindível para que seu profissionalismo favoreça o desenvolvimento do processo de socialização da criança no âmbito da escola, permitindo-lhe desenvolver sua capacidade de conhecer e utilizar seus recursos pessoais, a fim de se relacionar no mundo e em diferentes situações de vida.

O conhecimento do educador sobre sua prática profissional, e as teorias em que se apóia, seus objetivos claros e coerentes, bem como da concepção que norteia o projeto pedagógico da

sua escola contribui para promover aprendizagens significativas e adaptação da criança ao novo ambiente escolar.

Segundo Rossetti-Ferreira (1998), a criança convive habitualmente com poucas pessoas com quem estabelece um vínculo afetivo. Porém, na escola a criança passa a conviver com um grande número de crianças e adultos e em um ambiente novo. Com isso, a criança pode reagir de formas diferentes das corriqueiras, quando estão na companhia dos pais, e isso até de certo modo, é natural visto que estão em pleno processo de elaboração da sua personalidade.

A autora em referência afirma que para muitas crianças o primeiro dia de aula pode ser a primeira experiência fora de casa e o professor pode representar a primeira figura de autoridade, depois dos pais, com quem elas tenham tido que se relacionar. Os professores, portanto, devem se esforçar para acostumar as crianças às rotinas e aos procedimentos que elas não conhecem e para ensiná-las a ter um comportamento adequado.

O professor precisa dedicar um tempo mais individualizado a cada criança no momento da chegada, para poder estabelecer uma relação mais pessoal. Trata-se de oferecer as condições que permitam um comentário com os familiares e algum momento com a criança, para dar-lhe segurança de que será muito conveniente e se sinta bem acolhida. (BASSEDAS, 1999)

Em relação às **práticas educacionais**, Spodek (1998) descreve que ao desenvolverem programas de educação para a primeira infância, os educadores devem reexaminar suas premissas. Pais e professores devem entender a dicotomia entre um programa acadêmico e um de socialização, podendo assim construir projetos educativos de qualidade junto aos familiares e às crianças, assim como questões específicas relativas aos cuidados e aprendizagens infantis. Este é um procedimento contínuo na sociedade como um todo e em cada grupo ou instituição social. Significa, além de tudo, tornar-se um pensador criativo e um indivíduo que busca o conhecimento independente.

As atividades programadas devem basear-se em suas necessidades e interesses; crianças são ávidas para explorar, experimentar, colecionar, perguntar, aprender depressa e desejar exibir suas habilidades. Por isto, a opção do professor por certas atividades e materiais deve ser baseada no conhecimento de que as formas primárias de aprendizagem das crianças são a linguagem e a brincadeira que são, respectivamente, a representação simbólica e a reconstrução do mundo que elas experimentam.

Neste período pré-escolar a linguagem cria condições de buscar maior autonomia, independência, na maneira de agir com os outros, à medida que permite a expressão do que se sente acerca do seu mundo real. A representação simbólica que a brincadeira favorece ao desenvolvimento recebe grande influência do currículo proposto pela escola, particularmente no que se refere ao tema das brincadeiras, os materiais, as oportunidades das interações sociais e ao tempo disponível para este exercício.

Para Dias (1996), a brincadeira na escola revela através da representação simbólica da realidade, como se dá a construção coletiva do ser humano, cujo pensamento e aquisição do conhecimento está ligado à capacidade de sonhar, imaginar e jogar com esta realidade. Isto se efetivará por meio do uso da linguagem que é socializada e ideologizada, constituída de uma imensa significação, reveladora também das relações sociais de poder.

Uma parte central do papel do professor é apresentar experiências e materiais que ampliem o conhecimento das crianças sobre o mundo e como este conhecimento pode ser simbolizado. O professor tem um papel de fundamental importância durante a brincadeira também, pois ele pode favorecer alguns processos e investir menos em outros, o que faz variar a repercussão da atividade lúdica no desenvolvimento global da criança.

Os professores precisam fazer planos a curto e longo prazo. O **planejamento** a longo prazo, ajuda a visualizar as atividades escolares do ano inteiro, permitindo que construam novas atividades a partir das experiências prévias das crianças, pois à medida que as crianças progredirem, os professores podem modificar seus planos para aproveitarem oportunidades inesperadas de aprendizagem, ao mesmo tempo em que garantem a continuidade do que foi planejado. As atividades podem ser organizadas em unidades ou projetos que reflitam temas em particular ou podem estar centradas no desenvolvimento de conjunto de habilidades específicas.

O planejamento, a curto prazo, lida com os muitos detalhes do ensino do dia-a-dia, e os objetivos imediatos são antecipações dos resultados de atividades específicas, que devem estar relacionados às metas a longo prazo. Porém, o planejamento deve começar antes de as crianças iniciarem a escola. Assim, os professores pensam sobre como vai ser o ano letivo, reúnem os suprimentos materiais necessários para tornar esta imagem uma realidade.

(...) cada criança deve ser ajudada a tornar-se um membro responsável da turma, aprendendo a ser parte do grupo, obtendo satisfação e segurança de sua participação nele e respondendo às suas exigências sem renunciar a seus desejos pessoais. Para tanto, as crianças devem desenvolver autocontrole e formas de lidar apropriadamente com suas necessidades e sentimentos (Spodek, 1998, p.122).

Em relação ao período de adaptação, pode ser planejado, conforme Rossetti-Ferreira (1998), para promover a confiança e o conhecimento mútuo, favorecendo assim o estabelecimento de vínculos afetivos entre crianças, a família e os educadores.

É necessário, então, que a escola programe um período de adaptação, que poderá constar de atividades atraentes que possibilitem à criança fazer a opção de ficar na escola, apesar disso representar, o afastamento de sua mãe. O tipo de adaptação varia muito de criança para criança, pois depende de suas características afetivo-emocionais e de sua idade. Ao organizar o conhecimento e as interrelações, a escola contribui efetivamente para o processo de socialização da criança.

É a atividade, segundo Spodek (1998) a unidade pedagógica no maternal e no jardim de infância. A educação nas escolas elementares é organizada em lições, cada uma delas com início, meio e fim formalmente estruturadas. As atividades podem ter seu final em aberto, não levando a nenhuma conclusão pré-determinada, mas podendo ser revistas posteriormente. Elas não são dominadas pelo professor, mas ao partilhar uma atividade com a criança, o professor ajuda-a a enfrentar eventuais insucessos, sublinha certos aspectos do tema e desperta nela o desejo de fazer algo junto, respeitando igualmente seu desejo de isolamento.

O professor pode planejá-las, providenciar os materiais e o tempo necessário e até mesmo influenciar na direção delas, mas são as crianças que as realizam e, em última análise, determinam seus conteúdos. Cada atividade pode não ter nenhuma relação com a outra ou, como é mais comum, ser parte de uma série interligada, na qual o professor pode relacionar atividades de construção com blocos, de música e de histórias com um único tema em um mesmo dia ou montar um seqüência que continua de um dia para o outro, em que cada atividade é uma elaboração do anterior. Podem ser organizadas em unidades ou projetos, em que os conceitos e idéias básicas vão aparecer em diferentes momentos, propiciando a continuidade do aprendizado com o passar do tempo.

Em relação à questão da organização do tempo, uma rotina diária determina horários para as atividades de cada dia. No maternal e jardim de infância, são determinados horários para várias atividades. Os professores proporcionam grandes blocos de tempo por atividade e a gama de alternativas disponíveis para as crianças durante eles comporta um certo grau de individualidade e permite aos professores planejarem diferentes resultados para cada criança.

Os professores que desejam individualizar a aprendizagem e desenvolver a autonomia das crianças podem jogar com muitos elementos do programa para que operem ao mesmo tempo, de forma que as crianças possam passar de uma área de currículo para outra em seu próprio ritmo. A atenção individualizada mantém constantes os objetivos pedagógicos, mas permite que as crianças realizem as mesmas tarefas em ritmos diferentes.

Até aqui, foi analisada a importância da escola, de seus professores, de seus planejamentos, a organização do espaço físico e das atividades. Nesse contexto, as crianças assumem um novo conjunto de papéis, tendo que aprender como lidar com as exigências de várias relações. Mas não se deve esquecer que as crianças são socializadas primeiramente na **família**, desenvolvendo relações com seus pais e irmãos que lhes ensinam seu papel e como funcionar enquanto membros daquele grupo social.

No que diz respeito ao período de adaptação, quando as crianças ingressam não sabem naturalmente como se comportar na escola e tampouco conhecem suas regras e normas. Além de estarem atentos às reações das crianças à nova situação escolar, os professores devem ser sensíveis às reações dos pais.

Vale ressaltar que esta adaptação também é um acontecimento significativo para os pais, pois esse período de entrega e separação é vivido por eles com bastante emoção e dúvidas. Nesse processo, não é só a criança que enfrenta mudanças, sua reação pode ser a evidente, mas a família também sofre neste processo. Para os pais deixarem seu filho na escola é dificultada por uma série de conflitos: por um lado, a necessidade de trabalhar, e por outro, a crença de que filhos pequenos têm de estar junto aos pais. Neste momento é importante ter tempo disponível para ouvir um desabafo, conversar, orientar e dar o apoio necessário.

Os pais passam por outras preocupações; como é o caso da confiança naquele estranho que ficará o tempo todo com seu filho, o ciúme de que a criança goste mais do professor do que deles, o medo do julgamento que os professores podem fazer a partir dos comportamentos das crianças, enfim, muitos outros sentimentos como ansiedade, desconforto, apreensão. Portanto, as boas relações afetivas entre crianças e educadoras devem ser interpretadas pelos pais como indicativo de um bom trabalho. Porém, um período de adaptação bem conduzido possibilita uma relação produtiva, de confiança e respeito mútuo.

Segundo o Referencial Curricular para Educação Infantil (1998), o ingresso das crianças nas instituições pode criar ansiedade tanto para elas como para seus pais e professores, sendo a

maneira como a família vê a entrada da criança na instituição um momento marcante nas reações e emoções da criança durante o processo inicial.

É importante, nessa fase, que todos os pais e educadores possam compreender e respeitar o momento da criança de conhecer o novo ambiente e estabelecer novas relações. À medida que ela vai se integrando, podem ser percebidas as influências positivas de sua permanência em uma creche (escola) que oferece boas condições para o seu desenvolvimento (Rossetti-Ferreira, 1998, p.46).

Para Mantovani e Terzi (1998), a satisfação da mãe e da família quanto à escolha da escola deve funcionar como suporte externo à mãe, facilitando seu bem-estar psíquico e a sua disponibilidade intelectual para promover o bem-estar emocional e a socialização da criança.

É importante também que os pais sintam a escola como um ambiente seguro e acolhedor, conheçam o papel do educador e como é seu trabalho. Isto permite viver esta fase com maior tranquilidade, transmitindo segurança a seu filho e facilitando assim sua adaptação. A mãe, em especial, proporciona à criança uma segurança, que ajuda quando esta se depara com o inesperado, que ainda não é conhecido ou compreendido e protege a criança de seus próprios impulsos e dos efeitos que estes possam produzir. Separar-se da mãe pode significar uma perda, um desequilíbrio emocional. É ela quem normalmente acompanha a criança em sua adaptação e no dia a dia da escola. Paralelo a isso, é essencial que criem uma rotina para curtir seus filhos no tempo disponível, acariciando, brincando e mostrando seu amor por eles.

Fecarotta (1998) acredita que para uma boa adaptação, os pais precisam, antes de qualquer coisa, se dar conta de que *“estão prontos para entregar seu filho à escola”* (p.192) e que essa entrega pressupõe confiança, e a confiança implica em conhecimentos, por isso a procura por uma escola adequada. Além disso, o autor em referência acrescenta que *“é a confiança na entrega que permitirá à criança sentir-se segura e autorizada para enfrentar os desafios inerentes à situação de adaptação à escola”* (p.192).

De acordo com Rossetti-Ferreira (1998), o papel do adulto enquanto parceiro mais experiente é fundamental nessa primeira fase de reconhecimento e exploração do ambiente pela qual a criança passa.

Na família é comum que a criança pequena se submeta a regularidades impostas pelo adulto, a quem compete decidir os momentos em que deve dormir, se alimentar, tomar banho. De acordo com Seber (1995), é algo similar que passa a existir nas classes iniciais da pré-escola.



Oliveira (1992) descreve que a mulher é ensinada, desde pequena, a valorizar a maternidade e o cuidado dos filhos como funções essenciais. Porém, quando os filhos vão para a escola pela primeira vez as mães se sentem culpadas e aliviadas ao mesmo tempo, pois a partir desse momento elas dividiram sua responsabilidade de mãe com outra pessoa, neste caso os educadores.

A participação da família na idade pré-escolar é fundamental. Porém, as escolas colocam certos limites de horários e espaços para que assim as educadoras possam desenvolver um bom trabalho com as crianças.

Muitas escolas estão colocando a participação da família no seu planejamento, ou seja, junto com o corpo docente da escola desenvolveram atividades e dividiram a responsabilidade da educação no desenvolvimento da criança. O envolvimento dos pais na educação das crianças tem uma justificativa pedagógica e moral, bem como legal. Como as crianças estão primariamente sob a responsabilidade de seus pais, estes devem estar envolvidos na tomada das decisões educacionais. Quando os pais iniciam uma parceria com a escola, o trabalho com as crianças pode ir além da sala de aula, e a aprendizagem na escola e em casa pode se complementar mutuamente (SPODEK, 1998).

Porém, os papéis serão diferenciados e só vão ser construídos a partir do exercício cotidiano de dialogar. A família, especialmente a mãe, e a educadora têm funções e importância diferentes para a criança, mas em nenhum momento a educadora deve substituir a.

Oliveira descreve que *“o bom relacionamento entre educadores e famílias a ser constantemente conquistado contribui muito para o trabalho com as crianças, pois dificuldades surgidas podem se resolver mais rapidamente e a segurança é maior nas decisões que são tomadas em relação a elas”* (1992, p.118).

No processo de adaptação a família pode muitas vezes permanecer com a criança. Assim, ela observará as reações de seu filho no ambiente, acompanhando-o em suas explorações e interações com as outras crianças e adultos. Cabe salientar que isto vai depender da estrutura e funcionamento de cada escola.

Outro aspecto relevante é ajudar a família a se preparar para o futuro próximo da criança, sendo que os educadores passaram para a família as condutas que serão tomadas, no caso, por exemplo, se a criança mudar de turma, para evitar reações de surpresa e mal-

entendimento. Nesta relação os professores devem ser sensíveis às necessidades dos pais e oferecer uma variedade de informações, dentro das limitações de seus papéis e capacidades.

A família e as educadoras precisam, portanto, terem uma relação diferenciada, construindo juntas uma relação de detalhes, intimidades e emoções. *“Os familiares e os educadores estão ligados a um afeto comum, a criança, e a escola que é o seu lugar de expressão”* (Oliveira, 1992, p.120).

O Referencial Curricular também descreve que *“a presença dos familiares como elementos integrados ao trabalho pedagógico constitui-se em outro recurso interessante”* (1998, p.42). Porém, são diversas as maneiras que a instituição pode convidar a família a ir à escola, sendo que com esta participação da família a instituição poderá aproveitar as habilidades das famílias para enriquecer o conhecimento e a vivência na instituição.

Entretanto, a maioria dos professores da educação infantil acredita que conhecer a família das crianças é necessário para entendê-las e de que algum envolvimento dos pais na sua educação é essencial. Além disso, os pais criam ambientes estimulantes e que seus comportamentos educativos afetam o funcionamento das crianças.

Machado (1995) observa que a vivência familiar é insubstituível. De acordo com este autor, a possibilidade de ampliar essa vivência entre outras crianças, desde que seja num ambiente propício, ou com adultos qualificados e com uma metodologia adequada. Com isso, o desenvolvimento da criança será favorecido. Porém, isto é possível numa instituição voltada para este objetivo. Portanto, pode-se concluir que a escola e a família não se excluem, se completam.

Nunes finaliza citando que *“a adaptação escolar é um processo que vai exigir tanto a transformação da criança, que busca adequar-se a essa nova realidade social, quanto da pré-escola, que precisa se preparar para recebê-la...”* (1995, p.128).

### III – A ORGANIZAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA.

A perspectiva de Briand e Chapoulie (1993), de que a escolarização é um fato institucional ressalta a necessidade de se analisar “as propriedades da instituição escolar e do seu funcionamento, como um preâmbulo à análise dos comportamentos de sua população, da política escolar e das consequências da escolarização” (p.08). Da mesma forma, como afirmam estes autores, “a instituição escolar está condicionada por uma série de regras de funcionamento, as quais regulam o fluxo dos alunos, definem as formas de entrada e de saída, bem como o percurso do aluno ao interior da instituição” (ibid, p.10). Outra questão enfatizada por Briand e Chapoulie, refere-se à influência exercida pelo “modo de inscrição da instituição no espaço constituído” (1993, p.10).

Estas perspectivas de Briand e Chapoulie bem como o conceito de forma escolar de Vincent/Lahire e Thin, indicam a opção pelo tipo de pesquisa a ser realizada.

#### 3.1. A ESCOLARIZAÇÃO COMO UM FATO INSTITUCIONAL

A opção da pesquisa foi pelo estudo de caso, o qual “*permite uma observação detalhada de um contexto específico*” (Bogdan e Biklen, 1994, p.89). Este estudo realizou-se no Colégio de Aplicação de uma universidade privada, que tem como ramo de atividade a educação básica constituída de Educação Infantil (que atende crianças entre dois a seis anos), Ensino Fundamental (1ª à 8ª) e Ensino Médio (Educação Geral 1ª à 3ª séries). Justifica-se a escolha, pois trata-se de um colégio de aplicação de uma universidade, e que anuncia ter propostas inovadoras de Educação Infantil. Estudou-se um aspecto particular, que é a Educação Infantil e, da Educação Infantil, escolheu-se a relação entre escolarização e adaptação da criança.

A idéia de implantação desta instituição surgiu em 1977, devido ao interesse do Diretor Geral da Instituição. Sua meta era oferecer um campo de aplicação aos universitários, visando ampliar seus conhecimentos, além da testagem de novas técnicas pedagógicas na área de Filosofia, Ciências e Letras (licenciatura). O seu funcionamento teve início em 1º de março de 1979. O quadro abaixo apresenta portaria e parecer dos diversos níveis de instrução.

Pré-Escolar	Portaria nº 123/78/CEE
1ª à 4ª séries	Portaria nº 125/78/CEE
5ª à 8ª séries	Parecer nº 159/78/ CEE
2º grau	Parecer nº 182/78/CEE
Supletivo 1º grau	Parecer nº 153/79/CEE
Supletivo 2º grau	Parecer nº 101/79/CEE

A partir de 1979, os responsáveis pela implantação e fundação do colégio elaboraram a seguinte meta: “caminhar juntos (administração, professores, alunos, pais e funcionários) todos relacionados com fins comuns, com espírito próprio e livre, respeitando capacidades individuais na organização comum, para construção de uma comunidade educativa a serviço da população do município”.

No primeiro ano de funcionamento do colégio, em 1979 freqüentavam 328 alunos e quase triplicou esse número no ano seguinte, no momento da pesquisa o colégio apresenta 925 alunos matriculados, conforme tabela abaixo.

Ano	Pré-Escola	Iº grau	IIº grau	Supletivo Iº grau	Supletivo IIº grau	Total
1979	43	65	142	28	50	328
1980	65	303	254	75	159	856
1981	63	402	284		32	781
1982	124	554	300			978
1983	132	618	273			1023
1984	111	593	184			888
1985	124	612	243			979
1986	135	454	260			849
1987	182	1046	347			1575
1988	200	1155	391			1746
1989	160	1153	325			1638
1990	156	1138	318			1612
1991	193	1119	254			1571
1992	138	926	254			1318
1993	134	907	334			1375
1994	139	887	331			1357
1995	166	1028	368			1562
1996	134	927	402			1463
1997	116	800	380			1236
1998	106	717	334			1157
1999	100	651	340			1091
2000	087	616	304			1091
2001	082	377	319			985
2002	081	529	315			925

Fonte: Secretaria do Colégio

Como se pode observar há, na proposta do colégio, uma preocupação em interagir com a população e com as categorias implicadas no processo de escolarização exteriores à instituição, no sentido de se aumentar o número de alunos. Para Briand e Chapoulie, a escolarização “é o produto desta interação” (1993, p8).

No contexto das transformações após o período da ditadura militar (1964-1984), a instituição teve um momento importante em 1986, refletindo e discutindo um quadro referencial filosófico metodológico que desse ao colégio uma unidade de procedimentos e ações, nos três níveis de ensino. Associado a este momento de mudança, pontuou-se uma avaliação no diagnóstico do próprio colégio. O processo de avaliação, desencadeado em 1988, evidenciou alguns pontos considerados fragilizados, tais como: diminuição do número de alunos; dificuldades nas comunicações com as famílias; falta de esclarecimento do seu projeto pedagógico; espaço físico inadequado; dificuldade de integração entre os níveis de ensino; necessidades de estratégias de divulgação do trabalho do colégio, visando aumento de matrículas; necessidade e implantação de um sistema de capacitação e atualização docente; necessidade de melhoria nas relações interpessoais no colégio.

Os resultados da Avaliação Institucional, os Parâmetros Curriculares Nacionais, os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1999), e as Diretrizes para o Ensino Médio, decorrentes da nova Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, nº9394/96, redefiniram o Projeto Pedagógico, o que somou-se, no início do ano 2001, com a mudança na direção e coordenação do colégio.

O Colégio de Aplicação tem como referência as diretrizes filosóficas da Universidade, as quais afirmam ter como objetivo uma ação educativa na perspectiva antropológica e multidimensional do homem, possibilitando-lhe uma formação filosófica, crítica, racional e livre, que possa usufruir a herança cultural, sendo criativo para enriquecê-la, integrado para viver como ser individual e social, universal e regional. Além disto, propõe que a educação e aprendizagem resultem de processos progressivos do aprender a viver, através de diálogo com o presente, com o passado e com o futuro, respeitando o educando na sua dinâmica de busca do sentido da existência, na prática da liberdade democrática e na construção do saber.

Com base nestas referências, também o colégio diz buscar o perfil do educador como profissional consciente, comprometido politicamente no contexto social e engajado na instituição, capacitado para trabalhar os conflitos e contradições humanas-sociais. A proposta do colégio,

prevê um profissional ético na sua conduta, expressando e vivenciando justiça, verdade, responsabilidade, honestidade, sabedoria e as qualidades, como: paciência, liderança, afeição e equilíbrio; aberto ao novo, otimista, capaz de realizar-se; crente na dignidade e capacidade das pessoas.

Em seu Projeto Político Pedagógico (2001) o Colégio afirma que irá realizar com relação ao educando:

1. Proporcionar meios para que desenvolva as potencialidades próprias de auto-realização;
2. Capacitar para pensar e agir com precisão e clareza;
3. Formar hábitos corretos de comportamento social, moral, ético e cívico, além do gosto pelos empreendimentos nobres e altruísticos;
4. Desenvolver uma perfeita compreensão do papel que a ciência e a tecnologia exercem no mundo moderno;
5. Despertar suas aptidões profissionais no ensino de 1º grau;
6. Oferecer oportunidades para, nos cursos de 2º grau, em nível técnico, auxiliar e habilitações básicos, qualificá-lo ao exercício de uma profissão de acordo com as aptidões pessoais e com as exigências do mercado de trabalho, observadas, em cada caso, as leis e as normas específicas aplicáveis;
7. Dar condições e incentivar a continuidade dos estudos a nível superior

Para consecução dos seus fins e objetivos, o Colégio de Aplicação propõe manter em regime externato misto, o Ensino Pré-Escolar, de 1º Grau, de 2º Grau, de Supletivo e Educação não Formal.

Atualmente, em seu discurso, o Colégio de Aplicação se considera como sinônimo de mudança, inovação, competência e acima de tudo qualidade de ensino. Diz que os projetos que oferece são voltados ao aluno, para que haja a expansão de seus limites, a integração e a descoberta de novos caminhos.

Também em sua proposta, quanto à concepção pedagógica diz que está alicerçada em quatro categorias:

- a) Interação: relação de simultaneidade com o mundo em que vive com as formas de organização desse real dado pela cultura. Essas formas serão internalizadas culturalmente ao

longo do processo de desenvolvimento, pelo indivíduo, e se constituirão no material simbólico que fará a mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento.

b) **Construção do Conhecimento:** considera o conhecimento prévio do educando e assim ele passa a ser sujeito ativo no processo ensino-aprendizagem, capaz de ensinar o que sabe ou colocar dúvidas aos seus colegas, em contraposição à concepção de que considera o aluno como receptor do conhecimento.

c) **Problematização:** ponto de partida que desencadeia nos educandos a necessidade pela busca de respostas para um determinado problema, levantando hipóteses e confrontando-as com as informações obtidas através de conhecimento científico.

d) **Significação:** a significação está na relação que estabelece entre o conhecimento formal da escola com o conhecimento prévio do educando. Trata de significar o conhecimento do currículo formal da escola a partir das expectativas dos alunos, advindas de sua cultura social e familiar. Conceber o aluno como co-participante da (re) elaboração do conhecimento não pressupõe a seleção arbitrária de conteúdos, mas a escolha responsável e significativa que atende aos anseios de todos os envolvidos no processo educativo. (Projeto Pedagógico, 2001).

Da mesma forma, na concretização de sua proposta, o colégio pretende realizar a formação integral da pessoa com base nos seguintes princípios:

**Trabalho em equipe:** comprometimento de toda comunidade educativa.

**Disciplina:** como princípio de organização individual e institucional, significando responsabilidade, compromisso, respeito, cultivo de hábitos, direitos, deveres, organização e limites.

**Transparência:** ter a coragem, o compromisso e a honestidade de se olhar nos olhos e dizer o que está correto e o que não está. Abertura, diálogo.

**Profissionalismo:** ética, comprometimento, responsabilidade e qualificação.

**Educação de qualidade:** construção, aplicação e socialização do conhecimento, visando a formação integral da pessoa.

Promover o ensino, a pesquisa e a extensão; formar cidadãos responsáveis na busca de soluções democráticas; preparar profissionais competentes, com educação superior, qualificando-os nos diferentes campos do conhecimento humano; defender a liberdade de investigação; enriquecer a Ciência, as Letras e as Artes; e resgatar elementos histórico-culturais para a caracterização regional, constituem-se nos principais objetivos do colégio, os quais são:

- promover o desenvolvimento pessoal e social;
- construir, aplicar e socializar o conhecimento;
- desenvolver hábitos para a construção de um cidadão consciente, digno, criativo e autônomo, comprometido com a sociedade em que vive, baseado nos valores como justiça, verdade e ética.

No seu Projeto Político Pedagógico (2001) o colégio considera sua **missão** o Ensino de qualidade na construção do conhecimento e no desenvolvimento de habilidades e competências para o convívio social e a satisfação pessoal.

Com relação ao “modo de inscrição” do colégio em determinado espaço, é importante destacar, como já foi afirmado, que se trata de escola de aplicação de uma universidade privada. Este fato, por si só, já determina aspectos da natureza do processo de escolarização. Ademais, alguns outros elementos devem ser destacados com relação ao espaço do colégio, os quais podem ser considerados como constitutivos e/ou matizadores das práticas pedagógicas escolares, ou seja, da própria forma escolar.

Em relação ao espaço físico, o local de funcionamento do colégio é em um prédio escolar próprio. As dependências existentes na escola são: Diretoria, Secretaria, Sala de professores, Biblioteca, Videoteca, Laboratório de Informática, Laboratório de Ciências, Quadra de esportes, Cozinha, Sala para TV e vídeo, Pátio coberto, Parque Infantil, Sanitário dentro do prédio e Sanitário adequado à pré-escola. A copa/cozinha faz uso de fogão doméstico, geladeira e filtro de água, além dos móveis necessários para a sua devida utilização.

A escola dispõe de 5 videocassetes, 6 aparelhos de televisão, 3 retroprojetores, 8 aparelhos de som, 28 microcomputadores Pentium, 1 computador 486/386, um microcomputador e 9 impressoras disponíveis aos alunos e aos professores. Os equipamentos de informática estão interligados na rede mundial de informática (Internet). A aplicação da informática é para fins pedagógicos e administrativos.

Para a prática desportiva, o colégio utiliza-se da piscina, de duas quadras polivalentes descobertas e uma coberta, além de um pequeno espaço ao lado da piscina reservado para o espirobol. No ano de 1998, aconteceu a entrega do ginásio de esportes da universidade, sendo este diariamente utilizados pelos alunos da instituição.

A pré-escola do colégio funciona no período vespertino e é composto de cinco salas de aula, sendo uma sala para o maternal, uma sala para o jardim, uma sala para o pré I e duas salas



para o pré II. Possui ainda, uma sala de inglês, uma sala de literatura usada pela turma da 1ª a 4ª série, uma sala para atividades livres (expressão corporal, teatro e vídeo). Além destas dependências, existem quatro banheiros sendo dois para os alunos e dois para professores (equipe de trabalho), uma área livre e um parque infantil.

Na Educação Infantil, como já se afirmou a organização dos espaços e dos materiais se constitui em um instrumento fundamental para a prática educativa com as crianças. O espaço da sala deve ser organizado de modo a privilegiar a independência da criança no acesso e manipulação dos materiais disponíveis ao trabalho.

O espaço físico, materiais, brinquedos, instrumentos sonoros e mobiliários não devem ser vistos como elementos passivos, mas como componentes ativos do processo educacional, constituindo como poderosos auxiliares da aprendizagem. Os materiais, por exemplo, constituem um instrumento importante para o desenvolvimento da tarefa educativa, uma vez que são um meio o qual auxilia a ação das crianças. Porém, tudo aquilo que foi produzido, trazido ou coletado pelo grupo deve estar exposto e ao alcance de todos, constituindo-se referência para outras produções.

Os brinquedos devem ser objetos que dão suporte ao brincar e podem ser das mais diversas origens materiais, formas, texturas, tamanho e cor. O espelho é um importante instrumento para a construção da identidade, sendo que por meio das brincadeiras que se faz em frente a ele, a criança começa a reconhecer sua imagem e as características físicas que integram a sua pessoa.

Na sala que foi observada no colégio havia uma preocupação da professora em criar um ambiente adequado às crianças na organização do espaço físico: a porta apresentava um cartaz com figuras de borboletas, onde estavam escritos os nomes das crianças. É interessante notar a frase inscrita entre as figuras – “Você é o colorido da vida!!! Maternal 2002”. Apesar de demonstrar interesse pelas crianças, a frase evidencia, ao mesmo tempo, uma abstração, no mínimo, de difícil compreensão para crianças que ainda não têm o domínio do significado deste conceito “colorido da vida”. O que se pode concluir é que, ao mesmo tempo em que a proposta pedagógica anuncia a construção de um universo adequado à criança, a sua consecução prática revela-se difícil.

Uma situação semelhante pode ser observada, com relação aos brinquedos. No espaço da sala existem três estantes e quatro cestos utilizados com brinquedos, onde predominam os

ursos de pelúcia, bonecas, carrinhos, teclado para computador, telefones e várias peças de brinquedos de plástico. Ora, a predominância destes brinquedos poderia ser considerada como um estímulo à construção de uma sociabilidade identificada com a forma escolar? Não seria o caso, cabe indagar ainda, de nesta fase de escolarização, ser necessária a presença de brinquedos que estimulem pedagogicamente as relações de aprendizagem das crianças?

Com relação a outros elementos do espaço físico, identificou-se a intenção de criar um ambiente adequado à especificidade do aprendizado infantil, como atestam a iluminação: janelas amplas, arejadas; a presença do espelho na parede; dois relógios, um quadro negro; um quadro escrito aniversariante, onde cada mês é colocado o nome das crianças que aniversariam; quatro mesas, com quatro cadeirinhas, mas somente três são utilizadas pelas crianças, mesas que não são desagrupadas; uma mesa localizada atrás da mesa da professora para ser utilizada por ela nos trabalhos individuais; dois colchões verdes com almofadas das crianças, para hora do descanso; uma mesa com rádio (toca disco, cd) e uma caixa de discos; uma estante com os materiais, sendo eles divididos todos em caixas: palitos, aquarela, apagadores, lixa, grãos, tesouras, creme dental, sabonete, revistas, jornais e fita adesiva; três prateleiras com as caixas de camisa das crianças, pois no decorrer do ano seus trabalhos são colocados ali dentro; um armário com materiais do tipo: caneta hidrocolor, pincéis, massa de modelar, tintas, também, todos divididos em caixas etiquetadas com o nome do material correspondente.

A compreensão da escolarização como um fato institucional, pode ser apreendida também, pela análise do documento relativo à proposta pedagógica do colégio para a Educação Infantil. Neste caso, o que se observou foi uma nítida interface entre os princípios articuladores da prática pedagógica do colégio com o documento do Referencial Curricular para a Educação Infantil (1998). Além de valorizarem a concepção pedagógica que propõe o desenvolvimento bio-psico-social do aluno, a interação, a construção e a vivência do conhecimento, o desenvolvimento da identidade, da autonomia e da cidadania, ambos enfatizam a incorporação do trabalho com projetos como eixo metodológico da proposta pedagógica.

Como definição de projetos, adotou-se a proposição dos Referenciais Curriculares para Educação Infantil, para o qual *“projetos são conjuntos de atividades que trabalham com conhecimentos específicos, a partir de um dos eixos de trabalho que se organizam ao redor de um problema para resolver e um produto final que se quer obter”* (1998, p.57). No período de observação não houve, por parte da professora, nem planejamento nem a prática com projetos.

O que se observou na prática é que, como afirmam Briand e Chapoulie, “a relação entre a instituição escolar e o domínio político, ligam dois universos de naturezas diferentes. No domínio político as ações relativas ao processo de escolarização têm por objeto: 1) a elaboração, a difusão, a legitimação de teorias sobre o ser ou o dever-se da instituição escolar ou de um de suas partes; 2) a tomada de decisões de todas as ordens (leis, regulamentações, recomendações, etc). Do ponto de vista da instituição escolar, estas mesmas decisões constituem um dos elementos que estruturam (potencialmente) a ação dos agentes. Elas são evidentemente submetidas a reinterpretações imediatas, mas também à reinterpretações de longa duração, as quais dependem principalmente dos contratos de funcionamento ordinário da instituição, das concepções e dos interesses a eles atribuídos pelas diversas categorias envolvidas. A análise da escolarização compreende, então, o exame dos dois termos desta relação – atores políticos e instituição escolar” (1993, p.19).

A observação e análise da experiência de educação infantil do colégio permitiram identificar e aprender alguns elementos constitutivos de uma determinada forma de escolarização e suas especificidades no período denominado de adaptação da criança à escola.

### **3.2. FORMAS DE ESCOLARIZAÇÃO: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA**

A construção e consolidação da idéia de infância, bem como a perspectiva da escolarização da criança, tornaram consensuais alguns pressupostos. Entre eles foram destacados, neste trabalho, aqueles que consideram a infância um momento para a aprendizagem social, um período dinâmico, caracterizado por muitos começos de aprendizagens, sendo o desenvolvimento um processo partilhado com todos aqueles que direta ou indiretamente, nele participam e o influenciam. A perspectiva assumida foi a de que a infância é uma construção social, atualizada nas relações que vai estabelecendo com o mundo que a rodeia, que não lhe é neutra, alheia ou indiferente, mas plena de significações culturalmente definidas.

Neste sentido, como afirma Fernandes (1997), o lugar da infância passou a ser na escola, onde educar a infância passou a significar também moralizá-la, entendido como um processo

longo e dificultoso. A escola passou a ser considerada, inclusive, uma instituição essencial na determinação da infância e dos seus respectivos limites etários.

A preocupação básica deste estudo de caso foi a análise das unidades básicas pois, segundo Bodgan e Biklen (1994, p.91) “*as unidades físicas não são os únicos focos de estudos possíveis*”. Assim, o foco da pesquisa centrou-se, principalmente no estudo do grupo de Educação Infantil, particularmente a uma turma de dois a três anos de idade. Ainda segundo os autores acima, o grupo pode ser entendido como “*pessoas que interagem, que se identificam mais com as outras e que partilham expectativas em relação ao comportamento uma das outras*” (1994, p.91)

O grupo analisado era composto por 15 crianças, 9 do sexo masculino e 6 do sexo feminino, com idade de dois a três anos. Uma professora e uma estagiária também fazem parte deste grupo. A pesquisadora, num primeiro momento solicitou à escola o consentimento para a realização da pesquisa e coleta de dados através de uma autorização escrita. Após o consentimento, as observações ocorreram no período de 18/02 a 25/04 de 2002, quando se registraram todo o período vespertino (13:00 as 18:00hs) da aula realizada.

A observação foi realizada neste período, porque, segundo Rossetti-Ferreira (1996) registra, é importante que a inserção à escola seja progressiva e que num período de até duas semanas, algum familiar deve permanecer com a criança na escola, sendo que seu tempo de permanência deve diminuir e o tempo de permanência da criança na escola deve aumentar progressivamente, até que esta esteja adaptada e permaneça na instituição no seu período integral. Assim, na Educação Infantil este momento é visto, particularmente, como o período de adaptação da criança à escola.

Na escola onde foi realizada a pesquisa não há adaptação progressiva, mas os familiares podem acompanhar a criança durante a adaptação, ou seja, o processo de adaptação varia conforme cada criança. Observou-se que algumas crianças se adaptaram mais rápido, outras mais lentamente e alguns até não se adaptaram, desistindo do colégio. Por esta razão o período de dois meses foi considerado como suficiente para a realização da pesquisa sobre adaptação da criança à escola.

Como já se afirmou, este trabalho utilizou como metodologia central o estudo de caso. Segundo Bodgan e Biklen (1994), a melhor técnica de recolher dados consiste na observação. A observação prevê objetivos, planos, protocolo de controle de dados coletados e reconstrução de

seus significados para que se possa descrever o fenômeno em seu próprio ambiente, num tempo determinado. As observações foram registradas diariamente, desde a chegada da primeira criança até a saída de todas. Procurou-se descrever a organização das formas escolares (sujeitos, tempos, espaços e práticas pedagógicas), durante o processo de adaptação da criança no colégio. (anexo 1)

Além do registro das observações utilizou-se, também, duas entrevistas com os pais, uma na semana que antecedeu o início das aulas e a outra no final do período de observação como também uma entrevista com a professora. Estas entrevistas tinham como finalidade investigar as opiniões a respeito da adaptação das crianças ao processo de escolarização. (anexos 2 e 3)

No primeiro momento, os pais foram questionados sobre o que eles esperavam da escola, se estavam preparados e o que entendiam sobre este período de adaptação. Na segunda entrevista as questões geraram sobre como ocorreu este período. Já a entrevista com a professora foi em relação a importância e a prática pedagógica deste período de adaptação da criança a escolarização.

Como já foi afirmado anteriormente, no primeiro capítulo, o conceito de escolarização e forma escolar foi a categoria norteadora da observação e sistematização dos dados. Segundo Vincent, Thin, Lahire (2001), a forma escolar se caracteriza por um conjunto coerente de traços, *“entre eles, deve-se citar, em primeiro lugar, a constituição de um universo separado para a infância; a importância das regras na aprendizagem, a organização racional do tempo; a função consiste em aprender e aprender conforme as regras ou, dito de outro modo, tendo por fim seu próprio fim, é a de um novo modo de socialização, o modo escolar de socialização”* (p.37).

Com relação a organização do universo destinado a criança, o **espaço escolar** de acordo com as propostas oficiais da Educação Infantil, deveria possuir uma composição própria (objetos específicos) e uma estrutura social diversa da família. Pode-se perceber na pesquisa observada, que este espaço foi constituído com objetos específicos, com brinquedos da idade das crianças, colocados em estantes, por exemplo: ursos de pelúcia, bonecas, carrinhos, brinquedos de plásticos (peças de montar). Estes brinquedos estavam dispostos de forma acessível às crianças, permitindo seu uso autônomo, sua visibilidade, proporcionando assim um ambiente, onde as crianças deveriam se sentir bem. Apesar de propor uma certa continuidade do ambiente familiar, pois eram brinquedos familiares para as crianças, afirmavam uma contradição com o Referencial

Curricular Nacional para Educação Infantil (1998), o qual descreve que a estrutura deste espaço deveria ser diversa da família, desenvolvendo a função de estimular a relação ensino-aprendizagem.

A observação indicou que, a forma pela qual a professora estimulava o uso destes brinquedos, por exemplo, para distrair determinadas crianças no momento da separação dos familiares, e não com finalidades especificamente pedagógicas, pode ser um modo de lidar com a adaptação. Neste caso, a prática docente cotidiana impõe outros usos e significados para os brinquedos, diferentes daqueles previstos nas propostas de Educação Infantil.

É preciso lembrar que o espaço da Educação Infantil deve ser múltiplo e, ao mesmo tempo, proporcionar ambiente de vivências individuais. Deve conter os elementos que nos constituem enquanto seres que sentem pelo cheiro, pelo toque, pelo gosto, pelo olhar e pela audição. Espaços para as infâncias são espaços que as traduzem, mas também as modificam, que as acolhem em um momento e em outro as libertam para criar, recriar e manifestar a sua cultura. Um espaço que seja um espaço/criança, uma forma escolar. (MANTOVANI e TERZI, 1998)



**FOTO REFERENTE A DISPOSIÇÃO DOS BRINQUEDOS**

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998) descreve, ainda, que o espaço deve promover identidade pessoal, oportunidade para contato social, privacidade, crescimento, sensação de segurança e confiança e um espaço estruturado para brincar. Na experiência escolar, para promover o contato social e a privacidade, a sala de aula tinha dois colchões onde foram colocadas almofadas com os nomes das crianças, levadas pela criança no início das aulas. Este local era reservado para hora do descanso. As mesas eram individuais porém agrupadas para sentarem quatro crianças juntas.

Em princípio, as mesas eram ocupadas aleatoriamente pelas crianças, sendo que havia mudanças de lugares quando elas retornavam à sala. Isto gerava frequentes conflitos entre os que disputavam o mesmo lugar. Depois que as crianças começaram a descobrir parceiros pelos quais tinham maior afinidade, passavam a tentar sentar próximos a eles. Assim a professora colocou o nome das crianças nas cadeiras, as crianças aprenderam que deviam permanecer na mesma mesa por um dia inteiro de aula. Às vezes, as composições das mesas se alteravam no decorrer do dia quando a professora transferia as crianças de lugar, devido a seu comportamento (por exemplo quando conversavam muito). Revela-se aqui como a professora, apesar de introduzir um trabalho de construção da autonomia e independência para as crianças, vai aos poucos assumindo o controle sobre o grupo. Esta postura coloca a questão de que, a total liberdade dada às crianças na escola do seu espaço, transforma-se no total controle da professora, após o período de “adaptação” da criança à forma escolar, não havendo, por parte da docente, uma apropriação pedagógica do espaço, no sentido de discutir e avaliar cotidianamente, com as crianças, como este poderia ser ocupado e distribuído.

Ainda sobre o espaço interno, pode-se perceber que a sala de aula era bem iluminada e ventilada (várias janelas e um ventilador de teto).

Em relação a privacidade das crianças a escola pesquisada não apresentava esta característica. Em todos os momentos, as crianças estavam em grupo, no coletivo. Por exemplo, no momento do descanso, o colchão era comunitário, não era um colchão por criança.

Para promover construção da identidade, encontrava-se um espelho que, de acordo com o Referencial Curricular para Educação Infantil (1998), por meio das brincadeiras a criança reconhece sua própria imagem. Em muitas ocasiões as crianças brincavam com os cavalinhos de plástico em frente ao espelho, ou em situações em que a professora as pintavam e elas iam se olhar no espelho.





**FOTO REFERENTE AO ESPELHO E AO CANTINHO DE REPOUSO**



**FOTO REFERENTE A SALA DE AULA**

A área externa ou a área ao ar livre, especificamente o parque infantil, é um espaço direcionado para a infância com equipamentos concebidos para estimulação das atividades motoras amplas (RCNEI, 1998). O parque era o local onde as crianças ficavam mais a vontade, pois tinham espaço para percorrer e objetos sobre os quais agir com liberdade. Ali começavam a descobrir parceiros por afinidades, construindo brincadeiras conjuntas, dividindo os brinquedos.

Pode-se verificar que o espaço era amplo e aberto (área externa- parque) onde todos os dias (exceto quando chovia) as crianças ficavam brincando com equipamentos variados os quais



permitiam a diversidade de brincadeiras, como por exemplo: escorregador, roda, casinha, quadro de futebol e caixa de areia. Assim as crianças brincavam em grupo. Porém, quando chovia, as crianças brincavam na área interna da escola, onde havia brinquedos de plásticos (escorregador, casinha, cavalinho). Através desse dois espaços, percebeu-se que quando as crianças brincavam na área interna da escola, elas interagiam mais com a professora e com as próprias crianças. Na área externa, as crianças formam pequenos grupos e brincavam somente entre si, tendo também mais limite para brincar, pois tinham que respeitar o espaço e não fazer barulho, porque as outras turmas estavam em aulas, onde no parque elas ficavam mais a vontade.

Nesta atividade pode-se perceber bem a zona de desenvolvimento proximal que Vygotsky descreve, pois este ambiente era novo para criança e muitas vezes ela tinha que descobrir como brincar, como por exemplo na roda através do amigo, de uma criança experiente, ela aprendia que tinha que esperar a roda parar para poder sentar. No entanto, em nenhum momento, a professora explicou para as crianças os objetos que tinham no parque, tanto na área externa como interna.



**FOTO MOSTRANDO A INTERAÇÃO DAS CRIANÇAS**

Cabe lembrar, que as crianças iam ao parque sempre no início da aula. Porém, quando as interações entre as crianças começavam a ocorrer com mais intensidade, tornava-se muitas vezes difícil para a professora mantê-las quietas. Então, ela só deixava as crianças irem ao parque após guardarem todos os brinquedos e quando ficassem quietas, retardando assim a saída da sala.

Percebeu-se assim que há uma organização institucional que determina uma sequência de procedimentos a fim de que mantenham a padronização e o controle de comportamentos. Esses procedimentos funcionam como rituais, abordados por Peter Maclaren<sup>9</sup> no contexto da ação simbólica, no qual considera a produção cultural como uma associação da ação ao sentido, como uma rede de significados.

É importante lembrar que o ambiente escolar tem função importante para o desenvolvimento infantil, como afirmam Carvalho e Rubiano (1995), promovendo a identidade pessoal, desenvolvimento de competências, oportunidades para crescimento, sensação de segurança e confiança. Um ambiente que possibilite as relações, a expressão das múltiplas formas de linguagem, a vivência livre de seu imaginário, porque

... espaços para as infâncias são espaços que as traduzem, mas também as modificam, que as acolhem em um momento e em outro as libertam para criar, recriar e manifestar a sua cultura. Um espaço que seja um espaço/criança. E para isso deve-se compreender que a criança gosta de ficar sozinha, gosta de ficar com os adultos, mas do que ela mais gosta é ficar brincando com os seus pares, imitando, reproduzindo e recriando, enfim, criando cultura infantil (Coutinho, 2002, p.8).

Nesse processo, a contribuição do educador é decisiva, pois a constituição da identidade infantil está diretamente relacionada a finalidade das intenções educacionais que a criança experimenta, sobretudo na Educação Infantil. Poderia-se levantar questões sobre o papel do educador no processo de adaptação da criança à fora escolar de vivenciar e organizar o espaço.

A análise da organização do tempo na prática escolar do colégio, foi feita a partir do pressuposto de que a proposta de Educação Infantil desta escola teve com base o RCNEI (1998). Neste sentido foram observadas as modalidades de organização temporal dos trabalhos previstos nos RCNEI: atividade permanente, sequência de atividades e projetos de trabalho.

---

<sup>9</sup> MACLAREN, Peter. Rituais na escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991

Quadro de organização temporal dos trabalhos\*

ATIVIDADES PERMANENTES	
TIPOS	FREQUÊNCIA DA PRÁTICA ESCOLAR
Parque	34
História	17
Assembléias	12
Pinturas	29
Massinha	27
Surpresa	07

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES	
TIPOS	FREQUÊNCIA DA PRÁTICA ESCOLAR
Esquema corporal	03

PROJETOS DE TRABALHO	
TIPOS	FREQUÊNCIA DA PRÁTICA ESCOLAR
Páscoa	01
Blocos lógicos	01

\* Período de observação das atividades – 18-02 a 25-04, 40 dias observados.

Como afirmam os RCNEI (1998) as atividades permanentes privilegiam principalmente o atendimento às necessidades básicas de cuidados, aprendizagem e de prazer para as crianças e seus conteúdos necessitam de uma constância.

No período da observação a professora obedeceu a uma constância e regularidade de determinadas atividades. No entanto, pode-se observar que não houve uma diversificação na escolha dos conteúdos das atividades, bem como a ausência de um tipo de atividade prevista no RCNEI, quais sejam as atividades diversificadas ou ambientes organizados por temas ou materiais à escolha da criança.

Com relação a sequência de atividades planejadas e organizadas com objetivos de promover aprendizagens específicas e definidas, além de oferecer desafios para a criança no

período observado houve apenas um, o que pode ser revelador de lacunas no planejamento pedagógico efetivo para este período de adaptação.

O projeto de trabalho na verdade, apesar de serem desenvolvidos duas propostas, apenas uma – projeto com blocos lógicos -, pode ser enquadrado na proposta prevista pelos RNCEI, qual seja um conjunto de atividades que trabalham com conhecimentos específicos, construídos apartir de um dos eixos do trabalho, que se organizam ao redor de um problema para resolver um produto final que se quer obter. O outro projeto – Páscoa -, representa um tipo de atividade tradicional das escolas, centrada em datas comemorativas. Evidente que a comemoração de datas da tradição cultural da comunidade necessita ser respeitada pelo conjunto da instituição escolar, mas isso não significa que tenham representatividade do ponto de vista didático- pedagógico.

Pode-se afirmar que a organização do trabalho pedagógico na perspectiva temporal foi feita obedecendo a uma determinada rotina. O primeiro dia das crianças teve uma rotina diferenciada dos dias seguintes. Com relação a esta rotina, chama atenção uma certa rigidez e inflexibilidade, como se a ordem e regularidade das práticas pedagógicas, no cotidiano escolar, tivessem sido previamente determinadas pela professora, numa perspectiva linear. Por exemplo, no terceiro dia das crianças na escola, logo que chegou, uma aluna pediu à professora uma massinha para brincar e a resposta da professora foi “agora não é hora, mas tarde eu darei”. Neste aspecto é preciso lembrar que a organização do tempo na prática escolar cotidiana, como afirmam o RCNEI deve prever possibilidades diversas e múltiplas de rotinas, as quais precisam adaptar-se a criança e não o contrário.

Outro detalhe importante que precisa ser ressaltado, é a determinação do horário de chegada e saída relacionando-os com a presença e o atendimento da professora. Segundo Rossetti-Ferreira (1998) para muitas crianças o primeiro dia de aula pode ser a primeira experiência fora de casa e o professor pode representar a primeira figura de autoridade, depois dos pais, com quem elas tenham tido que se relacionar. Ora, nos 40 dias da observação a rotina do horário de chegada foi 13:00hs – chegada da estagiária; 13:25hs – chegada da professora. Inclusive, no primeiro dia de aula quem recebeu as crianças foi a estagiária a qual demonstrou estar perdida com a situação, e relatou a pesquisadora que não conhecia as crianças. Na rotina observada no horário de saída não se constatou nenhum ritual criado pela professora.

De acordo com o RCNEI (1998), o trabalho com as atividades pedagógicas deve ser privilegiado pelas instituições de educação infantil com a finalidade de fazer com que as crianças

apreendam a conviver, a ser e a estar com outros e consigo mesmas em uma atitude básica de aceitação, de respeito e de confiança. Nesta perspectiva, os RCNEI indicam o trabalho com atividades que desenvolvam o processo de socialização, a construção de identidade e da autonomia, o trabalho da diversidade e a ênfase nas interações sócio culturais.

Segundo a perspectiva do RCNEI, pautada também nos estudos que têm como referência determinada concepção de infância, bem como nas experiências de escolarização da criança, o Brincar seria o pressuposto norteador da construção da prática cotidiana da educação infantil. Observou-se no colégio um conjunto de atividades realizadas pela professora, conforme quadro abaixo.

**Quadro referente a atividades realizadas pela professora**

DATAS	PARQUE	MASSINHA	HISTÓRIA	FILMES	SURPRESAS	ED FÍSICA	ASSEMBLÉIA	PINTURA TINTA	PINTURA GIZ	CAIXA DE AREIA	PINTURA CANETINHA
18/02	X	X			X (avião e minhoca)		X				
19/02	X	X	X	X (toy store)							
20/02	X	X	X	X (dinossauro)					X	X	
21/02	X		X						X		
22/02	X	X	X				X			X	
25/02	X	X	X		X (coruja)				X	X	
26/02	X	X		X (branca de neve)		X					
27/02	X	X	X					X			
28/02	X			X (pinóquio)		X			X		
01/03	X	X	X				X	X		X	
04/03	X	X	X		X (boneca garrafinha)			X		X	
05/03	X	X	X			X	X	X	X		
06/03	X	X	X	X (gasparzinho)				X	X		
07/03	X					X	X				
08/03	X						X			X	X
11/03	X	X	X		X (piu-piu)						X
12/03	X		X			X					
13/03	X	X						X			
14/03		X			X (livrinho de história)	X					
15/03	X			X (dinossauro)	X (avião de plástico)		X				
18/03	X		X				X		X		
19/03	X	X				X		X			
22/03 <sup>10</sup>	X	X									
25/03 <sup>11</sup>							X	X			
27/03	X	X	X				X				
01/04	X	X		X (Buzz)				X			
03/04 <sup>12</sup>		X		X (Sítio do	X (Crack		X				X

<sup>10</sup> Atividade de colagem (papéis e lantejolas)

<sup>11</sup> Atividade com colagem papéis

<sup>12</sup> Atividade com colagem de papéis

				pica pau amarelo)	supre)						
04/04	X		X			X					X
05/04				X (Toy story 2)				X			
08/04	X		X						X	X	
10/04 <sup>13</sup>	X	X		X (A vida dos insetos)				X			
11/04	X	X				X			X		
12/04	X						X	X		X	
15/04	X	X		X (Calma aí neném. Vamos brincar na escola)				X			X
17/04 <sup>14</sup>	X		X					X	X	X	
18/04	X	X				X		X			X
19/04		X		X (Super poderosas)					X		
22/04	X	X		X (Aladin)		X			X		
24/04	X	X						X			
25/04	X	X		X					X		

A concretização das possibilidades pedagógicas da atividade pode depender e muito da forma como ela é conduzida. Como o Brincar foi o princípio norteador fundamental para a análise da proposta de educação infantil, ele também foi selecionado para conduzir as análises das práticas observadas. Particularmente, no período de adaptação na escola, é fundamental que os tempos sejam preenchidos como atividade lúdica: jogo e brinquedo.

O papel do professor é fundamental, sendo o portador real de certas exigências sociais para com a criança. O professor, na instituição infantil, deve ajudar a estruturar o campo das brincadeiras na vida da criança. Cabe a ele organizar sua base estrutural, por meio da oferta de determinados objetos, fantasias, brinquedos ou jogos, da delimitação e arranjo dos espaços e do tempo para brincar. Na pesquisa realizada, pode-se perceber, no período de adaptação, que a professora trabalhava com atividades surpresas (nesta atividade a professora levava alguns brinquedos familiares e sentava com as crianças num círculo e pedia para as crianças adivinharem o que era, porém em alguns momentos ela dava algumas pistas), assembléias e diferentes situações com o brincar para atrair a atenção das crianças; utilizando o parque, massa de modelar, os desenhos como atividades mais relevantes, com conteúdos de naturezas diversas que abrange desde cuidados básicos e essenciais até conhecimentos específicos.

Redin (1998) coloca que o lúdico apresenta-se como uma dimensão humana que constitui o espaço para o envolvimento e prática de atividades, as quais dão à pessoa prazer e liberdade, sejam elas através do brincar, da cultura, do esporte, da arte. Assim, o Brincar é visto como uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia da

<sup>13</sup> Atividade com colagem de papéis

<sup>14</sup> Atividade com colagem de tecidos

criança. Especificamente em relação ao brincar, autores como Vygotsky (1989), discorrem sobre a importância da brincadeira como atividade social da criança, cuja natureza e origem específicas são elementos fundamentais para a construção da personalidade e para a compreensão da realidade.

O fato da criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação e fantasia, principalmente neste período denominado pré-escolar. A brincadeira leva a criança realizar comportamentos que não são habituais de sua idade. Ademais, as representações de sua vida cotidiana podem ser reproduzidas no brincar.

Nas brincadeiras, as crianças vivenciam concretamente a elaboração de um sistema de representação dos diversos sentimentos, das emoções e das construções humanas, a existência do outro, suas possibilidades e suas limitações. O brinquedo permite à criança vivenciar outras experiências na presença da reprodução; imitar e realizar o aprendizado da vida do adulto constituindo-se num modo de assimilação e recriação da realidade (Santos, 1999). Com isso, podemos descrever que a motivação da brincadeira é sempre individual e depende dos recursos emocionais de cada criança, os quais são compartilhados em situações de interação social. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como: a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Desenvolve também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização de regras e papéis sociais o que favorece a auto-estima, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa.

O papel do professor na Educação Infantil nos momentos de jogo e de brincadeira pode se constituir em atividades permanentes nas quais as crianças poderão estar em contato relacionados ao mundo social e natural. O professor, portanto, poderá ensinar às crianças jogos e brincadeiras de outras épocas, professor neste momento terá um papel fundamental de orientar, explicar e saber o que quer atingir pois, para a criança é importante e interessante que ela conheça as regras das brincadeiras de outros tempos.

Além disso, o professor deverá proporcionar situações necessárias às finalidades dessa educação, exercitando sua criatividade, sua condição de dinamizar, integrar e mediar as crianças na dinâmica educacional. A opção do professor por certas atividades e materiais deve ser baseada no conhecimento de que as formas primárias de aprendizagem das crianças são a linguagem e a

brincadeira que são, respectivamente, a representação simbólica e a reconstrução do mundo que elas experimentam. (RCNEI, 1998)

E o jogo torna-se também uma estratégia didática quando as situações são planejadas e orientadas pelo adulto visando a uma finalidade de aprendizagem, isto é, proporcionar à criança algum tipo de conhecimento, alguma relação ou atitude. Para que isso ocorra, lembramos novamente que é necessário haver uma intencionalidade educativa, o que implica planejamento e previsão de etapas pelo professor, para alcançar objetivos predeterminados e extrair do jogo atividades que lhe são decorrentes. Através dos jogos e das brincadeiras é possível que as crianças estabeleçam relações ricas de troca, aprendam a esperar sua vez, acostumem-se a lidar com regras, conscientizando-se que podem às vezes ganhar ou perder. É na brincadeira, que as rotinas das práticas cotidianas podem ser resignificadas pelas crianças utilizando a linguagem como instrumento no processo de construção do conhecimento.

A partir dos pressupostos analisados acima, pode-se concluir que as atividades pedagógicas da educação infantil, embasadas no princípio do Brincar devem, principalmente, atentar para trabalhar nas crianças as seguintes aprendizagens: faz-de-conta, imaginação, fantasia, imitação, elaboração de sistemas de sentimentos como emoções; relação com o outro; recreação da realidade; jogos e brincadeiras de outras épocas, criatividade, relações de troca entre as crianças.

Algumas atividades/brincadeiras observadas na escola eram realizadas individualmente. A professora chamava uma criança por vez (enquanto isso as outras crianças brincavam com os brinquedos da sala ou a estagiária cantava algumas músicas ou contava histórias) e em outras atividades eram separadas em grupos de meninas e meninos sendo que a professora ficava com um grupo e a estagiária com outro. A professora se preocupava em atender as demandas individuais dos alunos apenas quando ligadas as atividades escolares. O trabalho pedagógico não estava centrado diretamente na criança, muitas vezes estava na professora, que controlava tudo que acontecia na sala. Sempre ela tomava para si todos os afazeres. Ocupava a maior parte do tempo, dizendo às crianças o que deveriam fazer e como. As atividades eram precedidas por uma série de recomendações, fosse sobre a atividade em si, fosse sobre o material a ser utilizado. Como por exemplo: ao uso da canetinha: usar uma de cada vez, colocar no pote depois de usá-la, não colocar na boca, não apertar a ponta; massa de modelar: não bater, amassar, não misturar as cores diferentes; atividades em papel sulfite: não amassar, não sujar, não dobrar.



Nas observações foi possível perceber que, na primeira semana, as crianças não guardavam os brinquedos, eles eram guardados pela estagiária, porém o Referencial Curricular para Educação Infantil (1998) descreve que *“sempre auxiliadas pelo professor e rearrumando o material depois do brincar, as crianças podem transformar a sala e o significado dos objetos cotidianos enriquecendo sua imaginação”*. (p.49). Posteriormente no decorrer dos dias, a professora passou a solicitar a ajuda das crianças para guardarem primeiro os brinquedos antes de fazerem alguma atividade como: parque, assembléia, desenho. Neste sentido a professora esta realizando conforme o Referencial da Educação Infantil, para o qual a arrumação é uma boa oportunidade para que as crianças possam de um lado, aprender a cooperar e perceber que é responsabilidade de todos.

A história também foi considerada uma atividade bem freqüente realizada pela professora, e conforme o Referencial Curricular (1998) a criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escrita da leitura do professor. Ouvir um texto já é uma forma de leitura, pois as práticas de leitura para as crianças têm um grande valor em si mesmas.

O acesso, por meio da leitura feita pela professora, a diversos materiais escritos, é considerado de suma importância, uma vez que isso possibilita às crianças o contato com práticas culturais mediadas pela escrita. A leitura de histórias passa a ser um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. As histórias eram contadas pela professora com uma freqüência grande, sendo sempre histórias infantis onde, às vezes, algumas crianças interferiam ou a própria professora, relacionando com algum objeto ou situação vivenciada pela criança. As crianças sentavam sempre próximas à professora.

A música também foi uma prática pedagógica (atividade) que se destacou neste período. Porém, integrar a música à Educação Infantil, implica que o professor deva assumir uma postura de disponibilidade em relação a essa linguagem. Segundo o Referencial Curricular para Educação Infantil (1998), as crianças nesta faixa etária, os conteúdos relacionados ao fazer musical deverão ser trabalhados em situações lúdicas, fazendo parte do contexto global das atividades.

Assim, a música na Educação Infantil mantém forte ligação com o brincar. Em todas as culturas as crianças brincam com a música. Jogos e brinquedos musicais são transmitidos por tradição oral, persistindo nas sociedades urbanas, nas quais a força da cultura de massas é muito

intensa, pois é fonte de vivências e desenvolvimento musical. Envolvendo o gesto, o movimento, o canto, a dança e o faz-de-conta, esses jogos e brincadeiras são expressão da infância. A linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da auto-estima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social. Quando cantam, as crianças imitam o que ouvem e assim desenvolvem condições necessárias à elaboração do repertório de informações que posteriormente lhes permitirá criar e se comunicar por intermédio dessa linguagem.

As crianças integram a música às demais brincadeiras e jogos: cantam enquanto brincam, acompanham com sons os movimentos de seus carrinhos, dançam e dramatizam situações sonoras diversas. O brincar permeia a relação que se estabelece com os materiais: mais do que sons, e podem representar personagens, como animais, carros, máquinas, super-heróis, entre outros.

A música foi bastante utilizada pela professora, mas com uma característica peculiar, podendo se afirmar que, na maior parte das vezes, a professora utilizou a música de forma compensatória, por exemplo, nos momentos da assembléia, a professora ensinava para as crianças músicas e em algumas atividades a professora colocava a música (como fundo) para as crianças trabalharem. No período de adaptação, uma música sempre estava tocando no início da aula, sendo desligada no momento que a professora fazia a assembléia ou as crianças iam para o parque. A música também era utilizada pela professora muitas vezes para apresentar um material (objeto surpresa que ela trouxe). Um momento que a música se destacava era no momento de contar uma história, sendo que para contar uma história a professora ensinou uma música, que sempre as crianças tinham que cantar antes do seu início.

Como já foi afirmado, no período de adaptação da criança ao processo de escolarização é, na e pela brincadeira, que as rotinas da prática cotidiana podem ser resignificadas pelas crianças. Diversos autores, como já foi tratado o capítulo II, constataam este princípio na educação infantil. Assim, é necessário que os profissionais da educação infantil dominem possibilidades viabilizadoras deste princípio nas práticas escolares. Como afirma Spodek (1998) as atividades programadas devem basear-se em suas necessidades e interesses; crianças são ávidas para explorar, experimentar, colecionar, perguntar, aprender depressa e desejar exibir suas habilidades. Por isto, a opção do professor por certas atividades e materiais deve ser baseada no conhecimento de que as formas primárias de aprendizagem das crianças são a linguagem e a brincadeira que

são, respectivamente, a representação simbólica e a reconstrução do mundo que elas experimentam.

Ainda do ponto de vista da educação infantil é preciso reconhecer que a escola representa uma nova rede de relações ampliação de horizontes, convivência com outras crianças, convertendo-se num espaço privilegiado onde se desenvolverá todo o processo de socialização, de formação e de preparação para o futuro enfrentamento da vida adulta e profissional.

O processo de escolarização, na perspectiva já assinalada por Briand e Chapoulie (1993) é considerado como um produto da interação entre a instituição, isto é, o estabelecimento escolar e uma população diferenciada segundo princípios exteriores e interiores à própria instituição. Assim, segundo estes autores, é na prática cotidiana que a instituição escolar reencontra sua clientela – as crianças e suas famílias – e estabelecem suas relações produtoras dos fatos de escolarização.

Ademais, estes fatos de escolarização dependem também das formas ou contratos estabelecidos entre os sujeitos envolvidos neste processo de escolarização. É nesta perspectiva que precisa ser apreendido o significado dos sujeitos: professores, crianças, famílias no período de adaptação, suas expectativas e suas práticas.

Portanto, é fundamental conhecer o significado que é dado ao período de adaptação da criança na pré-escola, pois sua inserção na instituição educacional muitas vezes é a primeira experiência da criança de inserção social. Com relação ao período de adaptação a professora da turma observada, afirma:

*Eu entendo que é um corte umbilical da família para a sociedade a escola. Porque mesmo que você coloque, ah, ele já está bem adaptado, a passear com pai, com outros membros da família, ele vai a aniversários, em lojas, ele já está inserido na sociedade, mas o umbigo mesmo, aquele corte para mim é na escola. Você vai ter uma outra rotina. Para mim adaptação é isso, é ter que se adaptar a uma outra rotina. Apesar que pra mim tudo é uma adaptação, toda experiência nova é uma adaptação, então vai das pessoas que estão te recebendo saber que estás em adaptação. Adaptação é um período especial para qualquer pessoa, não só para os pequenos.*

Com esta fala da professora podemos perceber que ela considera adaptação escolar como Rossetti-Ferreira (1998), um processo de mudança, de desenvolvimento que não é algo estático, e que deve estar atento às novas necessidades, como em qualquer situação que a criança assume novas condutas. A adaptação, portanto, está relacionada às modificações necessárias para responder à determinadas circunstâncias, sugerindo vinculação do indivíduo com o meio.

Neste processo de adaptação, as crianças vivenciam momentos de separação, insegurança e outros sentimentos. Segundo perspectivas teóricas já citadas, esta fase de inserção na escola é a primeira separação entre pessoas conhecidas e a criança, e por ser uma experiência nova, acaba sendo difícil para todos, para as próprias crianças, pais e educadores. Para os pais a dificuldade muitas vezes, está relacionada com o medo de deixar o filho ser um indivíduo independente deles. E por fim, para os educadores a ansiedade existe por serem as pessoas a entrarem na relação pais e filhos para incluir o social para a criança e a criança na sociedade. “... *é claro que a gente tem aquela ansiedade, aquela expectativa para ver como vai ser a criança*” (fala da professora durante a entrevista). Neste sentido, a instituição pode e deve colaborar para que este processo seja mais tranquilo para todos.

Em relação às pessoas que iam lidar com a criança na sua chegada a escola foi possível perceber que não ocorreu um treinamento. Identificou-se a presença de familiares, como avós, irmãos e até de uma babá. Durante alguns dias houve a interferência de um professor de educação física, com a finalidade de ajudar a professora. No entanto, somente à professora era creditada certo grau de experiência e a responsabilidade para lidar com o acolhimento das crianças no período da adaptação. Observou-se que, na prática, a estagiária demonstrava insegurança ao receber as crianças pois, muitas vezes, não sabia o que fazer com as crianças e seus pais. Conforme o relato da professora, sobre as orientações antes do início das aulas, a escola fornece sugestões como:

*Sempre com muita harmonia para receber as crianças e que a gente faça uma leitura prévia em casa, de alguma bibliografia boa que fale sobre adaptação e tranquilidade, que se tenha tranquilidade para qualquer coisa que a gente precisar pode contar com toda a equipe da educação infantil não só especificamente com a professora ou auxiliar, então a gente sempre está atenta a coordenação, direção, as outras auxiliares, então a gente tem sempre este auxílio.* (fala da professora durante a entrevista)

Um dado relevante também, embora houvesse crianças que chorassem muito, que esperneassem na hora da entrada, enfim, que se comportassem de modo a demonstrar que não queriam ficar na escola, a professora não atribuía esta dificuldade às crianças, porque ela sabe que são reações normais das crianças quando estão frente a algo novo, com medo do desconhecido. As idéias da professora estão de acordo com a teoria de Rossetti-Ferreira (1998), a qual afirma que a birra e o choro são sinais que a criança emite quando não consegue o que quer. Também para a professora, estas atitudes das crianças seriam reflexas às atitudes dos pais. Afinal,

o olhar da criança, nesse período de entrada na escola, está totalmente voltado aos pais, pois estes são a sua referência.

Ao pensar na sensibilização dos pais no sentido de autorizar seus filhos a entrarem no mundo social, o primeiro contato dos pais com a instituição foi no ato da matrícula, quando foram orientados que deveriam falar subjetivamente sobre seu filho evidenciando, assim, a própria disposição e desejo do crescimento e desenvolvimento da autonomia de seu filho. Aos pais, requeria-se que deveriam estar prontos para entregar seu filho a escola, proporcionando à criança uma segurança e um sentimento de ser a escola um ambiente seguro e acolhedor. Havia uma expectativa no sentido de se conhecer a professora também, pois há por parte dos pais uma preocupação em saber sobre a pessoa que ficará com as crianças diariamente. Esta preocupação começa desde que os pais pensam em colocar a criança na escola, pois até que se escolha a escola certa e até que chegue o momento oficial do ingresso na escola, a professora não passa de um estranho.

Na escola observada, os pais apenas fazem a matrícula. Posteriormente, é marcada uma data para que eles tenham o primeiro contato com a professora, a qual faz uma entrevista de “anamnese” (cópia anexo) sobre a criança (esta entrevista fornece dados a respeito da criança desde o seu nascimento até os dias atuais, suas preferências, alimentação, sono, rotina familiar) e recolhe o material escolar que foi solicitado para uso das crianças.

... é a entrevista que a gente faz com eles (anamnese), fizemos todas as perguntas desde parto, como é que foi, a família, então esse tempo que a gente faz com eles é muito importante e a confiança deles com a gente, mas não só os pais mais de toda família com a gente. *(fala da professora durante a entrevista)*

Para este período de adaptação, os pais não receberam nenhuma orientação específica. “.. esse ano não tive nenhuma orientação...”, “... olha o que me lembre a escola não falou nada...”, “... essa questão de adaptação formalmente ninguém falou nada...” (fala dos pais na primeira entrevista). Observei que era permitido que as mães ou algum familiar acompanhassem a criança nos primeiros dias de aula, para que conhecessem melhor o ambiente em que eles encontrarão, diariamente, as pessoas que estarão cuidando de seus filhos. Com isso, pode-se entender que seria uma forma dos pais aliviarem suas angústias e preocupações. Tendo o horário também liberado, conforme observado no período de adaptação, constatou-se que os pais começavam a buscar seus filhos a partir das 16:00h e com o término de 18:00h, ficando para os pais a responsabilidade pelo momento certo de buscar seu filho. Para a professora, a presença dos

pais não era considerada problema e nem, tampouco, algo que pudesse ser trabalhado pedagogicamente. Neste período de adaptação, os familiares e seus representantes, apenas permaneciam com a criança pois, assim, eles podiam observar as suas reações no ambiente, acompanhando-o em suas explorações e interações com as outras crianças e adultos:

*... porque eu não tenho problema de inibição, eu não fico inibida na presença deles, eu não me importo, mas eu sinto que eles ficam te olhando, te questionando, te analisando de longe, mas ficam de olho em ti, então eu acho que isso é inseguro para as crianças. Pois às vezes eu não solto da mão do meu filho porque a professora está lá com outro, ah o meu filho quer fazer xixi, mas não é o tempo para fazer xixi, ele não está nem aí, mas o pai cobra isso dele. O lanche tem que comer tudo fica aquela cobrança. Então pra mim esse é o trabalho, eu particularmente não fico inibida, mas em questão do todo, do grupo todo, que vem outras professoras e dizem alguma coisa, eu não me importo, mas aos pais em questão as crianças, a adaptação das crianças. (fala da professora durante a entrevista)*

Vale ressaltar, que esta adaptação é, também, um acontecimento significativo para os pais, no qual a entrega e a separação são vividas por eles com bastante emoção e dúvidas. Pois não é só a criança que enfrenta mudanças, sua reação pode ser a evidente, mas a família também sofre neste processo. Para os pais deixar seu filho na escola é dificultada por uma série de conflitos: por um lado a necessidade de trabalhar, por outro a crença de que filhos pequenos tem de estar junto aos pais e até mesmo o ciúme, de que a criança goste mais do professor do que deles, enfim, muitos outros sentimentos como ansiedade, desconforto e apreensão.

Conforme a entrevista realizada com os pais sobre este período de adaptação, pode-se constatar que a maioria dos pais estava ansiosa com a entrada da criança na instituição escolar.

*“.. eu estou super ansiosa que ela comece porque as outras eu tinha empregada e hoje quem cuida dela para eu trabalhar de manhã e de tarde são meus pais...”; “... a expectativa a adaptação é grande né... eu fico um pouco ansiosa, porque eu quero que ele fique bem...”. (fala dos pais na primeira entrevista)*

Observou-se que muitos deles passaram esta ansiedade no momento em que entregavam seus filhos na escola, como, na entrada da aula, algumas davam um beijo na criança, a criança entrava e ia brincar. A mãe ficava na porta olhando, ou ia para janela e ficava espiando ou às vezes conversava com as outras mães, afirmando que seu filho estava bem, mas com um olhar triste. Em alguns casos houve crianças que entraram bem na escola, sem chorar, que se envolveram com facilidade nas atividades sem exigir muito a presença da mãe que, por mais

preparadas e conscientes que estivessem sobre a escola, assustavam-se quando a criança aceitava com muita rapidez a separação.

Quando a criança entrava tranquilamente na escola e as mães ficavam surpresas, a professora procurava explicar que isso é natural entre as crianças, e que quando elas se adaptam com facilidade, estão demonstrando que aceitaram bem a separação, que estão interessados pelo novo ambiente, pelos colegas, pelas atividades e se sentindo acolhidas pela professora, pela escola.

Através disto, pude perceber que os pais não se preocupam apenas quando seus filhos choram, mas também quando eles não choram, o que parece reforçar a idéia de que são inevitáveis as dificuldades, os obstáculos, que sempre há algum problema no decorrer desse processo. Enfim, que a entrada na escola é uma situação de conflito muito mais para os pais do que para a criança.

Por outro lado, quando uma criança que chora muito na hora em que sua mãe vai embora, a própria professora procurava acalmar a criança, através do oferecimento de recursos materiais (brinquedos) e o contato físico com a criança. Isso funcionava porque diminuía a tensão emocional, sendo um recurso muito utilizado e que efetivamente dava resultado.

Como afirma Spodek (1998), no período de adaptação, os professores devem ser sensíveis às reações dos pais. Além de serem preparados pela Escola para este período de adaptação, os familiares necessitam ser “absorvidos” pedagogicamente pela escola, seja para estarem prontos para entregarem e confiarem os seus filhos, seja para participarem efetivamente do planejamento e atividades escolares.

#### IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho consistiu em refletir sobre a entrada de uma criança pequena, por volta dos dois ou três anos de idade, na escola e como se dava o processo de sua adaptação a determinada forma escolar. Com isso, estudou-se a organização das formas escolares em uma experiência, procurando-se analisar a sua pertinência em determinada fase da Educação Infantil.

No decorrer do trabalho, percebeu-se que cabia a cada uma das partes envolvidas: a escola, a criança e a família, exercer um significado no processo de adaptação da criança à forma escolar. Neste sentido, pode-se afirmar que, o chamado período de adaptação da criança à escolarização é matizado por um amalgama de interferências, as quais estão relacionadas, principalmente, com a apropriação, pela escola (particularmente na figura da professora) e pela família, de determinada concepção de infância e de sua educabilidade; com as formas históricas de escolarização infantil e com a expressão experiencial da escolarização infantil em determinada realidade social.

De modo geral, a concepção de infância instituída historicamente no e pelo discurso pedagógico, entende que a criança, especialmente na primeira infância, desenvolve-se seguindo determinadas etapas evolutivas e apresenta ritmos diferentes desse desenvolvimento, se comparada a outras da sua mesma idade. Assim, seus primeiros anos de vida, a criança seria influenciada, principalmente pela sua família, cujas pessoas lhe são significativas, pois são as responsáveis pelo seu desenvolvimento afetivo e emocional, bem como pela caracterização de comportamentos e de papéis que ela assumirá na sociedade.

Neste sentido, a pesquisa pode constatar que a adaptação está diretamente relacionada ao tema separação, ou seja, a entrada na escola é considerada a representação viva do rompimento do vínculo mãe-criança e, por esse motivo, o sofrimento decorrente dessa separação envolve a todos, escola, criança e família. Sendo assim, as atividades desenvolvidas durante o período de adaptação se apresentaram mais como um artifício que visava tornar a separação gradativa e menos dolorosa, tanto para as crianças quanto para seus pais e não como práticas ou rituais pedagógicos cuja finalidade explícita fosse iniciar a criança à forma escolar.

Segundo os estudos de Rossetti-Ferreira (1998), no processo de adaptação as crianças vivenciam momentos de separação, inseguranças e outros sentimentos, podendo desencadear com



esta situação diversos tipos de comportamentos. Através desses comportamentos ela expressará suas dificuldades e buscará auxílio e cuidado do adulto. Os adultos da pré-escola precisam desenvolver conhecimentos relativos ao processo de separação de forma competente, a fim de se tornarem aptos a enfrentar com sucesso e menor desgaste, os problemas decorrentes do período de adaptação e poderem criar, coletivamente, condições para as crianças vivenciarem experiências gratificantes relacionadas à experiência com a forma escolar.

Neste processo de adaptação, é importante que pais e educadores possam compreender e respeitar o momento da criança de conhecer o novo ambiente e estabelecer novas relações. À medida que ela vai se integrando à instituição escolar, podem ser percebidas influências de sua permanência na escola; ela vai adquirindo experiências diferentes da sua experiência familiar, realizando contatos com outras crianças em ambiente diferente e também levando a exercer maior autonomia. Assim, aos poucos, a criança vai se dando conta de que a escola representa a ampliação de seus horizontes de forma qualitativamente diferente.

Vale salientar que, o modo como cada uma das partes encara a separação, depende do tipo de relacionamento que é estabelecido entre elas. Neste sentido, muitas escolas estão colocando a participação da família no seu planejamento, buscando o envolvimento e o compromisso moral e pedagógico dos pais. Porém, os papéis serão diferenciados e só vão ser construindo a partir do exercício cotidiano de dialogar. Este envolvimento e diálogo só foram encontrados parcialmente na experiência observada, tanto que os pais, em suas entrevistas, indicaram certo desconhecimento em relação ao planejamento pedagógico da escola. Houve uma “preocupação” no envolvimento dos pais sobre a temática da adaptação da criança, mas esta disposição da escola não foi acompanhada de uma apresentação e discussão de alguns elementos fundamentais do processo de escolarização, como a organização do espaço e da rotina diária, as atividades que seriam realizadas, o significado do Brincar.

Diferentemente da família e de outras instâncias da sociedade, a escola tem a função e o comprometimento com o desenvolvimento integral da criança e sua entrada no mundo da cultura e dos saberes sistematizados. Cabe, portanto, à escola, esforçar-se por propiciar um ambiente estável e seguro, onde as crianças se sintam bem, porque nestas condições a atividade intelectual fica facilitada.

Na escola objeto da pesquisa, observou uma preocupação em se criar e manter um ambiente físico adequado às crianças. A ênfase neste elemento da escolarização infantil pode ser

encontrada, cada vez mais, pois o espaço físico tem sido apontado como setor que requer especial atenção e planejamento. No entanto, é preciso ressaltar que, o ambiente físico é, também, um espaço organizado segundo certa concepção educacional, e ele, por si só, não determina a real consecução dos resultados esperados. Ademais, é também importante destacar que, quando a criança ingressa na pré-escola, ela se depara com um espaço que possui composição própria, com objetos específicos e uma organização social diversa da família. A pesquisa indicou que, no período de adaptação, apesar de fisicamente o ambiente ter sido preparado de forma diferenciada, os elementos que o constituíam, como os brinquedos, e a organização social (relação entre os sujeitos presentes), não indicava uma iniciação à forma escolar, mas uma continuidade da experiência familiar. Na perspectiva de Carvalho e Rubiano,(1995) esse novo ambiente escolar tem função importante para o desenvolvimento infantil, no sentido da promoção da identidade pessoal, desenvolvimento de competência, oportunidades para crescimento, sensação de segurança e confiança com relação ao mundo da cultura escolar.

Um fato interessante a destacar foi a própria adaptação dos pais à escolarização da criança. Observou-se que, à medida que superava suas insegurança e se sentia confiante em relação ao tipo de ambiente e cuidados que a escola poderia oferecer, os pais (particularmente as mães), atuavam como elemento suporte e davam tranquilidade à criança para explorar o ambiente, realizar novos contatos e estabelecer, com a professora, uma nova referência. Ao se coletar os dados, observou-se que a escola ofereceu à família, em especial às mães, um suporte visível, através da organização do ambiente físico e da disponibilidade da estagiária e da professora.

O tratamento das questões e problemas relativos à adaptação da criança (como o choro, os conflitos), estava centrado totalmente na figura da professora. Era ela que, de forma legítima, representava a autoridade para lidar com estes temas. Na prática, a vida cotidiana foi dividida com a estagiária e com outros sujeitos presentes no ambiente escolar, como o professor de educação física e alguns familiares.

Os modos ou práticas pedagógicas realizadas pela professora, durante as primeiras semanas de escolarização da criança, indicaram uma grande preocupação em tornar este período o menos traumático possível, para todos os envolvidos no processo: crianças, familiares e docentes. Mas, esta preocupação, não foi acompanhada de um projeto intencional e sistematizado do envolvimento, de todos, em uma proposta da iniciação da criança à forma escolar. De modo

geral, o quadro indicativo das atividades, bem como a sua análise, não indicou a busca de inovações e intenções em tornar as práticas pedagógicas um elemento fulcral no processo de adaptação da criança à escola. Considerando-se o valor , já explicitado neste trabalho, que as práticas pedagógicas, resignificadas no sentido do Brincar, possuem para esta fase da escolarização e este momento da entrada da criança na escola, pode-se afirmar que elas não foram capitalizadas suficientemente de forma pedagógica.

Pode-se afirmar que, do ponto de vista do processo de escolarização, cuja perspectiva relacional foi destacada neste trabalho, a partir de alguns autores referenciados, houve uma construção efetiva por parte da instituição analisada. De forma concreta, a proposta pedagógica da instituição é reveladora de sua intenção em articular-se aos princípios mais contemporâneos da educação infantil, bem como em realizar o pressuposto em ser uma escola sob medida para a sua clientela. O próprio conceito de escolarização, no entanto, já indica que, na realidade, a concretização de determinados pressupostos e princípios torna-se mais complexo, o que nos permite entender a dificuldade de, na prática cotidiana, serem concretizados determinados avanços que são necessários.

Neste sentido, a pesquisa foi reveladora de algumas tentativas e intenções em se procurar formas novas para um projeto de educação infantil. No entanto, mesmo levando-se em consideração os limites postos pela pesquisa, pode-se considerar que, este estudo de caso de uma experiência de educação infantil, forneceu indícios para se entender que a questão da adaptação da criança pode estar sendo tratada muito mais como uma adaptação à separação em relação a vivência familiar do que uma adaptação à vivência das novas experiências propiciadas pela forma escolar.

Entende-se que a entrada da criança na escola precisa ser pensada a partir da dialética da inclusão e exclusão. Neste caso, a adaptação à separação da vivência familiar, bem como a adaptação à nova forma de vivência escolar, são experiências que necessitam ser complementares, construídas no compromisso, na competência, no compartilhamento e no protagonismo íntegros da educação do ser humano.

## V. REFERÊNCIAS

- ABRAM, J. **A linguagem de Winnicott**. Rio de Janeiro: Revinter. 2000.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: livros técnico e científico editora S.A. 1978/1981.
- ADORNO, S. Criança: a lei e a cidadania. In: RIZZINI, I. (org) **A criança no Brasil hoje**. Rio de Janeiro. Ed. Sta Úrsula, 1993.
- ANGOTTI, M. **O trabalho docente na pré-escola: revisitando teorias, descortindo práticas**. São Paulo: Pioneira Educação. 1994.
- BALABAN, N. **O início da vida escolar: da separação à independência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- BASSEDAS, E. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- BLÉGER, J. **Temas de Psicologia: entrevista e grupos**. São Paulo: Martins Fontes. 1998.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora Lda, 1994.
- BONDIOLI, A. **Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos: uma abordagem reflexiva**. Porto Alegre: Art Med. 1998.
- BRIAND, J.P.; CHAPOULIE, J.M. L'institution scolaire et la scolarisation : une perspective d'ensemble. *Revue Française de sociologie*. XXXIV. 1993, 3-42.
- CARVALHO, M.I.C. e RUBIANO, M.R.B. Organização do Espaço em Instituição Pré-Escolares. In: OLIVEIRA, Z.M.R. (org.). **Educação infantil muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 1995.
- CLAPARÈDE, ED. **A Educação Funcional**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.
- CHARLOT, B. **A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na Teoria da Educação**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- COUTINHO, G.F. **Quando a criança começa a frequentar a pré-escola**. [www.clubedobebe.com.br](http://www.clubedobebe.com.br). 07/04/2001
- DEL PRIORE, M. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

DIAS, M.C.M. Metáfora e pensamento: considerações sobre a importância do jogo na aquisição do conhecimento e implicações para a educação pré-escolar. In: KISHIMOTO, T.M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS, Educação Básica. Conselho Nacional de Educação. Brasília/2001.

DUARTE, M.P. **Período de adaptação: uma análise a luz da teoria de Henri Wallon**. PUC/SP, 1998.

ELKONIN, D.B. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FARIA FILHO, L.M. Escolarização, culturas e práticas escolares no Brasil: elementos teórico-metodológicos de um programa de pesquisa. In: LOPES, A.C.; MACEDO, E. (org) **Disciplinas e integração curricular: história e políticas**. Rio de Janeiro: DP/A, 2002.

FECAROTTA, H. et al. A escola e os caminhos da adaptação. In: POSTERNAK, L.M. e RAMOS, M. **E agora o que fazer? A difícil arte de criar os filhos**. São Paulo: Best Seller, 1998.

FERNANDES, M.R. Infância e modernidade: doença do olhar. IN: GHIRARDELLI JR, P. **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez, Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997.

FONSECA, V. **Aprender a aprender: a educabilidade cognitiva**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

FORMOSINHO, J.O. (org). **Modelo Curriculares para a Educação da Infância**. Portugal: Porto Editora, 1996. 1º Coleção Infância.

\_\_\_\_\_. **Educação Pré-Escolar: a construção social da moralidade**. Lisboa: Texto Editora, 1996.

GAGNEBIM, J.M. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago. 1997.

\_\_\_\_\_. Infância e pensamento. IN: GHIRARDELLI JR, P. **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez, Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997.

GRATIOT-ALPHANDÉRY, H. & ZAZZO, R.. **Traité de psychologia de l'enfant**. Paris: Press Universitaires de France, 1970.

GRÜNSPUN, H. **Distúrbios neuróticos as criança**. São Paulo: Editora Atheneu. 1998.

\_\_\_\_\_. **Psicoterapia lúdica de grupo com crianças.** São Paulo: Editora Atheneu. 1997.

HADDAD, L. **A relação creche-família: relato de uma experiência.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.70, p.70-78, 1987.

IGNÁCIO, R.K. **Criança querida: o dia-a-dia das creches e jardim-de-infância.** São Paulo: Antroposófica, 1995.

JOBIM E SOUZA, S. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin.** São Paulo: Papirus. 1994.

KISHIMOTO, T.M. **O jogo e a educação infantil.** São Paulo: Pioneira, 1994.

KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce.** São Paulo: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. **Infância: fios e desafios da pesquisa.** Campinas/SP: Papirus, 1996.

KUHLMANN JR., M. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica.** Porto Alegre: Mediação. 1998.

LAKATOS, E.M. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 1991.

LAZARUS, R. **Personalidade e adaptação.** Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LEBOVICI, S. **Significado e Função do Brinquedo.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

MACHADO, M.L.A. Educação Infantil e Sócio-Interacionismo. In: OLIVEIRA, Z.M.R. (org.) **Educação Infantil: muitos olhares.** São Paulo: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. **Pré-Escola é não é escola: a busca de um caminho.** Rio de Janeiro: paz e Terra, 1991.

MAHLER, M. **O processo de separação-individuação.** Porto Alegre: Artes Médicas. 1982.

MALUF, M.R. Uma psicologia da criança? In: **Psicologia da Educação.** Revista do programa de estudos Pós-Graduados em psicologia da educação. São Paulo: EDUC, 1997.

MELHADO, M.T. **Pré-escola: despertar para a vida.** Campinas, SP: Alínea, 2001.

MANTOVANI, S.; TERZI, N. **Manual de educação infantil de 0 a 3 anos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MIRANDA, M.G. A idéia de infância: a condição social de ser criança. In: LANE, S.T.M.; CODO, W. **Psicologia social: O homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MONARCHA, C. (org) **Educação da infância brasileira: 1875-1983**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

MUKHINA, V. **Psicologia da idade pré-escolar**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

NICOLAU, M.L.M. **A educação pré-escolar: fundamentos e didática**. São Paulo: Ática, 1986.

NOVAES, M.H. **Adaptação Escolar: diagnóstico e orientação**. Petrópolis: Vozes, 1976.

NUNES, N.N. **O ingresso na pré-escola: uma leitura psicogenética**. In: OLIVEIRA, Z.M.R. (org.). **A criança e seu desenvolvimento perspectivas para se discutir a educação infantil**. São Paulo: Cortez, 1995.

OLIVEIRA, Z. M. R. et al. **A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil**. São Paulo: Cortez, 1997.

\_\_\_\_\_. **Creches: crianças, faz de conta & Cia**. Petrópolis: Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_. **Educação Infantil: Muitos Olhares**. São Paulo: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

POSTMANN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia. 1999.

QUINTEIRO, J. **Infância e escola: uma relação marcada por preconceito**. Campinas, SP. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, 2000.

RAMOS, A.L.M. **Alfabetização na pré-escola: apreciação analítica e contribuições para a construção de um caminho interdisciplinar**. Dissertação de Mestrado em Educação. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 1995.

RAPPAPORT, C.R. et al. **Psicologia do desenvolvimento: A infância inicial: o bebê e sua mãe**. São Paulo: EPU, 1981.

**Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol.1, 2 e3.

RIBEIRO, R.J. O poder de infantilizar. IN: GHIRARDELLI JR, P. **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez, Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997.

RIZZO, G. **Educação Pré-Escolar**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

\_\_\_\_\_. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento**. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2000.

ROCHA, E.A.C. **A pesquisa em educação infantil no Brasil: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia**. Florianópolis: UFSC, Centro de Ciências da Educação, Núcleos de Publicações, 1999.

ROLDÃO, M.C. **O pensamento concreto da criança: uma perspectiva a questionar no currículo**. Lisboa: Instituto de inovação educacional, 1994.

ROSEMBERG, F.; CAMPOS, M.M. (org) **Creches e pré-escolas no hemisfério norte**. São Paulo: Cortez, 1994.

ROSSETTI-FERREIRA, M.C. (org.). **Os fazeres da educação infantil**. São Paulo: Coretz, 1998.

ROUSSEAU, J.J. **Emílio ou da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SANTOS, S.M.P. et al. **Brinquedoteca: O Lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

\_\_\_\_\_. **Brinquedo e Infância: um guia para pais e educadores em creche**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SARACHO, O. E SPODEK., B. **Ensinando Crianças de três a oito anos**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SARMENTO, M.J.; PINTO, M. As crianças definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, M.; SARMENTO, M.J. **As crianças: contextos e identidades**. Portugal, Centro de Estudos da criança: editora Bezerra. 1997.

SCHMIDT, M.A.M.S. **Infância: sol do mundo a primeira conferência nacional de educação e a construção da infância brasileira**. Curitiba 1927. Tese de Doutorado (Depto de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes) UFPR. 1997

SEBER, M.G. (colab.) **Psicologia do pré-escolar: uma visão construtivista**. São Paulo: Moderna, 1995.

SOUZA, R.P. **A criança, a família e a escola**. Rio de Janeiro: Globo S.A, s/d



**SPODEK, B. Ensinando criança de três a oito anos.** Porto Alegre: ArtMed, 1998.

**TRIVIÑOS, A.N.S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

**VICENT, G.; LAHIRE, B.; THIN, D. Sobre a história e a teoria da forma escolar.** Educação em revista, Belo Horizonte, n.33, junho/2001.

**VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento psicológico na infância.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

**WALLON, H. Psicologia e educação da infância.** Lisboa, estampa, 1975.

\_\_\_\_\_. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: edições 70, 1995.

**WEFFORT, M.F. Observação, registro, reflexão: Instrumentos Metodológicos I.** São Paulo: Série Seminários, 1996.

**WINNICOTT, D.W. Pensando sobre crianças.** Porto Alegre: Arte Médicas. 1997.

\_\_\_\_\_. **A criança e o seu mundo.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

**WOOD, D. Como as crianças pensam e aprendem.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

## ANEXO 1

### OBSERVAÇÕES DAS AULAS

**1º dia : 18/02/2002**

13:00 hrs: a estagiária chegou na sala de aula, abriu as janelas e acendeu as luzes. (Permaneceu na entrada da sala de aula, sem saber o que fazer. Demonstrou estar perdida com a situação e relatou não conhecer as crianças).

13:10hrs: a professora chegou na sala e logo saiu, ficando a estagiária sozinha novamente. A professora foi levar a sua filha na sala dela (2º série)

13:15hrs: chegou a 1º criança Natália e quem recebeu foi a estagiária. A estagiária falou “boa tarde”. A criança chegou com a mãe e com avó, a criança estava com a mochila nas costas e ao entrar tirou a mochila, entregou para mãe e a mãe conversou com a criança dizendo que iria trabalhar, e avó ficaria na sala. Então a mãe lhe deu um beijo. Chegou a 2º criança Arthur, a estagiária falou para o menino, “você não vai chorar, né”. Neste momento a criança olhou para estagiária e começou a chorar e agarrou-se na mãe (no colo). (A mãe olhou meio sem graça para a estagiária e riu). A mãe conversou com a criança, mostrando a sala, tudo o que tinha, mas a criança continuava agarrada na mãe, não deixando a mãe sozinha. A avó da primeira criança pegou uma cadeirinha e sentou, mas a criança ficou brincando sozinha indo para a estante dos ursos de pelúcia (Esta criança parecia não dar importância pela presença da avó).

13: 20hrs: a professora chegou na sala de aula calmamente, pediu para a estagiária colocar os brinquedos (de plásticos) na mesa e foi conversar com as crianças que já estavam presente. Chegou a 3º criança Isadora, com o pai e com a mãe. Esta criança ficou no colo da mãe não largando dela nenhum momento. A mãe começou a mostrar o material que trouxe. A professora interferiu pedindo para a criança mostrar sua almofada, mas ela ficava de mão dada com a mãe (E a mãe olhava para a sala, parecia tentar achar alguma coisa que tivesse interesse para criança). Em seguida, a professora foi conversar com a 1º criança (pegando ela no colo) e colocou a música na sala. A 2º criança pegou a almofada e entregou para a professora, mas pediu colo para mãe. A mãe e avó da 1º criança, foram embora e a criança deu tchau e foi brincar com os ursos de pelúcia.

13:25hrs: a professora foi conversar com a mãe da 3º criança (pegando a criança no colo), tentando mostrar, distrair a criança com os brinquedos. A professora sentou na mesa com as três crianças e a 1º criança ficou mostrando como brincava com o telefone. A avó da 1º criança e o pai da 3º criança ficaram na janela espiando (olhando) as crianças. Chegou a 4º criança Rubens, agarrado com a mãe no colo, quando a professora se aproximou dele, ele começou a chorar, agarrando na mãe, mais forte ainda. A mãe entrou na sala e sentou na cadeirinha com ele, mostrando os brinquedos que tinha na sala. Chegou a 5º criança Bernardo, logo largou da mãe e foi brincar com o caminhão vermelho. A mãe ficou conversando com a estagiária e disse que “vai ficar na escola e vai buscar a criança as 16:00hs esta semana”. Falou ainda que acredita que ele vai ser fácil de adaptar-se mais ela não.

13: 30hrs: Chegou a 6ª criança Laura, com uma boneca Barbie, acompanhada da mãe. A mãe saiu e ficou na rua espiando a criança (através da janela que dá no corredor). Chegou a 7ª criança Ygor, chorava muito, mas a mãe deixou mesmo assim. Entregou para professora chorando e saiu. Deu apenas um beijo na criança e disse tchau, depois a mãe volta (mas a mãe continuou dentro da sala, mas longe da criança). O professor de educação física chegou na sala de aula para ajudar, conversar com o Ygor. A 2ª e a 3ª criança continuavam andando com suas mães, sempre de mão dada.

13: 35hrs: Chegou a 8ª criança Rafael, dando beijo na professora e foi no banheiro com a mãe. A 4ª criança começou a chorar, berrar muito, quando a mãe ameaçou de sair (A mãe olhou para a criança com um olhar de pena e ficou mais um pouco). Chegou a 9ª criança Gabriela e ficou no colo da mãe, com um cobertor no colo (tipo um cheirinho) e o bico. A 7ª e 4ª criança choravam muito. A professora foi conversar com a 4ª criança, e a criança começou a chorar mais ainda (berrar muito). Quando a mãe ameaçou sair a Gabriela, agarrou-se e pediu colo da mãe (com o cobertor no colo ainda). O Arthur ficou brincando com a mãe na mesinha. A professora fechou a porta e ficou avó da Natália ainda espiando na janela. As outras mães foram embora.

13:40hrs: O Bernardo começou a chorar muito (a berrar). Três mães continuavam na sala, junto com o professor de educação física (Jairo). A mãe do Ygor saiu da sala, e a criança berrava muito no colo da professora. A professora levou-o para brincar, mas ele fazia gesto que não queria. A estagiária estava com o Bernardo chorando. Com as 4 crianças chorando (Arthur, Bernardo, Ygor, Isadora), a Laura começou a chorar (A Laura olhava para estas crianças com um olhar assustada e chorava também).

13: 45hrs: Chegou a 9ª Criança Enrike deu tchau para a mãe e logo ficou brincando com as crianças que estavam no chão. Chegou a 10ª criança Lucas, a mãe ficou na sala mexendo no material, mas a criança sentou na mesinha com as outras crianças (sendo que na mesa tinha três crianças) e a mãe foi embora nem se despedindo da criança.

13:50hrs: A mãe da Laura teve que voltar. Por que ela começou a chorar muito alto e as outras crianças começaram a se assustarem. A avó da Gabriela continuava na escolinha e trouxe um copo de água para a Gabriela. A estagiária ficou com o Lucas no colo chorando. O Bernardo saiu da sala, pois chorava muito. Saiu com a Marina (estagiária da pré-escola que auxilia todas as professoras, todas as turmas). Neste momento a professora brincava com algumas crianças na mesinha.

13:55hrs: A coordenadora da pré-escola trouxe água para as crianças e a professora deu água para todas as crianças, só continuava a chorar o Lucas, continuava 2 mães: (Arthur e Laura) na sala. A professora fez uma roda, onde as crianças sentavam ao lado, menos a Isadora que ficou na mesinha. Mostrou uma caixa que tinha alguma coisa dentro, mas eles tiveram que adivinhar. Chegou a 11ª Criança João Victor, acompanhado do pai e da mãe, ficou um pouco na rua, pois o pai foi fotografar nos brinquedos. As crianças tentavam adivinhar o que tinha na caixa: era um tubarão, dinossauro Rex, uma baleia. O professor de Educação Física ficou com 2 crianças o Lucas e o Ygor, pois os dois não paravam de chorar. (O professor não se retirou da sala, ficou com as crianças ali brincando na mesinha com os brinquedos). A professora contou que era um presente, e conversava bastante, pediu para as crianças fecharem os olhinhos mas o Lucas continuava a chorar. Tinha três mães (do João Victor, Laura, Arthur) na sala, e 1 pai na porta observando o filho (João Victor). Durante a realização dessa atividade a Isadora ficou o tempo todo sentada sozinha na mesinha, sendo que nem a professora e nem a estagiária chamou ou foi tentar buscá-la para perto dos amigos.

14:00hrs: A professora tirou o brinquedo que era um avião que andava e fazia um barulho. (A professora explicou que aquele brinquedo era do seu filho). A Isadora continuava na cadeira sozinha (mesinha). E o Lucas, Ygor e Laura em pé, olhando para o brinquedo que a professora trouxe (mas com os olhinhos cheio de lágrimas) e o Artur no colo da mãe. Chegou a 12ª criança Rubens, ficou no colo da estagiária chorando e a mãe saiu (mas olhava para trás). A professora deixou as crianças pegarem um pouquinho cada uma o brinquedo que trouxe o avião.

14:05 hrs: A professora entregou uma borboleta (como se fosse um crachá identificando cada criança com seu nome) com o nome de cada criança, colocando no pescoço de cada criança. O Rafael saiu da roda e foi para o tapete, dizendo que não queria colocar a borboleta no pescoço (com um olhar e uma fisionomia de brabo). O Lucas continua a chorar. E o Bernardo ainda continua na rua com a estagiária.

14:10hrs: O professor Jairo trouxe uma caixa com a minhoca de pano. E a professora disse que queria cantar (ensinar) uma música da cobra e a criança Natália cantou. Fizeram a roda novamente e a professora falou sobre a cobra. E a Isadora ficava na mesinha sozinha, (só olhando para roda e para a professora, sem se mexer). Estavam na sala a mãe do Artur, do João Victor, e da Laura. A professora ensinou a música da cobra e todas crianças estavam olhando, somente o Bernardo continuava na rua com a estagiária. A professora abriu a caixa e disse que a minhoca deu um beijo na sua mão, mostrou a cabecinha, e começou a cantar a música da minhoca, e tirou a minhoca de pano (grande) da caixa.

14:15hrs: A mãe do João Victor saiu da sala, mas ficou espiando na janela. E a criança ficou bem, nem percebendo a saída da mãe.

14:20hrs: As crianças continuavam brincando com a minhoca.

14:25hrs: A professora solicitou para guardarem a minhoca e mostrou vários bichinhos (no papel) para as crianças, onde todas sentaram novamente em roda para escolher um bichinho. (Sendo que este bichinho seria a figura para representar seu nome) Saíram as 2 mães, só ficou a mãe do João Victor que retornou para sala (pois ele não queria parar, ficar sentado na roda com os amigos, o João Victor queria brincar com os brinquedos, mas a mãe foi lá interferir, pois ele não queria escolher o bichinho). A mãe foi buscá-lo, pegou no colo levando até a roda, mas ele saiu correndo novamente para a estante dos brinquedos. Neste hora a professora chamou-o pelo nome, mas a criança não deu bola (A professora só chamou uma vez e continuou a conversar com as outras crianças). O Lucas retornou para sala, sem chorar, (ele havia saído com o professor de educação física), mas sempre acompanhado do professor de educação física.

14:30hrs: A professora pediu para guardar os brinquedos (que ainda se encontram na mesinha ou espalhado pela sala) para poderem ir ao parque. A Laura começou a pedir pela mãe (pois a mãe deu uma fugidinha sem comunica-la). A mãe de João Vitor foi até o seu encontro e avisou que ela estava indo embora, pois precisava trabalhar, mas que mais tarde voltaria para buscá-lo (neste momento ele deu tchau para mãe e ela saiu). Foram ao parque, mas o Bernardo e a Laura continuavam chorando. A mãe da Laura retorna para sala e vai para o parque. A mãe do João Victor também retorna (mas ele não estava chorando), só para olhar ele brincando no parque. O Enrike, Natália tiraram a borboleta do pescoço.

14:55hrs: As crianças continuam no parque brincando: no escorregador, roda, casinha, balanço, nos brinquedos do parque. A mãe da Laura continua junto com ela. O Bernardo e o Lucas continuam chorando, mas sozinhos (sem as mães), sendo que a professora ficou de mãos dadas com as duas crianças. E o Arthur ficou o tempo todo com a babá.

15:00hrs: A professora chamou as crianças para sala, primeiro passaram no banheiro, lavaram as mãos e foram fazer xixi. (nesta hora a estagiária Marina e a servente vão até o banheiro para ajudar as crianças).

15:10hrs: Hora do lanche. A mãe da Laura continua na sala, e chegou a mãe do Ygor para levá-lo. O Bernardo continua chorando fora da sala , juntamente com a estagiária.

15:15hrs: Chegou a mãe do Rubens só para ver como ele estava, deu uma olhadinha, entrou na sala para ver se ele estava comendo (indo até o encontro da criança). A mãe da Laura saiu, e a Laura ficou brincando com o telefone. (não percebendo a saída da mãe)

15:25hrs: Laura começou a chorar, quer a procurar a mãe (nesta hora a professora vai ao seu encontro e diz que já vão telefonar para mãe vim buscá-la). O Arthur foi embora com a babá. A mãe do Rubens saiu e ele ficou brincando com o cavalinho de plástico. As crianças terminaram o lanche e a professora pegou os cavalinhos (plástico) do corredor e colocou dentro da sala. E o Lucas continuava chorando, pedindo para ir embora. (mas quem estava sempre ao seu lado era o professor de educação física, dando sempre atenção)

15:30hrs: O Ygor foi embora, e as crianças continuam a brincar com os cavalinhos e a Laura está no colo da professora chorando. A professora conversava com ela, dizendo que a mãe já voltava que ela não precisava chorar, mas ela continuava chorando pedindo pela mãe. A estagiária continua com o Bernardo no lado de fora da sala (mas ele está quase dormindo).

15:35hrs: O Bernardo veio para sala dormindo, no colo da estagiária. Ficou dormindo no colchão (cantinho do repouso).

15:40hrs: Voltou a mãe da Laura (ao entrar a criança parou de chorar, mas sempre caminhava pela sala olhando para ver onde sua mãe estava) e a professora deu uma bala para cada criança. As crianças abriram a bala e jogaram o papel no lixo.

15:50hrs: A Gabriela pegou seu cobertor e foi deitar no colchão. O João Victor começou a chorar porque seu amigo Rafael lhe bateu, então ele (o João Victor) pediu pela mãe. A professora pegou as duas crianças e fez o Rafael pedir desculpas e abraçar o amigo. As crianças continuam a brincar na sala, bem a vontade.

15:55hrs: Chegou a mãe do Bernardo, a professora explicou (falou) que ele chorou muito e não quis fazer o lanche. A mãe pegou a criança e levou embora, falando que amanhã ele volta e que no começo é assim.

16:00hrs: O Rafael morde a Natália, e a professora fez a menina mordê-lo também. Depois a professora pegou o avião novamente, colocou as crianças a sentar numa roda e brincarem com o avião.

16:05hrs: A professora pegou o amigo Garibaldi (é um bichinho de espuma), apresentou para as crianças. O Rubens se levantou da roda (mostrando aparência de medo) indo para o cavalinho de plástico que se encontrava encostado na parede. A professora contou uma historinha (inventada por ela na hora) e o amigo Garibaldi deu uma balinha para cada criança. A turma do jardim, veio conhecer os amigos do maternal.

16:15hrs: Todas as salas (turmas) foram realizar a assembléia geral no corredor onde a coordenadora apresentou-se e pediu para cada grupo se apresentar.

16:25hrs: a professora pediu para ligar para mãe do João Victor, pois ele começou a chorar e está pedindo pela mãe. A estagiária da turma do jardim saiu com ele, foi brincar no parque e ele parou de chorar. O professor Arildo de música chegou na assembléia e cantou com todas as crianças.

16:35hrs: Chegou a mãe do João Victor e da Gabriela. A Natália foi para sala dormir (a estagiária levou para sala e voltou para assembléia, deixando a criança sozinha). Foi ligado para mãe do Lucas pois ele estava quase dormindo na assembléia.

16:40hrs: O Lucas dormiu e foi levado para o colchão da sala.

16:45hrs: Terminou a assembléia, e as crianças voltaram para sala com a mãe da Laura e do João Victor. A Natália levantou (acordou) e foi sentar na roda com todas as outras crianças. A professora mostrou a faquinha mágica (palito de picolé) e explicou sobre a massinha de modelar. Distribuiu para cada criança uma faquinha e 1 massinha.(sendo que cada criança ganhou uma e foram brincar na mesinha)

16:55hrs: As crianças continuam brincando com a massinha e a mãe do João Victor vai embora (sem ele). Chega a mãe do Lucas e o leva embora (acordando a criança, pois ele não pode levar ele no colo, devido a uma cirurgia que fez). Laura deixa a massinha e vai pegar o telefone de brinquedo. A professora e a estagiária brincam com as crianças de massinha.

17:15hrs: A professora recolhe a massinha e leva as crianças brincar no corredor, nos brinquedos.

17:30hrs: As crianças voltam para a sala.

17:35hrs: Chegam para buscar: a mãe do Rubens, da Gabriela, da Natália, e da Isadora. A mãe de Laura também resolve levá-la embora.

17:40hrs: Chega a mãe do Henrique, e do João Vitor.

17:55hrs: Chega a mãe do Rafael, última mãe.

## **2º Dia 19/02/2002**

13:00hrs: A estagiária chegou, abriu as janelas, acendeu as luzes, o ventilador e saiu para colocar (trocar) a água dos passarinhos (beija-flor), (sendo que este serviço, cada semana fica responsável por uma estagiária, neste momento a sala ficava sozinha).

13:10hrs: A estagiária retorna a sala, mas nenhuma criança havia chego.

13:15hrs: Chegou a primeira criança Gabriela, no colo da mãe pois estava dormindo. A mãe colocou-a no colchão, enrolada no seu cobertor. A mãe deu tchau para a estagiária e saiu, chegou a segunda criança Natália com uma boneca e acompanhada da mãe e do irmão. Deu um beijo para mãe e foi para a estante de brinquedos. Neste momento a estagiária colocou os brinquedos nas mesas. A mãe da segunda criança ficou olhando pela janela do corredor.

13:20hrs: A primeira criança acordou, e foi brincar na mesinha. A estagiária arrumou o cabelo da criança que acordou e guardou o bico e o cobertor na estante. Enquanto isso as duas meninas ficavam brincando juntas na mesinha. Só agora, a mãe da segunda criança, foi embora. A estagiária ficou brincando com as crianças de boneca.

13:25hrs: Chegou a terceira criança o Bernardo, mas ficou na rua com a mãe (não querendo entrar), a mãe ficava conversando e mostrando os brinquedos. A professora chegou na sala. O Ygor (4ª criança) chegou com a mãe, chorando (e no colo). A mãe teve que entrar, sentar e brincar com a criança na mesinha. Chegou a 5ª criança Laura com a mãe e o pai, ela chegou com uma boneca, sentou na mesinha e logo convidou a mãe para sentar também. A mãe e o pai sentaram perto dela, mas o pai falava que a mãe teria que levar o pai para o trabalho. A mãe ficou conversando com ela (criança). Chegou a 6ª criança, o Lucas, deu beijo e tchau para mãe e foi brincar na mesinha. A mãe saiu, ficou olhando um pouquinho e foi embora.

13:30hrs: Chegou a 7ª criança Arthur com a mãe e com a babá, chegou pedindo colo, mas a mãe não deu, falando que nenhuma criança está no colo. Ele começou a chorar, olhando para algumas crianças. Chegou a 8ª criança Isadora, acompanhada da mãe e da avó. A mãe saiu da sala, pegou um cavalinho de plástico e deixou a criança brincando e saiu. A criança começou a chorar e a mãe voltou. A mãe e o pai da Laura foram embora, mas conversaram com ela dizendo que iria trabalhar, mas a irmã chegou para ficar com ela. Mas mesmo assim ela chorou bastante, e foi passear no parque com a irmã. Chegou a 9ª criança o Enrike com a irmã, largou a lancheira e foi brincar com os brinquedos. Depois o pai chegou e foi conversar com o filho e deu tchau e a criança continuou brincando. A mãe do Arthur saiu e ele ficou brincando com a babá, sendo que a mãe saiu sem se despedir da criança. O Bernardo entrou na sala chorando, agarrando na mãe, a mãe olhava para os lados (parecia estar sem graça, sem jeito). Entrou e sentou para brincar com a criança. A Isadora saiu com a mãe. O Lucas chegou com a mãe, deu um beijo e foi brincar no cavalinho.

13:35hrs: A Isadora não quis entrar na sala, queria brincar no corredor. A mãe do Arthur voltou para sala e ficou conversando com a criança (nesta hora a criança não estava chorando, estava brincando com a babá). A professora conversava com o Ygor e com sua mãe (a mãe ficava olhando muito para a criança). O Bernardo saiu da sala correndo e a mãe saiu atrás. A estagiária colocou o escorregador dentro da sala, para tentar que a Isadora entrasse na sala, a professora e a estagiária ficaram brincando com a Isadora e a mãe foi embora. O Arthur começou a chorar (mas a mãe não demonstrou dar bola) sentou-se à mesa e a criança se aproximou.

13:40hrs: Chegou a 10ª criança Rubens, a mãe deixou a criança e saiu, ele começou a chorar, mas a professora pegou a minhoca e começou a brincar com ele. O Bernardo e a Laura estavam no parque com a mãe e com a irmã. A mãe do Rubens retorna para janela (tentando espiar) e ele começa a chorar, agarrando-se na estagiária e a mãe ficou olhando pela janela do corredor.

13:45hrs: O Arthur começa a chorar novamente (e a mãe e a babá ao seu lado demonstravam não saber o que fazer) e a Laura retorna a sala, com um olhar assustada. A professora deu a guitarra para o Arthur e ele para de chorar. A professora tentava distrair brincando e conversando com as crianças, neste momento ainda estavam na sala a mãe do Ygor, do Arthur e a babá do Arthur. A Laura saiu da sala novamente com a irmã. A Natália começou a chorar porque queria a guitarra, a professora pegou a criança no colo e explicou que era um pouquinho cada amigo. A professora deu água para as crianças.

13:50hrs: Chegou o João Victor, com a mãe e com a avó. A mãe entregou o material e saiu (deu um beijo e falou que iria trabalhar) a avó ficou brincando com ele dentro da sala.

13:55hrs: A mãe do Ygor, saiu e ele começou a chorar. (A mãe saiu dizendo que iria voltar na hora do recreio, a mãe saiu e ficou olhando para trás um pouquinho e foi embora). A professora pegou a criança no colo e ficou brincando, mas mesmo assim a criança continuava chorando. A professora solicitou para estagiária buscar a Laura para ela se acostumar com as duas (a professora e a estagiária). O João Victor queria sair, mas a avó disse que agora não é hora, (falando numa voz alta), a criança olhou e foi brincar no escorregador.

14:00hrs: Chegou o Rafael com a mãe e com o pai. O Rafael trouxe a fita do Toy Story 2. A criança deu um beijo no pai e foi meio manhoso falar com a mãe. A mãe explicou que ia trabalhar mas depois voltava. A estagiária voltou sem a Laura, pois a Laura queria ficar no parque com a irmã. Então a estagiária foi ver o Bernardo no parque. A professora continuava com o Ygor no colo. A mãe de Arthur saiu, ele começou a chorar, a pedir pela mãe, agarrando-se na babá. Em todo momento a professora conversava com as crianças. Falou do filme que iriam assistir, que iriam buscar o vídeo. Disse que iriam colocar o nome no grupo, onde as crianças teriam que escolher. O Arthur caminhava pela sala em busca da mãe, tentando achá-la. Estavam na sala a babá do Arthur e a avó do João Victor e fora da sala estavam a Laura e o Bernardo. A professora perguntou para as crianças como poderia ser o nome do grupo e o Rafael falou avião, e a professora perguntava se todos gostavam de avião. (Porém a professora não explicou sobre esta questão de o grupo possuir um nome, então nenhuma criança respondeu, pareciam não estar entendendo nada)

14:05hrs: A professora pediu para todos fazerem uma roda para ver a surpresa que a ela trouxe hoje. A professora arrumou as crianças na roda, ficando o Arthur no colo da babá e o restante das crianças todas sentadas com as pernas cruzadas. A professora mostrou a minhoca e pediu para as crianças colocarem um nome na minhoca, algumas crianças falaram FADA, FADA. Então a minhoca ficou com o nome de minhoca FADA. A professora começou a imitar a voz de uma minhoca e brincou com a minhoca. Cantaram a música da minhoca. Depois a professora abriu a sacola para as crianças verem a surpresa. E as crianças falaram é a cobrinha, a minhoca bem grande, é um sapo. Então cantaram a música do sapo. E era um sapo e todos imitavam como o sapo faz. E o nome será o sapo Rei. A professora fez uma roda novamente onde todas as crianças abraçaram o sapo Rei.

14:20hrs: A professora pegou o amigo Garibaldi e deu uma balinha para cada criança.

14:25hrs: Foram para o parque. No parque todas as crianças brincavam. Só o Bernardo que ficou acompanhado da mãe e a Laura da Marina (estagiária do colégio), onde a irmã foi embora. A avó (João Victor) e a babá (Arthur) ficaram no corredor, observando (espiando a criança de longe), (a avó relatou que só queria ver quando ele saísse do parque e não visse a avó, a avó demonstrou mais insegurança que a criança).



15:00hrs: A mãe da Gabriela aparece no colégio com a desculpa de ver se ela está comendo (ficou espiando e foi embora). A Laura começou a chorar.

15:10hrs A professora chamou as crianças para sala, primeiro foram lavar as mãos para depois fazer os lanchinhos. A irmã de Laura voltou pois ela não parava de chorar. A mãe do Ygor também chegou para ver como ele estava. A avó de João Victor e a babá do Arthur voltaram para sala. O Bernardo fez o lanche do lado da mãe.

15:30hrs: A professora colocou o colchão no meio da sala e as crianças sentaram no colchão para escutar a história. Primeiro a professora ensinou a música que se deve cantar antes da história. O nome da história é a Boca do Sapo. A Laura começou a chorar, pedindo para sair. A irmã saiu com ela para o parque (e a professora não falou nada). Os restantes das crianças ficaram todas escutando a historinha. A avó do João Victor, a mãe de Bernardo, do Ygor e a babá do Arthur ficaram na sala escutando a historinha também e olhando para suas crianças. Durante a historinha o Rubens ficou comendo e em nenhum momento a professora o chamou para perto. O Arthur ficou o tempo todo perto da babá e o Bernardo caminhando pela sala, no final da história a professora ensinou a música do “enrolar”. Durante a música, a avó do João Victor interferiu na brincadeira, falando “João Victor ele é seu amigo”, (pois a criança queria bater no amigo. A professora só olhou e não falou e nem fez nada). A professora ensinou a música da “igrejinha”.

15:40hrs: A estagiária Marina entrou na sala e foi conversar com o Rubens que estava sozinho sentado na mesa (fazendo ainda seu lanche), (em todo o momento a professora tinha que mandar a auxiliar fazer as coisas, pois ela não tinha iniciativa própria). A professora deu massinha e a faquinha mágica para as crianças. Todas sentaram nas mesinhas. A babá saiu da sala, enquanto isso a Laura ainda continuava fora e as três mães continuavam na sala. A avó se aproximou da criança e foi brincar do seu lado.

15:55hrs: A mãe da Laura chega e vai recebê-la no parque (onde a criança estava com a Marina). A mãe do Ygor o leva embora e a professora pediu um beijo mas ele não quis dar (a professora ficou meio sem graça, olhou para mãe e disse tchau então, até amanhã). A mãe do Bernardo também o leva embora, a professora deu um beijo nele e ele pegou a lancheira e saiu.

16:00hrs: A mãe da Laura entra na sala com ela, a criança vai brincar de massinha.

16:10hrs: A professora guarda a massinha, pega a minhoca faz com que as crianças agarrem na minhoca e vai para sala de vídeo assistir um pedaço da fita que o amigo Rafael trouxe. A avó da João Victor e mãe da Laura vai juntas para sala de vídeo.

16:35hrs: O João Victor começa a chorar pedindo pela mãe, mas avó estava presente e pegou ele no colo. A professora ficou o tempo todo conversando com a mãe da Laura e a estagiária ficou perto das crianças (junto com a minhoca, pois as crianças ficaram deitadas com a cabeça no corpinho da minhoca) A professora e a mãe da Laura estavam em outro tapete. Pegaram a minhoca novamente e levaram para sala. Foram para o parque. A avó ficou na sala e a mãe da Laura foi junta para o parque.

17:00hrs: Voltaram do parque, foram ao banheiro e depois para sala brincar com os brinquedos e esperar as mães chegarem (avisou a professora). A mãe do Rubens chegou na sala, abraçou a criança (parecia bem forte e a criança chorou um pouquinho, demonstrando alegria por rever a mãe).

17:05hrs: Chegou a mãe e o pai do Lucas, ficaram um tempinho olhando pela janela até a criança ver, ao olhar a criança saiu correndo, abriu a porta e foi abraçar a mãe. A professora foi lá fora e conversou com os pais, dizendo que hoje ele não chorou. A mãe do Rubens pegou sua lancheira e foi dar um lanchinho novamente para ele. A mãe do Lucas o levou embora (depois que a mãe saiu e fechou a porta a professora foi atrás dele para dar tchau) As crianças ficavam brincando ainda com os brinquedos e as três mães continuavam dentro da sala (avó do João Victor, mãe do Rubens e a mãe da Laura).

17:15hrs: Chega a babá para levar o Arthur, a professora o pega no colo dá um beijo e diz até amanhã. A mãe da Gabriela chega e leva ela embora. (a criança coloca o bico na boca, pega o cobertor e a mochila e dá tchau) a professora se aproxima dá um beijo e diz eu te amo. Chega a tio, do João Victor para buscá-lo, mas ele não queria ir embora, a avó falou bastante com ele, tentando convencer de ir embora (a criança ficava olhando para avó). Enquanto isso a professora ficou na porta olhando para os dois (avó e a criança).

17:30hrs: O Rubens coloca a mochila e começou a dar tchau (bem alto), deu um beijo na professora, na estagiária e foi embora. A mãe disse até amanhã e a professora disse eu te amo para a criança. A Laura também vai embora, a professora pediu um beijo e disse que amanhã a Laura volta, a criança fez com a cabeça que sim e a mãe olhou para professora e riu. A criança não quis dar um beijo na estagiária.

17:40hrs: Avó do Enrike veio buscá-lo, a professora pegou no colo e deu um beijo. A avó perguntou se ele chorou a professora falou que não. Chegou a mãe da Isadora, abraçou a criança pegando-a no colo. Bateu algumas fotos e levou ela embora.

17:45hrs: Chegou a mãe do Rafael, a mãe conversou com a professora perguntou se ele havia assistido ao filme, o Rafael deu um beijo na professora e foi embora. Chegou a mãe da Natália, levando-a para o banheiro e depois voltaram para sala e foram embora (a professora havia saído da sala e nem se despediu da criança)

### **3º Dia 20/02/2002**

13:00hrs: Chega a estagiária e arruma os brinquedos em cima de cada mesinha, abre as janelas e acende a luz.

13:05hrs: Chega o primeiro aluno Arthur, sua mãe falou que ele estava pedindo para vir pro colégio, ele deixa a mochila e vai para o corredor brincar no cavalinho, na casinha, sempre acompanhado por sua mãe. (por sua vez a mãe sempre ao lado da criança)

13:10hrs: Chegou a Natália, acompanhada da mãe, a estagiária recebe dando um beijo. A estagiária continua a arrumar os brinquedos (ursos de pelúcia na estante). Agora chegou o Rafael ficou reclamando que não tinha nenhum colega, e a estagiária falou que tinha um amiguinho brincando no cavalinho lá na rua e a Natália aqui dentro da sala. Chega outra criança Enrike que foi correndo nos brinquedos, a mãe chega na sala deixa sua mochila e vai embora. O

Rafael correu atrás dos pais chorando e quando ele começou a chorar novamente a estagiária foi convidá-lo para brincar, ele não parou de chorar e a estagiária foi dar uma volta com ele. Ficando na sala apenas a pesquisadora. E os pais foram embora.

13:15hrs: Natália continua a brincar com uma boneca barbie, sua mãe dá tchau e ela demonstra nem se importar. Chega a quarta criança Lucas que se despede de sua mãe e corre para mesinha brincar.

13:20hrs: A estagiária retorna a sala, chega a quinta criança a Laura, que deu oi para a estagiária e pediu para brincar no corredor, não desgrudando da mão da mãe. A mãe fica um pouco e depois sai, ficando a irmã. Rafael volta para sala sem chorar e deitou no cantinho do repouso (colchão). Chega uma criança (Gabriela) dormindo no colo da mãe, a estagiária colocou no cantinho do repouso e a mãe vai embora. Chega mais uma criança (Ygor) e a mãe senta na mesinha para brincar com o filho.

13:25hrs: Agora chega a professora.

13:30hrs: Chega mais uma criança João Victor, acompanhado pelos pais, que chega pedindo um avião. A professora pergunta para os pais se tem lanche que precisa ir na geladeira. Logo os pais se retiram da sala, mas ficam no corredor (janela) olhando. Natália pede massinha e a professora diz que agora não é hora, que mais tarde ela dará.

13:35hrs: Dez crianças em sala e quatro mães, chega Bernardo acompanhado de sua mãe. A estagiária traz os cavalinho do corredor para dentro da sala e as crianças ficam brincando com eles. Rafael caiu e fingiu que desmaiou a professora brincando foi levantar, outro amiguinho também fingiu que caiu (Lucas) e ficaram os dois se jogando no chão.

13:40hrs: Chegou mais duas crianças, doze crianças ao todo em sala de aula, a mãe do João Victor entrou para tirar foto.

13:50hrs: Entra a coordenadora com dois homens para arrumar a sala (cortina), então a professora leva a turma para assistir ao filme que o João Victor trouxe (Dinossauro). Ela arruma todo mundo no tapete e cada criança ganha uma almofadinha. Nenhuma criança chora, estão todos assistindo o filme, algumas crianças não param de falar, umas vão até a televisão e ficam falando e apontando na tela (trailer). A professora deixa as crianças bem a vontade. Quando começou o filme todos deitaram e ficaram assistindo. Depois de dois ou três minutos de fita, João Victor e Bernardo já começam a circular pela sala, o Enrike também. A professora continua deixando as crianças a vontade

14:00hrs: A professora perguntou se as crianças queriam brincar no parque, eles foram colocar as almofadas nos seus lugares e então passaram na sala para pegar os baldes para brincar no parque, especialmente na caixa de areia

14:10hrs: Foram todos para a caixa de areia brincar com os baldinhos. Bernardo e Ygor se estranharam, um queria brincar com o brinquedo do outro. E começam a chorar. A professora se aproxima e tenta explicar para as crianças que cada um tem o seu. Lembrando que a mãe do Bernardo, a irmã da Laura, a babá do Arthur se encontravam juntos no parque.

14:20hrs: A professora senta com todos na caixa de areia e ficou fazendo bolo de areia com as crianças.

14:25hrs: Duas crianças saíram da caixa de areia e foram brincar na roda. Rafael falou que não queria mais brincar e jogou os brinquedos pro alto (nem a professora e nem a estagiária não tomaram nenhuma atitude).

14:35hrs: A professora começou a cantar as músicas da Xuxa, algumas crianças cantaram juntas.

14:40hrs: Todos começaram a arrumar, limpar os baldinhos para voltar para sala. Laura começou a chorar mas sua irmã pegou no colo. Bernardo fica correndo pelo parque e sua mãe atrás. Como começou a chover todos foram brincar no parquinho de dentro, localizado no corredor da escola.

14:50hrs: Todos fizeram uma roda para cantar. João Victor berrou, ficou esperneando porque queria brincar, todas as turmas saíram e fizeram roda juntas (assembléia geral). Então chegou o Arildo (professor de música), a Laura ficou com sua irmã dentro da sala chorando (somente as duas), Bernardo fica observando batendo palminhas (ao lado da mãe). Lucas olhou para a pesquisadora e pede água. A pesquisadora levanta e dá água para a criança, e a babá só olha e começa a rir. E se retira da escola

15:05hrs: A professora chama a estagiária para levar os alunos no banheiro para lavar as mãos. No banheiro eles fazem fila e vão para sala. Laura sempre acompanhada da irmã, ainda não parou de chorar. Todos entram e vão até sua mochila para pegar seu lanche. Ygor começa a chorar pedindo a mãe.

15:25hrs: Enquanto Laura foi no banheiro com a professora sua irmã foi embora e ela não parou de chorar. A estagiária e professora iam guardando as lancheiras e eles brincavam. Depois colocaram o colchão no meio da sala para a professora contar uma historinha, e a Laura está no colo da professora chorando muito, soluçando.

15:30hrs: Só está ainda na sala a mãe do Bernardo.

15:35hrs: Laura já está rindo com as histórias que a professora está contando. Todos estão sentados prestando atenção, menos o Bernardo que está na estante dos brinquedos.

João Victor se levanta e sai da sala, a estagiária vai atrás e ele pede água.

15:40hrs: Laura começa a chorar, professora pede que chamasse sua irmã. A professora chama todo mundo para ver a novidade dentro da caixa (João Victor parece não prestar atenção no que a professora fala e continua sozinho brincando pela sala). A professora pede para as crianças fazerem roda, mas Enrike não obedece e fica no meio da roda, mesmo com a irmã, Laura não para de chorar. A professora tira de dentro da caixa: giz de cera e papel para eles desenharem, Bernardo está com sua mãe numa mesinha, sua mãe leva-o até a roda mas ele não se sente a vontade e volta para mesa.

15:50hrs: Brincando a professora monta um boneco no chão, perguntado quem tem pé, braço, boca, olhos, cabelos e desenha. Depois todos vão para mesa. Bernardo sai para trocar as fraldas, Laura ainda chora muito e sua irmã vai dar uma voltinha com ela na escola. Todos foram para mesa sentar e desenhar.

15:55hrs: Isadora chora pois um coleginha caiu em cima dela. Bernardo caiu da cadeira e sua mãe foi correndo atrás dele. Laura retorna a sala acompanhada de sua irmã ainda chorando.

16:00hrs: A professora pede a estagiária que em cada folha coloque o nome dos alunos.

16:05hrs: Bernardo vai embora, sua mãe dá tchau para professora e ela dá um abraço em Bernardo que chora e sai da sala com sua mãe. Arthur e Natália brigam pelo mesmo giz. Durante a atividade a professora passava por mesinha e mesinha para ver as atividades das crianças.

16:10hrs: A professora pede para as crianças entregarem as folhas, pede que elas coloquem o giz de cera nos potinhos. Arthur bate na Isadora, e a professora pede que Arthur dê um abraço e um beijo em Isadora. Isadora chora muito no colo da professora. E Arthur vai atrás da Isadora para dar um beijo. Agora todos vão brincar com massinha. João Victor começou a chorar porque ele quer brincar com os brinquedos. A professora deixa a criança brincar. A estagiária sai com uma criança da sala para fazer xixi. Eles fazem picolé, avião de massinha.

16:20hrs: Agora a professora pergunta quem quer fazer xixi ou coco, e a estagiária levou três crianças no banheiro.

16:25hrs: Lucas pede para fazer xixi e a professora fala para a criança ir até o banheiro, pois a estagiária está lá.

16:35hrs: A estagiária começa a contar o material dos alunos. Todos continuam a brincar com a massinha, outros correm pela sala. Mais tarde a professora convida as crianças para brincar no corredor e abre a porta, todos saem correndo. Ela pede a outra professora o aparelho de som. Depois de brincar no corredor, todos foram brincar no parque, no escorregador, na roda e na casinha.

16:45hrs: Laura no parque parece lembrar da mãe e começou a chorar.

16:50hrs: João Victor chora porque quer ir brincar no corredor. A professora está brincando com outras crianças.

16:55hrs: Chegou a mãe da Laura e agora ela brinca com um sorriso, João Victor chora porque quer ficar parado dentro da minhoca.

17:00hrs: Agora João Victor chora porque quer um dinossauro que está na mão de um coleginha. Uma criança pega a mochila e diz que está com fome, a professora deixa porque ele não comeu nada na hora do lanche.

17:05hrs: A professora pede a outra professora do jardim o aparelho de som, pois trouxe o CD da Xuxa e ao ouvirem as crianças começaram a dançar.

17:10hrs: Chegou a mãe do Rafael. A professora começou a dançar com as crianças. Chegou a mãe de mais três crianças, do João Victor, do Ygor e do Lucas.

17:15hrs: Chegou a babá da Isadora e mais duas mães.

#### **4º dia 21/02/2002**

13:00hrs: Chega a estagiária e começa a organizar a sala, muda a água do beija-flor.

13:10hrs: Nenhuma criança chegou ainda e a estagiária se encontra na rua, ficando somente a pesquisadora dentro da sala.

13:15hrs: A estagiária retorna para dentro da sala. Começaram a chegar as primeiras crianças. Natália (acompanhada da mãe e do irmão) trouxe uma boneca nova e um guarda-chuva e logo largou. Isadora no colo da mãe não queria sair e sua mãe convidou Isadora para ir no balanço, elas foram. Arthur chegou com a mãe, se jogou no chão e começou a chorar, pedindo pelo papai. Sua mãe foi brincar junto com ele na mesinha, mas ele chorava muito e agarrava nos braços dela. Lucas chegou com sua mãe, já na porta largou tudo e saiu correndo para brincar na mesinha com os brinquedos de montar.

13:20hrs: Isadora permanece na rua brincando com sua mãe, mas quando entra na sala ela começa a chorar muito. Agora chega Gabriela com o bico na boca e o cobertor, demonstrando estar com soninho, sua mãe deixa ela na sala e vai embora sem se despedir (ficando olhando no corredor). Laura já chega chorando e soluçando muito, sua mãe tenta conversar explicando que ela vai passar a tarde com os amiguinhos, mas que depois ela vem buscá-la, pede para ela parar de chorar, mas não adianta. A Gabriela quando vê que sua mãe foi embora começou a chorar e a mãe retorna para sala. Laura é levada pela mãe e pela irmã para brincar no parquinho, mesmo assim ela não parou de chorar.

13:25hrs: A professora chega na sala

13:30hrs: Depois de brincar muito com a Gabriela, sua mãe tentou explicar que precisa ir trabalhar, ela diz que não e ameaça chorar, se jogando no chão. Ygor chega com a mãe e ela senta com ele na mesinha para brincar. A professora pega Gabriela no colo e a leva pra passear para que sua mãe vá embora. A Isadora dá falta da mãe e pede colo chorando para a estagiária. A professora traz fantoche de cachorrinho, de bruxinha e começa a brincar. Todas as crianças pararam de chorar e ficaram olhando.

13:35hrs: Chega Rubens com a mãe, a estagiária o coloca sentado na mesinha, ele olha pra mãe, faz tchau com a mão e continua a observar o que a professora esta fazendo com a bruxinha. Permanece duas mães dentro da sala. Laura continua no parque com a irmã e a mãe. A mãe do Ygor vai embora e ele continua olhando para a professora.

13:40hrs: O Enrike chega com o pai, dá tchau e vai brincar com os amiguinhos. Professora saiu com uma criança e a estagiária brinca de fantoche com as crianças que estavam presentes dentro da sala.

13:45hrs: A professora chega com um monte de fantoche, distribuindo um para cada criança.

13:50hrs: Arthur começa a chorar, pedindo pela mãe. Chega João Victor, a mãe vai atrás mas dá um beijo e ele já saiu pra brincar. Deixando a mãe lá atrás, a mãe olha com um olhar triste ou indignada de que ele está tão bem.

13:55hrs: Arthur ainda não parou de chorar, a professora pega ele no colo e vai ao banheiro, mas ele continua a chora muito. São dez crianças na sala e apenas a irmã da Laura.

14:00hrs: A professora traz o aparelho de som e põe música da Xuxa para a turma, Arthur chora sem parar. E as crianças começam a cantar e fazer coreografias, e Arthur não para de chorar. João Victor não ligava para música e continuava a brincar com o cavalinho de plástico que a estagiária trouxe para dentro da sala. No cantinho do sono Laura deitou com sua irmã, não chorava mais, nem Arthur que agora estava entretido com a música.

14:10hrs: João Victor tenta sair da sala e pedindo água para a estagiária. Ela coloca num copinho para cada aluno. Quando tocou a música do sapinho, eles correram para pegar o sapo, quando foi a minhoca a mesma coisa, então a professora perguntou quem queria fazer uma minhoca no dedo, todos queriam, então com canetinha ela fez olhos e bocas nos dedos das crianças.

14:20hrs: Com o fantoche de coelho, cantaram a música do coelhinho.

14:25hrs: A professora pediu para todas as crianças arrumarem os brinquedos, guardar nos devidos lugares. Perguntou quem queria água novamente e faz fila para dar água para as criança. Fala que ainda tem brinquedo no chão, e se eles não arrumarem tudo não vão para o parque.

14:30hrs: Antes de irem o João Victor mostrou para os amiguinhos os dinossauros que ele trouxe. Todos sentaram no chão e a criança começou a mostrar.

14:40hrs: Foram brincar no parque com pneu, ninguém chorava, mas Laura continua com a irmã. A professora e a estagiária ficaram cuidando dos alunos no escorregador.

15:00hrs: A irmã de Laura foi embora e ela continuou brincando no balanço com a professora.

15:20hrs: A professora chamou as crianças para lavar as mãos. Todos foram e a Laura deu falta da irmã e começou a chorar.

15:35hrs: Laura comia e como chorava muito se engasgava, a professora achou que deveria chamar a irmã. A irmã entrou na sala e ela logo parou de chorar, as vezes pedia pela mãe.

15:45hrs: A mãe da Laura chegou e deu um presente para filha que ela havia pedido um batom.

15:55hrs: Duas crianças se machucaram, um bateu com a cabeça na cabeça da outra, só um chorou. A professora imediatamente foi atendê-lo dizendo que não aconteceu nada. Laura não desgrudou da mãe.

16:00hrs: A professora colocou o colchão no meio da sala e pediu para as crianças sentarem que ela iria contar uma história, até a Laura saiu do lado da mãe e foi sentar no colchão com os amiguinhos, todos ficaram prestando atenção na história do barquinho que a professora contava.

16:05hrs: A estagiária foi na sala ao lado para saber como se faz um barquinho de dobradura.

16:10hrs: Com alguns barquinhos de dobradura a professora ensinou os alunos a pintar o barquinho com giz de cera. Gabriela pede para ir ao banheiro fazer xixi.

16:15hrs: Todos começam a arrumar as almofadas e foram para mesinha pintar agora cada um sozinho com o seu barquinho (sendo que cada criança ganhou um barquinho e havia uma cestinha de giz de cera no centro da mesinha para as crianças pintarem).

16:20hrs: Arthur ficou perturbando a Isadora e ela começou a chorar. A mãe de Laura permanece na sala, mas agora Laura brinca com os amiguinhos. Todos quietos permanecem pintando seus barquinhos com bolinhas de giz de cera.

16:25hrs: Os alunos pintavam e iam mostrar para a professora, ela falava que estava lindo, falava para as crianças pintarem com bolinhas coloridas. A professora caminhava pela sala para ver as atividades das crianças.

16:30hrs: A professora pediu que cada aluno entregasse para colocar lá fora na parede para todo mundo poder ver. Para no final da aula mostrasse para os pais.

16:40hrs: Todos estão brincando, uns com os cavalinhos, uns com o teclado do computador, outros com avião. Mas todos com os brinquedos que estão dentro da sala.

16:50hrs: Duas crianças pedem para ir ao banheiro fazer xixi, e então todos vão brincar no parquinho do corredor, porque o da rua está molhado (estava chovendo).

17:00hrs: Todos estão correndo de um lado para o outro nos brinquedos. Laura deixa a mãe na sala e vai correndo brincar.

17:15hrs: começa as mães chegarem na escola para buscarem seus filhos.

17:40hrs: chega a última mãe para levar seu filho embora.



Hoje faltou o Rafael e o Bernardo.

Hoje a professora contou a historinha: O barquinho e as crianças fizeram sua primeira atividade. As crianças ilustraram o barquinho da história com giz de cera. A professora fez os barquinhos com papel sulfite colorido.

#### **5º dia 22/02/2002**

13:05hrs; a estagiária chega na sala, coloca os brinquedos na mesinha e vai para porta da sala esperar as crianças chegarem. A sala já estava aberta (com as janelas abertas e as luzes acesa)

13:15hrs: Chega o Bernardo acompanhado com a mãe, desde a entrada na sala ele foi parando em todos os brinquedos que estavam no corredor. A mãe ficou encostada na porta da sala enquanto ele brincava no escorregador. A Natália chega com a mãe, guarda a lancheira e dá um beijo na mãe. Quando a mãe ameaçou a sair, a criança agarrou-se no seu braço. A mãe e a criança saíram da sala, foram encontrar com o irmão que estuda na sala ao lado. A estagiária falou para a criança “o que aconteceu hoje Natália”. Passou 2 minutos a mãe e a criança retornaram a sala, sendo que a criança vem no colo da mãe. A estagiária tentou brincar com ela, mas ela não quis, só queria a mãe e começou a chorar.

13:20hrs: Chega o Lucas, a empregada trouxe deu tchau e ele largou de sua mão e sentou na mesinha para brincar. A Laura chega acompanhada da mãe e da avó. A criança deu um beijo na mãe a pedido da avó, segurando na mão da avó e sentou com avó na mesinha. A mãe sai avisando que vai trabalhar e depois volta para buscá-la. A Natália ficou sempre ao lado da mãe, mas parou de chorar, pegou uma boneca e ficou segurando. A mãe conversava com a criança, mas ela só queria seu colo. Depois a criança foi no tapete e disse para mãe: “mãe, você fica sentada aí” (a mãe estava sentada na cadeira). Chegou o Ygor, acompanhado da mãe, eles chegaram e já foram os dois sentarem na mesinha. A mãe da Natália falou que agora precisava ir trabalhar, depois ela voltava. Mas a criança não deixou a mãe sair, agarrou-se na sua perna e começou a chorar. Em todo momento a estagiária perguntava para Natália o que estava acontecendo. O Bernardo entra na sala.

13:25hrs: Chega a Gabriela no colo da mãe, (ficando meio manhosa), pegou o bico e o cobertor e foi deitar no colchão. A Isadora também chega no colo da mãe e acompanhada da prima. A mãe passou a criança para a prima pois ela ameaçou a chorar. A Isadora queria ir para o parque, começou a chorar e a mãe e a prima saíram com ela. A professora chegou na sala, deu um beijo em todas as crianças, pegou a Natália do colo da mãe, a criança começou a chorar e a professora saiu com a criança, indo para a turma do jardim. Voltaram para sala, e a criança começou a se jogar no chão, chorando muito e pedindo pela mãe. A professora pegou a criança novamente no colo e ela começou a berrar muito. A estagiária saiu da sala para buscar a Isadora no parque, mas a criança voltou para o colo da mãe (antes da estagiária aparecer a criança estava brincando sozinha no parque a mãe só estava olhando)

13:30hrs: Voltou a mãe e a Isadora para dentro da sala, a professora pegou a criança do colo da mãe, mas ela começou a chorar (onde a mãe pareceu insegura em deixá-la fazendo gesto de pegá-la novamente) onde a professora falou para mãe: “se quiseres ir eu fico com ela”. A professora saiu com a criança, levando para o banheiro e a mãe acompanhou. Voltaram para a sala, a criança continuando chorando no colo da professora e a mãe saiu da sala olhando para

trás. A professora pegou balão e foi encher para cada criança. Enquanto isso a Natália ficou no chão chorando e pedindo pela mãe. E a Isadora sentou-se no lado da professora, olhando meio assustada para a criança chorando (Natália). O Bernardo sai correndo para o parque e a mãe vai atrás.

13:35hrs: Chegou o Arthur de mão dada com a mãe, a mãe entrou na sala e ele parou na entrada não querendo entrar, começou a chorar. A professora levantou da cadeira e foi recebê-lo. A mãe conversava dizendo que não precisava chorar (sempre olhando para a criança). A professora conversou com a mãe e foi beijar a criança. Sendo que a criança já estava no colo da mãe, a professora pega a criança chorando e sai da sala um pouquinho. A mãe do Ygor saiu da sala e ele ficou brincando sozinho na mesa, sendo que ela saiu sem se despedir da criança. O Bernardo continuava no parque, a avó da Laura na porta e Natália chorando.

13:40hrs: A professora entra na sala com o Arthur e a mãe vai embora. Quando a criança parece dar falta da mãe começa a chorar e a professora pega as loucinhas e começa a brincar com a criança. O Bernardo retorna a sala com a mãe. A professora vai falar com o Bernardo, mas ele não deixa a professora se aproximar (quando ela se aproxima ele sai correndo para perto da mãe). Chega o Rubens acompanhado com o pai. O pai olha para sala e a criança se agarra no pai, no seu colo. O pai vai com ele no parque e a professora sai atrás dele, vai conversar com a criança, dizendo que hoje eles vão para o parque, vão brincar bastante (a criança e o pai ficam olhando para as palavras da professora). Enquanto isso o Arthur continua chorando e se jogando no chão (sozinho). Chega a mãe do Rubens e a pega no colo, trazendo para dentro da sala. Entrega para estagiária chorando e vai embora olhando para trás. Chega o Enrike acompanhado da mãe e do pai. Dá tchau e eles (os pais) vão embora.

13:45hrs: Chega o Rafael acompanhado da mãe, entra na sala e senta no colchão com sua almofada. Nesse momento o Rubens e a Natália param de chorar. E o Arthur ainda chorando, pedindo pela mãe. Hoje a estagiária recolhe das lancheiras os sucos, os alimentos que vão para geladeira, coloca os nomes das crianças e deixa em cima da estante.

13:55hrs: Continua a avó da Laura e a mãe do Bernardo dentro da sala. O Arthur no colo da professora. A sala do jardim vem na sala do maternal fazer uma visita. O Bernardo abre a porta e sai de dentro da sala e a mãe vai junto. A estagiária sai da sala com Arthur, pois ele não para de chorar. O grupo do jardim faz um roda no chão e a professora do maternal conversa com os alunos. Algumas crianças do maternal sentam e outras ficam brincando com os brinquedos. A professora do maternal convida todas as crianças para cantar, mas o maternal não quis. Fizeram a assembléia com as crianças do maternal e jardim (dentro da sala do maternal). Cantaram a música da pipa, da igreja.

14:00hrs: Chega o João Victor acompanhado da tia, mas no seu colo pois a criança estava dormindo. A tia o coloca no cantinho do repouso e vai embora. A professora ficou cantando com a turma do jardim e as crianças do maternal ficaram brincando, sem atenção de ninguém. A estagiária estava fora da sala ainda com Arthur.

14:10hrs: termina a assembléia e a turma do jardim brinca com os brinquedos do maternal. Todos dentro da sala. A Isadora começa a chorar (demonstrando falta da mãe) pois pergunta pela mãe (mas sua avó estava do seu lado). O Bernardo retorna para sala com a mãe, e o Arthur com a estagiária também retornam. A Natália começa a chorar também, mas continua a brincar com os amigos e a Isadora chora muito no colo da professora.

14:15hrs: O Bernardo brinca com a avó da Laura e a mãe aproveita para sair um pouquinho. O grupo do jardim vai embora da sala, indo para o parque. O Arthur começa a chorar e a estagiária se aproxima dele, conversa com ele e ele para de chorar um pouquinho e começa novamente. A professora enche a sala de balões e as crianças começam a brincar com os balões. A Isadora se aproxima da pesquisadora e vai no seu colo e pede um balão e para de chorar. A estagiária sai para levar os sucos na geladeira.

14:20hrs: A professora solicita para todas crianças ajudarem a guardar os brinquedos para irem ao parque.

14:25hrs: Foram todos para o parque. Só o João Victor ficou na sala dormindo (sozinho). A avó da Laura e a mãe do Bernardo foram para o parque junto. Duas crianças saem do parque para irem ao banheiro (Arthur e Enrike, e a professora e a estagiária nem dão falta das crianças). As crianças vão sozinhas no banheiro.

14:45hrs: João Victor acorda e começa a chorar. A pesquisadora vê e acolhe a criança, pois a professora estava no parque com as outras crianças (em nenhum momento ela apareceu na sala para olhar a criança). O Bernardo vai para o colo da mãe. Quando a pesquisadora retorna a sala, o Rafael do maternal e o Gustavo do jardim estavam na sala bagunçando todos os brinquedos e jogando no ventilador. A pesquisadora chamou a professora e ela pergunta para eles se por acaso ela vai na casa deles e bagunça. Solicita para arrumarem tudo senão vão ser levados para a coordenadora. A professora retorna para o parque deixando as crianças sozinhas guardando o brinquedo.

15:00hrs: A mãe da Natália aparece na escola para olhar a filha. Dá uma olhadinha e vai embora sem falar com a criança.

15:10hrs: As crianças voltam para sala. Antes vão ao banheiro lavar as mãos e fazer xixi no banheiro. A Isadora começa chorar pedindo a mãe. A avó da Laura e a mãe do Bernardo continuam na sala. Entra uma nova amiga Mariana (ela estava matriculada no jardim, mas não está se adaptando lá, então hoje ela veio passar a tarde aqui no maternal. Ela só tem 3 anos, fizeram a matrícula errada).

15:30hrs: A mãe do Bernardo sai da sala e ele começa a chorar, a professora sai com ele da sala. Vão à turma do jardim pois tinha aniversário lá. A Isadora continua chorando sentada na mesinha e a estagiária se aproxima e pergunta o que foi que aconteceu que hoje ela está chorando.

15:35hrs: A mãe do Bernardo retorna perguntando por ele, a estagiária avisa que ele está na turma do jardim com a professora e a mãe vai até lá espiar. Olha e fica na janela da sala.

15:40hrs: A professora e a estagiária não se encontram na sala e as crianças ficam brincando sozinha na sala (a professora foi na turma do jardim e a estagiária foi no banheiro com uma criança). A mãe vai buscar o Bernardo na outra sala, ele estava chorando e a mãe vai passear com ele no parque. A Isadora continua chorando e vai para o colo da pesquisadora. A professora retorna e logo sai para tomar água.

15:50hrs: A mãe da Laura chega na escola e entra na sala. A professora chega com três livrinhos de história, pega o colchão e coloca no meio da sala e as crianças sentam e a professora começa a contar a primeira história: O Patinho Feio. A Isadora parou de chorar e o Bernardo saiu da sala com sua mãe.

16:00hrs: O avô da Laura chega na escola e fica na porta da sala. A professora começa a segunda história: Que barulho é este?

16:05hrs: A Laura enxerga o avô e sai do colchão, foi conversar com o avô, a professora pará a história e pergunta para Laura quem é? A Laura responde é o vovô. Então a professora fala para Laura convidar o vovô para escutar a história. Fica na sala então a mãe, a avó e o avô da Laura. O Bernardo entra na sala com a mãe.

16:10hrs: A professora pega os fantoches de pato e cantou a música do pato. As crianças continuam sentadas no colchão e no final da música a professora deixou as crianças brincarem com os fantoches.

16:15hrs: A professora deu uma massinha e uma faquinha mágica para cada criança brincar. Os avôs da Laura vão embora mas a mãe fica. A Isadora começa a chorar e a professora pega a criança para brincar de massinha. A mãe da Laura dá uma saidinha, vai buscar água para crianças, mas a Laura percebe a saída e começa a chorar. Na volta a mãe lhe dá um esmalte, pois prometeu se ela hoje na entrada não chorasse depois iria ganhar um esmalte. A mãe relatou que ontem ela ganhou um batom e até no final vai estar com o guarda roupa completo.

16:35hrs: A professora guardou as massinhas e fez uma roda com as crianças no chão. Pegou o palhacinho e foi conversar com as crianças e cantou a música do palhaço picolé. A Isadora começa a chorar e a mãe da Laura pega a criança no colo e dá pipoca que o avô da Laura trouxe. A professora vê e pergunta se pode dar para todas as crianças. Então todas as crianças ganham pipoca no copinho. E a Isadora continua a chorar. E a Laura sempre no lado da mãe.

16:50hrs: Cada criança ganha um bambolê e a professora coloca o CD da Xuxa. A professora brinca com as crianças de bambolê. O Arthur começa a chorar e foi para o colchão, tampando o ouvido com as mãos e a Isadora foi sentar na cadeirinha e permaneceu lá quietinha.

17:00hrs: As crianças ainda dançavam e brincavam com o bambolê. E o Arthur ficava no colchão com as mãos no ouvido.

17:05hrs: A professora levou as crianças para o parque brincar na caixa de areia, levando os baldinhos (os brinquedos de praia). Indo junto a mãe do Bernardo e da Laura.

17:15hrs: Chega o pai do Bernardo e a mãe da Gabriela. E eles vão para o parque ver os filhos. O pai do Bernardo encontra sua esposa e os dois ficam brincando com o Bernardo.

17:30hrs: A Gabriela vai embora. A mãe do Rubens chega e vai no parque e ao chegar abraça a criança, pega no colo e leva embora. Chega a tia da Laura e fica conversando com sua mãe no parque. A tia do João Victor chega para buscá-lo e a professora dá um beijo na criança e ele vai embora.

17:35hrs: Chega a mãe do Arthur vai no parque buscá-lo. Ao chegar dá um beijo e pega ele no colo e leva o embora

17:40hrs: A mãe e a tia da Laura levam ela embora. Chega a mãe do Rafael dá um presente para ele e vão embora. A mãe do Ygor chega dá um beijo e um abraço bem forte nele.

17:45hrs: A Natália foi embora. A mãe da Isadora chega, abraçou e pegou ela no colo, conversou bastante com ela perguntando porque ela chorou hoje? Veio o avô e a mãe do Enrike buscá-lo. O pai do Lucas veio buscá-lo, mas não pode entrar na escola porque estava sem camisa então a estagiária o levou até o pai (o pai estava na entrada do colégio).

Hoje deu para perceber que a professora não toma atitude alguma quando as crianças choram, pois ela continua conversando ou fazendo a mesma coisa que estava anteriormente.

A mãe do Bernardo relatou para a pesquisadora que não gostou da atitude da professora no primeiro dia, pois ela ficou na escola a tarde inteira (sentada na cadeira da lanchonete) e avisou que se por acaso ele chorasse muito era para chamá-la. E ele chorou a tarde inteira e não me chamaram, acabou dormindo de cansado de chorar. Falou também que a escola não falou nada sobre este período de adaptação, devendo ter informações necessárias e um espaço para os pais ficarem. Na saída das crianças, a professora ficou na porta dando tchau para as crianças e algumas ganharam beijo.

#### **6º dia 25/02/2002**

13:00hrs: A estagiária chega na sala e logo em seguida chega o Lucas, acompanhado da empregada. Ela (empregada) dá um beijo na criança e diz tchau. (A criança olha meio estranho para sala, pois não tinha nenhuma criança ainda). A estagiária diz: “como você chegou cedo hoje?”. A criança não quis tirar a mochila das costas, e ficou caminhando para um lado e outro. A estagiária sai da sala, vai na cozinha lavar os copos e encher a jarra de água. E a criança fica sozinha com a pesquisadora.

13: 05hrs: Chega Natália acompanhada da mãe e do irmão, e a mãe vai embora sem se despedir da criança. Chega a Gabriela com a mãe. A criança estava com o bico e o cobertor e vai direto para o colchão (cantinho do repouso). Neste momento as crianças são recebidas pela pesquisadora, pois a estagiária ainda não se encontra na sala. A mãe da Gabriela senta com ela no colchão e conversa bastante (pergunta se ela vai obedecer a professora, se ela ainda ama a mamãe).

13: 10hrs: A estagiária chega na sala, chega o Bernardo com a mãe, ele entra na sala, olha e sai em direção ao parque. Volta a mãe da Natália e lhe dá um beijo de tchau. A mãe da Gabriela guarda o bico e o cobertor, dá um abraço, beijo e tchau, diz que vai trabalhar. A estagiária coloca os brinquedos nas mesinhas, e vai brincar com as três crianças.

13: 20hrs: O Bernardo volta para sala com a mãe (mas esta semana, a mãe falou que não quer ficar muito tempo junto com a criança, quer que ele se acostume sozinho). Chega a Laura com a avó, quando ela vê a estagiária, (ela segura a mão da avó com mais força), já pedindo colo. A avó entra com a criança e senta na cadeirinha para brincar.

13: 25hrs: Chega a professora na sala, dá um beijo em cada criança. E vai receber o Arthur que chega com a mãe, ficando se escondendo atrás da mãe. Pede colo para a mãe e a mãe lhe dá. Chega o Rafael acompanhado do pai e da mãe. A criança traz um carrinho de controle remoto e fica brincando. A mãe conversa com a professora e o pai fica com a criança. O Bernardo sai da sala (quando a professora estava na porta e a mãe que estava sentada na cadeira dentro da sala tem que sair para ir atrás dele, a professora não faz nada, nem chama ele para dentro da sala). Os pais do Rafael saem da sala sem se despedir da criança.

13: 30hrs: Chega o Ygor com a mãe, ele traz uma fita de filme. A professora se aproxima do Lucas mas ele grita. A professora diz “Boa tarde Ygor” e ele segura a mão da mãe. A mãe dá um beijo e vai embora, a criança fica parada na sala mas logo vai brincar com os amigos. Chega a Isadora no colo da mãe, a mãe senta com a criança no colo e conversa, dizendo que ela tem que ir trabalhar e ele vai ficar com a Ana.

13: 35hrs: A professora sai da sala para buscar o rádio (toca-disco). Chega o Enrike sozinho, dá um beijo na estagiária, guarda lancheira e vai brincar. Chega o Rubens com a mãe e a irmã, entra na sala com uma carinha triste, dá a mochila para a estagiária e vai sentar no colchão. A Isadora e o Arthur estão no colo das mães e a Laura com avó. Chega o João Victor com a tia, chega rindo por causa do carrinho dos amigos. Na hora que a tia ia embora, deu um beijo na criança, ele começou a reclamar, mas a estagiária foi ao seu encontro e pegou a criança. A mãe do Enrike chega na sala para ver como estava a criança. O Bernardo entra na sala com a mãe.

13: 45hrs: O João Victor dá falta da tia e começa a chorar. A professora pega a Isadora do colo da mãe chorando e a leva para o parque chorando e a mãe vai embora. O João Victor pega a lancheira e vai sentar na mesinha. No colchão estavam o Rubens e o Ygor.

13: 55hrs: A mãe do Arthur sai da sala e a criança fica berrando no colo da professora, a professora coloca ele no chão e ele vai direto para a porta. A criança chora muito, berrando. E a Isadora continua a chorar no colo da estagiária. A Laura entra na sala (pois tinha ido no banheiro) e entra na sala assustada e segura na mão da avó. O Bernardo sai da sala com a mãe.

14: 00hrs: A professora pede para as crianças guardarem o cavalinho e faz uma roda para mostrar a surpresa do dia. Todas as crianças sentam no chão, menos a Laura que fica sentada na mesinha com a avó e a Isadora continua a chorar no colo da estagiária. A professora convida a Laura para sentar na roda e a Laura começa a chorar, a berrar muito pedindo para ficar com avó. O Arthur fica chorando, caminhando pela sala (cada hora que a professora falava com a Laura ela chorava muito). Chega a Mariana, com a mãe. A criança entra na sala e a mãe fica um pouquinho na rua, espiando a criança pela janela. Depois entra para entregar o material e conversa com a professora. A estagiária levanta para falar com o Arthur e a professora diz para ela deixá-lo chorar. A professora conversa com a criança dizendo que a mamãe foi trabalhar mas já volta.

14: 05hrs: A professora vai mostrar a surpresa e pede para o Arthur e a Isadora pararem de chorar. E o Arthur vai para o cantinho de repouso e chora muito alto. E a professora continua conversando com as outras crianças e a criança fica chorando sozinha.

14: 20hrs: A professora termina apresentação da surpresa (que era uma coruja) e vai com as crianças na turma do jardim mostrar a coruja e a cantar a música. O Arthur continua chorando muito, a pedir pela mãe, então é ligado para sua casa para avisar a mamãe. O Bernardo fica brincando com a mãe nos brinquedos do corredor. A Laura fica de mãos dadas com a avó. A Isadora no colo da estagiária e o Arthur se aproxima da pesquisadora.

14: 25hrs: A pesquisadora convida o Arthur para ir ao parque, ele diz que sim e para de chorar. A pesquisadora dá uma guitarra e fica brincando com ela.

14: 30hrs: Voltam para sala (da turma do jardim) sentam na cadeirinha em círculo e a professora mostra um papel com figurinhas e cada criança escolhe uma para ser seu símbolo. A Isadora continua a chorar. Chega a estagiária Marina e fica dando atenção ao Bernardo para tentar ficar um pouco com ele, a estagiária Marina o leva para o parque e a mãe fica observando de longe. Na sala fica a Isadora chorando e a Laura com os olhinhos cheio de lágrimas ao lado de sua avó.

14: 40hrs: Todas as crianças escolheram a figura (desenho) menos o Bernardo e a professora mostrou a fichinha do seu nome e perguntava qual era a figura que iria representar seu nome.

14: 45hrs: Foram para o parque. Só a Isadora chorava mas ficou de mãos dadas com a professora. A mãe do Bernardo saiu

15: 20hrs: As crianças voltam do parque vão para o banheiro lavar as mãos e fazer xixi. Em seguida foram fazer o lanche e a mãe do Bernardo e avó da Laura estavam presentes. Todas as crianças estavam bem.

15: 35hrs: Chega a mãe do Arthur para ver como ele estava, falou com a coordenadora e deu uma olhadinha nele, sem ele perceber.

15: 40hrs: A professora pega o colchão e as crianças pegam sua almofada e sentam em cima dela. E a professora pergunta como será o nome do grupo, algumas crianças dizem bicho, balão, bombom. “Balão” falou a professora. Aí ela perguntou vai ser balão ou avião, as meninas falaram balão e os meninos avião. E ninguém falou nada e a professora foi contar a historinha: “Jiji, a Joanelinha”, na hora da historinha, o Bernardo saiu da sala com sua mãe. O João Victor ficou brincando no cantinho do repouso sozinho, não dando atenção para professora.

15: 55hrs: A professora continua a contar história e o João Victor (não parava) de brincar e falar sozinho no cantinho do repouso.

16: 00hrs: Terminou a historinha e todos bateram palmas. A professora perguntava para cada uma criança “quem é o seu amigo aqui na salinha”. E em seguida dá uma folha (amarela) para cada criança desenhar. A Natália começa a chorar porque o amigo Rafael bateu nela. A professora pega as duas crianças e faz com que o Rafael peça desculpa para a amiga.

16: 10hrs: Chega a mãe da Laura e ficam as duas (mãe e avó) na sala. A professora coloca música na sala e as crianças ficam fazendo o desenho com giz de cera (onde estavam quatro crianças em cada mesa e um pote de giz de cera no centro da mesa). Enquanto a atividade, a professora circulava pela sala.

16: 15hrs: A professora faz uma roda, pede para crianças sentarem no chão, apaga as luzes e começa a trabalhar com o corpo: primeiro as pernas (com as pernas, fazem de conta que estão andando de bicicleta), depois os braços (como se fosse um avião). Em seguida com as mãos batem na barriga, na boca. E cantam a música do corpinho “cabeça, ombro, joelho e pé”.

16: 25hrs: Cada criança ganhou uma massinha verde (todas as crianças ganharam a mesma cor) e sentaram na cadeirinha para brincar. A Laura não quis brincar, ficou do lado da mãe. (A professora em nenhum momento a chamou). Enquanto as crianças brincavam a professora arrumou a música e foi ao banheiro. A estagiária saiu da sala (levando o João Victor para o banheiro) ao sair pediu para a pesquisadora dar uma olhadinha neles.

16: 35hrs: Algumas crianças devolveram a massinha e foram brincar com os brinquedos e a Gabriela foi para o cantinho do repouso com o vico e o cobertor.

16: 50hrs: Todas crianças entregam a massinha e vão brincar com os brinquedos. Chega na sala a mãe do Enrike, entrega algum material e se retira.

16: 55hrs: A professora leva as crianças para a caixa de areia. A mãe da Laura vai junto. A mãe do Bernardo troca sua fralda e depois dá água e o leva para caixa de areia.

17: 10hrs: A pesquisadora leva água para as crianças, pois elas estão no parque brincando no sol. As crianças guardam os brinquedos da caixa de areia e vão para o parque. A professora dá água para as crianças.

17: 15hrs: Chega a mãe do Arthur no parque e fica olhando ele (sem ele perceber), depois de 5 minutos ela se aproxima da criança.

17: 25hrs: O Arthur vai embora e a Gabriela também (sua mãe chega e a leva embora).

17: 35hrs: A mãe do Rafael chega na escola, fica com ele um pouco no parque e vão embora. A mãe da Laura e a mãe do Bernardo continuam com as crianças.

17: 40hrs: Chega a mãe do Enrike e ele começa a chorar porque não quer ir embora. A Mariana também vai com sua mãe, chega os pais do Lucas (mãe e pai), a mãe fica observando ele um pouquinho no parque e depois aparece para a criança, levando ele embora.

17: 45hrs: Chega o pai da Isadora, a mãe do João Victor, a mãe da Natália, a mãe do Rubens. A Laura também foi embora. Todas as crianças foram embora. A mãe do João Victor conversa com a professora e com a criança perguntando o que ele fez hoje. E depois tirou fotos dele dentro da sala. No final da aula a professora conversa com a mãe da Isadora, falando que o Arthur bateu na Isadora, semana passada, por isso a professora acredita que a criança não para mais de chorar no começo da aula.

No final, neste dia as mães vão buscar as crianças no parque para irem embora.



**7º dia: 26/02/2002**

Hoje faltou o Bernardo.

13:00hrs: A servente vem na sala, abre as janelas, acende a luz e sai.

13:05hrs: Chega a 1ª criança a Isadora com a mãe, e quem recebe é a pesquisadora, pois não havia chego ninguém na sala ainda. Deu um beijo na pesquisadora e pediu colo para a mãe. A mãe saiu com a criança, indo para o parque brincar.

13:10hrs: Chega a estagiária na sala, colocou os brinquedos nas mesinhas. Chega a Natália com a mãe, dá um beijo na mãe e ela (mãe) se retira da sala.

13:15hrs: Chega a Mariana com a mãe, dê mãos dadas com a mãe (entra na sala com uma expressão triste) e a estagiária diz: “tem dias que elas entram numa boa e às vezes não”. A mãe entra com a criança e a leva na mesa dos brinquedos e a estagiária fala: “a mãe vai brincar um pouquinho e depois vai trabalhar”. A Isadora retorna a sala, mas não larga da mãe em nenhum momento, elas trazem para sala o cavalinho de plástico (a mãe sempre falando que a Isadora está com medo do amigo Arthur, pois ele bateu nela).

13:20hrs: Chega o Lucas com a empregada dá tchau e entra na sala sozinho. Chega o Arthur com a babá, estava vindo de mãos dadas quando chega na porta pede colo. A babá entra com ele, mas ele permanece sentado no seu colo. E a estagiária se aproxima e diz: “hoje você não vai chorar, né?”.

13:25hrs, A Gabriela chega com a mãe pega o cobertor e o bico e vai deitar no colchão. Chega a Laura com a mãe e a irmã, a irmã fica com ela na sala e a mãe vai embora. Chega a professora na sala, o Ygor chega com a mãe, trouxe a fita de filme “Branca de Neve”, a mãe dá tchau e vai embora. A professora pega a Mariana no colo e sua mãe vai embora.

13:35hrs: Chega o Rubens com a mãe, a mãe dá tchau, um beijo e sai. O João Victor chega com a tia, a criança entra na sala guarda a lancheira e vai brincar nos cavaleiros de plásticos, a professora sai com a Isadora e com sua mãe, para tentar ficar com a Isadora.

13:45hrs: O Enrike chega com o pai, o pai dá tchau e pergunta se o pai pode ir, a criança faz com a cabeça a expressão que sim. Chega a professora com a Isadora no colo.

13:50hrs: A babá vai embora e o Arthur começa a chorar muito. A professora chama as crianças no meio da sala pega as fichinhas com o nome e o símbolo de cada criança e pede para cada criança pegar uma cadeirinha e a professora cola a fichinha na cadeira. A Laura começa a chorar, pedindo para a irmã ir junto com ela na roda, e fica de mãos dadas com a irmã. A Isadora fica no cantinho da sala quietinha e olhando os amiguinhos. O Arthur fica chorando, pedindo pela mãe.

13:55hrs. Chega o Rafael com a mãe e o pai. A mãe dá tchau, e ele já vai para roda com a estagiária. A professora continua a colocar as fichas nas cadeiras. Símbolos: Mariana (gatinho); João Victor (trem); Ygor (papagaio); Enrike (dinossauro); Rafael (avião), Lucas (sombriinha); Rubens (bola); Laura (balão); Natália (girafa); Arthur (bicicleta); Gabriela (tartaruga); Isadora (flor). A professora termina e pede para as crianças levantarem, vão para o canto da sala e depois vão procurar a sua cadeira. A Isadora e a Laura não foram, ficaram sentadas na cadeira.

14: 00hrs: O Arthur pará de chorar. A professora pergunta para todas as crianças a figura que está colada na sua cadeira. E a professora pergunta o nome do grupo, e o grupo fica dividido em avião e picolé.

14: 15hrs: As crianças brincavam na sala, a Laura sempre agarrada a irmã. A professora pediu ajuda para a pesquisadora e as duas ficaram cortando e passando papel contact nas fichas de presença. Enquanto isso a estagiária brincava com as crianças.

14: 20hrs: A professora mostra para as crianças as fichas de presença, entregando para cada criança.

14: 35hrs: O grupo escolhe o nome do grupo é “avião”. Todos estão sentados, menos a Isadora que estava no cavalinho. Cada vez que a professora pedia para fazer alguma coisa a Laura começava a chorar, agarrando na mão da irmã. A professora pediu para todos ajudarem a guardar os brinquedos, para depois irem ao parque.

14: 40hrs: Foram para o parque.

14: 50hrs: O Enrike começa a chorar, porque o amigo Rafael o empurrou, a professora pega o Rafael pelo braço e conversa com ele.

15: 05hrs: As crianças vão para o banheiro lavar as mãos e fazer xixi. A irmã de Laura continua junto com ela.

15: 10hrs: As crianças vão fazer o lanche, a estagiária e a professora ajudam as crianças abrirem as lancheiras. Depois a professora sai da sala para tomar um cafezinho.

15: 30hrs: As crianças vão para educação física com o professor Jairo e a estagiária. Quando o professor chega na sala o Arthur começa a chorar muito, pedindo colo para professora e a Laura chora também, mas fica olhando para irmã. O professor estica uma corda e todas as crianças seguram com uma mãozinha a corda. A Isadora e a Laura vão de mãos dadas com a irmã da Laura, o Arthur fica com a professora na sala, chorando muito. A professora sai da sala para buscar as fichas e o Arthur fica sozinho na sala com a pesquisadora, por uns cinco minutos.

15: 55hrs: As crianças voltam da educação física, e as crianças ganham massinha vermelha e a faquinha mágica. Enquanto as crianças brincavam a professora ficou arrumando seu material, colocando o nome e o desenho nas fichas para pasta elástica. A irmã da Laura ficou no seu lado brincando de massinha.

16: 05hrs: A professora coloca música na sala, as crianças continuam brincando com a estagiária.

16: 15hrs: A professora pega as pastas elásticas e mostra para as crianças como ficou e pergunta o nome das figuras para cada criança (sendo que as crianças ainda estavam brincando de massinha e sentadas nas cadeiras).

16: 25hrs: A professora recolhe as massinhas e convida as crianças para assistir o filme da branca de neve que o amigo trouxe. Todos vão para a sala de vídeo.

16: 45hrs: As crianças continuam assistindo à fita criança com uma almofada (sentada ou deitada) e a criança João Victor não sentou nenhum momento, ficava sempre caminhando, teve uma hora que a estagiária ficou com ele no colo. A Laura sentou no lado de sua irmã. A professora retorna na sala de vídeo, pois tinha saído (tinha ido conversar com a coordenadora, ficou lá 10 minutos), sendo que as crianças ficaram somente com a estagiária.

17: 05hrs: A professora desliga a fita, avisando que amanhã eles continuam assistindo e convida todos a irem ao parque. A estagiária vai com a Mariana para sala, pois ela precisa comer novamente, pois a mãe falou que ela chega em casa e vai direto dormir.

17:10hrs: Chegou o pai do Lucas e vai ao parque e leva ele embora.

17: 15hrs: A estagiária vai embora, ficando a professora sozinha no parque com as crianças. Chega a mãe da Laura e vai para o parque, a filha a vê e sai correndo e abraça a mãe.

17: 25hrs: O Rafael vai embora com a mãe, mas antes mostra o seu nome na cadeira e no quadro de presença. Fala também o nome do grupo “Avião”. A professora não se despede da criança.

17:35hrs: Vai a Gabriela com sua mãe, o Arthur com sua mãe. A professora continua no parque com algumas crianças. As mães pegam as crianças no parque e depois vão sozinhas na sala, pegam a lancheira e os levam embora.

17: 40hrs: A Laura vai embora com a mãe e a irmã. O Enrike com seu pai.

17: 50hrs: Foram todas as crianças embora com sua mãe. Neste dia, no final todas as crianças mostraram para os seus pais a cadeira e o quadro de presença, mostrando a figura que escolheu. Em nenhum momento a professora acompanhou alguma criança na sala para se despedir.

**8º dia: 27/02/2002**

13: 05hrs: A estagiária já estava colocando as coisas em ordem, pois chegou atrasada.

13: 10hrs: Chegou a 1ª criança (Ygor). Quando a mãe deu tchau ele abraçou e fez um pouco de manha, porque não tinha nenhum amiguinho. A estagiária convidou o Ygor para virar o nome, ela perguntou qual era o bichinho (desenho) que estava atrás, ele respondeu: o peixe e virou.

13: 15hrs: Chega a 2ª criança Mariana, o irmão que trouxe. A estagiária chamou os dois para brincar na mesa. Depois ela chamou a Mariana para virar o nome.

13: 20hrs: Chega a 3ª criança Natália, que dá um beijo na mãe e vai virar o nome do quadro de presença. Depois todos vão brincar pela sala. Chega a 4ª criança Arthur, no colo da mãe, em seguida a 5ª criança Lucas que a mãe deixa na porta e vai embora. A mãe do Arthur fica com ele brincando na mesinha. A estagiária chama os dois para virar o nome eles foram correndo.

13: 25hrs: A estagiária colocou música e Arthur e Lucas ficaram cantando. Chegou a 6ª criança Laura, com a irmã e a mãe. A mãe vai embora e a irmã fica com a Laura brincando na mesa. Como já tinham seis crianças e dois adultos a estagiária pediu para cada aluno procurar a sua cadeira. Depois de sentarem cada um na sua começaram a brincar.

13: 35hrs: Chegou a 7ª criança Rubens que já entrou e foi virar o nome. Junto chegou a 8ª e a 9ª criança. Isadora não desgrudou da mãe e depois a 10ª criança (Rafael) que chegou com a mãe e o pai. A 9ª criança (Gabriela) entrou e foi virar o nome, a Isadora foi virar o nome no colo da mãe, que quando ameaçava sair, Isadora chorava.

13: 40hrs: A professora pega Isadora do colo da mãe e vai mostrar as tintas que elas vão usar para pintar mais tarde, ele começou a chorar e não parou e sua mãe saiu.

13: 45hrs: Chega a 11ª criança João Victor que chega com a mãe que logo vai embora. Ele chega com um saco de brinquedos e dá para os coleguinhas brincar. Chega mais uma criança Enrike. Todos vão brincar nas mesinhas, outros correm pela sala. Isadora não sai do colo da estagiária, e a professora foi no banheiro com Arthur que não para de chorar, porque a mãe foi embora.

13: 50hrs: Está faltando apenas uma criança o Bernardo, na sala tem doze crianças e a irmã da Laura, as outras mães foram embora. A Isadora quando lembra da mãe começa a chorar.

13: 55hrs: A professora ainda não retornou, a estagiária está confusa, pois Laura não para de chorar, pedindo sempre pela mãe. João Victor e Rafael começaram a brigar, um batendo no outro por causa dos brinquedos. Chega a professora e chama todas as crianças para fazerem uma roda no centro da sala e começou a contar história, depois da balinha de goma que Isadora trouxe para dar para os amiguinhos.

14: 10hrs: Todos pulando, correndo, brincando pela sala inteira, João Victor bate no Ygor, que começa a berrar (a professora vai até as duas crianças e pergunta o que aconteceu, e sai). Uma bagunça geral.

14: 15hrs: A professora começa a arrumar potinhos com tinta colorida para as crianças pintarem. Quando elas vêm ficam aglomerados em volta da mesa. Mas, antes de começarem o Arildo, professor de música vem chamá-los para aprender uma música para cantar no aniversário da Meri (eles não deram muita bola, o professor cantava, ensinou a letra, mas eles não quiseram cantar).

14: 40hrs: Quando retomaram foram direto brincar no parque, todo tempo permaneceu junto, a irmã da Laura. No parque cada um brinca em um brinquedo, uns na roda, na gangorra, no balanço, no cavalo, na casinha.

15: 00hrs: A professora chama todos os alunos para lavarem as mãos. Os alunos saíram correndo, João Victor caiu e cortou a boca, sangrou bastante e ele chorou bastante também (a professora saiu correndo demonstrando nervosismo, pega a criança no colo e o leva para o banheiro). Depois de lavar as mãos a professora falou que eles só iriam tomar lanche depois de colocar todos os brinquedos no lugar.

15: 10hrs: Começaram a lanche e a professora saiu, deixando a estagiária sozinha. Um e outro berravam para a estagiária abrir o iogurte ou o pacote de biscoito.

15: 25hrs: A professora retorna a sala e logo saiu novamente (vai na sala do jardim), deixando a estagiária sozinha novamente com onze crianças.

15: 30hrs: A professora retornou e foi ajudar a fechar as lancheiras.

15: 40hrs: A professora sentou no meio da sala e chamou todo mundo para comer maçã, horário da fruta, nem todos ficaram sentadinhos, uns brincavam, outros deitaram no cantinho do repouso. O Rafael ficou pulando e jogando os brinquedos para cima, acabando ele bateu na cabeça do João Victor, que começou a chorar.

15: 50hrs: Depois que terminaram de comer a professora pediu para todos sentarem em fileira, cada um na sua cadeira, para trocar de camiseta. Novamente a professora deu uma saída, enquanto isso a estagiária entregou para cada aluno sua camiseta.

15: 55hrs: Todos já vestidos com a camiseta. Foram pintar, antes de começar a professora ensinou como usar o pincel, limpar para usar outra cor, e só pintar no papel. Assim cada um foi sentar na sua cadeirinha e a professora deu um papel para cada um.

16: 05hrs: Todos pintavam na folha, Rubens era o único que não quis pintar, ficou sentado observando os amiguinhos.

16: 15hrs: A professora pediu que todos entregassem o pincel para Ana guardar e o papel pintado era pra dar pra professora pendurar no varal da parede da sala (no lado de fora), depois tinham que ir ao banheiro lavar as mãos. Enrike bateu em dois amiguinhos, João Victor começou a chorar, então a professora chamou a atenção de Enrike e chamou ele para conversar, falou que não podia machucar os amiguinhos.

16: 25hrs: A professora falou que todos podiam brincar no corredor.

16: 40hrs Todos voltaram para sala, a professora foi brincar de massinha, a Laura não viu que sua irmã estava sentada no canto da sala e começou a chorar, sua irmã fez sinal, mesmo assim a Laura não parou de chorar.

16: 50hrs Continuaram a brincar com a massinha. Laura não parou de chorar e fez xixi nas calças, já é a segunda vez hoje.

17: 00hrs Neste momento estão todos em suas devidas cadeiras brincando de massinha. Começam a chegar algumas mães.

17: 10hrs A estagiária vai embora.

#### **9º dia: 28/02/2002**

13: 10hrs: Chega a 1ª criança (Natália) com a mãe e o irmão. Ao entrar na sala, a pesquisadora vai recebê-la, pois não havia chego ninguém ainda (professora e estagiária). A mãe entra na sala e a pesquisadora pergunta o que tem de lanche que vai na geladeira e as duas (criança e pesquisadora) abrem a lancheira e tira o suco. E a mãe sai da sala.

13: 15hrs: Chega a estagiária, falando que estava atrasada porque foi no banco antes. Ygor chega com a mãe, e ele fica parado no lado do quadro, a mãe dá o suco para a estagiária colocar na geladeira e entrega a fita de filme “O pinóquio” que o Ygor quis trazer.

13: 20hrs: A mãe da Natália permanece no corredor da escola, olhando de longe. O Lucas chega correndo na frente da empregada, entra na sala e vai para estante do brinquedo. O Ygor se agarra na mãe, a mãe fala que precisa ir estudar também, dá tchau para a criança e sai.

13: 25hrs: Chega a professora na sala, diz oi para as crianças. A Laura chega com a mãe e a irmã de mãos dadas com as duas. A mãe diz: Boa Tarde, dá um beijo na criança e diz que vai trabalhar. A Laura segura na mão e na perna da irmã (demonstrando medo ou tristeza). A irmã entra e as duas sentam para brincar. A Isadora chega com o pai, demonstrando não querer ficar sozinha.

13: 30hrs: Chega o Arthur com a babá (no colo da babá) e ao chegar na porta da sala a babá coloca ele no chão e ele começa a chorar pedindo colo. A professora pede para Isadora mostrar a ficha do quadro de presença, a cadeira com seu nome para o pai. Depois a professora pede para a criança dá um beijo no pai, pois ele precisa ir trabalhar. A criança dá um beijo e senta na sua cadeirinha, não mexendo em nada. Chega o Rubens com seu pai, o pai pede para ele virar sua ficha de presença e dá tchau. A Mariana chega com um rapaz da besta que a traz. A estagiária a recebe, dando “oi Mariana”. O pai do Rubens se retira da sala, mas fica olhando na janela.

13: 35hrs: Chega a mãe do Rubens para dar um beijo e tchau. O pai da Isadora vai embora, olhando para trás. E a professora sai da sala, vai até na coordenação da pré-escola, mas volta logo. O Enrike chega sozinho na sala, dá um beijo na estagiária e depois de dois minutos a mãe chega para lhe dar tchau e beijo.

13: 40hrs: O Rafael chega com a mãe demonstrando não querendo entrar, fazendo manha. O Enrike vai até ele e o chama para virar o nome. Depois voltou para o lado da mãe. A mãe explicou que vai buscar seu lanche e já volta. A mãe sai e ele entra meio estranho (olhando para tudo e para os amigos).

13: 45hrs: A Gabriela chega com a mãe e vai direto para o colchão, chega chupando o bico e com o cobertor. A mãe fica na porta, pedindo um beijo mas a criança não dá. Então a mãe vai embora, só dando tchau. O João Victor chega dormindo no colo da tia, e a tia coloca-o no colchão dormindo.

13: 50hrs: As crianças brincavam com os brinquedos e a professora pediu ajuda para a pesquisadora e foram cortar o símbolo do grupo e os papéis para colar como capa dos cadernos das crianças. Sendo a folha azul para meninos e folha rosa para meninas. Enquanto isso a estagiária sentou na cadeira com a babá e a irmã da Laura, sendo que as duas crianças ficaram no colo, da babá e da Dani (irmã da Laura).

14: 00hrs: A professora solicita para crianças guardarem o brinquedo para irem trabalhar.

14: 05hrs: A professora senta na cadeira para conversar com o Arthur e a babá. A professora diz que agora a Débora (babá) precisa ir embora para trabalhar, pede a criança para dar um beijo na babá, mas ele grita, dizendo não. Então a professora diz “vamos buscar uma surpresa para os amigos lá na turma do jardim”, Arthur diz não já chorando.

14: 10hrs: A professora pega a criança no colo, ele continuava chorando, e o leva para a turma do jardim e a babá vai embora. Todas as crianças vão procurar sua cadeira com a ajuda da estagiária e sentam. Com exceção da Gabriela que estava no colchão e o João Victor que estava dormindo. A professora dá sua chupeta e o Arthur pará de chorar. A professora chama todas as crianças para sentar na roda (no chão) e a Laura começa a chorar, pedindo para a irmã ficar junto. O Arthur começa a chorar e a professora o chama para ficar ao seu lado. Começaram a cantar a música da cobra, do palhaço picolé e da coruja.

14: 15hrs: A professora vai receber um senhor que está na porta e pede para estagiária continuar cantando com as crianças. A professora conversa com o homem e a estagiária não canta, então as crianças começam a conversar e correr na sala.

14: 25hrs: A professora volta para roda e fala que neste momento é hora para conversar com papai do céu. E rezam. Depois começam a cantar novamente, cantam a música do amigo.

14: 30hrs: Vão para o parque com a professora e com a irmã da Laura. A estagiária vai na coordenação. O João Victor fica dormindo sozinho na sala.

14: 40hrs: A irmã da Laura sai do parque a pedido da professora e a Laura quando percebe começa a chorar muito. A professora fica com ela no colo (dá atenção somente para ela). A Isadora fica também no lado da professora, chega a estagiária e vai para o parque.

14: 50hrs: A professora vai com a Laura, Isadora, Gabriela, Natália para a roda. A Laura pará de chorar, mas fica de mãos dadas com a professora.

15: 10hrs: As crianças voltam do parque, vão ao banheiro lavar as mãos e fazer xixi. A irmã da Laura ficou olhando de longe, mas não entrou na sala. Na hora do lanche a professora precisou ficar no lado da Laura. A professora tentou sair mas a Laura começou a chorar.

15: 25hrs: O João Victor acorda, fica se espreguiçando e a professora solicita que a pesquisadora o pegue e dê o seu lanche. Algumas crianças terminam o lanche e vão brincar com os brinquedos. O Rafael não parava de jogar os brinquedos, então a professora levantou e colocou-o sentado na cadeira para ele pensar. O Rafael pediu desculpas e a professora deixou ele brincar novamente.

15: 35hrs: A professora coloca todas as cadeiras uma do lado da outra (em frente ao quadro negro) e pede para as crianças sentarem um pouquinho, pois o professor Jairo já vai chegar (eles vão para a aula de educação física). A Isadora, a Laura e o João Victor estão sentados na cadeira, ainda comendo. A Laura começa a chorar, perguntando se a Dani (a irmã) já chegou. O professor Jairo chega na sala e diz: Boa tarde.

15: 40hrs: A professora mostra a cordinha, e as crianças seguram na cordinha. A Laura e a Isadora foram de mãos dadas com a professora. O Arthur não quis ir, ficando na sala com a pesquisadora e a irmã da Laura.

16: 05hrs: As crianças voltam da educação física, a professora deu água. E falaram que na educação física brincavam na quadra de imitar o avião. A Laura voltou bem, sem chorar e ficou sempre perto da professora. A irmã da Laura ligou para sua mãe vim lhe buscar, só ela e não a Laura (a mãe avisou que daqui mais ou menos meio hora já estará aqui). As crianças fizeram uma roda com a professora e a professora falou que cada criança ganhará uma folha e irá fazer um desenho, um boneco. E não podem esquecer da cabeça, do corpinho, dos braçinhos. A professora deu para o Rafael, ele pegou a folha, amassou e jogou fora dizendo que não irá fazer. A professora pegou a criança pelo braço, colocou ele sentado e disse que ele vai fazer sim e bem bonito. A Laura começou a chorar, pedindo para a professora não sair do seu lado. A professora colocou giz de cera na cestinha e distribuiu em cada mesinha.

16: 20hrs: As crianças desenharam e a professora mostrou para todas as crianças os desenhos dos coleguinhas. Ao mostrar lembraram da cabeça, dos olhinhos, do corpinho e colocou o nome de cada um. A professora deu outra folha para o Rafael, pois a primeira ele riscou toda e deu a segunda para ele fazer um boneco. Quando a professora se aproximou do Rafael, ele escondeu a segunda folha e a professora perguntou se ele tinha feito, e ele disse que não. Ele levantou amassou as duas folhas. A professora se aproximou e perguntou: - se o papai e a mamãe vão gostar de vê o desenho assim, a criança fez que sim com a cabeça (a criança não dava atenção para aquilo que a professora falava). A professora pegou as folhas e colocou o nome e guardou.

16: 30hrs: Todos terminaram e foram assistir o filme do Pinóquio. Lá na sala de vídeo cada criança pegou uma almofada e ganharam um pirulito da professora.

16: 45hrs: A Laura faz xixi nas calças. A professora sai para telefonar e a Laura vai junto. Disse para estagiária que depois vai trocá-la. As crianças ficaram com a estagiária. E o Arthur ficou chupando o pirulito com uma mão e a outra tampando o ouvido.

17: 00hrs: A professora e a Laura retornam para sala de vídeo. Chega o grupo do pré I e ficam assistindo junto com o maternal. O Lucas ganha outro pirulito.



17: 05hrs: As crianças vão para o parque, e duas crianças ficaram na sala de vídeo (Enrike e João Victor), quando as crianças perceberam foram para o parque atrás. A professora dá água para as crianças, e a estagiária leva (pergunta primeiro) as crianças que querem ir ao banheiro fazer xixi.

17: 15hrs: No parque todas as crianças brincavam e a Laura sempre ao lado da professora. A estagiária vai embora. O pai do Rafael chega e fica no parque junto.

17: 20hrs: Chega a babá do Arthur e fica na sala esperando. O Lucas começa a chorar porque caiu no chão, a professora vai até ele e vê, e diz: “não foi nada”.

17: 25hrs: Chega a mãe do Rafael e fica no parque com o marido olhando o filho. Chega a mãe e o irmão da Gabriela e a leva embora. A mãe e a irmã da Laura chegam e entram na sala. A professora chama todas as crianças para irem para salinha. Na salinha a professora dá massinha amarela e faquinha mágica.

17: 40hrs: Chega o pai do Lucas, fica olhando pela janela e depois entra na sala para buscá-lo. A mãe da Natália chega, entra na sala, pega a lancheira e vai falar com a filha, levando-a com pressa (pois disse que quer passar na papelaria ainda).

17: 45hrs: A mãe da Laura leva ela embora. O pai da Isadora chega e fica na janela pelo lado de fora. O pai do Rubens também chega e leva-o embora.

17: 50hrs: O pai da Isadora entra e o pai do Enrike também.

17: 55hrs Chega a mãe do João Victor. E a irmã do Ygor, ele pergunta pela mamãe “a irmã diz que hoje o pai veio buscar e está no carro”.

Neste dia todas as crianças ao entrarem e ao saírem da sala viraram seu nome no quadro de presença. Levaram para casa o cardápio da semana para o lanchinho.

#### **10º Dia 01/03/2002**

13:00 hrs: Chega a 1ª criança o Arthur com a empregada (babá), entra na sala e ficam esperando sentadinhos nas cadeirinhas. Sendo recebido pela pesquisadora.

13: 05hrs: Chega a estagiária, diz oi para o Arthur e vai abrir as janelas, coloca os brinquedos nas mesinhas e vai conversar com a pesquisadora. O Arthur pede para fazer xixi e a babá o leva no banheiro.

13: 15hrs: O Bernardo chega com a mãe e com a irmã. A mãe entrega a lancheira para estagiária. A criança nem entra na sala, vai direto para os cavalinhos de plásticos do corredor. A estagiária sai para buscar a jarra de água, ficando somente a criança (com a babá) e a pesquisadora.

13: 20hrs: A estagiária pergunta se a criança quer água, ela diz que não. Chega a Natália sozinha, a estagiária vai recebê-la falando como está bonita e dá um beijo. A Isadora chega com o pai de mãos dadas, a estagiária se aproxima e ela disse não, agarrando-se na perna do pai. A mãe da Natália chega, diz tchau, dá um beijo e sai da sala. O pai da Isadora fica com ela dentro da sala, indo sentar na mesinha para brincar com os brinquedos.

13: 25hrs: A Mariana chega no colo do moço que traz ela na Topic, larga o material na mesa e vai embora. A Laura chega com a mãe e a irmã. Diz tchau para mãe e manda um beijo e vai brincar com a irmã na mesinha.

13: 30hrs: Chega o Enrike com a mãe, dá um beijo na mãe e a mãe vai embora. O Ygor chega com a mãe, fica olhando para os amigos e começa a chorar. A estagiária vai até ele pega no colo e a mãe sai (mas antes passa a mão na sua cabeça e dá um beijo). O Bernardo entra na sala chorando porque se perdeu de sua mãe no parque. A mãe aparece, pega-o no colo, mas ele continua a chorar.

13: 35hrs: A Isadora não largava do pai (o pai parecia meio ansioso, pois precisava sair para trabalhar). A pesquisadora precisou ajudar, pois a estagiária estava com o Ygor chorando no colo. A pesquisadora foi conversar com a Isadora e ela deu a mão e foi brincar.

13: 40hrs: O Rubens chegou com a mãe, deu tchau e saiu (ficando a criança encostada no quadro). A Gabriela chegou com a mãe (meio manhosa) e foi para o colchão. O João Victor chegou com a mãe, no seu colo. Começou a chorar (porque a mãe tinha que ir trabalhar) pois a mãe colocou ele no colchão. A pesquisadora novamente teve que interferir, pois a estagiária estava com outra criança no colo. A pesquisadora o pegou no colo, ele chorava e a mãe conversava ao lado, e disse que iria telefonar e já voltava, a pesquisadora ficou brincando com ele, e a mãe voltou e de longe perguntou se estava bem e saiu (a criança não viu a mãe).

13: 45hrs: Chega a professora. Encontra-se na sala a irmã da Laura, e a babá do Arthur e o Rubens ainda estava encostado no quadro.

13: 50hrs: A professora pega a Gabriela no colo (pois hoje ela parecia meio manhosa e triste). O Bernardo e sua mãe entram na sala e ele entra chorando, mas fica só um pouquinho chorando e logo para.

13: 55hrs: A estagiária percebe que o Rubens está quietinho e vai até ele, e dá um cavalinho de plástico para brincar.

14: 00hrs: A professora mostra para as crianças o cartão de aniversário, pois hoje é aniversário da coordenadora. O cartão é com uma figura de avião e a professora explicou que as crianças colocaram o seu dedinho na tinta azul e fizeram nuvens no céu. O Lucas chega com o pai, o pai entrega a lancheira e a professora diz “boa tarde”. A professora pega o Arthur no colo, ele começa a chorar (a berrar muito) e a professora o leva no banheiro para lavar o rostinho.

14: 05hrs: A professora chama criança por criança para carimbar o cartão. A Laura começa a chorar, pedindo para ficar sempre do lado da irmã. Neste momento todas as crianças estão ao redor da mesa, vendo o cartão com a professora.

14: 10hrs: A professora pede para as crianças guardarem os brinquedos para poderem ir ao parque.

14: 15hrs: Todos vão para o parque, com exceção do Bernardo que fica na sala com a mãe.

14: 30hrs: O Bernardo vai ao parque com a mãe. No parque a professora fica conversando com a mãe do Bernardo e a estagiária brincando com as crianças no escorregador.

14: 45hrs: A professora dá água para as crianças. E volta para sala, a Laura, Rubens e o João Victor com a irmã da Laura ficam brincando com o sapo e a minhoca no cantinho do repouso.

15: 00hrs: As crianças voltam do parque, vão ao banheiro lavar as mãos e fazer xixi. Em seguida vão para sala fazer os lanchinhos.

15: 10hrs: A professora sai da sala para fazer o seu lanchinho. Na hora do seu lanche a professora senta numa mesinha com as crianças.

15: 15hrs: A professora chega e vai a estagiária fazer o lanche.

15: 20hrs: Volta a estagiária.

15: 30hrs: Todos terminam de fazer o lanche. A professora faz uma roda e diz que vai contar uma historinha (todos foram para embaixo do ventilador, pois estava muito quente). A Isadora fica na janela pelo lado de fora, depois fica brincando com o cavalinho de plástico e a mãe do Bernardo vai buscá-lo na rua, colocando ele dentro da sala. A estagiária vai no outro grupo buscar historinhas, enquanto isso a professora canta com as crianças. Está na sala a mãe do Bernardo e a irmã da Laura.

15: 35hrs: A professora começa a contar a história do Coelho Teobaldo. O Bernardo e a Isadora estavam no cavalinho de plástico e as outras crianças estavam sentadas no chão.

15: 50hrs: A professora começa outra história, Gatos selvagens da América.

15: 55hrs: A professora falou que está quase na hora da festa da Méri. Então ela foi pegar uma escova de cabelo e arrumou as crianças. E a turma do jardim veio na sala para ensaiar a música para a Méri.

16: 05hrs: As crianças vão para a assembléia geral que acontece de 15 em 15 dias. Hoje a assembléia é especial para a Méri (coordenadora) pois é seu aniversário. Na assembléia cada turma dá um presente e o grupo do maternal dá o cartão confeccionado por eles e um porta-retrato de metal que a professora comprou. O João Victor dormiu no colo da estagiária e a professora o levou para sala (sendo que ele ficou sozinho na sala durante a assembléia).

16: 30hrs: Termina a assembléia e as crianças vão para caixa de areia brincar. A mãe da Laura chega e sua irmã vai embora. A Laura faz xixi nas calças e sua mãe a troca.

17: 00hrs: O Bernardo vai embora com a mãe.

17: 15hrs: As crianças voltam para sala e chega a empregada da Isadora e fica na sala olhando o que ela vai fazer. A Laura entrega para cada criança uma “língua de sogra”. As crianças ganham massinha branca e a faquinha mágica. A estagiária vai embora.

17: 35hrs: Chega a mãe da Gabriela e o pai do Lucas (ele fica na porta só olhando a criança). A mãe do Ygor chega e entra na sala e vai brincar de massinha com ele.

17: 40hrs: A mãe do Arthur, do Ygor e da Laura leva-os embora.

17: 45hrs: O pai do Rubens e a mãe da Natália chegam.

17: 50hrs: Chega a avó do Enrike para buscá-lo.

17: 55hrs: A mãe do João Victor chegou e levou ele no colo ainda dormindo.

Hoje as crianças podiam vir sem uniformes, apenas três crianças vieram com uniforme. O Rafael não veio para aula.

#### **11º Dia: 04/03/2002**

13: 05hrs: Chegou a estagiária na sala, colocou os brinquedos na mesa e foi lavar os copos de água. Ficando a sala sozinha.

13: 15hrs: Chega a Natália com a mãe, mostra para a pesquisadora o batom, a pulseira e pede para mãe guardar a pulseira. A mãe sai dando tchau e um beijo. A estagiária retorna para sala.

13: 20hrs: O Lucas chega com a empregada, ela dá tchau e sai. A Natália vai no corredor pegar um cavalinho de plástico.

13: 25hrs: A Laura chega com a mãe e a irmã. A criança dá tchau e um beijo na mãe e a mãe vai embora ficando apenas a irmã.

13: 30hrs: Chega o Arthur com a mãe, o João Victor com a tia. O Arthur chora muito pois a mãe foi embora. Chega a professora e vai pegar o Arthur no colo, mas ele continua chorando. A Laura brinca na mesinha com os coleguinhas e a irmã fica sentada em outra mesa. A Mariana chega com o homem da Topic.

13: 40hrs: O Ygor chega com a mãe, a mãe entra e vai sentar na mesinha para conversar com a professora. A estagiária pega o Ygor no colo (mas ele não estava chorando, só para a mãe poder sair). O Enrike vem correndo e fica na porta da sala esperando seu pai. O pai entrega o seu material e vai embora sem se despedir. A Gabriela chega com a mãe, e a mãe solicita para a estagiária dar um copinho de água.

13: 45hrs: A Isadora chega com o pai de mãos dadas, vai até a professora e dá um beijo. A estagiária pega a Isadora no colo, mas logo larga e vai pegar a Gabriela pois ela começa a chorar (quer a mãe) e a mãe saiu sem se despedir. O Rafael chega com a mãe e o pai, faz um pouco de manha para entrar, a professora sentada o chama e ele se aproxima (indo ao seu encontro) e lhe dá um beijo.

13: 50hrs: O Arthur continua a chorar no colo da professora. E a mãe do Ygor sai da sala.

14: 00hrs: Todas as crianças estão bem (não tem nenhuma criança chorando) e a professora dá água para as crianças.

14: 05hrs: A irmã da Laura, brinca com as meninas de roda. A professora manda o Rafael e o Enrike guardar os brinquedos que eles jogaram no chão (a professora se aproximou deles, pegou pelo braço e disse que se eles não guardarem tudo, ela vai levá-los para a coordenadora).

14: 10hrs: A professora solicita a todas as crianças para ajudarem a guardar os brinquedos.

14 : 15hrs: Depois a professora avisa que hoje ela trouxe uma surpresa e eles vão conhecer a surpresa na sala de vídeo. Sendo que o Rafael ficou na sala guardando os brinquedos (sozinho). Na sala de vídeo, eles fazem a assembléia e a professora diz que vai mostrar a surpresa. Mas antes ela diz que a surpresa fala e pula e as crianças tentavam adivinhar. O Arthur ficava com as mãos no ouvido. O Rafael começa a pedir pelo pai e a mãe e continua a brincar, não guardando os brinquedos.

14: 20hrs: A estagiária volta na sala, conversa com a criança e diz que vai ajudar a guardar para ele ir junto ver a surpresa (ele não dá bola e vai para o cantinho do repouso, sendo que a estagiária guarda tudo sozinha).

14: 25hrs: A professora dá para cada criança segurar a surpresa (que está guardada dentro de um pacote), as crianças seguram e tentam adivinhar o que é. O Rafael vai para sala de vídeo também com a estagiária.

14: 30hrs: A professora abre a embalagem e diz que ela trouxe de sua casa e é de sua filha. A professora vai tirando aos poucos e pergunta o que é (tira 1 pema, 1 braço, depois 2 pernas, 2 mãos, a saia). Na sala ela pergunta quem pode usar saia, as crianças dizem que são as meninas. A surpresa era uma boneca “a garrafinha”.

14: 35hrs: A professora dá para cada criança pegar um pouquinho a boneca, mas pede para ter cuidado, avisando que não pode pegar pelo cabelo só pelo corpinho. O Rubens chega com a mãe, a mãe avisa que ele chegou atrasado pois estava no médico. A irmã da Laura leva ela e a Isadora para o banheiro.

14: 40hrs: As crianças vão para o parque com a professora, a estagiária e a irmã da Laura. No parque as crianças brincam de roda, no escorregador e na casinha. A professora fica ajudando as crianças quando solicitada ou não (às vezes quando ela percebe que as crianças estão precisando de ajuda, ela se aproxima e ajuda).

15: 10hrs: As crianças voltam para sala, antes passam no banheiro para lavar as mãos e fazer xixi. E vão fazer o lanchinho.

15: 20hrs: A mãe da Gabriela chega na sala, trazendo o suco da filha, entra na sala olha o lanchinho da filha (permanece na sala por 5 minutos).

15: 40hrs: A professora senta com as crianças no chão, com exceção da Isadora que fica sentada na cadeira e a professora conta uma história para as crianças. A história do “pintinho plic”.

15: 45hrs: A irmã da Laura sai da sala e a Laura começa a chorar. E a estagiária a pega no colo. Durante a historinha, a professora perguntava para as crianças, pedia para elas imitarem o patinho.

15: 50hrs: A professora dá massinha bege e a faquinha mágica para as crianças (a faquinha é entregue pela Laura, assim ela parou de chorar). E a professora se retira da sala (vai no aniversário da coordenadora).

15: 55hrs: A estagiária sentou numa cadeirinha do lado da Laura e ficou brincando com ela, às vezes algumas crianças levantavam e mostravam para ela o que eles estavam fazendo.

16: 05hrs: Os meninos levantam das cadeiras e começam a brincar de espada (lutas) no meio da sala (as crianças falavam e berravam alto). A estagiária levantou e disse que deu, colocando todas as crianças sentadas novamente. A professora retorna na sala, e vai conversar com a Laura (sendo que ela começou a chorar) e senta na cadeirinha para brincar de massinha também.

16: 15hrs : A professora pede para as crianças guardarem a massinha e senta com elas no chão, cantam algumas músicas.

16: 20hrs: A professora pergunta para as crianças quem quer pintar o avião. A Laura começa a chorar e pedir pela irmã. A professora mostra o avião e fala que eles vão pintar com tinta. A professora diz para as crianças brincarem, enquanto isso ela vai recortar os aviões.

16: 30hrs: A professora pede para estagiária fazer uma roda e mostrar a 2ª surpresa. A Isadora e o João Victor ficaram no lado da professora (sentados na cadeirinha).

16: 40hrs: A estagiária passa para cada criança adivinhar o que está dentro do pacote. A professora termina de recortar os aviões e vai buscar tinta e pincel. Nesta atividade a professora trabalha individualmente com cada criança. Na mesa tem 8 potes de tintas e a professora pede para a criança escolher a cor e

fala, e com o pincel a criança pinta o avião (sendo que começa a atividade com tinta e a surpresa é interrompida, onde não é mostrada para as crianças a surpresa).

17: 10hrs: As crianças vão para o parque, brincar na caixa de areia (a estagiária leva os baldinhos).

17: 20hrs: A mãe e a irmã da Laura chegam no parque e ficam olhando (sem a criança perceber). A estagiária vai embora.

17: 30hrs: Chega a mãe da Gabriela, a babá do Arthur, ficam um pouco no parque e vão embora.

17: 45hrs: Chega a mãe da Natália, o pai do Enrike, o pai do Rafael, o pai do Lucas, a tia do João Victor e os levam embora.

17: 50hrs: A Laura e a Mariana vão embora.

18: 00hrs: Chega a mãe do Ygor e a prima da Isadora.  
Faltou o Bernardo.

## **12ª Dia: 05/03/2002**

13: 05hrs: A estagiária chega na sala, coloca os brinquedos na mesa e sai para lavar os copos e buscar água.

13: 10hrs: Chega a Natália com a mãe, entram na sala a criança diz “não tem ninguém”. A pesquisadora recebe a criança e a mãe vai embora. Depois volta a estagiária para a sala.

13: 20hrs: Chega o Lucas com a empregada. A estagiária dá um beijo e sai (deixando a criança sozinha na entrada da sala). A mãe do Bernardo entra na sala sem ele, avisando que o Bernardo vai estudar em outra escola (a mãe relatou que naquela escola as crianças são todas da sua cidade, ainda usam fraldas, ela acredita que vai ser bem melhor)

13: 25hrs: A mãe do Lucas aparece na sala para trazer o lanchinho e na hora que a mãe ameaçou sair ele começou a chorar. A estagiária se aproxima da criança e a mãe sai, a criança começa a chorar. Chega a Laura com a mãe e com a irmã. A criança fica dando tchau para a mãe, a mãe dá tchau e um beijo, sai da sala, ficando a irmã. Chega a Mariana com o menino que traz. Chega o Enrike com a mãe, a mãe dá tchau e um beijo e sai.

13: 30hrs: A Gabriela chega com a mãe (a mãe trazendo na mão o cobertor e o bico). A Isadora chega com o pai, dá um beijo no pai e ele sai. A professora chega e diz: “oi crianças”, e sai beijando uma por uma.

13: 35hrs: O Ygor chega com a mãe, a mãe entra e fica na sala um pouquinho. O João Victor chega com a tia (no colo) pois estava dormindo. A tia coloca no colchão dormindo.

13: 40hrs: A professora senta numa mesinha, pega canetinha e os aviões (que as crianças pintaram ontem) e vai fazer as janelas e os contornos nos aviões. Falou que estes desenhos serão para colar no quadro de presença. O Rubens chega com a mãe, pede para tirar a camisa, dá um beijo na mãe e ela vai embora.

13: 45hrs: A professora fica arrumando os aviões (contornando e fazendo as janelas), e conversa com a mãe do Ygor que continua na sala.

13: 55hrs: A mãe do Ygor vai embora. A professora coloca música na sala e continua contornando os aviões.

14: 05hrs: O Rafael chega com a mãe e traz uma bola. O Enrike bate no amigo, pois quer a bola e o Rafael começa a chorar. A professora se aproxima das duas crianças e conversa com eles e faz com que o Enrike peça desculpas para o Rafael. A mãe do Rafael fica parada na porta (olhando as duas crianças e a professora). A professora volta para a mesinha.

14: 10hrs: A professora faz uma assembléia, onde as crianças estão sentadas no chão, a professora mostra os aviões e fala a cor do avião para cada criança.

14: 20hrs: A professora diz para as crianças que elas irão fazer as nuvens para depois colarem o avião. Então as crianças colocam as cadeirinhas em filas (em frente a quadro) e a professora vai chamando uma por uma e com a tinta azul e um pedaço de esponja as crianças pintam no quadro de presença.

14: 30hrs: O João Victor acorda. Agora a professora cola os aviões no quadro de presença. Na hora da colagem a professora mostra para as crianças (ao colar a professora dizia o nome da criança e o nome da cor do avião).

14: 35hrs: As crianças vão para o parque.

15: 00hrs: Aparece uma coruja no parque, e todas as crianças (de todas as turmas) vão ao parque ver a coruja e cantam a música da coruja.

15: 10hrs: As crianças vão para o banheiro lavar as mãos e fazer xixi. Em seguida vão fazer o lanchinho na sala. A irmã da Laura está junto dentro da sala.

15: 35hrs: chega o professor de educação física e leva as crianças na cordinha para passear. A professora sai pois tem uma entrevista para fazer com a mãe da Mariana.

16: 00hrs: As crianças retornam para a sala, a Mariana começa a chorar pois viu sua mãe. A irmã da Laura pega-a no colo. A estagiária faz uma roda e canta algumas músicas.



16: 15hrs: A professora chega na sala trazendo historinhas. E começa a contar a história do Chapeuzinho Vermelho. Durante a historinha, a professora cantou a música do bosque. A Isadora ficou sentada na mesinha e a Laura no colo da irmã.

16: 30hrs: A professora pegou os fantoches do pato colocou a música do pato e cantou com as crianças. Depois deu um pouquinho para cada criança brincar com o fantoche.

16: 40hrs: A professora pegou vários fantoches de animais e apresentou (mostrando para as crianças adivinharem o nome do animal). O João Victor não parava nenhum momento, andava pela sala inteira, as outras crianças estavam sentadas no chão em roda. E cada criança ganhou um bichinho.

16: 50hrs: As crianças brincavam com os fantoches, a professora colocou música e as crianças dançavam também (a música de dentro da sala estava muito alta). Em todo o momento, a professora brincava e cantava, sendo que ela também estava com fantoche.

16: 55hrs: As crianças devolveram o fantoche para a professora e as crianças ganharam papel sulfite e giz de cera para desenharem os bichinhos que brincaram. Algumas crianças estavam correndo e a professora mandou elas sentarem, pois agora é hora de trabalhar. Depois que todas as crianças estavam já sentadas e com o papel, a professora saiu da sala indo ao banheiro.

17: 00hrs: A professora retorna na sala e vai na mesa do Rafael, Rubens, Lucas, Ygor, pois eles estavam jogando o giz de cera no chão. A professora dá outra folha pra o Rafael pois ele não desenhou, só rabiscou tudo (no momento que ela entrega a folha, ela diz que quer um desenho bem bonito, sem rabisco), mas logo a professora se retira da sala para levar uma criança no banheiro (então ela não participa da atividade). No retorno da sala, ela vai até o encontro do Rafael e pergunta se ele desenhou bem bonito. A estagiária passava por cada criança perguntando o que desenhou, quando estava quase terminando a professora foi ajudá-la (escrevia com canetinha o nome da criança, a data de hoje e o que ele fez).

17: 05hrs: Todos terminaram e ganharam massinha rosa da estagiária e a faquinha mágica.

17: 15hrs: A professora coloca os desenhos no varal (que se encontra do lado de fora da sala)

17: 20hrs: A estagiária vai embora e a professora leva as crianças para brincarem no corredor.

17: 40hrs: Chega a mãe da Laura, o pai do Rubens, a mãe da Gabriela, mãe do Enrike, mãe da Isadora, rapaz que vem buscar a Mariana e a mãe da Natália.

17: 45hrs: O pai e a mãe do Lucas, a mãe do João Victor, mãe do Ygor e a mãe do Rafael.  
Faltou o Arthur.

**13º Dia: 06/03/2002**

13: 00hrs: Chega a estagiária e arruma a sala.

- 13: 10hrs: A Mariana chega na sala, em seguida a Natália com a mãe.
- 13: 20hrs: O Arthur chega com a babá e o Lucas sozinho na sala. A babá entra e permanece com ele (sentada na cadeirinha).
- 13: 25hrs: Chega a Luísa (criança nova, primeira vez que está vindo para escola) chega com a mãe, e a mãe entra e senta na cadeirinha com a criança.
- 13: 30hrs: Chega a Laura com a mãe (a mãe disse que hoje a irmã não quis vir). A mãe ficou no lado da criança, esperando a Gabriela chegar (pois a Laura queria brincar com a Gabriela).
- 13: 35hrs: A Gabriela chegou com a mãe. Quando a mãe da Laura ameaçou sair, ela começou a chorar muito (a berrar). A professora chegou e pegou a Laura no colo e sua mãe saiu, falando que vai trabalhar bem pouquinho e depois volta.
- 13: 40hrs: O Ygor chega com a mãe, dá um beijo e tchau. O João Victor chega no colo da mãe (pois estava dormindo), a mãe ficou com ele no colchão. A babá do Arthur saiu, e ele começou a chorar. A estagiária pegou ele no colo e saiu para o parque com ele. A Isadora chegou com a mãe, de mãos dadas. Quando a mãe ameaçou sair, ela começou a chorar indo a professora ao seu alcance. A Laura foi para o colo da pesquisadora.
- 13: 50hrs: A professora deu atenção para a mãe e a criança nova. O Arthur pede pela mãe (mas fica sozinho na mesa). O Rafael chega com o pai.
- 14: 00hrs: Vai embora a mãe do João Victor e se retira da sala a mãe da Luísa (mas fica olhando pela janela, se encostando no corredor do colégio). A professora pede ajuda para as crianças guardarem os brinquedos.
- 14: 05hrs: Sentam todos em círculo no chão com exceção da Laura que fica com a pesquisadora e a estagiária com a Luísa. A professora mostra um grampo de roupa pintado e vários brancos e fala para as crianças que hoje elas irão pintar os grampos com tinta.
- 14: 10hrs: A professora coloca a música de avião e as crianças ficam escutando.
- 14: 20hrs: A professora começa a contar a história que o João Victor trouxe. O nome da história é: “O que é de quem?”. O Arthur pede pela mãe (e ninguém faz nada), (na historinha a professora mostrava a diferença do ser humano e dos bichos).
- 14: 30hrs: As crianças vão para o parque brincar.
- 14: 40hrs: Chega o professor de música no parque e as crianças fazem um círculo e sentam na grama para cantarem.
- 15: 00hrs: As crianças voltam para a sala e fazem o lanchinho.

15: 10hrs: A professora sai da sala para fazer o seu lanchinho. A mãe da Luísa fica só olhando a criança pela janela.

15: 15hrs: A professora volta para a sala com o seu lanchinho.

15: 30hrs: O Enrike e o Rafael se esbarram e começa a sangrar o nariz do Rafael, a estagiária sai com ele para pôr gelo e logo a professora sai também. As crianças ficam com a pesquisadora na sala, onde esta faz uma roda e canta com as crianças.

15: 40hrs: A professora volta e pega as tintas e começa a explicar para as crianças como será a atividade, dizendo que cada uma vai ganhar uma tinta e um pincel. As tintas são colocadas num copinho de café. As mesinhas são agrupadas e uma criança sentará do lado da outra.

15: 45hrs: As crianças ganham uma tinta, um pincel e dois grampos de roupa para pintarem (nesta atividade a professora passava por criança em criança).

16: 00hrs: Quando todas as crianças terminaram de pintar os grampinhos, elas ganharam uma folha de papel sulfite branca para fazerem um desenho livre.

16: 10hrs: As crianças vão ao banheiro com a pesquisadora e a estagiária lavar as mãos e depois ganham livrinhos de histórias para olharem.

16: 15hrs: A professora sai da sala, vai lavar a suas mãos e os pincéis. Depois vai buscar a surpresa.

16: 20hrs: A estagiária coloca cada criança sentada na sua cadeira para esperar a professora com a surpresa. A Luisa foi embora com sua mãe.

16: 25hrs: As crianças ganham gelatina no copinho. Hoje é dia de frutas (durante o lanche e colocou numa bandeja), então a professora recolheu todas as frutas e descascou, entregando um pedacinho para cada criança.

16: 30hrs: As crianças vão brincar no corredor (nos brinquedos) pois estava chovendo.

16: 45hrs: A professora distribui massinha amarela e a faquinha mágica para as crianças brincarem (na hora da massinha a professora foi arrumar o seu material).

17: 15hrs: Vão assistir o filme: “Gasparzinho”, na sala de vídeo. A mãe da Laura chega e fica olhando pela janela (sem deixar a criança ver).

17: 30hrs: Voltam para sala para esperar a mamãe, todas sentam com a professora no chão.

17: 35hrs: O pai do Rubens, a babá do Arthur, a mãe e o pai do Rafael, a mãe da Gabriela e a mãe da Laura os levam embora.

17: 40hrs: A professora dá os lanchinhos para as crianças novamente.

17: 45hrs: Chega o pai do Lucas, o rapaz vem buscar a Mariana, prima da Isadora, a mãe e o irmão do Ygor e a mãe da Natália.

Hoje as crianças levaram para casa a “ata resumida da reunião geral com os pais”.

#### **14º Dia: 07/03/2002**

13: 20hrs: Chega o Lucas com a empregada e a estagiária o recebe dando um beijo e a criança vai brincar na mesinha.

13: 25hrs: Chega a Luísa com sua mãe e a Mariana com o rapaz, o Arthur com a babá (no colo) e a Laura com a mãe (de mãos dadas). A babá do Arthur entre e brinca com a criança na mesinha. Chega o Bernardo (amigo novo) com o pai e a mãe.

13: 30hrs: A Laura quis ficar do lado da pesquisadora, então a pesquisadora pegou ela e a mãe saiu (a Laura chorou um pouco no começo). A Natália chegou com a mãe. E a professora chega na sala e vai beijar todas as crianças. Dá atenção para o aluno novo (se aproxima e diz oi) e pega a criança Natália no colo, pois ela começa a chorar muito, pedindo pela mãe. A mãe sai da sala, sem se despedir, deixando-a chorando (a professora se retira da sala com a Natália, vai dar uma voltinha no corredor).

13: 35hrs: O João Victor chega com a mãe, a mãe dá um beijo e sai, ele fica mandando beijos de dentro da sala. O Ygor chega com a mãe, a mãe fica um pouquinho na sala e vai embora dando um beijo e avisando que depois volta.

13: 40hrs: A professora retorna a sala com a Natália no colo (ela parou de chorar). A Isadora chega no colo da mãe e a mãe coloca ela no chão, entregando para professora e sai sem se despedir. O Rubens chega com a mãe, a mãe dá tchau e sai.

13: 45hrs: Chega o Rafael com a mãe e o pai, é recebido pela professora com um beijo (a professora se encontrava na porta). A Gabriela chega com a mãe e a professora lhe dá um beijo.

13: 55hrs: O Rafael começa a chorar e vai para trás da mesa. O Enrike chega com o pai e com a mãe. A professora chama a criança (para lhe dar um beijo, mas a criança não vai, vai brincar com os brinquedos, pois a professora estava sentada no chão com algumas crianças).

14: 00hrs: A professora chama o Rafael, ele não dá atenção, então a professora levanta e vai conversar com ele (a professora diz que cada amigo brinca um pouquinho, depois ele brinca novamente), e ele pará de chorar (ele começou a chorar porque um amigo tirou o brinquedo dele).

14: 05hrs: A babá do Arthur pergunta para a professora se “ela não vai me pegar para dar uma voltinha” (a babá perguntou porque o Arthur continua no seu lado, sozinho não brincava com ninguém, e a babá queria ir para embora trabalhar).

14: 10hrs: A criança Arthur fica sentado e a babá sai (sem se despedir) e a professora vai sentar com a criança (a criança pede pela babá).

14: 15hrs: A professora pede para guardar os brinquedos e faz uma roda com as crianças no chão. E cantam música.

14: 20hrs: A professora faz a assembléia com as crianças na sala. Pega uma mochila e mostra o biquíni, a toalha e o chinelo que a amiga Isadora trouxe. Depois pegou do amigo Ygor para mostrar a sunga, a toalha, o protetor. A professora mostrou que as meninas usam biquíni ou maiô e os meninos sunga (hoje as crianças trouxeram trajes de banho, pois a educação física seria na piscina, mas não teve devido ao tempo).

14: 35hrs: As crianças vão para o parque, no parque a Natália e a Laura pedem pela mãe.

15: 05hrs: Voltam para a sala, passam no banheiro para lavar as mãos e vão fazer os lanchinhos na sala. A mãe da Luísa entra na sala, e dá o lanchinho para a criança.

15: 35hrs: As crianças vão para Educação Física com o professor Jairo, com exceção do Arthur que não quis ir. Ficou na sala com a professora (na sala ele ficou brincando com os brinquedos e a professora foi arrumar o seu material).

16: 00hrs: Voltam para a sala e ficam brincando com os brinquedos dentro da sala (bem a vontade). A professora coloca música e vai brincar com todas as crianças.

16: 30hrs: A professora faz uma roda, onde todas as crianças sentaram no chão e a professora pegou revistas e mostrou como as crianças teriam que fazer. A professora pegou uma folha da revista, rasgou em forma de tirinhas, depois amassou tudo e fez uma bola de papel. A professora jogou a bola para cada criança, e a criança jogava a bola novamente para a professora. O João Victor dormiu no colchão (sendo que durante a atividade ele levantou e foi deitar no colchão).

16: 50hrs: A professora dá uma folha para cada criança cortar em tirinhas, as crianças pegam as folhas e vão sentar na suas cadeiras para trabalhar. Na hora do trabalho a professora se retira da sala (vai no banheiro) ficando somente a estagiária, a estagiária passava nas mesinhas para ajudar quando necessário, quando a criança solicitava.

16: 55hrs: A Luísa vai embora com a mãe e com o pai. A estagiária dá água para as crianças.

17: 00hrs: A professora retorna para sala e entrega outro papel e eles fazem as bolas, com a ajuda da professora e da estagiária. Quando todas estão com as bolas prontas, a professora pegou um cesto e fez que com que as crianças acertassem dentro do cesto. Enquanto a criança jogava as outras crianças estavam sentadas na frente do quadro esperando sua vez.

17: 10hrs: Todas as crianças jogam as bolas no cesto e depois vão para o parque.

17: 35hrs: Os pais do Rafael, a babá do Arthur, a mãe da Laura, o pai do Rubens chegam para buscá-los.

17: 45hrs: Chegam a mãe da Natália, a mãe do Bernardo, a mãe da Isadora, o pai do Lucas.

17: 55hrs: A irmã do Ygor, a mãe do João Victor e a mãe da Gabriela chegam também.

Hoje o tempo todo a Laura ficou sozinha (sem alguém da família) e sempre pedia para estagiária ou pesquisadora ligarem para mãe.

#### **15º Dia: 08/03/2002**

13: 05hrs: Chega a estagiária na sala.

13: 15hrs: Chega a Natália com sua mãe, a mãe dá tchau e um beijo. O Lucas com a empregada (ela sai sem se despedir). A Isadora com o pai, o pai chega de mãos dadas com a criança, ao entrar na sala dá um beijo e sai. O Arthur chega com a babá e a babá entra na sala, indo sentar nas cadeirinhas para brincar. A Mariana chega com o rapaz, entra na sala sozinha e vai brincar.

13: 20hrs: A Laura chega chorando de mãos dadas com a mãe. Ao entrarem na sala, a criança começa a dá tchau e beijo para a mãe. A mãe diz que vai trabalhar e dá um beijo, abraço e sai (quem a recebe é a pesquisadora), pois a estagiária estava recebendo outras crianças e a Laura foi em direção a pesquisadora.

13: 30hrs: Chega a Luísa com a mãe, a estagiária vai até a porta e diz “oi Luisa” e dá um beijo na criança. Ao entrar na sala conversa um pouquinho com a estagiária e sai avisando que hoje não vai ficar na escola, deixando o número do telefone celular (a mãe sai sem se despedir da criança).

13: 35hrs: O Bernardo chega com a mãe, demonstrando não querer entrar, a mãe fica com ele na porta (conversando). A professora chega e pará para conversar com eles. A mãe entra na sala e ele começa a chorar pedindo para ir embora (a professora fica conversando com a criança). A professora ficou lembrando de ontem, e pegou ele no colo chorando, a mãe dá alguns beijos e diz que vai trabalhar e já volta.

13: 40hrs: A professora senta com a criança. O Ygor chega com a mãe e a professora diz “oi Ygor” e pede um beijo para ele. A professora pede um beijo para a Mariana e o Lucas também. O Rubens chega com a mãe, a mãe conversa com ele perguntando “se ele vai obedecer”, dá um beijo e sai.

13: 45hrs: O Rafael chega com a mãe (dá um de manhoso, querendo a mãe, começa a chorar um pouquinho) e a professora vai até a porta e pega a criança, falando para ela que a mãe já volta só foi trabalhar. Ele começa a chorar bastante, ficando sentado atrás da porta (a mãe sai, fecha a porta e não se despede da criança). A professora fica sentada do lado da criança. O Enrike chega com o pai, a professora o recebe, dando um beijo e o pai vai embora.

13. 50hrs: A professora vai sentar na mesa que está o Arthur e sua babá (a professora conversa com a babá, tentando se aproximar da criança).
14. 00hrs: A babá vai embora (sem se despedir da criança) e a criança continua brincando na mesinha.
14. 05hrs: A professora faz uma roda e diz que tem um segredo para contar. Que hoje é o dia da mulher, a professora pergunta qual é a mulher que vive na sua casa, as crianças dizem é a mamãe.
14. 10hrs: A professora sai da sala, indo na coordenação. As crianças ficam com a estagiária. Ela tira as camisetas dos meninos, pois hoje está muito quente. E as crianças ficam brincando com os brinquedos dentro da sala.
14. 25hrs: A estagiária pede para as crianças guardarem os brinquedos e a professora retorna para sala.
14. 30hrs: Vão para o parque. E a Laura vai chorando de mãos dadas com a professora (depois no parque começa a brincar e pará de chorar).
15. 05hrs: A professora chama as crianças para sala, para fazer o lanchinho.
15. 10hrs: A mãe do Lucas aparece na sala para trazer o lanchinho, dá um beijo na criança e sai. Quando saiu a criança ameaçou chorar mais a professora falou que a mamãe já volta.
15. 15hrs: A professora sai da sala, vai fazer o seu lanchinho. E avisa que depois que as crianças terminarem, é para a estagiária contar uma história.
15. 25hrs: As crianças vão para o tapete (no cantinho do repouso) cada criança pega sua almofada e descansa. Todas as crianças estão deitadas e a estagiária conta uma história “A cabra catita”, que a amiga Laura trouxe.
15. 35hrs: A professora chega e vai trabalhar individualmente com as crianças. Pega a folha que está escrito “A mulher dá minha vida é...” dá canetinha para a criança desenhar (sendo que as cores são escolhidas pela professora e a professora avisa o que tem que desenhar, exemplo: o corpinho, o cabelo, os olhinhos, o nariz, a boca). Depois a professora escreve com a canetinha o nome da mamãe. Enquanto a professora trabalha com as crianças a estagiária fica brincando com as crianças na sala (a professora fala também: faz uma bola para ser o corpinho da mãe, agora os bracinhos, o cabelo da mamãe, a perna o sapato. Às vezes, ela (a professora) precisava ajudar segurando na canetinha da criança, dependendo da parte do corpo).
15. 45hrs: As crianças vão todas para uma mesinha e ganham salgadinhos (pois hoje é o dia livre nos lanches, então algumas crianças trouxeram salgadinhos).

15: 55hrs: Hoje teve assembléia geral na rua, em homenagem ao dia da mulher. As crianças cantaram com o professor de música (estavam presentes todas as crianças desde a educação infantil até o ensino médio).

16: 30hrs: As crianças voltam para a sala e a professora termina a atividade com aquelas crianças (que ainda não fizeram o desenho da mamãe). Enquanto isso as outras crianças brincavam com os brinquedos da sala com a estagiária. A mãe da Luísa chegou com avó para buscá-la. A professora deu um beijo e um abraço e a criança saiu.

16: 45hrs: Todas as crianças terminaram, a professora pegou todos os desenhos, fez uma roda com as crianças e mostrou o desenho de cada mãe (na hora da apresentação, a professora falava o nome da mamãe e perguntava para as crianças, e a criança respondia o seu nome). O Enrike fez dois desenhos, um para a mamãe e um para avó.

16: 50hrs: As crianças foram na lanchonete buscar o picolé, sentaram na grama e tomaram o picolé (o picolé quem deu foi a mãe do Rafael).

17: 10hrs: Foram para a caixa de areia (a estagiária levou os brinquedos e as crianças ficaram brincando)

17: 30hrs: Chega a mãe da Isadora, mãe da Laura, pai e mãe do Rafael, pai do Lucas e pai do Rubens.

17: 40hrs: Chega a mãe do Bernardo, mãe da Natália, mãe do Arthur e a irmã do Ygor.

17: 45hrs: O rapaz para buscar a Mariana e a mãe do Enrike chegam.

Hoje faltou o João Victor e a Gabriela.

#### **16º Dia: 11/03/2002**

13: 15hrs: Chega a estagiária na sala. O Lucas chega com a empregada, a Natália chega com a mãe, sendo recebida pela estagiária com um beijo. As crianças entram para brincar e a mãe e a empregada saem sem se despedir.

13: 20hrs: O Ygor chega com a mãe, a mãe entra na sala e vai sentar na mesinha. A Isadora chega com o pai, o pai dá um beijo e sai. A estagiária fica do seu lado. A Mariana chega com a mãe, a mãe a deixa no colchão e sai (a estagiária não recebeu a criança). O Arthur chega com a babá, e a babá entra e senta na cadeirinha para brincar com a criança. O Bernardo chega chorando no colo da mãe (pedindo para ir embora), e a mãe entra na sala e fica conversando com a criança, e a criança fica no seu colo. A Luísa chega com a mãe de mãos dadas e a criança bate a cabeça na porta e começa a chorar. A mãe pega a criança no colo e fica conversando com a criança. A mãe e a criança saem da sala, a mãe vai trocar a fralda, pois a criança fez coco.



13. 25hrs: A Laura chega com a mãe, diz “tchau mãe” chorando e logo vai para o lado da pesquisadora. A Gabriela chega no colo da mãe, a mãe coloca a criança no colchão e vai embora. A mãe do Lucas, apareceu na sala sem deixar a criança ver. Entrega o seu lanche para estagiária e vai embora. Chega a professora na sala e vai conversar com o Bernardo e sua mãe. Ele continuava a chorar, mas a professora pegou ele no colo, e sua mãe saiu. A mãe do Ygor vai embora, dando um beijo.

13. 35hrs: A Luísa retorna a sala com a mãe, vai sentar na cadeirinha e brincar com os brinquedos. A babá do Arthur tenta sair (fugir) da sala e ele começou a chorar e a babá volta. O Bernardo continua no colo da professora chorando e pedindo para ir embora. O Rubens chega com o pai, o pai lhe dá um beijo e sai. A estagiária está no quadro de presença com o Rubens, Lucas e Ygor.

13. 40hrs: A Laura vai brincar, mas sempre avisando e dizendo “fica aí bem quietinha” e olhando para a pesquisadora. O Rafael chega com a mãe e o pai, e a professora o chama, avisando para ele entrar. Ele fica meio manhoso, mas a professora levanta e vai até a porta receber a criança (e o Bernardo fica parado no meio da sala sozinho). A mãe do Rubens aparece na porta da sala, dá um beijo no filho e vai embora. Antes, a mãe avisa a professora que a criança está com febre, que qualquer coisa é para ela telefonar.

13. 45hrs: O João Victor chega dormindo no colo do pai, mas quando o pai coloca ele no colchão, ele acorda e pede colo. A babá do Arthur vai embora, e a criança começa a chorar muito e a estagiária o pega no colo. O Enrike chega com o pai, a criança entra correndo na sala e o pai fica na porta olhando e dando tchau (mas a criança não dá atenção e o seu pai sai). A mãe da Luísa vai embora, e a professora diz “confia em mim que ela está bem”, a mãe sai, dizendo que confia, mas demonstra uma insegurança, olhando sempre para trás.

13. 50hrs: A professora pega o João Victor do colo do pai e ele começa a chorar e a professora sai com ele da sala, indo passear um pouquinho com ele. E o pai vai embora. As crianças ficam brincando com os brinquedos.

13. 55hrs: A professora retorna para a sala com o João Victor. E a professora começa uma atividade com as crianças. Pega o papel sulfite corta em 4 pedaços e canetinhas preta. A professora trabalha individualmente com cada criança, chamando uma por vez. A criança recebe o papel e uma canetinha preta e desenha a mamãe. A professora auxilia dizendo o que precisa desenhar (ex: os olhos, os braços, as pernas, a boca). Estes desenhos serão para colocar no informativo. Enquanto isso as outras crianças brincavam com os brinquedos dentro da sala, todas as crianças estavam brincando bem.

14. 00hrs: A Natália e a Gabriela sentam na mesinha do lado da professora (sendo que esta atividade a professora começou chamando primeiro todos os meninos para depois chamar as meninas)

14. 10hrs: A professora começa a chamar as meninas.

14. 15hrs: As crianças começam a guardar os brinquedos, solicitado pela professora.

14: 20hrs: A professora faz uma roda e diz que hoje ela trouxe uma surpresa. A professora começa a perguntar para cada criança o que a criança acha. A Isadora fica em pé no lado da mesa da professora.

14: 25hrs: A Isadora continua em pé e a professora a chama para sentar na roda. A estagiária levanta e pega a criança no colo e senta com ela (a criança ficou sentada no colo da estagiária). A professora abre a caixa e o objeto começa a falar. Todas as crianças ficam quietinhas para escutar. A surpresa é o “piu-piu”, ele fala “ah eu acho que vi um gatinho”.

14: 30hrs: A professora pergunta a cor do piu-piu, as crianças dizem “amarelo”, depois pergunta aonde o passarinho mora, só uma criança diz “na gaiola”. Aí a professora explica que este não mora na gaiola, pois este é de brincadeira. Depois o passarinho passou na mão de cada criança para elas escutarem a frase.

14: 35hrs: As crianças vão para o parque brincar.

15: 05hrs: Voltam para sala fazer o lanchinho. Antes passam no banheiro para lavar as mãos.

15: 35hrs: A professora faz uma roda com as crianças e mostra uma caixinha de massinha com glitter, a professora vai mostrando uma por uma e falando a cor

15: 40hrs: As crianças ganham um rolinho de massinha e uma faquinha mágica. Cada criança senta na sua cadeirinha e vai brincar. Enquanto isso a professora estava separando o material do Bernardo, pois seu pai vinha buscar no final da tarde.

15: 45hrs: O João Victor não quis mais brincar de massinha e foi mexer no material que a estagiária estava separando. Ficou no seu lado sentadinho. A professora sai da sala dizendo que vai no banheiro.

15: 50hrs: A professora retorna a sala, indo direto ao armário, para continuar separando o material.

15: 55hrs: A professora senta numa mesinha e brinca com as três crianças que estavam sentadas nelas.

16: 05hrs: A professora recolhe as massinhas. Coloca o colchão e as almofadas no meio da sala, as crianças sentam na sua almofada e a professora começa a contar uma história do “Pic-Pic” e todas as crianças ficam olhando.

16: 10hrs: A Natália levanta e senta na mesinha (mas fica prestando atenção na história).

16: 15hrs: A professora começa a contar outra história: “Aventuras de Sapeca”, mas agora tem 5 crianças em pé brincando com os brinquedos (não prestando atenção na história). Então a professora resolveu não contar a história e mudou de atividade. Pedindo para as crianças pegarem as suas cadeirinhas e

sentarem em frente ao quadro negro. A professora pegou uma bandeja e colocou uns objetos dentro sem as crianças verem, pois elas teriam que adivinhar o que era.

16: 20hrs: A professora tampou o seu olho com uma toalha e mostrou para as crianças como era a brincadeira (tinha que falar o nome certo do objeto). Então a professora chamou uma criança por vez, tampava o olho e dava um objeto para ela adivinhar. O amigo Rafael falou duas vezes, e a professora solicitou que a estagiária levasse ele para fora da sala, pois ele não iria brincar (a professora deu mais uma chance, mas não teve jeito, ele falou novamente), então a professora colocou ele sentado no seu lado.

16: 30hrs: Quando todas as crianças terminaram, a professora mostrou todos os objetos que tinha na bacia.

16: 40hrs: A professora juntou todas as mesinhas e as crianças sentaram nas cadeirinhas. E a professora começou a trabalhar com a mão (mostrando os sons que as mãos podiam fazer, os dedinhos), depois começou a trabalhar com as partes do corpo (onde as crianças com as próprias mãozinhas tocavam no seu corpinho: no ombro, na perna, na barriga).

16: 50hrs: A professora pergunta para as crianças, o que mais se pode fazer com as mãozinhas. As crianças falaram: cachorro, dinossauro, leão, gatinho, e a professora fez os gestos com as crianças.

17: 00hrs: A professora leva as crianças no banheiro para lavar o rostinho, pois estava muito quente. Sendo primeiro os meninos para depois as meninas. O pai da Luísa chega para buscá-la, coloca o tênis na criança e a leva.

17: 10hrs: As crianças vão para o parque.

17: 35hrs: O pai do Rafael, a prima da Isadora, a mãe da Gabriela, mãe da Natália, chegam para levar as crianças. A mãe da Laura chega e fica no parque brincando com ela.

17: 45hrs: O pai do Rubens, o rapaz que busca a Mariana, a babá do Arthur e a mãe do Lucas e a tia do João Victor, buscam as crianças.

17: 55hrs: A irmã do Ygor, mãe do Enrike, mãe do Bernardo chegam para levá-los. A mãe da Laura também a leva embora.

#### **17º Dia: 12/03/2002**

13: 05hrs: As crianças já estão chegando, chegou o Ygor com a mãe, que permaneceu na sala. A Luísa fica com a estagiária (sua mãe dá tchau e a entrega para a estagiária).

13: 10hrs: A estagiária fica conversando com a mãe do Ygor e a Luísa no seu colo.

13: 15hrs: Chega a Isadora com a mãe e o pai, sua mãe disfarça e sai, e o pai fica conversando com ela.

13: 20hrs: A estagiária sai com a Isadora para trocar de bermuda e deixa todas as outras crianças sozinhas na sala. Chega o Lucas, sua mãe o deixa na porta (dá um beijo) e vai embora. Chega mais duas crianças, a Natália e o Arthur, a mãe do Arthur permanece em sala, e a mãe do Ygor vai embora (despedindo-se da criança com um beijo).

13: 25hrs: Chega a 7ª criança a Laura, já chorando não larga da mãe e diz “tchau mãe”, chorando várias vezes, logo depois ela já parou de chorar. Chegou o Bernardo que fica grudado no colo da mãe (demonstrando querer ir embora).

13: 30hrs: Chega a professora, e pergunta quem veio de sunga, e quem veio de biquíni. Logo que chega a professora já sai para trocar a fralda da Luísa. Em seguida chega o João Victor e a Mariana. O João Victor veio com a tia, e chora muito quando ela foi embora.

13: 40hrs: A professora não está na sala, saiu. A estagiária sozinha brinca com as crianças. Chega mais duas crianças, Rafael acompanhado do pai e da mãe e o Rubens que chega acompanhado da mãe, que pede para professora não deixá-lo ir na piscina, orientação do médico (princípio de pneumonia). Mais tarde chega o Enrike. Quando o pai e a mãe do Rafael vão embora ele começa a chorar. Depois o pai do Rafael volta para saber onde ficou a lancheira que não voltou ontem para casa. As crianças brincam com os cavalinhos e com os brinquedos de montar que estão em cima da mesa. Laura começa a chorar e pará, chora e pará.

13: 50hrs: O Rafael saiu com o pai e voltou com um golfinho bem grande de pelúcia, que pegou na outra sala.

14: 00hrs: Laura chora e a professora pega ela no colo, a mãe do Arthur vai embora e ele não para de chorar. Enrike e Rafael ficam brigando por causa de uma girafa. As crianças permanecem brincando, e a estagiária pergunta quem quer água e vai dar água para as crianças.

14: 10hrs: A professora pede para as crianças tirarem a roupa e ficar de biquíni e sunga. A Ana (estagiária e a professora) ficam trocando as roupas das crianças e nem percebe que o João Victor saiu da sala.

14: 15hrs: A professora falou que depois de guardar todos os brinquedos ele vão para a piscina.

14: 20hrs: A professora senta em roda com todas as crianças para conversar, e passa protetor solar em cada criança, pede para a pesquisadora ligar para a mãe da Luiza e perguntar se ela pode entrar na piscina (a pesquisadora a lembra que não pode sair da sala, então a estagiária vai).

14: 30hrs: Em fila todos vão para a biblioteca. Juntou na biblioteca a turma do maternal e do jardim, primeiro a professora do jardim contou uma história e todas as crianças sentaram para ouvir. Depois a professora do maternal contou outra história, agora as crianças já não estavam prestando muita atenção, uns estavam de pé, outras olhando outros livros, mas mesmo assim ela contava para aquelas que estavam prestando atenção.

14: 50hrs: Todos voltam para a sala, passaram pela piscina para dar uma olhada.

15: 00hrs: Vão para a sala tirar o tênis e antes de ir para piscina vão brincar no parque.

15: 20hrs: Ficaram sentados no parque esperando a sua vez (vão beber água antes de entrar na piscina).

15: 30hrs: Todos vão com o professor Jairo (educação física). Antes de entrar na piscina o professor faz aquecimento com as crianças e diz que antes de entrar na piscina eles precisam tomar uma duchinha, e assim um a um foi se molhando e entrando na piscina. Arthur não quis entrar e Rubens não podia, porque está doentinho, as demais crianças foram todas. O professor Jairo ficou brincando com as crianças de foguete e com uma torneira ele fazia chafariz e molhava todo mundo. Rafael era o mais desobediente, pulava e fazia tudo o que a professora pedia para não fazer. Isadora também ficou do lado de fora só observando, a professora convidou ela para entrar, mas ela não quis. Mesmo o professor Jairo conversando com o Rafael ele não dava bola e desobedecia. Agora o professor Jairo pede para as crianças darem um mergulho, mas cuidar com a cabecinha. Enquanto a turma brincava na piscina, Arthur ficou brincando sozinho na casinha, cantando sozinho.

16: 00hrs: As crianças vão saindo da piscina e tomando duchinha para se secar. Um a um a professora e a estagiária foram secando as crianças. Rafael não parou, o professor Jairo pede para ninguém entrar na piscina, mas ele não obedece. Todos agora enrolados na toalha vão para a sala, pois agora é hora do lanche. A professora coloca a mesa das crianças no parque para lanche, todos sentaram nas suas cadeirinhas e começaram a comer seus lanchinhos.

16: 10hrs: Ainda continuam lanchando, bem calminhos.

16: 20hrs: A professora traz as roupas das crianças, que está começando a sair o sol. Chega a mãe do Rafael com a máquina para tirar fotos da turma.

16: 40hrs: A professora coloca a turma na sala para contar historinhas.

Hoje faltou a Gabriela.

#### **18ª Dia: 13/03/2002**

13: 00hrs A estagiária chega na sala e dá uma organizada nos brinquedos

13: 10hrs: A estagiária busca água para as crianças

13: 15hrs: Chega a 1ª criança Luíza, a mãe deixa e vai embora (dando um beijo), depois chega a Mariana (com o rapaz), que ao chegar vai virar o nome no quadro de presença.

13: 20hrs: Chega a 3ª criança, a Natália (com a mãe) e logo em seguida o Lucas (com a empregada). Chega também a Laura com a mãe e dá tchau para mãe (sem chorar). Em seguida chegou a Isadora, com o pai (todas as mães deram tchau para as crianças).

13: 25hrs: Chega a professora. Chega também o João Victor no colo da mãe, estava dormindo, sua mãe colocou-o no cantinho do repouso, mas ele não quer e abraça a mãe, quase dormindo. Laura faz uma cara de quem vai chorar, mas não chora, acaba se distraindo.

13: 30hrs: A mãe do João Victor tenta deitá-lo e sai, mas ele corre e abraça sua mãe novamente. E a mãe retorna para a sala.

13: 35hrs: Chega a 8ª criança, o Bernardo, no colo da mãe, sua mãe fica com ele brincando na mesinha. Chega em seguida o Ygor e sua mãe, que logo sai. Enfim João Victor dorme sozinho no colchão e sua mãe consegue ir embora.

13: 40hrs: Chegou o Rubens com o pai, que chega e vai direto virar o nome. Bernardo chora porque não quer que a mãe vá embora e vendo ele chora, a Laura chora também, e a estagiária tira ela de perto e ela pará de chorar. Quando a mãe de Bernardo vai embora ele abre um berreiro, pedindo pela mãe.

13: 50hrs: João Victor continua dormindo, Isadora, Luísa, Ygor, Natália, Lucas e o Rubens estão brincando com o cavalinho e as outras crianças estão brincando com os brinquedos. Chega o Enrike com a mãe, ele já chega berrando para chamar atenção de todos.

13: 55hrs: A professora chama as crianças e começa a cantar, todos param e ficam escutando a professora.

14: 00hrs: Chega mais uma criança que chora muito, Gabriela não pará de chorar, então a professora pega ela no colo e continua cantando e ela pará de chorar, depois o Enrike pede colo também, falando que é bebê. Depois foi a vez do Lucas ir no colo da professora.

14: 05hrs: A professora pede aos alunos que guardem os brinquedos para ela mostrar o coelho. Chega o Rafael com o pai e não quer ficar na sala, agarra-se na perna do pai, seu pai disse que ele está impossível hoje. Sua mãe chega e tenta convence-lo a ficar, mas ele não quer, sua mãe vai embora e ele começou a chorar, a Laura vendo ele chorar, começa a chorar também. Acorda o João Victor que chora também. São três crianças chorando pedindo pela mãe, Luísa pega a lancheira e pede pelo lanche.

14: 10hrs: A professora chama todos para fazer uma roda e as crianças param de chorar, aí começaram a cantar, o Rafael saiu da roda e começou a chorar (a estagiária se aproxima da criança para tentar que ela pare de chorar).

14: 20hrs: Agora a professora pede para a estagiária pegar folha e tinta para mostrar o trabalho de hoje, depois do lanche.

14: 30hrs: A professora ensina as crianças a rezar, agradecendo cada amiguinho, e então vão brincar no corredor.

14: 50hrs: Todos continuam correndo e brincando no parquinho, uns no escorregador, outros na casinha, a professora permanece olhando, enquanto a estagiária fica na sala arrumando o material.

15: 00hrs: A professora pede para estagiária cuidar das crianças que ela precisa ir no banheiro e diz que o lanche hoje será no gramado do bloco de odontologia da Univali. Então a professora pede para cada um pegar a sua lancheira e fazer fila.

15: 20hrs: Estão todos sentados sobre uma toalha na grama, a estagiária e a professora dão o lanche a cada criança e todos lancham quieto.

15: 35hrs: Lucas se machuca e a estagiária leva-o para lavar, como foi muito sangue a professora levou no ambulatório.

15: 50hrs: A estagiária pediu para todos sentarem nos seus lugares e deu massinha para eles brincarem.

16: 05hrs: Chega a sala o professor de música Arildo e ensina as crianças a cantar a música do grupo avião. A professora ainda não retornou. Enquanto as crianças brincam com a massinha o Arildo canta.

16: 15hrs: A professora retornou com a criança (não foi nada grave) e cantou a música do avião com o Arildo.

16: 20hrs: A professora chamou as crianças para guardar as massinhas e sentar para vestir a camisa para pintar.

16: 30hrs: A professora sentou todos em uma roda e dividiu as tintas em copinhos de plástico.

16: 40hrs: Depois todos sentaram nas mesinhas e todas as mesinhas ganharam copinhos com várias cores, cada um ganhou uma folha sulfite para pintar. A professora explica que para mudar de cor é preciso limpar o dedinho antes.

16: 50hrs: Todos permanecem pintando e a professora vai passando pelas mesinhas para ver se alguém precisa de ajuda.

17: 00hrs: As crianças terminam de pintar e a professora pede para estagiária colocar no varal (no lado de fora da sala). Enquanto isso, a professora leva as crianças no banheiro e depois para o parque.

17: 30hrs: Os pais começam a buscar as crianças.

**19ª Dia: 14/03/2002**

Hoje faltou a Natália e o Arthur.

13. 15hrs: Chega o Lucas com a empregada ele entra e vai direto para os brinquedos e a empregada vai embora sem se despedir. A Mariana chega com o rapaz. As duas crianças vão virar o seu nome e a estagiária vai colocar os brinquedos nas mesinhas.

13. 20hrs: A Luisa chega com a irmã e a estagiária diz “oi Lú”. A irmã pede um beijo e dá um beijo nela e sai.

13. 25hrs: O Ygor chega com a mãe, a mãe lhe dá um beijo e sai. A Laura chega chorando de mãos dadas com mãe, as duas entram guardam a lancheira, a mãe a leva ao banheiro e na volta a criança fica dando tchau mãe, tchau mãe (chorando).

13. 30hrs: A professora chega, diz “oi” (bem alto e vai dar um beijo em cada criança).

13. 35hrs: O Rubens chega com a mãe e com o irmão. A mãe pará para olhar os desenhos realizados pelas crianças (na parede). Dá um beijo na criança e sai. O João Victor chega com o pai, a estagiária vai recebê-lo pegando no colo e dando um beijo e o levando para virar o seu nome. O pai diz “tchau filhote”, dá um beijo e fala ainda que vem buscar mais tarde. A estagiária o leva para buscar um cavalinho de plástico.

13. 40hrs: O Bernardo chega com a mãe e a professora vai recebê-lo. A criança começa a chorar, a professora pede para a criança dar um beijo na mãe e a professora pega a criança no colo e sua mãe sai (sem se despedir) A criança continua a chorar muito, pedindo pela mãe. A Laura não está chorando, mas fica pedindo para ligar toda hora para sua mãe. A professora sai com o Bernardo da sala (indo para a sala do jardim).

13. 45hrs: A professora retorna com o Bernardo (mas ele entra chorando). O Rafael chega no colo da mãe (demonstrando não querer entrar) a professora vai até a porta, conversar com a criança, mas a criança não larga da mãe. O Enrike chega com o pai, o pai dá tchau e sai. A Isadora chega com a mãe, a criança sai correndo na frente e dá um abraço na pesquisadora (passando direto pela professora e a estagiária). E a mãe vai embora sem se despedir da criança.

13. 55hrs: A Gabriela chega com a mãe, indo direto para o cantinho do repouso, a mãe dá um beijo e vai embora. O Bernardo está brincando no cavalinho (sem chorar). O Rafael continua pedindo pela mãe e a professora sai com ele da sala. Ao sair a professora pede para estagiária guardar os brinquedos.

14. 00hrs: A professora entra na sala com o Rafael e pede para as crianças fazerem uma roda. E conversa com as crianças sobre a festa que está indo “O coelho”. A professora mostra a surpresa: que é um livrinho sobre o coelhinho. A história é “O dia-a-dia de Robi ajudando o papai”.

14. 20hrs: As crianças vão brincar no corredor, pois está muito quente no parque.

15. 10hrs: Voltam para a sala para fazer o lanchinho. E a professora sai, as crianças ficam com a estagiária.

15. 30hrs: Algumas crianças estão deitadas nas almofadas, enquanto as outras estão terminando de lanche. A professora chega.

15. 40hrs: Chega o professor Jairo e as crianças vão para educação física. A Laura vai chorando A professora vai fazer a entrevista com a mãe da Luísa.



16: 00hrs: As crianças voltam da educação física e a estagiária dá uma massinha laranja e uma faquinha mágica para cada criança.

16: 30hrs: A professora volta para a sala, pois começou a chover, dá trovoadas, apagou as luzes e as crianças começaram a chorar. Então a professora pegou os dois colchões e todas as crianças pegaram sua almofada e ficaram deitadas.

16: 50hrs: As luzes ainda não voltaram, a professora faz uma roda com as crianças e começou a cantar músicas.

17: 00hrs: O pai, a mãe e a irmã da Luísa chegaram para buscá-la. O pai e a mãe do Rafael também vieram.

17: 10hrs: As crianças foram brincar no corredor com os brinquedos.

17: 25hrs: A professora volta para a sala com as crianças e elas fazem os lanchinhos novamente. E os pais começam a chegar.

Hoje as maiores das crianças foram embora mais cedo, por causa da chuva.

## **20º Dia: 15/03/2002**

Faltou o Arthur

13: 15hrs: Chega o Bernardo com a mãe, a mãe entra e fica brincando com ele.

13: 20hrs: A Mariana chega com o rapaz, o Lucas com a empregada (os dois saem sem se despedir) as crianças entram e vão brincar. A Natália chega com a mãe, a mãe dá um beijo e sai.

13: 25hrs: A Laura chega com a mãe, diz “tchau mãe” (sem chorar), a mãe dá um beijo e diz um bom trabalho. A Luísa chega com a irmã, a irmã lhe dá um beijo e sai. A professora chega na sala e vai conversar com o Bernardo, a professora o pega no colo e a mãe se despede da criança com um beijo e um abraço. E a criança fica chorando, mas sai com a professora (vão dar uma voltinha no corredor).

13: 35hrs: Chega o Ygor com a mãe, a mãe entra na sala conversa com a estagiária; dá um beijo na criança e sai. A professora entra na sala com o Bernardo no colo e ele não estava chorando. A Isadora chega com a mãe (no seu colo) e a estagiária a pega no colo e a mãe sai sem se despedir.

13: 40hrs: O João Victor chega com a tia (no colo) pois estava dormindo, a tia o coloca no colchão e sai. O Rubens chega com a mãe, a mãe dá um beijo e sai

13: 45hrs: O Rafael chega com o pai e com a mãe. Ao chegar na porta pede colo para a mãe, e a mãe lhe dá. A professora vai até a porta e fica conversando com os pais na porta. A mãe entra com a criança (sempre a professora está tentando convencer a criança a ficar), a professora pega a crianças e os pais vão embora sem a criança perceber.

13: 50hrs: O Enrike chega correndo na sala e sua mãe chega logo em seguida. E manda um beijo e diz “tchau amor dá minha vida”. A professora sai da sala (vai trocar a fralda da Luísa).

14: 00hrs: A professora retorna para sala e vai brincar com as crianças.

14: 05hrs: A Gabriela chega com a mãe, a mãe dá tchau e sai. A professora pede para as crianças guardarem os brinquedos.

14: 10hrs: A professora faz uma roda e todas as crianças sentam no chão para escutar a professora, com exceção do João Victor que ainda dorme. A professora mostra o brinquedo que o amigo Bernardo trouxe (livrinho que os animais falam), depois a professora mostrou o dominó de bichos que a amiga Natália trouxe. Cada vez que aparecia um bichinho, a professora falava o nome e as crianças repetiam.

14: 20hrs: A professora distribui duas pecinhas para cada criança e ela ensina as crianças a jogarem dominó (a professora pergunta quem tem o bichinho por exemplo: leão, então a criança que tinha colocava ao lado da mesma figura).

14: 30hrs: As crianças terminaram de brincar com o dominó e ao guardar as peças a professora conta em voz alta com as crianças os números de peças que têm este jogo (tinha 28 peças). A professora pega o 3º joguinho, este jogo é para montar uma cidade, as peças são desenhadas como: prédio, árvores, supermercados, hospital (a professora avisa que é o hospital onde vamos quando estamos doente), a escola, igreja. Ela monta a cidade, as crianças brincam um pouquinho e guardam.

14: 40hrs: A professora ensina (treina) com as crianças a atividade da ginástica que elas terão que apresentar na hora da assembleia.

14: 45hrs: As crianças vão para o parque. O João Victor acordou e também foi.

15: 10hrs: Voltam para sala fazer o lanchinho.

15: 35hrs: A estagiária faz uma roda e brinca com algumas crianças de dominó e outras brincam com o jogo da cidade.

15: 50hrs: As crianças guardam os joguinhos e vão brincar com os brinquedos da sala.

16: 00hrs: A professora senta com as crianças e mostra a surpresa que elas levarão para casa “um avião de plástico-pequeno”.

16: 10hrs: A turma toda vai para assembléia geral.

16: 45hrs: A assembléia termina e as crianças vão assistir o filme do dinossauro que o João Victor trouxe.

17: 00hrs: As crianças vão para o parque e o pai da Luísa vem buscá-la.

17: 20hrs: A mãe da Gabriela e a mãe da Laura chegam para buscá-las.

17: 35hrs: Os pais do Rafael, o pai do João Victor, a mãe da Natália, a mãe do Lucas chegam.

17: 45hrs: O rapaz que busca a Mariana, a mãe do Bernardo, a mãe da Isadora, a mãe do Ygor, o pai do Rubens e o pai do Enrike chegam para buscá-los.

#### **21º Dia: 18/03/2002**

Todas as crianças estão presentes. O Arthur e a Isadora choraram só um pouquinho no início da aula. O Rafael entrou manhoso.

14: 00hrs: A professora faz a assembléia e mostra as três surpresas que a amiga Luísa trouxe, pois hoje tinha aniversário dela na sala (sendo que a mãe não tinha avisado da festa, então todas as crianças tiveram que levar o lanche de volta para casa).

1ª surpresa: 01 pirulito com o desenho do coelho (para os meninos) e da coelha (para as meninas).

2ª surpresa: caixinha de ovinhos.

3ª surpresa: avião de brinquedo, que as crianças podiam entrar e andar com ele

14: 20hrs: A professora pergunta quem sabe o que é o avião, o que tem dentro do avião, e fazem encenação que estavam dentro do avião?

14: 30hrs: As crianças vão para o parque

15: 00hrs: Aniversário da Luísa

15: 40hrs: A professora conta as historinhas “o sapato novo” e “a casa feia”.

16: 00hrs: Atividade com giz de cera e pape sulfite verde (desenho livre).

16: 20hrs: A professora pergunta para cada criança o que desenhou e escreveu com canetinha o que era.

16: 40hrs: As crianças foram para o parque.

Hoje as crianças levaram o bilhete para casa, para pedir autorização para os pais deixarem seus filhos irem para a piscina.

**22º Dia: 19/03/2002**

Faltaram a Natália e a Gabriela.

14: 00hrs: A professora sentou com as crianças no chão e explicou a atividade, que hoje eles iriam trabalhar, pintar um colchão com tinta e rolinho.

14: 10hrs: A estagiária saiu para recortar o coelho e a professora pegou várias revistas e pediu para as crianças procurarem “avião”. Cada criança achou um avião e a professora recortou e colocou o seu nome.

14: 40hrs: As crianças foram para o parque.

15: 15hrs: As crianças vão para a sala, trocar de roupa para ir para a piscina

15: 30hrs. Vão para a educação física (piscina), a Isadora e o Arthur não entraram na água ficaram com a estagiária.

16: 10hrs: As crianças voltam para a sala e fazem o lanchinho.

16: 30hrs: A professora faz uma roda com as crianças e mostra o coelho, a tinta e os rolinhos. Esta atividade a professora trabalhou individualmente com cada criança e as outras ganharam massinhas.

17: 10hrs: Todos foram para o parque.

**23º Dia: 22/03/2002**

Faltou a Natália

14.00hrs a professora senta com as crianças e mostra para as crianças o coelho que eles pintaram e que hoje vão levar para casa

14: 10hrs: parque

15. 00hrs: lanche

15:30hrs: a professora distribui livrinhos de historinhas para as crianças e cada criança vê um livrinho. (as crianças estavam sentadas no chão)

15: 45hrs: a professora sai da sala, vai para reunião com a coordenadora. Ficando somente a estagiária com as crianças.

15:50hrs. as crianças ganham massinha branca e a faquinha mágica para brincar.

16: 10hrs: a professora retorna para sala e começa a atividade do coelhinho, entrega 1 coelhinho para cada criança e dividi a sala em 2 grupos: os meninos que ficou na responsabilidade dela e as meninas da estagiária (sendo que a professora pediu à pesquisadora ajudar a estagiária). As crianças tinham que colar pedacinhos de papel (já recortados pela professora) no corpo do coelhinho, pintar o rostinho e as patinhas com aquarela bege.

16:30hrs: todas as crianças terminaram e começaram a segunda etapa do coelho: colar lantejola na orelha, fazer o olhinho e o nariz. Nesta etapa as crianças já estavam todas agitadas. Então a professora pegou 1 coelho grande (que será o enfeite da porta) e pediu para aquelas crianças que estavam em pé colar papel recortado.

16:40hrs: a professora deixa a atividade como está e leva todas as crianças para brincar nos brinquedos do corredor, pois elas estavam todas agitadas (demonstrando não querer mais fazer esta atividade). Então a estagiária com a pesquisadora terminaram e arrumaram toda a sala.

17:25hrs: começa as mães a chegarem

Hoje as crianças levaram para casa o coelho que tinham pintado no começo da semana para pendurarem na porta do seu quarto. Levaram também o bilhete sobre a semana da páscoa.

#### **24º Dia: 25/03/2002**

14. 00hrs. a professora pede para as crianças guardarem os brinquedos e sentarem no chão, pois ela tem uma coisa para mostrar.

14: 10hrs: todas as crianças estão sentadas, a professora mostra o cantinho que o coelho está (a professora montou um cantinho com uma mesa, dois coelhos e com palhas espalhadas), e ali ficará os presentes das crianças, pois esta semana todos os dias eles vão levar uma lembrança para casa.

14: 15hrs: a professora pega a lata de Nescau que está encapada e entrega para cada criança, em seguida faz um laço de fita verde e cola com cola quente nas latinhas (enquanto isso as crianças estão sentadas em roda e com a lata na sua frente). Primeiro a professora fez todos os laços e depois chamava uma criança de cada vez para colar. Depois pegou o coelhinho que elas fizeram a colagem na sexta, colocou com palito de churrasco. Enquanto isso a estagiária foi buscar areia para encher as latas.

14: 30hrs: a estagiária chegou com a areia e chamou cada criança (uma de cada vez), pois as crianças já estavam sentadas nas suas cadeirinhas). As crianças com ajuda da estagiária encheram as latas. Quando a criança acabava de encher, ela voltava para mesa e a professora ia arrumar o coelho e colocava palha em cima da areia.

15: 05hrs: as crianças foram lanche.

15: 30hrs: começaram a pintar o avião (que será o enfeite da sala), as crianças pintaram com aquarela e colaram papéis (fazendo uma moldura).

16: 15hrs: assembleia com a turma do jardim e do pré I.

16: 45hrs: todos foram para o parque.

Hoje as crianças levaram para casa um coelhinho com um bis (dado pela professora e a estagiária).

## **25º Dia: 27/03/2002**

Faltou o Arthur.

14: 00hrs: a professora foi cortar as orelhinhas do coelho pois disse ter esquecido em casa. Enquanto isso a estagiária pintava com guache as crianças de coelho

14: 30hrs. as crianças foram para assembleia geral (todas as turmas) e apresentaram a música do coelhinho da páscoa. Todas as crianças estão de roupas brancas e com um coelhinho de pelúcia no colo. As orelhas foram rosa para as meninas e azuis para os meninos.

15: 00hrs: Terminou a assembleia e foram para o parque.

15: 40hrs: as crianças retornam para a sala, a professora foi fazer o seu lanche (hoje tem um lanche especial para as professoras), e se retira da sala, ficando a estagiária com as crianças.

15: 45hrs: a estagiária começa a contar a história dos três porquinhos.

15: 55hrs: a estagiária começa a contar a segunda história: <sup>o</sup>funga/funga. Mas nesta história a maioria das crianças já estão brincando com os brinquedos da sala.

16: 00hrs: a estagiária interrompe a história e pede para as crianças sentarem nas suas cadeiras que ela vai entregar massinha. A professora chegou e deixou as crianças brincarem com os brinquedos.

16: 10hrs: foram fazer o lanche no pátio do bloco de odontologia, na grama (era o lanche coletivo, onde as crianças compartilharam o lanche).

16: 45hrs: as crianças retornaram para dentro da sala e fizeram novamente a assembléia geral com todas as turmas. Nesta assembléia foi apresentado dois coelhos (de verdade) para as crianças

17: 00hrs: vão para a sala e ganharam massinha. E logo em seguida veio o coelho e a coelha de mentira visitar a sala e a maioria das crianças começaram a chorar.

17: 05hrs: voltaram a brincar de massinha.

17: 20hrs: a professora arruma o cantinho da surpresa e leva as crianças para verem, e lá está a mesa com as lembrancinhas das crianças.

17: 25hrs: vão para o parque

#### **26º Dia: 01/04/2002**

Faltou o Arthur e a Luísa.

14. 00hrs. a professora fez uma roda com as crianças e pergunta sobre o feriado. Depois perguntou para cada criança onde estava escondido as cestinhas.

Rafael: lá embaixo do prédio

Gabriela: embaixo da cama

Isadora: não quis falar

Rubens: no quarto da Micheli

Bernardo: embaixo da cama no quarto da papai Camilo

Enrike: em cima da geladeira nova

Natália: embaixo do prédio

Mariana: não lembra

Lucas: eu não procurei

Ygor: na geladeira

Laura: não quis falar

14. 20hrs: as crianças foram guardar os brinquedos.

14: 30hrs: a professora senta novamente com as crianças e mostra o avião (que a estagiária desenhou) e cantam a música do grupo. Ela explica que cada criança vai pintar um avião para ilustrar a letra da música. A professora começa a recortar os aviões e as crianças ficam todas sentadas ao lado.

14 40hrs: vão para o parque.

15 15hrs: voltam para a sala e fazem o lanchinho. A professora sai e fica somente a estagiária abrindo as lancheiras.

15: 40hrs: as crianças pegam a sua almofada e deitam um pouco.

15: 50hrs: a professora retorna para sala e dá massinha azul, vermelha, amarela para as crianças.

16: 05hrs: as crianças continuam a brincar de massinha e a professora trabalha numa mesa individual com cada criança. Sendo utilizado pincel e tinta, as crianças escolham as cores (3 cores) e pintavam o avião com todas as três cores.

16: 30hrs: a estagiária recolhe as massinhas e as crianças brincam na sala, enquanto algumas ainda estavam pintando o seu avião.

16: 40hrs: a professora senta com as crianças e mostra o painel que será colado os aviões. Começam a colar.

16: 45hrs. vão assistir o filme que o amigo Rafael trouxe “Buzz” e a estagiária fica na sala colando os aviões, na sala de vídeo está o grupo do maternal e jardim.

17 10hrs: as crianças terminam de assistir o filme e vão brincar nos brinquedos do corredor, pois estava chovendo.

## **27º Dia: 03/04/2002**

Faltaram: Natália, Rafael, Gabriela, Lucas, Ygor e Arthur.

14: 00hrs. assembléia, a professora conversou sobre o número de crianças que faltaram, cantaram música.

14: 10hrs: resgataram o trabalho do coelho que tinham pintado com o giz de cera e fizeram uma moldura, com colagem de papéis. O trabalho era individual com cada criança, enquanto isso as outras crianças brincavam na sala com os brinquedos.

14 40hrs: as crianças foram brincar nos brinquedos no corredor, pois estava chovendo (junto com o grupo do jardim).



15: 10hrs: voltam para a sala fazer o lanche.

15: 40hrs: o professor Arildo de música, chega na sala e começa a cantar com as crianças. Todas estavam sentadas na almofada.

15: 55hrs: a professora pede para as crianças deitarem na sua almofada e começa a trabalhar com o corpinho (trabalhando os braços, as pernas).

16: 05hrs: a professora mostra a surpresa do dia (todas as crianças estão sentadas em roda) que era: “crack supré” (bolacha da trakinas que ao tirar a tampa ela voa).

16: 10hrs entregou a surpresa para cada criança brincar.

16: 15hrs: foram todos sentarem nas mesinhas (sendo que as mesinhas estavam agrupadas) e a professora pegou as canetinhas e o papel sulfite branco. E a professora perguntava para as crianças a cor de cada uma canetinha e em seguida mostrou que se deve desenhar com a canetinha.

16: 20hrs entregou uma folha para cada criança desenhar e colocou dois estojos de canetinhas sobre a mesa.

16: 35hrs: a professora passava por cada criança e escrevia o seu nome e o que a criança desenhou.

16: 50hrs: foram assistir o filme do sítio do pica-pau amarelo, junto com o grupo do Pré II.

17: 15hrs foram brincar no corredor.

17: 30hrs: voltaram para a sala e ganharam massinha para brincar.

## **28º Dia: 04/04/2002**

14: 00hrs: foram para o ginásio de esportes com o professor de educação física e a estagiária Estavam lá o grupo do maternal e jardim.

14: 50hrs as crianças voltaram e foram para o parque.

15: 10hrs: foram fazer o lanche na sala.

15: 35hrs: a professora coloca o colchão no meio da sala e conta a história da “A cabra cateta” (as crianças estão sentadas no colchão).

15: 50hrs: as crianças sentam nas cadeirinhas e a professora canta algumas músicas.

16: 00hrs: a professora entrega uma folha branca para cada criança e coloca um pote de canetinha em cada mesa e as crianças fazem um desenho livre.

16: 05hrs: a professora coloca música na sala e as crianças ainda estão trabalhando.

16: 15hrs: a estagiária sentou numa mesinha e as crianças levaram o seu trabalho para colocar o nome e escrever o que desenharam. A professora pegou o amigo Rafael e fez ele desenhar novamente ao seu lado (a professora sentou no lado da criança), pois o primeiro desenho ele rabiscou tudo.

16: 30hrs: as crianças foram para o parque.

17: 30hrs: os pais começaram a buscar as crianças no parque.

#### **29º Dia: 05/04/2002**

14: 00hrs: assembléia com o grupo do jardim (na sala do maternal) lembrando as músicas do ano passado.

14: 40hrs: foram brincar com os brinquedos no corredor pois estava chovendo.

15: 15hrs: voltaram para sala fazer os lanchinhos.

15: 30hrs: todas as crianças sentaram nas almofadas e a professora contou a história: “peixinho dourado”.

15: 45hrs: foram assistir o filme “toy story 2”.

16: 00hrs: a professora ficou com as meninas para assistirem o filme “Toy story 2” e os meninos foram para sala trabalhar com a estagiária. Fizeram desenho livre com guache e pincel

16: 15hrs: os meninos vão para sala de vídeo e as meninas foram para a sala trabalhar com a estagiária.

16: 30hrs: os meninos retornam para a sala e a professora dá blocos lógicos para as crianças brincarem. Todas estão sentadas no chão. Montam casinhas, prédio com as pecinhas.

16: 55hrs: foram para o corredor brincar com os brinquedos.

**30º Dia: 08/04/2002**

Faltou Luísa e o Ygor.

14: 15hrs: a professora senta com as crianças no chão e conversa com elas sobre o final de semana, onde cada criança contou o que fez.

14: 25hrs: a professora conta a história do “ursinho puff”.

14: 35hrs: começam a cantar músicas. Todos continuam sentados. A professora começa a trabalhar com os dedos e canta a música dos dedinhos.

14: 40hrs: vão para o parque.

15: 10hrs: voltam para sala e vão fazer os lanches.

15: 35hrs: a professora senta com as crianças e mostra o círculo. Começa a trabalhar com os objetos que são círculos. A professora mostra o relógio, o disco, o cd, o fundo da latinha, pote, copo.

15: 40hrs: a professora colou um círculo de papel sulfite colorido no meio da folha branca e explicou para as crianças que elas deveriam encher de círculos com giz de cera. Então cada criança recebeu sua folha e foi sentar na cadeira. A professora pegou o giz de cera e mostrou para as crianças como se deve fazer (sendo que ela fez vários círculos com giz de cera colorido).

15: 55hrs: o amigo Rafael rabiscou tudo e a professora entregou outra folha para ele desenhar.

16: 00hrs: as crianças terminaram e a professora colocou o nome da criança e a data de hoje.

16: 05hrs: a estagiária foi colocar lá fora no varal. As crianças foram sentar nas cadeiras e a professora com a fita adesiva faz uma pista de corrida no chão.

16: 10hrs: a professora explica a brincadeira que as crianças terão que andar dentro da pista sem cair, pois de um lado tinha jacaré e do outro tem barata.

16: 20hrs: as crianças ganham carrinho (sendo dois de cada vez) e andam pela pista de corrida.

16: 30hrs: todas as crianças vão brincar na pista com os carrinhos.

16: 40hrs: as crianças sentam dentro da pista com a professora e cantam a música do trem. O João Victor vai fazer o trabalho do círculo com a estagiária, pois na hora da atividade ele estava dormindo

16. 45hrs: a professora e as crianças imitam vários bichinhos dentro da pista: gato, sapo, cobra, macaco.

16. 50hrs: as crianças vão para caixa de areia.

17: 15hrs: vão para o parque

### **31º Dia: 10/04/2002**

Faltaram Luisa e Enrike

13. 55hrs: chega o professor de música e canta com as crianças. Enquanto isso algumas crianças brincavam com os brinquedos da sala e as outras sentaram nas mesinhas com a professora (a professora juntou duas mesas para trabalhar). A professora recortou vários círculos com papel azul para as crianças colarem, pois ontem eles trabalharam a cara redonda (montaram os olhinhos, o nariz, a boca e o cabelo, tudo em forma de círculo, com carimbos dos dedos, bolas de papel crepom, pompons, lantejolas).

14: 05hrs o professor de música vai embora (avisando que tem reunião). As crianças continuaram a colar os círculos de papel, fazendo de conta que era moldura. A professora pingava com o tenaz e as crianças colavam os papéis. A estagiária foi separar os botões para colarem na orelha.

14: 10hrs: as crianças colaram os botões.

14: 15hrs: continuam a brincar com os brinquedos. A professora canta a música da cara redonda com as crianças, e fala que hoje elas irão ilustrar a música.

Música. A cara redonda  
que hoje eu fiz  
têm olhos  
têm boca  
pequeno nariz  
têm duas orelhas  
que são bem iguais  
cabelos bem fofos  
pro lado pra trás

14 20hrs: as crianças guardam os brinquedos pois a professora vai trabalhar com as crianças individualmente. A professora chama uma criança por vez e pede para ela desenhar a cara redonda com o guache (ao desenhar a professora vai conversando com as crianças, lembrando dos olhinhos, do nariz, da boca e

que o rosto é um círculo). Enquanto isso os meninos brincavam com os cavalinhos de plástico e as meninas ficaram ao redor da mesa que a professora trabalhava.

14: 30hrs: a estagiária leva os meninos para o parque e as meninas ficam na sala trabalhando.

14: 45hrs: agora as meninas vão para o parque e os meninos vão para a sala trabalhar.

15: 00hrs: todas as crianças estão no parque brincando.

15: 15hrs. as crianças voltam para a sala para fazer o lanchinho

15: 45hrs: as crianças terminam o lanchinho e vão para o cantinho do repouso descansar.

15: 55hrs: a estagiária senta com as crianças e mostra os cabelos de lã, então a criança tinha que escolher uma cor de cabelo e a estagiária colava com cola quente. A professora saiu da sala, pois foi no aniversário de uma professora em outra sala.

16: 05hrs: a professora retorna para sala e vai colar as caras redondas no painel, onde está a música

16: 20hrs. as crianças ganham massinha verde e vão sentar nas suas cadeirinhas. E a professora termina de colar as caras redondas.

16: 45hrs. as turmas do jardim e maternal vão para a sala de vídeo assistir a fita “a vida dos insetos”.

17: 10hrs: vão para o parque.

## **32º Dia: 11/04/2002**

14: 10hrs: a professora pede para as crianças guardarem os brinquedos.

14: 20hrs. a professora senta (assembléia) com o grupo e conversa sobre a assembléia geral que acontecerá amanhã. A professora explica que elas irão cantar a música da cara redonda, e cantam (todas as crianças estavam sentadas).

14: 30hrs. a professora mostra a atividade que eles farão hoje Material: círculo em papel, giz de cera, e folha de papel sulfite. E a professora faz a atividade (riscou com o giz de cera a folha, e embaixo estava o círculo).

14: 35hrs: foram ao parque.

15: 05hrs: voltam para sala e vão fazer o lanchinho.

15: 30hrs: o professor de educação física chega na sala e sai com as crianças, levando-as para a aula de educação física (sendo que a estagiária vai junto).

16: 00hrs: as crianças retornam da educação física e a professora faz novamente uma roda e mostra a atividade que elas vão fazer. A professora mostra os dois círculos (grande e pequeno) e cola no chão, depois coloca o papel sulfite branco em cima e o giz de cera. Risca o giz de cera deitado com força e aparece os círculos, “a professora diz que isso é uma mágica”.

16: 15hrs: a sala é dividida em dois grupos ficando sete crianças com a professora e sete crianças com a estagiária. Cada criança ganha sua folha e é solicitado para elas fazerem círculos como moldura (a professora e a estagiária passavam por criança em criança de cada vez).

16: 45hrs: as crianças terminam a atividade e a professora divide duas mesas para os meninos e uma mesa para as meninas. E as crianças ganham massinha para montarem círculos

17: 00hrs: foram para o parque.

### **33º Dia: 12/04/2002**

Faltaram o Enrike, Ygor e a Isadora.

14: 20hrs: as crianças guardaram os brinquedos e a professora fez um círculo com as crianças. A amiga Mariana trouxe uma lanterna e a professora mostrou para as crianças. A professora perguntou para Mariana o que ela faz com a lanterna, ela diz que é para iluminar. Depois entregou um pouquinho para cada criança segurar.

14: 30hrs: todas as crianças pegaram as almofadas e deitaram no meio da sala e a professora trabalhou com o corpo (pedindo para mexer os braços, as pernas, o pé, a mão).

14: 40hrs: foram para o parque.

15: 15hrs: foram fazer o lanche na sala.

15: 45hrs: as crianças vão brincar com os brinquedos da sala. E a professora pega um pedaço de cartolina (sendo que uma cartolina foi dividida em quatro pedaços) e tinta, pincel e vai fazer uma atividade com as crianças. A professora trabalha individualmente sendo que é solicitado para a criança desenhar um

boneco. A criança escolhe as cores das tintas e a professora vai lembrando das partes do corpo. Enquanto isso algumas crianças ficavam brincando com os brinquedos da sala e as outras ficavam ao redor da mesa olhando o desenho do amigo

16. 30hrs: assembléia geral com todas as turmas. A turma do maternal apresenta a música da cara redonda.

17:00hrs: foram brincar na caixa de areia.

17: 20hrs: foram para o parque.

### **34º Dia: 15/04/2002**

14. 00hrs: a professora sentou com as crianças e mostrou os aviões de que seriam os enfeites do mural do aniversário, onde cada avião levava o nome e a data de nascimento das crianças. A professora mostrou as cores (falando em voz alta) e colou os aviões no mural.

14. 20hrs: foram para o parque.

15: 05hrs: voltaram para a sala e fizeram o lanchinho.

15: 35hrs: as crianças terminaram o lanche e foram deitar no cantinho do repouso. A estagiária foi buscar o vídeo e a TV e colocou dentro da sala para as crianças assistirem a fita “calma aí neném”. Enquanto isso a professora sentou numa mesa e foi recortar os círculos na cartolina (ela iria fazer uma atividade com o círculo: móbile”).

15: 50hrs: a estagiária mudou de fita, pois as crianças já estavam dispersas (não queriam mais assistir) então ela colocou a fita que o amigo João Victor trouxe “Vamos brincar na escola”.

15: 55hrs: desligaram o vídeo, pois as crianças começaram a brincar na sala não ficando mais parado. A professora começou a atividade individualmente com cada criança, onde a criança com tinta faria o contorno do rosto e a boca com os botões, os olhinhos e a canetinha o nariz. Com isso montariam a cara redonda. Enquanto a professora trabalhava com as crianças, as outras brincavam com os brinquedos da sala (sendo que a estagiária olhava e cuidava das crianças).

16: 10hrs: as crianças são divididas em duas mesas: uma mesa de meninos e outra mesa de meninas e ganham massinha.

16. 40hrs: as crianças voltam a brincar na sala com os brinquedos.

16. 55hrs: a estagiária faz uma roda e começa a cantar músicas com as crianças. A professora estava trabalhando ainda com algumas crianças.

17. 10hrs: as crianças foram para o parque, sendo que todas as crianças terminaram a atividade. Hoje as crianças levaram bilhete sobre o piolho.

### **35º Dia: 17/04/2002**

14: 10hrs: a professora pede para as crianças guardarem os brinquedos e senta com elas no chão, cantam músicas e rezam para o papai do céu.

14: 30hrs: as crianças ganham um círculo pequeno (branco de cartolina) e vão sentar nas cadeiras para pintarem com giz de cera (sendo usado somente cores claras), em seguida as crianças entregavam para a professora e ela colava o nome da criança no círculo (o nome da criança estava escrito com letra do computador), este círculo é para montagem do móbile.

14: 40hrs. parque.

15: 10hrs: voltam para a sala e fazem o lanche.

15: 40hrs: a estagiária trabalha com quatro meninas numa mesinha, onde as meninas tinham que colar pedaços de tecidos num círculo. Enquanto isso a professora contava história para outras crianças. História do Dinossauro.

15: 50hrs: a professora faz vários círculos e um círculo grande, onde cada criança entra num círculo e quando a professora falar “leão”, as crianças vão para o círculo grande e quando fala “sorvete”, todos ficam no seu círculo. Depois a professora mudava a palavra, mas a brincadeira era a mesma.

16. 00hrs: a professora chama quatro meninos e vai trabalhar a colagem no círculo. Enquanto isso a estagiária leva as outras crianças para caixa de areia.

16: 10hrs: agora três crianças (sendo dois meninos e uma menina), fazem rolinho de jornais e depois a professora cola em outro círculo.

16: 20hrs: a última colagem era tira de revista cortada pelas três crianças (dois meninos e uma menina) e a professora com as crianças cola num círculo. Com esses quatro círculos grandes a professora vai montar com as crianças uma centopéia.

16: 30hrs: todas as crianças estão na caixa de areia brincando. E a estagiária vai mandando uma criança por vez para sala para pintar a joaninha com a professora.

16: 35hrs: as crianças vão para o parque.



17: 10hrs: as crianças voltam para sala e a professora senta com as crianças e dá maçã para elas comerem (sendo que a professora descasca e dá pedaços de maçã).

### **36º Dia: 18/04/2002**

14: 00hrs: a professora sentou com as crianças e mostrou a centopéia (com todas as partes já montadas).

14: 10hrs: foram para a aula de educação física

14: 40hrs: voltaram da educação física e foram para o parque com a professora. E quatro crianças ficaram na sala com a estagiária e pintaram o chão da centopéia (fizeram a grama).

15: 10hrs: as crianças voltaram para sala e fizeram o lanche.

15: 40hrs: a sala foi dividida em dois grupos, um com a estagiária que ganharam massinha e o outro grupo com a professora que montaram a joaninha, que ontem tinham pintado de tinta. Cada criança ganhou a sua joaninha e canetinha, a professora mostrava a sua como modelo e as crianças copiavam. Sendo sempre lembrado pela professora dos olhos, da boca, da anteninha.

16: 40hrs: todas as crianças fizeram a atividade e foram para o parque.

### **37º Dia: 19/04/2002**

Faltou o Rafael, Gabriela e Arthur.

14: 10hrs: a professora levou o espremedor de frutas para sala e as crianças fizeram suco de laranja (cada criança espremeu a sua laranja).

14: 40hrs: as crianças vão fazer os lanches

15: 10hrs: as turmas do maternal, jardim vão para o corredor assistir a gincana das outras turmas (1ª a 8ª série).

15: 45hrs: voltam para a pré-escola.

15: 50hrs: as crianças vão para cozinha pois hoje elas vão preparar uma pizza (cada criança vai montar a sua). A professora distribui uma pizza pequena para cada criança, em seguida as crianças vão espalhar o requeijão, colocam o queijo e o presunto. Depois a estagiária distribui os milho e as crianças espalham o milho também. Por último o tomate, a estagiária pergunta quem quer tomate. Algumas crianças dizem que sim e as pizzas vão para o forno.

16: 05hrs: as crianças vão brincar no corredor pois estava chovendo.

16: 20hrs: as pizzas ficaram prontas e as crianças voltaram para cozinha. Lá a professora deu as pizzas e o suco de laranja.

16: 35hrs: terminaram de comer e foram assistir o filme das super poderosas.

17: 00hrs: retornam para a sala e vão pintar a pena do índio com giz de cera, pois hoje eles vão pintado de índio para casa. Hoje é o dia do índio.

17: 15hrs: a professora pinta o rostinho das crianças.

17: 35hrs: as crianças ganham massinha e vão sentar nas suas cadeiras para brincar.

### **38º Dia: 22/04/2002**

Faltou a Gabriela.

14: 20hrs: as crianças foram para o parque com todas as turmas, pois teve filmagem do colégio.

15: 10hrs: foram para sala lanche.

15: 30hrs: educação física.

16: 00hrs: a professora sentou com as crianças no chão, desenhou um círculo com giz de cera e falou que era uma pizza. Perguntou o que a gente coloca (ingredientes) da pizza. As crianças falaram e algumas coisas a professora teve que relembrar. Em seguida deu uma folha de papel sulfite para cada criança, colocou um pouco de giz de cera e cada criança fez seu desenho de pizza.

16: 30hrs: quando todos terminaram, a professora sentou novamente com as crianças e fizeram auto-avaliação dos desenhos, onde a professora mostrava o desenho de cada criança e perguntava o que tinha e o que faltava.

16: 45hrs: foram assistir o filme do Aladin na sala de vídeo<sup>6</sup>

17: 10hrs: as crianças ganharam a massinha, sendo que cada criança escolheu a sua cor da massinha. Sendo esta atividade dirigida, pois as crianças faziam os objetos que a professora solicitava (fizeram de conta que estavam montando uma pizza). Ficaram brincando até os pais chegarem.

### **39º Dia: 24/04/2002**

14: 05hrs: a professora senta com as crianças e mostra o jogo do contrastes, este jogo é para reconhecer contrastes. A professora mostrava o sol e perguntava o que estava faltando, as crianças falaram a lua, outro exemplo era uma menina rindo, e as crianças falaram que era um menino chorando. Sendo que ela mostrava as respostas.

14: 15hrs: o professor de música, veio cantar e ensinar as crianças a música das flores que será cantada para homenagem dos dias da mãe.

14: 30hrs: o professor de música se retira da sala e a professora continua a cantar com as crianças.

14: 35hrs: as crianças foram para o parque.

15: 10hrs: as crianças vão fazer o lanche.

15: 40hrs: terminaram o lanche e vão para o cantinho do repouso. Alguns ficam deitados e outros ficam brincando com os brinquedos da sala.

15: 55hrs: a professora senta com as crianças e mostra a aquarela dizendo que isso é “mágica”. Ela pega o pincel e uma folha e mostra para as crianças como trabalha com aquarela, para a cor aparecer é preciso molhar na água.

16: 10hrs: as crianças são divididas em três mesas, ficando cinco em duas mesas e quatro crianças numa mesa. Cada criança ganha um pincel, uma folha e aquarela. E vão trabalhar, fazer um desenho da mamãe (lembrando sempre do rosto, dos olhos, nariz, boca, braços, pernas).

16: 35hrs: a professora senta com as crianças e conversa sobre as mães. Em seguida distribui massinhas e as crianças foram sentar nas cadeiras para brincar.

17: 10hrs: parque.

### **40º Dia: 25/04/2002**

Faltou o Arthur

14: 00hrs: a professora sentou com as crianças e mostrou o álbum de figurinhas, sendo que ali estava escrito frases sobre a mamãe. Em seguida a professora explicou que as crianças iriam ganhar folha amarela e giz de cera e elas teriam que desenhar a mamãe.

14: 15hrs: cada criança foi para sua cadeira, a estagiária entregou as folhas e colocou o giz de cera nas mesas.

14: 30hrs: a professora passava em cada criança e colocava o nome da criança e a data de hoje na folha.

14: 35hrs: foram para o parque.

15: 10hrs: as crianças voltam para sala e fazem o lanche.

15: 40hrs: as crianças foram para o cantinho do repouso.

15: 50hrs. a professora senta com as crianças e começa a contar a história: A peteca sapeca.

16: 00hrs: com o jornal a professora explica para as crianças que elas vão montar uma peteca. Cada criança ganha uma folha de jornal e faz uma bola, depois a professora ajudou cada criança a montar a sua peteca (a professora embrulhou com o jornal e passou uma fita adesiva).

16: 20hrs: a professora buscou bambolê e um cesto de lixo. Primeiro as crianças jogavam as petecas no centro do bambolê. Depois as crianças jogaram dentro do cesto de lixo.

16: 35hrs. depois a professora pendurou o bambolê com um cordão e cada criança teve que jogar a peteca dentro do bambolê (lembrando que o bambolê estava em movimento).

16: 45hrs: as crianças guardaram a peteca e foram trabalhar com a massinha. A professora distribuiu massinha para cada criança e foram sentar nas suas cadeiras (para as meninas foram massinhas rosa e para os meninos massinha azul).

17: 10hrs: foram para o parque.

## **ANEXO 2**

### **PRIMEIRA ENTREVISTA COM OS PAIS**

A primeira entrevista foi realizada nos dias 14 e 15 de fevereiro de 2002, anterior ao início das aulas. Sendo todas as entrevistas realizadas com as mães das crianças. As questões que nortearam a entrevista foram: \* Se os pais estão preparando as crianças para a escola? E de que maneira?; \* O que os pais esperam da escola?; \* O que esperam que a professora faça com alguma dificuldade que a criança apresentar na chegada da sala?; \* O que eles sabem sobre o período de adaptação?; \* E se a escola deu alguma orientação ou explicação sobre este período?

### **CRIANÇA ARTHUR**

Expectativa a adaptação é grande né, visto que não é só uma adaptação da escolinha, é uma adaptação que ele está sofrendo, pois faz uma semana que a gente mudou de cidade, a gente se separou, eu do pai dele há 6 meses, ele está passando por um período novo na vida dele, então mudamos de cidade. Eu fico um pouco ansiosa, porque eu quero que ele fique bem, mas eu aposto que vai ser uma coisa boa pela escolha que eu fiz de colocar ele aqui nesta escola, pela confiabilidade, pelo referencial da escola, uma vez que eu estudei aqui. Eu projeto que vai ser bom, mas eu confesso que estou bem ansiosa.

A preparação está sendo desde que a gente saiu de lá. Então eu disse que nós mudaríamos de casa, estaríamos indo para outra casinha só nossa e que ele teria uma nova escola e ficava retomando isso com ele, não massacrando, mas na hora certa. Quando ele vai fazer coco ele gosta de ouvir historinha, então eu começava a contar sobre a escolinha. Então falava daqui, como estou fazendo até agora. No feriado eu trouxe ele na escola, pois estou morando aqui perto, para ele conhecer o prédio, o lugar e agora ele diz que a escolinha nova é perto da piscina. Então eu acho que ele está levando referência. Digo também que vai ter uma “profe” e vários amigos novos, como por exemplo o João Victor (pois é filho de uma colega minha). Vai ter brinquedos na sua salinha. Vou explicando a situação que imagino que vai acontecer.

Eu espero que a escola acolha meu filho, hoje eu me sinto acolhida pela Silvana e espero que ela acolhe meu filho no início mais afetividade do que qualquer outro, para que ele possa adaptar-se, pois isso é a base da adaptação.

Espero que ela dê atenção, sei que são várias crianças chorando ao mesmo tempo, mas na medida do possível dê atenção, converse com ele, nesse eixo, explicando que são amigos novos e que gostam dele. Ofereça coisas que são legais, para chegar num ponto que ao chorar ele vai perceber que está perdendo tempo, que ele tem outras coisas para fazer.

Ah, tenho alguma coisa sobre o período de adaptação. Eu sou fonoaudióloga, eu trabalhei um tempo dando assessoria para escolinha. Então eu sei uma coisa de adaptação desse nível e a outro de ser mãe. Que é diferente. A gente sabe que o principal da adaptação é ele estar se separando, numa primeira adaptação está se separando da mãe, da família, do ambiente caseiro, e estar entrando no mundo, na verdade para ele. É o primeiro ambiente que eles vão, acho que é isso que gera insegurança, essa questão básica da separação. É uma separação que vai gerar crescimento, é uma fase difícil da vida, mas produtiva, isto teoricamente, mas a parte de vivência assim, é uma fase de ansiedade para os dois lados, mesmo para a situação escolar que está acostumada a fazer isso todos os anos, pois existe a ansiedade da professora que consiga adaptar os alunos, a criança que está ansiosa por estar insegura e a gente que quer que eles estejam bem. A adaptação acho que é isso, mexe com todos os vínculos, de separar, de estar bem.

A escola: tive que perguntar como seria este período. A professora disse que seria mais ou menos livre, que teria o horário de adaptação, não terá um esquema fixo, se o pai achar que até um certo horário está bem, pode levar ou ficar.

## **CRIANÇA RAFAEL**

Começamos a conversar com o Rafael, tanto eu como meu marido, dá expectativa de ver os amigos, de brincar, de brincar com os amigos. De ter amigos para brincar, pois Rafael é filho único mesmo morando em um condomínio, sente falta de amigo, quando fomos comprar o material, fizemos questão, mesmo sendo complicado, levamos ele junto para escolher, decidir o que ele queria comprar. Ele ficou com a lista na mão, riscou a lista, todo material tem um risquinho dele que ele fez para mostrar que é dele né.... Então a gente faz ele participar muito desta montagem do “site” do início da aula. Hoje também fiz questão de trazê-lo junto para ele se relacionar e identificar as coisas, o espaço.

A Sil particularmente como já conheço um ano, é uma professora bem diferente então algumas vezes quando deixei o Rafael aqui o ano passado, eu saía com o coração na mão. Nós somos dentistas e meu marido chegou a desmarcar paciente para ficar dentro da sala. O Rafael ficava mais era difícil para a gente deixá-lo. Esta questão de separação era difícil. Mas a Silvana conseguia ser diferente às vezes chegávamos na sala e ela estava vestida de chapeuzinho vermelho, ela tem uma boneca marionete que encanta as crianças. Às vezes elas estavam chorando e a Sil chegava com a marionete elas olhavam,

despertavam novos olhares e ficavam quietinhas. Ela tem uma forma legal para lidar com esta insegurança. Penso que o Rafael poderá ficar assustado pois os amigos são novos, nova estagiária que está na sala agora, então ele poderá ter algum receio. Mas a forma diferente e irreverente da Silvana me torna segura.

Nós conversamos com ele sobre a questão dos amigos que estão indo para outra turma. Pois eles vão estudar na outra sala, pois são maiores, são grandes, que já sabem fazer mais coisas do que ele na escola e ele compreende isso, né. Que ele demorou mais para fazer uma bolinha. E os amigos não, então os amigos vão para outra sala e ele vai continuar nesta sala para aprender a fazer a bolinha melhor e ter mais tempo para brincar. Se conscientizou eu não sei, nós veremos agora na adaptação.

Olha o que eu espero da escola, é uma orientação de desenvolvimento, pois é complicado por mais que a gente dá aula, faz mestrado enfim, pois na hora que a gente é mãe, a gente é mãe e pronto. E a escola com psicóloga, pedagoga, professoras habilitadas para trabalhar com as crianças dão segurança na educação, e a gente consegue trocar figurinhas até com a coordenação, com a professora da escola. Onde uma ajuda a outra, por exemplo, vamos trabalhar assim, achando que vai ficar legal. Esse bate-papo ajuda no crescimento da criança, e educa a gente junto, pois a gente não sabe ser pai e mãe. A gente sabe ser um monte de coisa, mas pai e mãe é complicado. E a escola, particularmente esta tem uma segurança nestas trocas de informações, a educação continuada mesmo, de estar trocando figurinha de sala de aula e casa, pois a criança precisa ser uma continuidade mesmo, segura.

Período de adaptação é uma coisa complicada, principalmente para criança, pois geralmente se imagina 30 ou 45 dias aquele um mês, para a criança se adaptar. Eu trabalho com consultório de criança, sou odontopediatra e tem criança que fica o ano inteiro, sentando na cadeira, abrindo a boca super bem, o tal período de adaptação não foi tão contundente foi tranquilo e dependendo não. Ou então eu tive aquela criança que nunca abriu a boca, sempre chorou nunca quis vim. Eu respeito isso, o ano inteiro só brincando e de repente ela senta e me deixa fazer tratamento de canal. Então eu acho que o período de adaptação da criança é muito complicado, pois ela está sempre se adaptando, tudo é novo, onde cada dia é uma experiência nova. Ir lá na verdureira é uma experiência nova, ir na biblioteca, brincar no parquinho num dia que choveu é uma experiência nova, onde cada dia é uma adaptação diferente.

Esse ano não tive nenhuma orientação somente na entrevista que a Silvana comentou sobre isso, na entrevista. Ela conversa, explica, pergunta para mãe como ela quer fazer, se ela vai ficar, se tem outra pessoa (babá, empregada, família), o horário do serviço, se ela dorme, se tem fralda ou não. Essas perguntas todas a gente vai respondendo na entrevista, e ela vai anotando lá para saber como vai trabalhar com a criança.

## **CRIANÇA YGOR**

No meu caso ele já conhece a professora, os amiguinhos, então o que nos fazemos é relembrar os nomes dos amiguinhos e o nome da professora para que ele se familiarize novamente com a turma e com a professora. Então todos os dias tocamos no assunto, vai voltar para escolinha, vai ver o Rafael a Gabriela. Sendo que são lembrados apenas aqueles que vão ficar na mesma turma.

Dá professora: que ela coopere da mesma forma, nessa fase de adaptação no sentido da escola concordar que as mães fiquem como o filho até o momento que nos acharmos que eles estejam preparados para ficarem sozinhos. No ano passado fiquei uma semana sentada na cadeirinha, pois foi muito difícil a adaptação dele. E eu acho que mesmo assim ele ainda não ficou adaptado, pois para sair tive que deixá-lo no colo da professora chorando e aos berros.

Como eu já conheço a escolinha, se for a mesma coisa do que os outros anos, eu espero que ela acolha o meu filho da melhor forma possível. E a escolinha faz isso, acolher como a segunda família.

A expectativa é que ele se adapte bem, que as pessoas cumpram aquilo que passam para a gente, aquele método de ensino. Que acolhem o meu filho, como a segunda família mesmo. Não exigir muito dele pois ele só tem 2 aninhos

O que eu sei é que a criança só está preparada depois dos 3 anos para se separar da mãe, separada mesmo psicologicamente até os 3 anos, a criança, não seria indicado, depois dos 3 anos a criança está um pouquinho mais preparada, isso que eu sei, isso depende também muito da gente, de conversar, de sair e disser filho a mãe já volta, não sair escondido, pois isso é muito ruim.

Olha o que me lembre a escola não falou nada, possa estar fazendo injustiça, mas não me lembro, só se foi em alguma reunião que não compareci.

## **CRIANÇA LAURA**

É a primeira vez que ela está vindo para escola, as outras duas que tenho elas fizeram 2 anos no maternal, jardim e a Laura não, vai fazer apenas 1 ano, por que as outras entraram mais cedo, agora ela não. Só que assim, eu estou super ansiosa que ela comece porque as outras eu tinha empregada que cuidava e hoje quem cuida dela para eu trabalhar de manhã e de tarde são meus pais, meu pai e minha mãe. Ela é uma criança super protegida, quase não anda pois ele está sempre com ela no colo, ela não chupa mais bico, mas ele dá o bico para ela. Um dia desses eu cheguei ele estava dando mamadeira, ele achava lindo, estava tomando água na mamadeira. Aí eu disse pai faz 2 anos que ela largou a mamadeira, mas tadinha, tão pequenina. Então eu quero mais para ela se libertar dessa coisa, dessa pressão, que eu sinto que ela gosta mas que precisa de uma coisa diferente.



Ficamos conversando que ela vai para uma escolinha que vai ter um monte de amiguinhos. Eu gostei muito, porque tem um menino que mora no prédio, que eles brincam no pátio do prédio, que vai estar na sala dela.

Sabe-se que tudo vai fazer vai ser tudo normal no primeiro momento. A minha mais velha chorou até o pré I, chorar de se jogar no chão. A outra já não tinha problema, pois a ajudante da turma morava no meu prédio e eu dava carona todo dia. Então ela vinha junto com a professora. Pois na turma do maternal a ajudante é como uma professora também. E para Laura não tem isso, vai ser tudo novo, a adaptação como criança, a brincadeira com criança é só quando eu desço no prédio fora isso, ela só fica com pai e com a mãe ou com os primos no final de semana quando se encontram.

Espero que ela aprenda a se relacionar com as outras pessoas, dividir as coisas, pois no momento tudo o que ela tem é para ela. Pois eu tive ela depois de 10 anos, então as meninas já estão em outra fase (na adolescência) então todos os presentinhos são para ela, entende, então eu quero que ela aprenda a dividir, pois muitas vezes eu percebo que ela não sabe dividir, e ela também não sabe se defender, não sabe enfrentar uma situação. Então eu espero que ela aprenda a conviver com outras pessoas.

Espero que ela trate a Laura como todos se ela fizer errado, ela tem que chorar, chorar porque fez errado, porque até então, ela é super protegida, até mesmo lá em casa por mais que eu não queria ela é pequenina, pelos meus pais. Então eu quero que ela aprenda a se assegurar sozinha, pois ela é muito mimadinha.

É um período que ela sai da casa, vem para escola, onde não vai ficar o tempo todo, que vai aprender a reconhecer as coisas, relacionar principalmente o maternal, que é uma vida nova para ela. Acho que esse período é só mesmo para ela conhecer, conviver, para depois passar pelas outras fases do aprendizado.

Não a vivência que tenho é porque é a terceira então a gente acaba aprendendo e sabendo alguma coisa.

## **CRIANÇA JOÃO VICTOR**

O João Victor desde o fim do ano passado, que estava definido que iria começar a escolarização dele, todo dia eu falava que o João Vitor vai para a escola, não vai mais ficar em casa porque ele ficava na casa da minha tia no período da tarde, e a partir desse ano você vai ficar na escolinha, vai ter amiguinhos. Mais o que marca mesmo é a palavra escola. E você vai para escola no período da tarde, vai dar tchau para mamãe, vai fazer outras coisas, brincar com novos amiguinhos. É assim, foi dessa forma que eu fiz. No caso do meu filho, a separação, é porque assim eu sempre trabalhei a tarde, ele já separava de mim não para escola mas para casa da minha tia, mas neste momento na verdade a separação é por causa da escolarização, uma idade mais avançada. Eu acho que neste momento a separação vai ser mais difícil por causa que ele está muito grudado, junto comigo.

No primeiro momento eu espero que, mesmo que ele aprenda regras, limites que pode ou não pode, grupos mesmos, comece a questão de socialização, pois ele está num período muito egocêntrico, tudo é meu, é meu. Ele não compartilha, é a única criança da família, raramente tem amiguinhos, ele não tem amiguinhos, então ele só vive com adulto. Então acho que é isso a questão socialização, a questão do limite. Socialização e limite, conjuntamente com a questão do desenvolvimento global, aprender questões gerais, mais o mais importante mesmo é a desvinculação e socialização.

Espero que converse com ele. Olha João Victor agora você vai ficar aqui na escola com seus amiguinhos, neste tempo, onde este tempo é seu, você vai gostar. A mamãe vai ter que ir trabalhar. Eu concumentemente vou falar que a mamãe e o papai vão ter que trabalhar e você terá o seu espaço, ficará na escolinha, dizendo que neste local é bom, é legal. Se ele chorar eu não sei o que fazer, na hora que eu verei o que fazer. Eu penso que ele não vai chorar, mas normalmente ele chora, se por ventura ele chorar, eu espero que seja dialogado e não imposto para ele.

Período de adaptação é o período da criança para adaptar-se uma nova realidade dela, uma nova situação emocional, física, uma nova situação de vida, neste caso a escola, que no caso do meu filho ele nunca tinha ido numa escola.

Essa questão de adaptação formalmente ninguém falou nada, cada um diz uma coisinha daqui ou dali.

## **CRIANÇA LUCAS**

O Lucas está na escola desde 1 ano, então ele está bem preparado, ele gosta bastante, não tem problema para ir, nunca chorou. O problema pode estar nesta troca de escola então acredito que ele possa sentir nessa primeira semana. Mas a gente sempre conversa com ele, vai falando, que ele vai para outro jardim. Então a gente prepara conversando todo dia, falando que a professora está esperando que os amiguinhos também. Conversando mesmo.

É acho que a disciplina é bem importante. A convivência com os amiguinhos, essa troca de experiência, o companheirismo por ele ser filho único, ele fica muito sozinho, então a escola é a vida em conjunto com a família. Espero o bom convívio com o próximo.

Que a professora tenha paciência.

É o período que a criança está tentando, conhecendo, é pegando confiança com os professores, reconhecendo as pessoas que estão o dia-a-dia com ele, é o período de reconhecimento.

Ainda não, porque não fui na reunião que a professora marcou. Mais acredito que ela deve passar alguma coisa.

### **CRIANÇA ISADORA**

Que ela vai para a escolinha que a mamãe trabalha também então ela quis vir.

Primeiro socialização, integração com os coleginhas, desenvolvimento motor, na parte motora, motora fina e ampla lateralidade.

Que a professora consiga entender ela, pois acredito que como ela ficou comigo o verão todo nessa primeira semana, ela não vai querer largar de mim, pois quando eu estou ela não quer mais ninguém, só quer eu.

Eu acho que iniciar ela no estudo de uma maneira recreativa.

Período de mudança que ela tem que adaptar a algumas regrinhas. É o período não só de mudança, mas de descoberta e de conhecimento.

Ainda não.

### **CRIANÇA RUBENS**

A gente tem bastante experiência, pois ele é o 4º filho, menorzinho, então ele está com bastante expectativa. Como compramos todo o material, a mochila, ele experimenta todo dia, está contente. Também ele quer ir em função que todos os outros vão. Então eu acredito que ele está bem preparado para ir a escola.

Espero que seja socializada, integre as outras pessoas sem ser da família, que perca a vergonha, apesar de ser o 4º filho não é muito envergonhado. Eu só espero isso na realidade, não espero educação de boas maneiras, pois acredito que está educação de boas maneiras fale por favor, obrigado, vem de casa. Espero só reforçar aquelas, escovar os dentinhos depois do lanche, lavar as mãos, aprender a ir no banheiro, essas coisas que são importantes, o resto é tudo dentro de casa e a alfabetização acho muito pequeno.

Eu acho que se ele vai chorar é só momento da chegada, depois ele para. Pois conforme os outros todos choraram no começo. Ficaram angustiados em ficar com crianças diferentes. Eu queria mesmo é que a professora me chamasse se ele estivesse chorando muito para combinarmos juntas o que fazer.

Eu acredito que é o período em que a criança se acomoda naquele espaço novo que ela está começando a frequentar. Eu acho que acontece isso a vida inteira com a gente. Adaptação não é um período muito longo, é curto. E de maneira suave e não violenta.

Não, eu também não fui entregar o material ainda, mas acredito que ela deve falar ainda.

Até me lembro que a escola mandou uma cartinha para cada um, mas em nenhum momento falou sobre adaptação.

### **CRIANÇA NATÁLIA**

Ela está sendo preparada em casa, olha vai começar a escolinha, ela está participando não muito ativamente, mas estou mostrando o material que comprei.

Eu espero que promova o desenvolvimento global dela, aprendizagem, que aprenda a falar melhor, melhor convívio com as outras crianças.

Eu acredito que ela não vai ter problema de adaptação, mas se ela tiver, eu espero que ela possa contornar a situação, mostrar que a escola é interessante.

Eu sei que existe um período de adaptação, para as crianças menores é mais complicado pois estão aprendendo muitas coisas, e elas já tem uma insegurança natural e estar passando um novo conhecimento de um local conhecido para um novo, um desconhecido para um novo ambiente.

Não a orientação foi dada somente no ano passado.

### **CRIANÇA BERNARDO**

Nosso filho é muito novo, tem apenas 1 ano e 11 meses. Isto dificulta um pouco esta preparação. Ele já visitou algumas vezes a escola e costumamos falar com ele sobre a vinda dele para a escola, o quanto será divertido... Mas não podemos ter certeza do grau de compreensão dele.

Esperamos que ela possa oferecer a ele um ambiente agradável, de brincadeira e convívios com outras crianças de sua idade. Aliás, este foi o fator que mais pesou na decisão de colocá-lo tão cedo na escola, o convívio social. Pois viemos morar em Santa Catarina em julho de 2000, isto nos afastou do convívio com a família materna e paterna que moram no Rio de Janeiro. E no prédio em que moramos não há criança, desta forma, a escola o ajudará não só no desenvolvimento motor, mas no afetivo/social.

Não sei o que a professora poderá fazer, mas sei que tudo que diz respeito à criança só pode ser resolvido com carinho e paciência, muita paciência. Também sei que qualquer dificuldade que possa haver, a resolução não diz respeito só à professora, mas também a nós pais.

Nós temos uma filha mais velha de sete anos. E já vivenciamos com ela este período de adaptação escolar. Tudo o que sabemos foi através desta experiência, o que também não quer dizer que será igual, pois também não somos os mesmos pais.

Hoje temos uma experiência como pais. E acho que a cada dia aprendemos um pouco com eles.

Não

### **CRIANÇA GABRIELA**

Este ano estamos preparando a Gabriela desde o dia da matrícula, até sábado ela colocou o uniforme e eu tive que ligar para minha mãe para pedir para ela ligar falando que era da Univali, para ela tirar o uniforme. Que ela vai para escola, e agora vai ter deveres, brincadeiras, lanchinho na hora do lanche, deixo bem a par do que é a escola, não engano nada não.

Espero que ela se desenvolva bem, o aprender e não só o cuidar, pois o maternal temos esta mentalidade de só cuidar, trocar fralda, mas não é bem assim é a didática mesmo, o escrever, o contato com os outros amiguinhos.

Eu quero só que me comuniquem, acredito que nos primeiros dias ela vai chorar, mas depois vai se adaptar bem, mesmo porque o irmão vai estudar aqui também na escola e os dois vão vir juntos.

Que ela seja um ser humano, é porque ela já é muito bondosa, querida e que continue assim muito esperta e inteligente.

Não, porque também não pude vir na reunião, pois estava trabalhando.

Eu creio que seja assim a primeira semana que ela venha a conhecer a professora e tirar suas conclusões se gosta ou não gosta, vir aqui e ver o que vai acontecer. Acho que adaptação é isso, vem a primeira semana e depois da primeira vai embora. Espero que seja assim.

### **CRIANÇA ENRIKE**

Sim estamos preparando já a algum tempo, conversando e explicando a ele como é bom ter amiguinhos, que ele dividir suas coisas, que ele terá horários para entrar e sair do colégio entre outras

Nós acreditamos que a escola é uma continuação de nossa casa, e também uma continuação da educação entre a família e a escola, então esperamos que seja um lugar de muita harmonia, amor e respeito.

Que ela demonstre a vantagem de se estar naquele local, que ela tenha paciência, pois toda transição é complicada.

Sabe que é um período complicado para criança, com períodos altos e baixos, devendo sempre incentiva-lo a não desistir.

Sim, relatando que a criança deixa seu mundo de casa para entrar em outro ou melhor dar início ao novo mundo e a novas descobertas.

## **ANEXO 3**

### **SEGUNDA ENTREVISTA COM OS PAIS**

Orientação para o depoimento dos pais:

1. O que você entende por período de adaptação?
2. Que tipo de orientação a escola ou a professora fornecer aos pais durante o período de adaptação?
3. Quais critérios que você levou em consideração para colocar seu filho nesta escola?
4. Como se sentiu durante o período de adaptação?
5. Como atuou durante o período de adaptação?
6. Como viu a atuação das pessoas envolvidas?
7. Como você acha que se deve proceder com o filho que apresenta dificuldade de adaptação?
8. Quais as suas impressões pessoais sobre o período de adaptação (críticas e sugestões)

### **CRIANÇA NATÁLIA**

- 1) É o período que pessoas ou coisas passam quando de uma situação nova, até esta se tornar corriqueira.
- 2) De prováveis atitudes que a criança poderá ter devido a insegurança de uma nova situação.
- 3) Facilidade em relação ao local de trabalho, acredito também que possa fornecer uma visão mais abrangente do mundo acadêmico, por ser uma Universidade.
- 4) Um pouco ansiosa, já que também para os pais é um período onde teremos que nos adaptar às mudanças sofridas pelos filhos devido ao fato de freqüentarem uma escola.
- 5) Em parceria com as professoras, sempre tentando não imprimir nenhuma situação traumática nos filhos, para que estes não antipatizassem com a idéia de ir à escola. Porém sempre deixando claro para as crianças que a escola é necessária para seu desenvolvimento intelectual.

6) Percebi que a ajudante de sala, até por ser o 1º ano no local, e não sei se ela tem experiência ou não, estava, ou melhor não sabia como lidar nos momentos de choro da criança. Entretanto não tenho nenhuma reclamação significativa, tanto dos professores e ajudantes de sala de meus filhos.

7) De maneira firme para não se deixar ser manipulado por birras ou manhas, mas também de forma afetuosa, onde meus filhos possam recorrer no caso de uma dificuldade real.

8) Ainda estamos em adaptação

Críticas: - músicas altas as vezes mais atrapalham, assustam, do que ajudam; - reunião pedagógica na primeira semana de aula, deveria ser esperado mais alguns dias, pois dificilmente um pai que está interessado na proposta pedagógica da escola não terá perguntado antes sobre ela.

Sugestões: - mais ajudantes nos primeiros dias para dar atenção personalizada às crianças menores; - atividades de vídeo ou parque já no início das tardes.

## **CRIANÇA MARIANA**

1) Período de adaptação é o período em que a criança conhece sua professora, seus coleguinhas, a sala, o ambiente da escola e começa a assimilar a separação com a mãe. Começa a compreender que a mãe a deixa e depois retorna para buscá-la.

2) Que a adaptação deve ser feita de maneira progressiva, conforme a resposta da criança.

3) Proposta pedagógica, estrutura física e questão financeira.

4) Surpresa. Minha filha já havia freqüentado o maternal em outra escola e estava ansiosa para conhecer a “escolinha nova” e mesmo assim nos primeiros dias chorou um pouco, queria que eu ficasse com ela e agora tem dias que não quer ir. Acredito que ela ainda não fez novos amiguinhos.

5) Levei-a e busquei-a (um pouco mais cedo), porque a partir da segunda semana quem a leva e busca é o transporte escolar.

6) Mostraram-se bem atenciosas e sempre recepcionavam minha filha na entrada da salinha, o que considero muito importante.

7) Deve-se aumentar o período de adaptação da criança, com as tias dando maior atenção para ela. A criança deve permanecer um período menor na escola.

8) Com relação ao período de adaptação no CAU, só tenho uma crítica, num episódio que levei minha filha no maternal, a professora Silvana não havia chegado. Permaneci uns 20 minutos na sala e a estagiária a cada pouco tempo dizia: “a mãe vai embora”. Falou isso umas seis ou sete vezes para várias crianças da sala. Acredito que em vez de fazer esse tipo de pressão sobre as crianças ela deveria chamar a atenção com algo mais interessante que as mães.

### **CRIANÇA RUBENS**

- 1) Tempo que demoramos para acostumarmos ou habituarmos a alguma coisa (no caso da criança a atividade e permanência na escola).
- 2) Pedir para ficar mais tempo com a criança na escola e pegar mais cedo a primeira semana. Não teve orientações especiais.
- 3) Os irmãos estudam nela, e conheço o projeto pedagógico que é oferecido.
- 4) Tranquila.
- 5) Normalmente, quando chorou saí rápido, me despedindo com um beijo, e sempre o deixei no colo da auxiliar. Ele parou de chorar apenas cruzei a porta.
- 6) Tranquilas, tentam agradar as crianças.
- 7) Acho que não podem deixar a criança insegura, as despedidas devem ser curtas e acho que é importante que a escola mostre naquela semana não somente a novidade da escola, mais sim as coisas como se fosse em casa (TV, o parquinho, bolas, etc).
- 8) Não tenho queixas.
  - Somente acho que a primeira semana as crianças não deveriam permanecer dentro da sala.
  - Talvez um filme de desenhos intercalados a idas no parquinho desde que a criança chega na escola ajude ao período de adaptação.

### **CRIANÇA YGOR**

- 1) É o período em que a criança tenta se habituar com a escola, os professores e os novos amigos, e essa tentativa é recíproca.
- 2) Orientação quanto aos costumes da escola e mais precisamente da sala de aula que a criança irá frequentar, e orientação no sentido da não desistência dos pais neste período.
- 3) Como o meu filho tem apenas 3 anos hoje e quando começou, eu levei em consideração o fato dele ser tratado como uma criança de tal idade, sem muitas expectativas quanto ao seu desenvolvimento na aprendizagem, eu vejo a escola como uma extensão da casa (conforto, carinho e segurança).
- 4) Sofri muito vendo meu filho sofrer com a separação, que para ele foi muito difícil (chorei muito).
- 5) Fiquei com ele até que se sentisse preparado, isso demorou uma semana.



- 6) Muitas mães não dispunham de tempo, neste caso deixavam as babás, outras saíam escondidas, o que não se deve fazer, pois assim a criança se sente abandonada e sem respostas (onde está mamãe? Ela vai voltar?), etc.
  - 7) Manter-se firme na decisão, dialogar abertamente com as professoras e a coordenação e fazer o impossível para que a criança não se sinta abandonada, pois nesta fase ela precisa muito do carinho de toda a família.
  - 8) No meu caso só tenho boas impressões, a escola permitiu que eu ficasse dentro da sala de aula com o meu filho, às vezes em que precisava sair era chamada para acalmá-lo e a professora é ótima (maesona).
- “A criança que não tem carinho hoje dificilmente saberá acariciar amanhã”.

### **CRIANÇA GABRIELA**

- 1) É uma etapa, que a criança é obrigada a passar.
- 2) Algumas em relação ao não adaptação, chamar o responsável quando a criança tem choro excessivo, ou quando doente, ou tombos mais sérios.
- 3) Uma boa propaganda, ouvi falar do cuidado que as professoras prestam as crianças, do aprendizado, etc. (boas referências).
- 4) Normalmente.
- 5) Normalmente, nos primeiros dias, fui mas de uma vez na escola para vê-la.
- 6) Compreensivas, cuidadosas.
- 7) No meu caso, creio eu, dar uma assistência maior (ficar um pouco mais na escola), conversar com a criança tentando explicar, o porquê.
- 8) Muito boas, cedo demais para criticar ou sugerir.

### **CRIANÇA JOÃO VITOR**

- 1) Período de adaptação é o momento em que o sujeito inicia um novo processo, totalmente novo e desconhecido enquanto experiência. No caso dos nossos filhos, a escolarização (nova instituição, novos amigos, outras realidades).
- 2) Penso que a orientação da professora está no fato de saber ouvir os pais nesse momento também de adaptação para eles, com seus medos, ansiedades e angústias em querer e desejar que seus filhos se adaptem.
- 3) Estudei nesta escola (20 anos atrás), sou professora desta instituição e acredito no trabalho, desenvolvido pelo grupo da Educação Infantil. Também pela proximidade física (facilita meu dia-a-dia).

- 4) Muito preocupada, ansiosa, angustiada, pois não sabia como meu filho agiria com amigos e novo ambiente. Não tive medo da “não adaptação” em função de conhecê-lo e saber que tem facilidade de enfrentar novos contextos.
- 5) Tentei deixá-lo passar por isso sozinho. Expliquei que preciso trabalhar, que ele vai para escola, como os amigos, que é bom, que ao final vou buscá-lo, que não vou abandoná-lo. Mas, a única vez (ou se foram duas vezes) que chorou (que eu sei) sai correndo. Acredito que o fato do João Victor (filho) saber que estou próxima (fisicamente) facilita sua adaptação, pois dá segurança.
- 6) Excelente, apenas solicitaram minha presença quando necessário. A professora principalmente me passou segurança e confiança que me tranquilizaram e permitiu que eu também superasse este momento. Penso que a Silvana, apesar de “agitada” é serena e sabe ouvir. Ela também é muito ética. Defende meu filho, jamais reclama de suas atitudes. Conduz muito bem a situação.
- 7) Eu não sei, porque o meu filho não demonstrou muita dificuldade (quer dizer deve ter muitas dificuldades de relação com o grupo, com as regras e isso também é adaptação – mas eu não conheço, não estou junta). Ficou confuso, vou retomar: como ele não chorou, pega a mochila e quer vir para escola, sempre me parece bem, creio que está feliz. Não sei se adaptado com o ambiente, os amigos, as regras. Com relação a resposta de como proceder, creio que em alguns momentos os pais devem inicialmente ficar próximas até a criança conseguir desvincular e sempre ir conversando. As vezes é necessário suportar o choro.
- 8) O período de adaptação nesta instituição poderia ser melhor explorado, com reuniões prévias para orientar os pais. Quem sabe o apoio de um psicólogo. A coordenação se mostrou aberta para visitas, mesmo assim, penso ser insuficientes.

### **CRIANÇA LAURA**

- 1) É o período em que a criança deverá conhecer e se sentir segura em um novo local, com pessoas estranhas até então.
- 2) Para cada criança existe um tipo de adaptação diferente. No meu caso, é preciso ter muita paciência.
- 3) Já conhecia o trabalho realizado, pois minhas outras filhas já estudaram aqui.
- 4) Insegura em algumas ocasiões e confiante em outras.
- 5) Tentando ser positiva, e firme quando preciso.
- 6) Todos estão fazendo o seu papel na adaptação.
- 7) No meu caso conversei bastante com ela. Tento mostrar que ir para a escola, ela fará coisas maravilhosas. E tento na medida do possível, sempre chegar mais cedo para que ela saiba que sempre voltarei

8) É muito difícil falar pois ainda me encontro neste período. Penso que está tudo correndo normalmente, para mais tarde, ser normal para ela ficar na escola.

### **CRIANÇA ISADORA**

- 1) Período de adaptação é aquele em que a criança começa a sua interação com o meio (escola); como o novo espaço. Integração com o novo (escola, amigos, professoras).
- 2) A professora coloca as orientações conforme as dúvidas dos pais.
- 3) O critério foi por conhecer o trabalho excelente, desenvolvido pelo Colégio de Aplicação e também por ser funcionária da instituição.
- 4) Tranquila. Pois pela competência da equipe, levou-me a sanar as dúvidas quanto a adaptação de minha filha.
- 5) Sim Este período é de descobertas e a carinho e atenção das professoras é fundamental. É necessário criar laços afetivos com as crianças.
- 6) A atuação das pessoas envolvidas foi da melhor maneira possível. A afetividade é fundamental ao ser humano, e as crianças necessitam de atenção, carinho e amor.
- 7) Dar atenção especial para que a crianças consiga se adaptar.
- 8) Não tenho crítica. Como sugestão, acho que as mães poderiam participar de alguns momentos (quando para elas fosse possível – trabalho).

### **CRIANÇA RAFAEL**

- 1) Período de ajuste, de acomodação diante de situações novas.
- 2) Durante a entrevista, a professora acalma os pais e troca experiências, discutindo a importância do período de adaptação, o qual pode manter-se apenas nos primeiros trinta dias como pode estender-se ou aparecer em alguns momentos durante o ano letivo. A direção da pré-escola tranquiliza e investe no diálogo aberto orientando alguns procedimentos aos pais.
- 3) Aprovamos o projeto pedagógico, onde a criança constrói o conhecimento e desperta o interesse para o mundo (por enquanto seu mundo). Conhecemos a equipe de professores, sentimos-nos seguros e acreditamos nas estratégias da professora para trabalhar cidadania, alimentação, alfabetização, desenvolvimento motor/cognitivo.
- 4) As vezes sentíamos como se o mundo fosse abaixo, “vamos largar tudo e ficar com o Rafa”, porém sempre estávamos conscientes da limitação em desenvolver seu potencial. Por isso respirávamos fundo e acalmávamos um ao outro para então conversar com o Rafael.

- 5) Na medida do possível utilizamos o “amor exigente”, sem sermos rudes ou ríspidos, porém firmes, explicando ao Rafa a importância da escola, o convívio com os amigos com a professora. Percebemos quando as lágrimas são usadas para chantagear e seduzir.
- 6) Na escola todos se envolvem, professora, coordenação, as senhoras da cozinha, auxiliares e todos assumem uma postura de carinho, compreensão, tentando envolver as crianças em brincadeiras.
- 7) O mais importante é que os pais estejam certos da sua decisão em relação a escola, ao ambiente e a idade da criança no início das atividades escolares. Desta forma poderão passar segurança a criança, apostamos no amor exigente, porém uma criança é diferente da outra, ou ainda pode de repente ter um comportamento diferente do seu habitual. O diálogo com as professoras e direção é fundamental.
- 8) Como sugestão uma palestra sobre adaptação escolar de crianças do pré-escolar. Talvez alguns pais mais tímidos tenham dificuldades em apresentar suas dúvidas, um momento de descontração e encontro pode ajudá-los.

### **CRIANÇA LUCAS**

- 1) Uma forma de se integrar a um grupo,... e que dali tudo corra bem.
- 2) A mais clara possível, mesmo porque, precisamos dessa troca.
- 3) O próprio conceito, e facilidade dos pais, relação trabalho...
- 4) Uma boa expectativa, feliz por ele estar feliz.
- 5) Sempre perguntando à ele, como se sentia em relação a escola: ta gostando, ta brincando, ta aprendendo...
- 6) Sempre com atenção, organização e dedicação.
- 7) Acredito que, como minha paciência e toda aquela experiência que só vocês tem...
- 8) Não vejo muita crítica, aliás nenhuma, se caso tiver vai ser no dia a daí, e com certeza temos a liberdade de dialogar com a própria “Tia Sil”.
  - Sugestão – talvez uma forma de proteger “aquela quina da calçada do parquinho”.
  - Algumas vezes vou até ali e vejo algumas finas<sup>6</sup> das crianças, mas tudo bem, torcemos que nada aconteça.

## **CRIANÇA ARTHUR**

- 1) É o período em que a criança e a família, principalmente a mãe, levam para adaptar-se a “primeira grande separação” entre eles, onde a criança vai aceder do convívio social. É também neste período que ela vai iniciar a formação de vínculo com terceiras pessoas como a professora e os colegas.
- 2) No Colégio a professora procurou deixar os pais a vontade para ir e vir, ou seja, permanecer nas sala ou sair quando julgasse necessário. Procurou dar atenção aos “mais desesperados” e sempre escutou e sugeriu coisas quando eu as solicitei.
- 3) O projeto pedagógico, a qualificação dos professores a acolhida afetiva desde a direção até a professora. É uma escola bem referendada no meio social e além disso eu trabalho na Univali e tenho a oportunidade de acessar essa escola, como este nível de qualidade por um valor mais acessível.
- 4) Nos primeiros dias estava mais angustiada, depois fui me tranquilizando com a tranquilidade do Arthur. Ainda está sendo difícil a hora da chegada quando ele chora bastante. Nas vezes em que vai acompanhado da “babá” isso é menos intenso, o que eu vejo como bom é ruim. Bom porque ele sofre menos e ruim porque vejo que talvez eu possa estar ainda não tão segura a ponto de influenciá-lo (será??) ou é manhã mesmo... coisa que eles fazem com as manãs
- 5) Procurei conversar com ele, valorizar o ambiente da escola, valorizar a professora e suas propostas. Falei da alegria de vê-lo na escola e de seu crescimento. Procurei ficar junto com ele nos primeiros dias e fui saindo aos poucos. Quando em casa sempre procuro saber o que ele fez na escola e como foi o dia.
- 6) Prá ser sincera achei meio confuso. Minha outra experiência tinha uma adaptação mais dirigida e orientada, eu achava melhor. Mas pude perceber que apesar do tumulto tudo foi se acalmando: o choro diminuiu. Acho que dentro desta proposta a professora fez o que pode, percebi a auxiliar meio perdida em alguns momentos, mas observei também que a professora orientou-a nas horas em que percebeu algumas inadequações.
- 7) Em primeiro lugar fazer uma auto-análise a fim de perceber e assumir o quê de si mesmo possa estar interferindo nisso. Depois disso manter sempre a conversa com a criança mostrando os ganhos que ela pode ter nessa nova etapa. Mostrar-se seguro é o mais importante porque “as palavras convencem mas os exemplos arrastam”. E se, em última instância, a situação parecer “fora de controle” buscar ajuda da equipe da escola, seja a pedagoga e a psicóloga ou procurar a ajuda de um profissional individualmente. Quero dizer, procurar um psicólogo particular.
- 8) Às vezes eu acho que poderia haver um maior direcionamento e orientação conforme comentei na questão 6, acredito que isso deixaria os pais mais seguros e conseqüentemente as crianças que se sentiriam mais assistidas num primeiro momento. No entanto, percebi que acabou “rolando”

da forma como aconteceu. Acredito também que as crianças acabam entrando no esquema, minha dúvida é a que custo? ou seja, pode haver marcas importantes para elas que interfiram na sua constituição como pessoas?

Minha sugestão é que se mantenha uma observação atenta com as crianças porque pode acontecer de que passado esse período inicial eles tenham uma “recaída”. Já pude observar este fato em algumas escolinhas onde trabalhei e acho que o Arthur está fazendo algo desse tipo agora. Outra sugestão agregada a esta é a de que direcionando um pouco mais a adaptação a criança vai passar menos tempo chorando na escola e assim suas primeiras associações a esse ambiente não vão ser de um lugar “ruim” ou que causa “dor”.

### **CRIANÇA BERNARDO**

- 1) Período em que a criança irá se acostumar ao novo ambiente (escolar)
- 2) Ficar tranquilo já que é um processo natural
- 3) Trabalho no colégio, acredito na proposta e professora é nota dez
- 4) Ah, sentimo-nos magoados, apesar de seguros
- 5) Atuei como confortadora da situação para a criança
- 6) Se dedicarem para a naturalidade do processo
- 7) Conversar, procurar dar aconchego, acreditar nos profissionais do colégio
- 8) Acredito ser um processo que irá passar até que a criança possa perceber os outros e confiar neles e na mãe que vai voltar para pegá-lo. Acredito que esteja estruturado de forma correta a adaptação no colégio